ANEXOS

TESIS DE DOCTORADO

Educação e Desenvolvimento nas Comunidades Ovimbundu de Angola: Estudo Etnográfico da Comunide de Ekovongo-Bié

José Capitango

ESCUELA DE DOCTORADO INTERNACIONAL DE LA UNIVERSIDAD DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

PROGRAMA DE DOCTORADO EN EDUCACIÒN

SANTIAGO DE COMPOSTELA

2021

ANEXOS

ANEXO (I)

Guião das entrevistas em profundidade feitas aos comunários e líderes de *Ekovongo*

Prezado(a)----------a entrevista que vamos realizar tem por objectivo registar as vossas ideias sobre assuntos de interesse para a comunidade. As vossas ideias poderão ajudar as estruturas do poder desenhar políticas para o desenvolvimento da comunidade. Para tal efeito, comprometemo-nos manter o seu nome discretamente. Vamos tratar nesta conversa dos seguintes assuntos:

1. **A vida na comunidade: práticas socioeducativas e culturais para a construção do conceito de desenvolvimento em Ekovongo.**

1.1. O conceito de educação;
1.2. A Educação familiar e comunitária no passado: o papel das instituições educativas tradicionais nos processos de socialização;
1.3. A Educação familiar e comunitária na actualidade;
1.4. As manifestações culturais da comunidade;
1.5. As relações educativas e comunicativas na comunidade;
1.6. A Educação formal na comunidade;
1.7. Os problemas com a educação actual na comunidade.

2. **As crenças religiosas e a cosmovisão autóctone**

2.1. A relação com a natureza: leitura e interpretação dos sinais oriundos da natureza;
2.2. As relações educativas entre comunários e seres da natureza (visíveis e invisíveis);
2.3. Relações educativas entre vivos e mortos (deidades e ritos).
2.4. A relação entre comunários e o meio-ambiente;

3. **O conceito de desenvolvimento. A percepção dos comunários sobre os processos de desenvolvimento que têm lugar em Ekovongo.**

3.1. Participação dos comunários em programas e projetos de desenvolvimento;
3.2. O intercâmbio de conhecimentos e experiências entre comunários e agentes externos que trabalham em Ekovongo como fator de desenvolvimento.

3.3. Autogestão comunitária;
3.4. As estratégias, as expectativas e os horizontes para a melhoria da vida familiar e comunitária;

3.5. Perspectivas para um desenvolvimento alternativo.

4. **A pobreza, o bem-estar (físico, moral e material).**

Agradecimentos e despedida

ANEXO (II)

Guião das entrevistas em profundidade feitas aos agentes externos residentes em *Ekovongo*

Prezado(a)----------a entrevista que vamos realizar tem por objectivo registar as vossas ideias sobre assuntos de interesse para a comunidade e, para tal efeito, comprometemo-nos manter o seu nome discretamente. Iremos tratar nesta conversa dos seguintes temas:

1. O objecto social da instituição em que trabalha.
2. A concepção de desenvolvimento que orienta a política da instituição na comunidade e a acção dos agentes que nela trabalham.
3. A percepção dos agentes institucionais sobre os processos de desenvolvimento em *Ekovongo*.
4. O impacto do modelo de desenvolvimento nacional na comunidade de *Ekovongo*;
5. A adequação do modelo educativo nacional à realidade e às necessidades educativas das comunidades rurais;
6. A percepção dos agentes externos sobre os habitantes de *Ekovongo*.
7. A participação dos habitantes em programas e projetos de desenvolvimento comunitário.
8. Auto-gestão da comunidade de *Ekovongo*.

Agradecimentos e despedida

ANEXO (III)

Guião das entrevistas em profundidade feitas aos agentes externos não-residentes em *Ekovongo*

Prezado(a)----------a entrevista que vamos realizar tem por objectivo registar as vossas ideias sobre assuntos relacionados com o desenvolvimento das comunidades *ovimbundu* de Angola. Para tal efeito, comprometemo-nos manter o seu nome discretamente. Vamos tratar nesta conversa dos seguintes temas:

1. Problemas essenciais que atravessam as comunidades rurais *ovimbundu*;
2. Adequação do modelo de desenvolvimento à realidade das comunidades rurais;
3. O impacto do modelo de desenvolvimento nas comunidades rurais;
4. As estratégias de integração das comunidades rurais em processos de desenvolvimento.
5. Adequação do modelo educativo à realidade e às necessidades educativas das comunidades rurais;
6. O papel e a participação das igrejas e das organizações não-governamentais (ONG's) nos processos de desenvolvimento nas comunidades rurais;
7. A auto-gestão das comunidades rurais.
8. Os aspectos-chave da vida social, cultural e económica dos *ovimbundu* a ter em conta para um desenvolvimento alternativo.

(agradecimentos e despedida)

ANEXO (IV)

INFORME DA PESQUISA EMPÍRICA

Quadro Nº 1 Categorias e subcategorias (Estrutura e conteúdo)

Categorias e subcategorias	C o n t e ú d o
1.0 Educação: práticas socioeducativas **1.1. Conceito de educação**	**.../**//**...** **Pesela:** Aquela educação do passado é a mesma que continua nos dias de hoje; Temos *ovilongwa* que é educação, *elongiso* que é ensino, ensinamento ou instrução, *epokwiso*, que é a educação afetiva ou moralização, *epindiso*, que é treinamento ou refinamento das habilidades, *epakiso*, que é verificação e avaliação**. (EC-7:HA)** **Ndalu:** No passado, sempre que uma mãe desse luz de seu bebé, ela estava isenta de todo o tipo de trabalho durante uma ou duas semanas; todas as actividades domésticas eram executadas pelas pessoas que integram a família alargada. A isto denominamos *uhwatepata*[1]. Agora temos necessidade de repôr tudo isto porque a guerra acabou, mas, nem todas as famílias se encontram aqui na comunidade. Portanto, sobre a pergunta que me fez, podemos considerar várias modalidades de educação; de tudo que as pessoas tratam em serão é educação. Quando as pessoas se juntam no *onjango* para serão a questão que vem à tona é: desde os nossos ancestrais e nossos antepassados a comunidade tinha uma forma de organização; hoje por hoje, a questão é: que fazer para manter viva esta forma de organização e projectar o futuro? Há sempre quem responde e expõe a seguinte ideia: «em cada etapa da história há coisas que se modificam»; por outro, as pessoas analizam o que se passa no país todo e concluem dizendo: «há uma desorientação. Que fazer para resgatar os valores do passado que agora estão invertidos»? Outros respondem:«temos que desenvolver o diálogo, visto que, o aprofundamento do diálogo permite a reflexão sobre aqueles valores do passado que agora estão relegados ao esquecimento, para na base desses projectarmos o desenvolvimento». Quero com isto dizer, que um diálogo como este é educativo e de tudo que se trata no *onjango* é educação. Risos**... (EGC-**

[1]Solidariedade familiar.

	11:HAC) **Ndalu**: Aqui na nossa região, a peste que ataca o gado bovino denominamos *okawenya* e o que temos observado nos últimos tempos faz lembrar aquela peste, porque o bebé que nasce, morre horas ou dias depois; paremos para reflectir! De onde vem esta mortalidade? Para nós que somos observadores atentos a este fenómeno, a conclusão a que chegamos é que esta comunidade, por ser o local de apelação, não se deveria realizar óbito de alguém que morreu já há algum tempo. Este é o terceiro ano consecutivo que isto acontece; Tão logo que varrem as cinzas do óbito realizado, morre outra pessoa. Perante esta situação, nós os anciãos temos de sentar para reflectir sobre este fenómeno. A isto denominamos educação. No entanto, há outras modalidades de educar; por exemplo, no plano da educação laboral vivemos hoje em dia carências alimentares porque desde o tempo dos antepassados que se cultiva esta terra, o que quer dizer que ela está cansada. Este ano corremos o risco de fome porque ainda cultivamos dependendo da chuva; os cereais, assim como o feijão só produzem se chuver com regularidade. Aqui como o clima é relativamente temperado a situação não é tão alarmante, mas para aquelas áreas frias que circunscrevem a periferia da cidade, o caso é mais preocupante. Isto acontece devido à falta de fertilizantes. **(EGC-11:HAC)** **Ndalu:** Voltando à educação, no passado os casamentos eram analisados pelo conjunto da família alargada; era a família alargada que fazia a proposta de noiva para o rapaz e de noivo para a rapariga. Essa proposta resultava de uma análise pormenorizada das atitudes e do comportamento da família em que a noiva ou o noivo pertencia; depois de analisados todos os pormenores, a família preparava então o dote que incluía,entre outros componentes, aquilo que denominamos *esima*[2], isto é, um porco grande que era levado para a família da noiva; essa, por sua vez, abatia o mesmo porco e entregava uma perna à família pretendente. Era assim nos tempos passados. Naquela altura, as questões de feitiçaria eram tratadas junto de um rio que temos cá na região chamado *Njwalungu*; todo o indivíduo que era acusado de feiticeiro, primeiro era detido junto com a sua família pelasautoridades costumeiras e depois levado ao julgamento junto do rio *Njwalungu*. O acusador também deve ser levado ao rio e nas

[2]Símbolo de abstinência.

	mesmas circunstâncias em companhia de toda a sua família; chegados ao rio *Njwalungu*, o acusado era amarrado e introduzido numa espécie de colmeia denominado *ongonjo* que era uma casca extraída de uma árvore grande. Antes de ser atirado ao rio, os parentes mais próximos do suposto feiticeiro tinham direito de proferir preces, implorar no sentido de provar a sua inocência nos seguintes moldes: "se for realmente você o feiticeiro causador da morte de que és acusado também morrerás e afundarás; se fores inocente, morrerás mas flutuarás".Feitas as preces pelos familiares, o acusado era atirado ao rio para morrer afogado. Se for realmente ele o feiticeiro causador da morte de que era acusado ele também morria e afundava; Se fosse inocente, ele flutuava e neste caso ah... O crime deslocava-se do acusado para o acusador e o julgamento transladava-se do rio para a floresta, porque o assunto aquecia, pois, a indemnização a favor da família da vítima passava pelo pagamento de uma multa muito pesada que incluía várias cabeças de gado bovino. Se a vítima inocente era homem a indemnização passava pela sua substituição por outro homem com qualidades quase semelhantes daquele que foi sacrificado inocentemente. Em outras ocasiões, o julgamento costumeiro era feito nesse mesmo rio, mas, diante de uma grande fogueira; o acusado de feiticeiro era atirado na fogueira. Em casos em que o mesmo fosse inocente, ele saia da fogueira sem sofrer queimaduras. Ora, em casos em que era mesmo ele o criminoso, então morria mesmo queimado. Portanto, no passado as mortes eram raras porque havia mecanismos de punição severa dos criminosos. Hoje por hoje, as galinhas e os cães também se dão luxo de acusar as pessoas de feiticeiros! Mas, porquê tudo isto? Hoje em dia observamos que o cemitério tornou-se numa espécie de espaço turístico de uma capital, onde se pode ir a bordo de um veículo automóvel**. (EGC-11:HAC)** **Kamela**: É a mãe que instrui aos filhos e as filhas a praticarem o respeito e as normas de como estar e agir na sociedade; não mexer em coisas alheias que trazem problemas. Aprender a trabalhar para conseguir aquilo que necessita na vida; respeitar a vida do outro e não enveredar pelas práticas que levam ao tribunal costumeiro, onde as multas são pesadas. **(EC-9:HA)** **Ndalu:** Portanto, sobre a pergunta que me fez, podemos considerar várias modalidades de educação; de tudo que as pessoas tratam em serão é educação. **(EGC-11:HAC)**

	Ndalu: Tudo é educação e na língua local denominamos *ovilongwa*, mas diferenciam-se os modos de realização. **(EGC-11:HAC)** **Katola**: A educação faz-se de várias maneiras; às vezes queremos dar *epyndiso,* ou seja, treinamento. Começamos por explicar ao rapaz ou rapariga que os avôs eram possuidores de bens que eles próprios produziam; por isso não mendigavam e não roubavam. Se eles produziam milho, batata, etc, e criavam animais, por que motivo você como neto quer ser preguiçoso? Repare como o seu irmão e o seu tio organizam as suas vidas. Depois passamos a acção propriamente de ensinar e mostrar como eles faziam para produzir os bens. Ao agir assim, o pai está a treinar o seu filho ou filha. **(EGC-11:HAC)** **Ndalu**: Quando falamos de *okulonga* estamos a tratar da transmissão de pautas e normas que devem nortear a conduta da rapariga ou do jovem no dia-a-dia, sobretudo, quando cada um deles se prepara para criar o seu próprio lar familiar. **(EGC- 11:HAC)** **Visupe:** Na educação temos: *ovilongwa*, que equivale a educação no sentido amplo; compreende todo o processo educativo em que se distingue: *Elongiso*, que equivale a ensino, ensinamento ou instrução, *okulonuisa,* que corresponde aos verbos ensinar e instruir; *okulonga* ou *okuhandeleka*, que correspondem ao verbo educar; *epokwiso*, que equivale a educação e moralização, *okupokwisa*, que corresponde aos verbos educar e moralizar; *okupokola* , que corresponde ao verbo obedecer, *epindiso,* que equivale a treinamento, *okupindisa* que corresponde ao verbo treinar, *okulipindisa,* que corresponde ao verbo treinar-se; *epakiso*, que equivale a verificação e avaliação, *okupakisa*, que corresponde aos verbos verificar e avaliar, *okulipakisa*, que corresponde aos verbos avaliar-se e autoavaliar-se. **(EC-6:HAC)** **Hosi**: No *onjango*, temos *ovilongwa [69*], em que as crianças aprendiam as normas de respeito para com as pessoas e pautas de convivência social e *elongiso [70]*, em que as crianças recebiam pautas de como orientar a sua vida e gerir o seu futuro lar; era necessário dar uma orientação adequada às crianças e aos jovens aconselhando-lhes a não enveredarem pela delinquência ou outras práticas que contrariam a convivência social e o bem-estar da comunidade. **(EGC-4:HAC)**

---///--- **1.1.2. Práticas socioeducativas**	**Ndalu**: Não termina por aí; a educação continua por toda vida no *onjango*. Não há nenhum ancião ou anciã que se arroga dizer que foi educado de forma acabada; a aprendizagem só termina com a morte da pessoa. **(EGC-11:HAC)** **Katola**: Advertimos: meu filho, minha filha! Meu sobrinho, mi sobrinha! Lá onde vais para juntar-se à outra família, saibas resp os sogros, as tias, os tios e os mais velhos; o hóspede da sua esp seu hóspede. O hóspede do seu marido é seu hóspede. Nós somo trabalhadores e vivemos à custa do nosso próprio esforço. Repar como vivemos! Não atravessamos grandes dificuldades na vida nunca mendigamos. Não roubar! Por isso, saibam trabalhar e conviver bem com os demais.Tudo isso, são pautas que deverão nortear a vossa conduta no lar. Aqui educamos assim! Não come besteiras para envergonhar os pais e o resto da família. É isto qu designamos *okulonga*. Consideremos também a outra modalidad que designamos *elongiso - okulongisa*; não devemos deixar que membro da nossa família cresça com uma consciência desorien para criar-nos surpresas de tipo: "o filho do vizinho roubou". Devemos transmitir aos nossos filhos aqueles conhecimentos da vida; explicar-lhes a nossa história, como viveram os nossos antepassados, os avôs e como vivemos actualmente. Dar exempl concretos: alguma vez ouviram que o vosso pai, avô ou tio foi julgado por roubo ou por outros crimes? Ouviram alguma vez q eles eram avarentos e tinham ambições desmedidas? Se nunca ouviram desse tipo de coisas, então saibam que os vossos avôs tinham inteligência, conheciam a arte e souberam cuidar de mui gente. É desta maneira que se ensina a nova geração. Ensinar é instruir a criança para conhecer coisas de que antes não tinha conhecimento**. (EGC-11:HAC)** ---///---

	Ndalu: Quando as pessoas se juntam no *onjango* para serão a questão que vem à tona é: desde os nossos ancestrais e nossos antepassados a comunidade tinha uma forma de organização; ho por hoje, a questão é: que fazer para manter viva esta forma de organização e projectar o futuro? Há sempre quem responde e e a seguinte ideia: «em cada etapa da história há coisas que se modificam»; por outro, as pessoas analizam o que se passa no p todo e concluem dizendo: «há uma desorientação. Que fazer par resgatar os valores do passado que agora estão invertidos»? Out respondem: «temos que desenvolver o diálogo, visto que, o aprofundamento do diálogo permite a reflexão sobre aqueles val do passado que agora estão relegados ao esquecimento, para na desses projectarmos o desenvolvimento». Quero com isto dizer, um diálogo como este é educativo e de tudo que se trata no *onja* é educação**. (EGC-11:HAC)** **Katola**: Nós que somos adultos e os anciãos o nosso dever é educar, transmitir os ensinamentos, as normas e os tabus que orientam para uma vida sem grandes turbulências, porque tudo isto advém da experiência de um passado muito longíquo, que para nós é frente; o futuro para nós é traseira porque ninguém sabe o que há de vir. Assim, tanto da parte das mamãs como da parte dos homens existem aquelas pautas educativas específicas; as mamãs têm a responsabilidade de educar as raparigas como vestir-se decentemente, isto é, usar vestidos que cubram devidamente o corpo ou panos com cinturão. Se o filho de casa manifestar a intenção de formar o seu próprio lar, a família pergunta-lhe: "qual é a rapariga? A que família pertence"? A partir daí os pais convocam as tias, os tios e avós para reunirem no *onjango* e analisarem a escolha do jovem. A família analisa todos os pormenores, isto é, o modo como a família da rapariga organiza a vida dos seus membros, o tipo de enfermidades que frequentemente assola aquela família e que tem causado morte aos seus membros, os procedimentos que utilizam para curar essas enfermidades, as atitudes dos seus membros, as suas reacções e a sua postura em casos de conflitos inter-familiares; se for uma família propensa às práticas desumanas, então a família do rapaz decide recuar, porque pactuar com uma família com esses atributos é, desde já, admitir problemas para o lar que se pretende formar. Uma reunião familiar como esta que acabei de explicar acaba por ser uma sessão educativa; nalgumas famílias, estas práticas

	funcionam mesmo nos dias actuais. Noutras, porém, os jovens não obedecem os conselhos familiares e chegam mesmo a surpreender com a gravidez já consumada para obrigar os pais a conformarem-se com a situação**. (EGC-11:HAC)** **Katola**: Na justiça costumeira, os métodos e os procedimentos s bem diferentes; quando há diferendos entre famílias, convocam- para *onjango* os tutores acompanhados de todos os membros da família alargada, isto é, homens, mulheres, rapazes e raparigas, porque nós conhecemo-los quais e quem são. Nós fazemos o historial de cada uma das famílias, descrevemos as atitudes e os comprtamentos (bons e maus) de cada uma das partes envolvida conflito; censuramos tudo aos pormenores e apontamos dedo ao prevaricadores de cada família. Depois de uma investigação profunda e acautelada declaramos os culpados do caso em análi exigimos uma multa pesada; um boi ou um porco grande e por c do animal deve ser acrescentada uma quantia em dinheiro. O an da multa é abatido aqui mesmo no *onjango*, logo que termina o julgamento e na presença de todos os participantes (velhos, adul mulheres, rapazes e raparigas); a carne é repartida em pequenos pedaços que são distribuídos aos velhos e adultos. É assada e consumida aqui mesmo no *onjango*; nenhum jovem, rapaz ou rapariga pode comer dessa carne. Se porventura alguém levar o pedaço dessa carne para assar ou cozinhar em sua casa, mesmo assim, deverá cuidar que nenhuma criança ou jovem prove dela. uma criança ou um jovem provar dessa carne arrisca-se a comet mesmo crime de que resultou a multa de animal que foi abatido. Praticamente é uma carne amaldiçoada**. (EGC-11:HAC)** **Kapoco**: É aconselhar para cuidar bem do seu lar, indicar como se comportar em determinados momentos, em determinadas circunstâncias do convívio a dois, porque senão, tanto o rapaz como a sua noiva podem cometer violações a respeito de normas consideradas sagradas quando se trata de convívio entre homem e mulher; transmitir todos os ensinamentos para que possam interioriza-los e saber que de contrário arriscam-se a pagar pesadas multas aos sogros e as famílias lesadas. **(EC-3:HAC)** **Kapoco**: O trabalho e a atividade económica em geral são importantes; por isso, também aqui existem alguns tabus. Suponhamos alguém que é preguiçoso que não gosta de trabalhar mas, quer consumir muito e viver bem. É alguém que não tem alternativa senão roubar, e quando se dirige em lugares onde abunda aquilo que ele necessita e se depara com

	o proprietário, o ladrão não faz outra coisa senão matá-lo para apoderar-se dos seus bens. Logo, o ladrão acaba sempre em homicida. Por isso, a educação do *onjango* estava orientada na transmissão de conhecimentos, ensinamentos e experiências para indicar e ajudar as novas gerações os caminhos a seguir na vida em comunidade. (EC-3:HAC) **Hosi**: Bem, os homens geralmente procuram-se uns aos outros e juntam-se em pequenos grupos conforme o grau de proximidade que existe entre eles. No grupo cada um expõe o assunto que lhe interessa ou preocupa para escutar a opinião dos outros; é um momento de aprendizagem, por exemplo, há pouco me viste com um papel na mão. O mesmo é um documento sobre as eleições que explica como votar; logo, quando certos indivíduos se juntam num mesmo lugar é porque precisam de aprender algo uns dos outros, perguntar-se uns aos outros, o que é que falta na nossa comunidade? Isto para informar o assunto ao líder, e esse, por sua vez, levar o mesmo assunto ao governo. Isto quer dizer aprendizagem! Todo aquele indivíduo que nós assistimos a falar perante o público primeiro aprendeu a fazer isto. Se antes ele não treinar-se a falar perante o público, quando chega a hora, nem a voz sequer sai. **(EGC-4:HAC)** **Visupe:** Os filhos são educados a respeitarem os próprios pais, porque ao fazê-lo aprendem a respeitar os pais dos seus companheiros. São educados a respeitarem-se a si mesmo, a respeitar os companheiros das brincadeiras, assim como os adultos, isto é, cumprimentar sempre que estiver a passar perto de pessoas e sempre que fizer encontros com indivíduos maiores de si e adultos em geral. Nos nossos tempos, por exemplo, éramos educados a ajudar os mais velhos nos seus trabalhos; e sempre que deparássemos com um ancião que levasse uma bagagem pesada, ajudávamos e levávamos até em sua casa. Eram outros tempos; os jovens de hoje não aceitam adotar este tipo de atitudes. **(EC-6:HAC)** **Sapwile:** Obrigado! É verdade! Heeeh… Isto é algo muito importante e não é fácil. Ao nascer do bebé até crescer há um ár trabalho. A começar mesmo pela própria mãe no início da gesta algumas mamãs começam mesmo adoecer no início da gestação dois meses a própria gestante começa adoecer. Se o jovem mari não souber quais são os sinais, os sintomas, as alterações fisioló e de comportamento da mulher em gestação começa a atrapalha empenha-se na procura de vias para solucionar a saúde de sua

	esposa. O jovem marido tem de saber analisar e distinguir a temperatura normal do corpo da sua esposa e aquela temperatura ela adquire por estar grávida; se não souber analisar e distinguir características, o jovem marido arrisca-se a imaginar que a sua esposa foi atingida por uma enfermidade qualquer. É que, no passado, não havia conhecimento suficiente sobre as manifestaç do corpo da mulher grávida, não havia parteiras profissionais qu poderiam realizar consultas desde os primeiros sinais de gravide naquele tempo, quando surgiam tais manifestações eram as man as tias da jovem esposa que exerciam este papel. Assim que nota essas manifestações chamavam a jovem esposa e lhe interrogava "desde quando não observas a sua regra"? E, a jovem esposa indicava o mês em que a sua regra não se fez observar e a partir daquele momento elas recomendavam fazer o devido controlo, administrando-lhe medicamentos ervanários, até que a gravidez transparecia de forma efectiva, visto que, naquele tempo, não ha hospitais convencionais. A partir dessa constatação evitava-se o pela mulher grávida de medicamentos margosos, que lhe poderiamproduzir efeitos nocivos. Entretanto, antigamente, e me nos dias de hoje, algumas mulheres grávidas manifestam maior apetência ao trabalho; ainda que lhes proíbam executar determin tarefas, elas choram e teimosamente realizam intensas actividade deslocam-se ao campo para trabalhar e de lá regressam à casa carregando consigo objectos pesados; Havia, naquele tempo, cas de mulheres grávidas que, por falta de auto-controlo, efectuavan parto sozinhas, sem a presença de uma parteira e em seu próprio campo de trabalho. As pessoas ficavam surpreendidas quando a mulher grávida que se deslocou de manhã ao campo para traball regressava pela tarde à comunidade, já com o seu bebé recém-nascido ao colo; e, perguntavam-se: "será que o seu tempo já chegou? E quem lhe assistiu o parto? Fê-lo sozinha"?É que, naq tempo, não havia operações cirúrgicas de tipo cesarianas, como temos visto nos dias de hoje, em que uma mulher grávida vai a maternidade e lá é submetida a uma cesariana; Havia normas qu mulheres grávidas respeitavam.As mulheres daquele tempo só conheciam o seu único marido e, deste modo, evitavam a possibilidade de contrair determinadas enfermidades como, por exemplo, *etimbu* que é provocada pela relação extra-conjugal, especialmente quando uma mulher está grávida; isto porque *etin* sempre foi e continua a ser uma das enfermidades altamente perigosas, que pode destruir o feto em curto espaço de tempo.As raparigas de hoje não conhecem estas normas, não têm controlo mesma, nem da sua própria regra. É aqui onde estamos a ter algu problemas porque a maioria das raparigas não controla o último

	da sua regra e nem consegue determinar quem foi o autor da sua gravidez; quando chega o dia do parto ficam duvidosas e atrapalhadas porque não controlam o seu tempo. Quando termin período da sua regra envolve-se com qualquer homem que apare mas o autor da gravidez é aquele com quem se envolveu primeir Depois do parto não sabe quem é o pai do bebé e quando tenta mencionar o nome deste ou daquele, todos negam "este não é m filho"e ninguém assume a paternidade. Por isso é que nos tempo actuais realizam-se análises para extrair o sangue do bebé e se o pais da rapariga forem fortes interrogam a filha para dizer os no daqueles rapazes que tiveram relações sexuais com ela, para sere submetidos à análise, a fim de determinar quem é afinal o pai do bebé. Quando não há essa possibilidade de realizar análises, entã deparamo-nos com situações em que o bebé é supostamente seu mas, não se parece consigo como pai, nem com outros membros família ou parentes; mas, em contrapartida, o bebé é parecido co filhos do vizinho; isto acontece porque a rapariga não teve o dev controlo e,quando nós homens, na qualidade de avôs questionan paternidade do bebé, as nossas esposas acusam-nos de ciumento mesmo sabendo que, na realidade, não se trata de ciúme. A verd é que, as raparigas de hoje não são fiéis; basta receberem dinhei **(EC-1:HAC)** **Sapwile**: Antigamente, depois de nascer o bebé administrava-se medicamentos ervanários denominados *tômbwa Tchilombo*, que eram introduzidos no seu biberão para beber. O recém-nascido só podia sair ou ser levado para fora de casa depois de sarar o seu umbigo. Só nessa altura podia ser visto e visitado por pessoas extra-familiares ou vizinhos**. (EC-1:HAC)** **Sapwile:** Antigamente, havia um rigoroso controlo social e as pessoas sentiam-se bem protegidas, porque naquele tempo era proibido uma criança, um adolescente, um jovem e mesmo um adulto entrar na comunidade correndo; mesmo as senhoras era-l proibido entrar na comunidade com uma bacia, uma quinta ou u troxa, apoiadas numa rodilha colocada sobre a cabeça. De igual modo, era proibido a uma rapariga que se encontra em pleno per da sua regra, brincar tocando com a sua mão nos corpos de seus irmãos, primos ou amigos; ela deve controlar-se para não tocar e ninguém, sob pena de causar-lhes doenças respiratórias como a "asma", sobretudo, quando se trata da *esimbi*[3], a partir da qual a rapariga passa a ser enquadrada na categoria de moça ou senhor

[3]Primeira mestruação.

	Durante o período da primeira regra, ela deve permanecer dentro casa mas, sempre escondida atrás da porta, até ao último dia; um depois, é quando era levada ao rio para tomar banho; e, no dia seguinte, de manhã, a rapariga devia preparar a *tchisangwa*[4], em companhia das tias; depois depreparada a *tchisangwa*, ela podia convidar todos os irmãos, primos e amigos para participarem do ritual, que consiste no seguinte: a rapariga prepara a terra misturando-a com a água; ela pega um chicote na mão, espeta-o massa resultante dessa mistura, esfrega-se nos pés e bate ligeiramente com o mesmo chicote no corpo de cada um dos seu convidados, distribuindo-lhes em seguida um copo com a *tchisangwa* para beberem. Uma vez cumprido o ritual, a raparig pode brincar e tocar com a mão nos corpos de seus irmãos, prim amigos, sem mais receios de causar-lhes a asma. A partir deste acontecimento, a rapariga já podia ser submetida a um interroga das tias para se apurar com quem mantivera a primeira relaçãose que propiciou o aparecimento da primeira menstruação. Pergunt lhe: " acabamos de testemunhar agora o aparecimento da primei regra; com quem teve a primeira relação sexual"? Uma vez denunciado, o rapaz é chamado para ser responsabilizado, "que partir de agora esta rapariga tornou-se sua mulher". Isto porque, antigamente, se a rapariga cortar a relação com o primeiro rapaz tornar-se noiva de um outro rapaz, ela arrisca-se a ter muitas dificuldades nos partos, porque assim, a rapariga perdeu as suas faculdades procriativas inatas. Ao tornar-se esposa de outro hom ela deve ser submetida a um ritual para recuperar a fecundidade perdida, ou seja, chamar o primeiro parceiro, que deve compare em casa da rapariga em causa, trazendo consigo uma galinha viv Desta feita, o rapaz deve pernoitar para tornar a ter a relação sex com a mesma rapariga. No dia seguinte, de manhã,o rapazdeve pessoalmente entregara galinha à rapariga,dizendo: "eis aqui de a fecundidade que usurpei de si". A rapariga, por sua vez, recebe galinha, dirige-se ao seu novo lar coloca-a na cama, fazendo jeit como que deitando com a mesma galinha e dizendo:"hoje recup a minha bebé". No mesmo dia, a noite, coloca a galinha debaixo cama, onde permanece até a consumação da relação sexual com marido; no dia seguinte, de manhã, a galinha é posta em liberdad assim, é dado por concluído o ritual de recuperação da fecundida feminina, que antes estava perdida. Era assim, que se procedia antigamente.Havia outras normas que eram transmitidas no serã *onjango,* nomeadamente, aquelas relacionadas com o tratamento deve ser dado a um bebé que nasce sem chorar e, depois de pouc

[4]Cerveja não-alcoólica de fabrico caseiro.

	tempo morre; ou então, alguém que morre por suicídio, utilizand uma arma branca ou de fogo, em alguns casos, uma corda, ou en morreu afogado na água e, mais concretamente, num rio ou num lagoa. Um bebé que nasce sem chorar e morre depois de pouco tempo, não pode ser sepultado num cemitério comum; este deve sepultado num lugar distanciado da comunidade à beira de um r Se alguém suicidar-se dentro de casa não pode ser sepultado nu cemitério comum, onde são enterrados aqueles que morrem a doença; todos aqueles que se suicidam devem ser sepultados isoladamente, isto é, num cemitério específico, porque a sua mo não resultou da falta ou da ineficácia dos medicamentos, mas si seu livre arbítrio. Nos dias de hoje, esta tradição não está a ser cumprida na íntegra como no passado. **(EC-1:HAC)** **Sapwile**: Em relação àquele que morre no rio ou numa lagoa, é necessário investigar bem, para apurar se morreu por não saber nadar, ou se foi ele próprio que decidiu de livre arbítrio afogar-s Entretanto, seja qual for a causa da morte, ele deve ser sepultado mesmo ali à beira do rio ou da lagoa onde morreu e não pode se levado para a sua casa na comunidade. Se por ignorância desta norma tradicional os parentes do falecido decidirem leva-lo a su casa na comunidade, eles ver-se-ão obrigados a pagar a multa qu deve ser um animal vivo para ser sacrificado, visto que, para a comunidade, este acontecimento constitui uma tragédia; logo, di do infortúnio, o soba que é líder da comunidade não deve comer que quer que seja, nem dormir na mesma cama com a sua espos Inclusive, a lareira da residência do soba deve ser apagada, varri as respectivas cinzas para depois acender uma nova fogueira: Só depois de cumprido este ritual é quando o soba poderá entrar de da sua casa, comer as refeições e realizar outras actividades; cas contrário, a multa pode ser muito pesada. Este ritual se faz, precisamente, para evitar que o mesmo azar ou tragédia se repita mais vezes na comunidade. Segundo a tradição, se o cadáver do suicida, ou mesmo, daquele que morreu afogado no rio for levad para a comunidade, o seu espírito maligno poderá acompanhar o corpo que foi levado à casa e contagiar outros membros da famí incitando-os a suicidar-se. **(EC-1:HAC)** **Sapwile**: Havia ainda no passado normas da produção; sempre q houvesse necessidade de renovação de mandato do Rei (Soma) e sucessão realizavam-se cerimónias e rituais de entronização.Se o novo Rei prestar juramento especial de honra *okuliata vomband* isto é, se for capaz de dar um touro para ser sacrificado na cerim da sua entronização, ele adquire o direito de mandar apagar a

	fogueira e varrer ascinzas da lareira do *Onjango* Real, deixado p seu antecessor; Por sua vez, ordenava aos dignitários do Palácio para acenderem uma nova fogueira em substituição daquela que destruída, para simbolizar que o novo Rei é um reformador comprometido com a produção e o bem-estar das populações. Anunciada deste modo, a política reformadora do novo Rei, cad ancião, que tem o estatuto de Membro do Conselho Real e/ou D Representante de uma família alargada, junto daquele conselho, devia proceder o mesmo, isto é, apagar a fogueira e varrer as cin da lareira do *onjango* da sua família; devia de igual modo, retira algumas brasas da fogueira do *Onjango* Real, para com elas ace uma nova fogueira do *onjango* da sua família. Desta feita, convocava todos os membros da sua família para esclarecer o seguinte: "hoje apagamos a antiga fogueira e acendemos uma nc em sua substituição; isto simboliza, que a partir de hoje entramo noutra era – a era do novo Rei". Ao varrer as cinzas da lareira d antecessor, o novo Rei colocava à prova a sua capacidade de liderança, manutenção da paz e de evitar que no seu reino ocorra aquilo em *umbundu* denominam *oluteyo*[5], ou seja, abortos, mortandade infantil, de jovens, de adultos e de anciãos, bem cor outros acontecimentos que podiam atormentar a vida das pessoa procedia, logo de seguida, a distribuição de sementes aos representantes das famílias alargadas**. (EC-1:HAC)** **Epalanga:** Ao nascer do bebé, o pai e a mãe assumem a sua educação; a menina é educada na cozinha e o menino é educado *onjango*. É aqui no *onjango*, onde o menino podia colher as informações e os ensinamentos que os adultos transmitiam aos menores. Era no *onjango*, onde o pequeno tinha a oportunidade aperceber-se das intenções, dos projectos, das actividades a reali no dia de amanhã, de tudo quanto os pais estavam a pensar reali no futuro; aquele menino que tivesse juízo apreendia tudo o que estava sendo dito; assim eram os meninos do antigamente. Quan os pais projectavam realizar uma viagem de visita a um irmão d ou a um irmão da mãe, não se fazia como actualmente, em que e a multiplicidade de meios de transportes; naquele tempo, tanto o pais como os filhos caminhavam juntos a pé até ao destino; se a visita durava dias ou semanas a criança tinha a oportunidade de conhecer os seus irmãos, filhos do irmão do pai ou os seus prim filhos do irmão da mãe, assim como os demais parentes resident naquela localidade. Ao regressar a casa, a criança reteve na men a ideia de que, aquela pessoa que fomos visitar é na realidade un

[5]Mortes sucessivas; tragédia.

	irmão do pai ou mesmo um irmão da mãe; o seu temperamento, seu carácter, os seus hábitos e as suas virtudes são apreendidos p meninos e pelas meninas. A partir desse acontecimento a criança reteve na memória a localidade, onde residem os seus parentes q jamais esquecerá e tudo aquilo que vivenciou durante a visita. O grande acontecimento que era aproveitado para educar as novas gerações é no caso de morte. Durante o óbito e, sobretudo, depo funeral, realizava-se e, mesmo nos dias de hoje ainda se realiza encontro da família alargada. Como costume ancestral, era nesse encontro da família alargada, onde se fazia a apresentação de to os membros da família presentes no óbito; "este é seu irmão, est *ñyohono*[6], esta é a *sohayi*[7] ou *pahayi*[8]este é o *sekulu*[9] de toda afamília". Com esse acto a criança passava a conhecer todos os membros da família alargada e apreendia tudo quanto era tratad nesse encontro. Acontecia que, se antes era preciso os pais levar consigo os filhos, em visita familiar para conhecerem os parente depois desse acto de apresentação, os menores planificavam por iniciativa própria viagens de visita aos parentes que conheceram eram assim os meninos e as meninas dos tempos passados, porq frequentavam o *onjango* e, no caso das meninas *otchiwo*[10]. É qu antigamente, os pais e os filhos não comiam na mesa individualmente; todos comiam no *onjango* onde se reuniam os demais membros da família alargada na hora da refeição. Tudo i fazia parte da racionalidade ancestral.**(EC-2:HAC)** **Epalanga**: Em relação a nossa vida aqui na comunidade bem… verdade! Se repararmos, nós os humanos Deus nos criou; alguém explicou dizendo: "no início, tanto o homem como o animal Deu criou-os da mesma forma e deu-lhes o mesmo coração. Com o a dos tempos alguém foi reclamar junto de Deus dizendo-lhe que nos criou tão bem assim com esta homogeneidade de corações; melhor é morrermos todos, extrair todos os corações, espalhar n balaio para redistribui-los de novo".É partir dessa redistribuição observamos que certas pessoas aparentam ser boa gente mas os corações… risos; um ficou com o coração de cão e passa a vida com os outros, risos; um ficou com o coração de leão e passa a v a conflituar com os outros risos; outro ainda ficou com o coração cínico e vive a solidão. Por isso, tudo está complicado; é por isso

[6]Tio irmão da mãe. Entre os povos bantu, o irmão do pai é considerado pai e não pode ser tratado de tio; a irmã da mãe é considerada mãe e não pode ser tratada de tia.
[7]Tia irmã do pai.
[8]Tia irmã do pai.
[9]Ancião tutor da família alargada e Membro do Conselho Real.
[10]Cozinha; serão da cozinha.

	constatamos que as pessoas são distintas e se repararmos conclu que somos diferentes uns dos outros, ou não? Com a juventude, exemplo, chegamos a uma saturação; encontrar-se com um jove rua, hoje tornou-se uma preocupação porque apresenta a cara fechada. "Hih! Meu neto! Será que lhe desagradei? Não estamos partilhar a mesma estrada"? Se o jovem vem de moto, mesmo deixando-lhe o caminho ele te segue até atropelar-te. "Se eu mo atropelado, ainda vai dizer que o ancião enganou-se, ou você me seguiu propositadamente"? Assim, prossegue a vida com toda a complexidade, o que traduz a nossa imperfeição; Cada um de nó com o seu coração, mas se Deus dotar alguém com o espírito de bem, que ri com os outros e cultiva amizades… Ah! Um dia vi u pastor de igreja com a cara fechada; é pastor, mas tem a cara fec risos. Esse, só lhe colocaram ali, mas não tem vocação para cum com essa missão. É assim que vão as coisas, e, assim vai a vida terra. **(EC-2:HAC)** **Epalanga:** No *onjango*, as crianças e os jovens são preparados para as atividades laborais próprias para a vida numa comunidade rural; às crianças e aos jovens estão proibidos a cometerem o adultério e outras práticas negativas para a vida comunitária. Todos os problemas que preocupavam as pessoas ou que eram levados a julgamento, serviam d exemplos nas sessões educativas do *onjango*. Sempre que houvesse o julgamento de um caso de roubo, o assunto era comentado no *onjango* dizia-se: "vejam aquele caso; o indivíduo está sendo julgado porque e roubou. Se alguém de vocês imitar aquele indivíduo, também será julg e condenado com pesadas multas; por isso, aprendam a trabalhar e nã sejais preguiçosos". Ora, havia outra categoria de *onjango* que era construído para venerar os antepassados *etambo*[11], sempre que o mesmos se manifestassem, isto é, possuíam um parente vivo que adoecia durante muito tempo sem curar, mesmo quando submet tratamentos. Depois de terminada a sua construção, no acto de inauguração realizava-se um ritual, no qual sacrificava-se um ga ou cabrito. Era uma pequena festa em que participavam os paren mais próximos do doente que eram convidados a beber e comer carne do animal sacrificado no seu interior. Durante o ritual inaugurava-se a fogueira que simbolizava o início das sessões de serão, isto é, do seu funcionamento para todo o sempre. Uma ve cumprido o ritual o possesso curava. Havia outra categoria norm que, era o *onjango* comum para toda e qualquer família alargada Havia ainda outra categoria de *onjango* da corte, especial para anciãos, membros do Conselho Real; era o *onjango* dos tabus da

[11] Sacrário de veneração dos antepassados.

	tradiçãoque requeria rituais especiaispara terminar a sua construção ordenava-se a alguém nos seguintes termos:*kamalusule polusoko*. Se a pessoa designada não se acautelava podia morrer, risos… O ancião tinha no *onjango* um assento que ele próprio comprava ou mandava confeccionar para sentar-se; ninguém poderia sentar-se no assento alheio e se um intruso entrasse naquele *onjango* os anciãos perguntavam-lhe se ele também era alguém.“ovelovevo utchimwe”[13]? Em caso afirmativo pediam-lhe a aceitação do estatuto e do regulamento interno e, posteriormente, arranjava o seu próprio assento. As exigências e as consequências decorrentes dessa adesão são da sua inteira responsabilidade. No Palácio Real havia outra categoria semelhante ao *onjango onjo yohongolo*[14], denominada dos segredos. A construção dessa casota se concretiza num único dia;a porta da casota é a casca de uma planta denominada *ohuku*. Trabalha-se num único dia até a sua conclusão, pois, não se pode terminar os trabalhos da sua construção no dia seguinte. Uma vez terminada a construção segue-se o preenchimento do seu interior com artefactos mágicos, entre os quais, um banco sobre o qual é posto o prato e a caneca conténdo elementos essenciais como *ohongolo*[15]e a *elembwi*[16],etc. Acontece que quando morre alguém comunidade a casota tem de ser aberta e retirar os objectos essenciais para fora, onde permanecem até a chegada do corpo do defunto ao cemitério para o seu enterro.O indivíduo a quem cabe tarefa de cuidardos artefactos mágicos deve ser um jovem solteiro. Entretanto, durante o reinado do Soma Mesquita esta prática foi abolida e a casota ficou praticamente abandonada; em consequência do abandono a casota começou a apresentar sinais de degradação na sua estrutura física. No entanto o Soma Mesquita decidiu reabilitá-la e ordenou o fabrico de adobes para a construção de uma nova estrutura física. Um dos anciãos Membro do Conselho Real de nome Mukoko foi contactar um pedreiro de nome João para executar a obra de construção da casota mas, afinal de contas, o referido pedreiro conhecia perfeitamentedos tabus, e meteu-se logo em discussão com o ancião Mukoko. O problema chegou ao ouvido do Soma Mesquita que, de imediato, tomou medidas para resolver a contenda culpabilizando o ancião Mukoko pelo seu atrevimento e decidiu ele mesmo pegar em suas ferramentas e pôs-se a construir

[12]Expressão em *umbundu,* que em língua portuguesa equivale dizer: vá concluír com o trabalho do tecto do *onjango*.

[13]Expressão em *umbundu*, que em língua portuguesa equivale dizer: tu também és alguém?

[14]Santuário onde se guardam artefactos mágicos do reino.

[15] Artefacto mágico.

[16] Folha de uma planta com o mesmo nome que é muito utilizada na medicina natural e nos rituais tradicionais de cura das enfermidades.

	casa onde se guardam os segredos mágicos do reino, aplicando-l telhado e não mais o tecto de capim como se fazia anteriormente partir daquela data ninguém mais recorre à práticas que perigam vida nos rituais do Palácio Real; essas foram as transformações introduzidas pelo Soma Mesquita no funcionamento das instituiç palacianas. Portanto, o *onjango* comum é aquele que funciona s nível da família alargada. Quando nós crescemos tínhamos na família um ancião – o avô Benguela que era o representante da família junto do Palácio Real; tínhamos o nosso *onjango* que tin um cerco com uma porta principal, e era ali onde realizávamos sessões de serão com ele. O avô tinha filhos próprios, filhos adquiridos, e outros sob a condição de servos. Se no Palácio Rea convocavam um indivíduo pertencente ao nosso *onjango*, o avô indicava alguém entre nós e enviava ao Palácio para prestar serv conforme as necessidades surgidas inclusive trabalho forçado, e cumprimento das obrigações emanadas pela administração colo se o trabalho era a construção de estradas, cada indivíduo permanecia uma semana e, quando era de tipo contrato, o indiví permanecia um ano. Actualmente criaram-se cinco zonas aqui n comunidade e em cada uma delas encontramos muitas famílias alargadas. Ainda sobre a educação que era transmitida às novas gerações, naquele tempo a menina que vinha a regra pela primei vez não podia cozinhar para os demais sem que se realizasse os rituais apropriados. Se um filho decidisse noivar, antes de manif a intenção ao pai é a mãe que já tinha conhecimento do assunto. Alguns filhos cuidavam-se e não precipitavam o relacionamento íntimo com a sua noiva, até a criação de condições para o matrimónio. A única preocupação dos pais era apoiá-lo em todo processo. (EC-2:HAC) **Sapwile**: Havia uma hierarquia de instituições socioeducativas, é, *onjango* de diferentes escalões, ou seja: *onjango* de cada famí alargada, *onjango* dos *va kesongo*[17], *onjango* dos Dignitários, Membros do Conselho Real e *onjango* do Palácio Real. A políti Rei e as orientações a ela inerentes passavam por estas instituiçõ eram transmitidas às populações através do *onjango* da família alargada; de igual modo, as preocupações e as necessidades das populações eram transmitidas ao Rei, depois de passarem por es instituições, que as analisavam e elaboravamas devidas recomendações. O Rei não podia tomar qualquer decisão que fo sem parecer/anuência do Conselho Real e dos *va kesongo.*

[17]Denominação das famílias pertencentes à linhagem fiscalizadora e responsável pela segurança do reino.

	Sapwile: Em casos de transgressão ou violação grave das norma convivência social, a acusação passava pelas instituições acima citadas para serem analisadas antes do dia marcado para o julgamento sumário; o Rei tomava conhecimento do problema através destes conselhos e marcava a data do julgamento. Em qualquer sessão de julgamento eram os membros do Conselho R que, se dividiam em pequenos grupos, para exercerem as funçõe juízes, procuradores e advogados mas, antes da data de julgame problema era discutido por todos os membros, a fim de consensualizarem determinadas questões, para no fim proporem Rei a pena ou multa a ser aplicada; Durante o julgamento o Rei assumia maior protagonismo, pois, a ele cabia pronunciar-se no para anunciar a pena ou multa, com base nas propostas apresenta pelos juízes, procuradores e advogados que integravam o Conse Real; depois do anúncio da pena ou multa, cabia aos juízes e procuradores se pronunciarem se concordavam com a decisão d ou agravavam-na ainda mais; por último, eram os advogados qu apresentavam atenuantes à pena ou multa anunciada. Em qualqu dos casos, quer se trate de uma pena de multa ou de uma indemnização, a mesma se fazia acompanhar de um animal vivo era sacrificado antes do término da sessão de julgamento; o anim sacrificado era cortejado em pequenos pedaços que eram distribuídos aos juízes, procuradores, advogados, assim como *a Inakulu*[18] e aos adultos/adultas presentes no julgamento. Ao acu davam o membro superior do animal sacrificado, depois de lhe retirar toda a carne. A isto se denomina*olukusi*[19], para não mais tornar a praticar delitos ou actos criminosos. **(EC-1:HAC)** **Sapwile:** Actualmente não existem responsáveis que lideram as famílias alargadas como no passado recente; o que existe actualmente são zonas. Mas, ainda assim, cada família nuclear mantém a relação com outras que compõem a mesma família alargada, em todos os aspectos da vida. No entanto, não há aque organização que havia em tempos passados, em que as famílias juntavam em torno de um parente ancião tido como responsável para ouvirem ensinamentos durante o serão no *onjango*. Actualmente, cada família alargada se auto-orienta e se auto-controla. Quando surge um problema grave na comunidade, o ca de morte, por exemplo, todas as pessoas solidarizam-se. **(EC-1:HAC)**

[18]Rainha. Esposa do Rei.
[19]Chapada sem mão.

	Sapwile: Existem vários tipos de relações entre os homens: exis relação entre o indivíduo que tem algo para satisfazer as suas necessidades e o indivíduo que não tem quase nada, assim como existe aquela relação entre dois homens que têm algo nas suas v Esses últimos, relacionam-se mutuamente e a relação entre amb traduz na troca de ideias sobre vários aspectos das suas vivência na busca de soluções que podem melhorar as suas vidas; ao pass que, entre aquele que possui algo e aquele que não possui quase o relacionamento é débil e só ocorre quando aquele que não tem quase nada se dirige ao indivíduo que tem algo com intuito de prestar-lhe algum serviço e receber em contrapartida algo que el necessita. Nestes casos, pode haver um certo grau de aproximaç entre ambos. As relações entre indivíduos que não possuem qua nada também se traduzem na troca de ideias em que sobressaem ensinamentos importantes, por exemplo: que actividades a empreender? E, como realizar esta ou aquela actividade para qu tenhamos sucessos na vida futura? Neste particular, pode aconte aquilo que consideramos de maldade, isto é, haver no seio deles alguém com pretensões de passar aos outros ensinamentos sobre práticas de bruxaria. Começa por insinuar que, beltrano e sicran indivíduos incomuns, por isso, podemos fazer algo para contrari seus caprichos. Pode acontecer, que no seio deles existe alguém é amigo do indivíduo visado e vai transmitir-lhe aquilo que foi tratado em segredo contra ele. O indivíduo visado, se antes tinha relações de amizade com os mentores da sua destruição, ele cort imediatamente tais relações; se antes frequentava as casas desse indivíduos, agora deixa de fazê-lo. Neste caso, começa então a inimizade entre indivíduos que antes eram amigos. O que eu constato aqui na nossa comunidade, principalmente no concerne situação dos jovens, por vezes, assumem comportamentos não aceitáveis; o que fazer neste caso? Dirijo-me, por exemplo, a um vizinho para juntos analisarmos este assunto e pôr fim a tais comportamentos; o assunto pode ser analisado primeiramente po nós, mas como na comunidade reside muita gente, há sempre aq necessidade de levar o problema aos demais moradores, para de as propostas de resolvê-lo, inicialmente apresentadas. Depois de debatido o problema e alcançados alguns consensos sobre as via resolvê-lo, em uma concertação mais abrangente, então unifican nossa linguagem, o nosso posicionamento, as nossas decisões so tal situação. É desta forma que tem sido possível nos protegerm nós mesmos e as nossas crianças de certas situações desagradáv resolver alguns problemas de higiene e saúde comunitária, assim como problemas ligados à produção. Por outro, pode não haver amizade entre mim e o vizinho que vive mais próximo e o que

	acontece é que tanto eu como ele possuímos animais domésticos como galinhas e cabritos; logo, quando os animais saem da minh casa para a casa do vizinho ele ralha-os como se fossem pessoas chegando mesmo de pronunciar algumas ofensas. Eu considero atitude do vizinho como covardia, porque aproveita a presença d animais para ofender-me indirectamente. Quando isto acontece a minha relação com ele torna-se mais fria ainda e surgem murmú da parte dele, insinuando que eu privilegio o bom relacionament com vizinhos distanciados em detrimento dos vizinhos que resid mais próximo de mim; mas não é bem assim, pois, a minha atitu o meu comportamento são respostas às ofensas que o vizinho m tem direccionado de forma indirecta. O ideal seria o bom relacionamento entre vizinhos mais próximos; por exemplo, sau se um ao outro logo de manhã e ajudar-se em casos de doença, i é, trazer-lhe mantimentos, água, lenha, etc. e ainda cuidar bem d seus filhos menores. Agora, encontramo-nos numa etapa de mui desconfiança; se entregar comida ao filho do vizinho e no dia seguinte o mesmo adoecer a acusação é contra o vizinho que deu mão caridosa. Às vezes, a criança já padecia de lombrigas na sua barriga mas o pai não pensa nisso. Portanto, nos dias de hoje, o relacionamento entre os homens difere muito daquele que havia antigamente. Há algumas décadas atrás ainda prevalecia a *ekuta*[20] que os homens comiam entre si, as mulheres entre si e as crianç também. Nessas circunstâncias ninguém acusava o outro, mesm casos de doenças, porque todos comiam no mesmo prato. Era o tempo em que tudo passava no *onjango;* cada menino que regres da lavra à comunidade trazia consigo um feixe de lenha ou um recorte de toro para a fogueira do *onjango*. Toda a comida era trazida ali e mesmo o milho fresco era assado na fogueira do *onjango* e repartido entre os presentes; ninguém comia na mesa não se utilizavam garfos e colheres, pois todos comíamos com a mãos. Às vezes, íamos à caça e éramos eu, o mano Narciso Pind mano Gouveia e o tio *Kambiambia*; quando regressávamos a ca era repartida de forma igualitária e distribuída nas respectivas ca mas, no momento da refeição a mesma carne era trazida no *onja* onde todos podiam comer dela. Se a carne fosse pouca era cozid numa única panela para depois ser retalhada em pequenos nacos eram distribuídos a todos. Nos tempos passados havia a caridade mas agora ela está a desaparecer devido a ruptura que está ocorr no seio das famílias; alguns já não querem residir junto de paren mais próximos. A ruptura começa com a vinda dos europeus qu introduziram o individualismo, os seus hábitos e costumes no n

[20]Modo de comer em grupo na mesma travessa entre vizinhos mais próximos.

	seio. Senão, repare: antigamente… Desculpe-me falar sobre isso Antigamente, um menino de 15 anos, ainda que possuísse algum dinheiro e bens resultantes da sua actividade económica ou dos s negócios entregava tudo na *eyemba*[21] e dependia dos seus pais e matéria alimentar e vestuário. Assim que alcançasse a idade de constituir a sua própria família lhe distribuíam uma parte desses comuns. Naquele tempo, se um menino de 15 anos conseguisse realizar um negócio com êxito mostrava o dinheiro ao pai e a má aos quais entregava para guardar. Se os pais não se prestavam pa tal, o dinheiro era entregue a um tio para guardar; nessa altura, a desconfiança era pouca entre parentes de uma mesma família alargada. E, quando o menino crescesse e revelasse intenções de constituir o seu lar, não cabia ao pai sugerir ou propor a futura n de seu filho; era necessário chamar os tios e as tias aos quais cab propor em que família ou linhagem escolher a futura noiva para seu sobrinho. Era necessário analisar em pormenores as características e as virtudes de cada família, a linguagem e o comportamento dos seus membros, o modo como resolvem os problemas que surgem no seio da família, etc. para depois tomar uma decisão provisória; se porventura os pais não concordassem com a escolhafeita pelos tios e tias, então podiam apresentar os s argumentos e as suas propostas. É assim que, mesmo actualmen numa festa de casamento aparecerem apenas 15 pessoas é sinal d que, tanto a família do noivo como a família da noiva não têm b relações com as demais famílias da comunidade. A mesma situa tem acontecido nos óbitos; se a família enlutada for conotada co antipática ou pouco sociável, muitas das pessoas presentes no velório abandonam o local no momento de distribuir as comidas preparadas. É esta a relação que existia antes, e ainda existe, me nos dias de hoje, entre a família nuclear e a família alargada, ass como entre estas e as demais famílias da comunidade, especificamente em aspectos matrimoniais e momentos de infelicidade pela morte de um indivíduo. Portanto, as tias, os tio demais membros da família alargada exercem um papel relevant reforço da educação que os pais dão aos seus filhos e as suas fil Os filhos e as filhas de uma família nuclear são orientados a participar não só no serão dos pais, mas também no serão dos tio das tias e dos avós; se os filhos e as filhas se limitam ao serão do pais, adquirem uma educação incompleta e, consequentemente, juízos também incompletos, porque não dominam suficientemen raciocínio dos membros da linhagem paterna e o raciocínio dos membros da linhagem materna. Voltando ao que afirmei atrás,

[21]Armazém/Stock de logística familiar.

	quando se fala nos dias de hoje de rupturas nalgumas famílias, t isto advém da conjuntura criada com a chegada dos europeus. Repare, se a situação de emprego obrigar-me a emigrar desta comunidade para uma cidade ou para um outro local isolo-me d resto da família e da comunidade; os meus filhos e filhas que na naquela localidade para onde emigramos não lhes será possível participar do serão do *onjango* da família alargada. Logo, eles fi desenraizados e assimilam os hábitos e costumes da nova localic de residência e se porventura decidir pelo regresso à comunidad origem, os meus filhos e as minhas filhas terão muitas dificulda de se inserirem e se integrarem nesta comunidade; se eu não regressar, então eles ficam praticamente perdidos e limitam-se e dizer: ah! O pai nos tinha falado do tio fulano que se encontra er Katabola; ou então! O pai nos tinha falado que somos originário Ekovongo, de Chipeta, de Sande, de Kanjungu e de Lucata, mas nãoconhecemos os nossos parentes que lá se encontram. Isso acontece por causa do individualismo, da procura constante do dinheiro e dos bens materiais que os outros introduziram na noss consciência. **(EC-1:HAC)** **Sapwile:** O pai tem o dever de transmitir ao filho aquela educação que um homem necessita na sua vida; o filho, por sua vez, deve assimilar essa educação e encher a sua bagagem para, no futuro, poder os transmitir também aos seus filhos. A educação dos pais constitui para os filhos a primeira escola que ilumina os caminhos da vida futura. Mesmo quando o filho dorme à noite, ele fica pensando naquele ensinamento que o pai lhe deu durante o dia; quando alguém, seja ele conhecido ou não, aparece diante dele, ele tem a capacidade de raciocinar, distinguir ou equipará-lo à categoria sócio-etária de seu pai; logo, ainda que entendesse praticar alguma arbitrariedade ele reconsidera a sua actuação. Esta é a doutrina que orienta a educação de nossos filhos desde os tempos remotos, quando nem sequer tinham chegado missionários cristãos aqui na nossa região. Ao pai cabe a responsabilidade de transmitir, tanto aos filhos como às filhas aqueles ensinamentos sobre como realizar trabalhos extra-domésticos, no campo por exemplo; se os filhos e as filhas se mostram desinteressadas a aprenderem esse tipo de actividades, o pai tem de pegar no chicote para lhes persuadir que estas aprendizagens são necessárias na vida futura. Se assim não acontecer, quando os filhos e as filhas saírem da tutela

	familiar, é o pai e a mãe que serão considerados como falhados. **(EC-1:HAC)** **Sapwile:** A mãe também tem o dever de transmitir à filha aquela educação de que ela irá necessitar quando tiver o seu próprio lar. A mãe chama a filha e pergunta: "óh minha filha! Estás a acompanhar o que tenho estado a fazer aqui em casa"? Ela responde. Sim! E a mãe diz: "ao acordar logo de manhã, a primeira coisa é tomar banho. Depois, varrer a casa e o recinto, colocar a panela ao fogo, lavar a loiça e realizar tudo quanto é necessário para manter a casa em ordem". Deste modo, a filha está assimilando a educação de sua mãe, porque a saúde do lar depende dos ensinamentos que os pais transmitem aos seus filhos e filhas. Se no lar familiar o ambiente for de contradições por parte dos pais, os filhos também passam a praticar os mesmos comportamentos dentro e fora do lar. O civismo começa mesmo dentro do lar familiar, e os pais não só transmitem aos filhos e filhas a educação familiar, mas também, aquela educação que devem ter para viver no seio da comunidade. **(EC-1:HAC)** **Kapoko:** Nos tempos passados, no *onjango* transmitiam-se ensinamentos importantes de respeito; quando se tratava de um rapaz, a educação era no *onjango* e quando se tratava de uma rapariga a sua educação era no espaço caseiro das mamãs *otchiw* ali onde ela recebe os ensinamentos de como respeitar as irmãs, irmãos, os amigos e pares, os próprios pais, os velhos, o rei, os membros da corte, os membros da comunidade, assim como cui do seu futuro marido. A educação era uma questão sagrada, porquanto, se uma criança se descuidasse das normas de convivê na comunidade arriscava-se a enfrentar inúmeros problemas. Es educação ajudou bastante, sobretudo em questões matrimoniais, pois, sempre que o jovem ou a jovem pretendesse constituir a su família, tinha uma bagagem de ensinamentos que lhe orientavan como gerir o seu lar; nos dias de hoje é difícil realizar esse tipo d educação, mas, aqueles que têm sorte e jeito de sensibilizar os se filhos têm conseguido transmitir esses ensinamentos aos seus descendentes. **(EC-3:HAC)** **Kapoko:** Cada família alargada elege o ancião principal que exerce a função de educador e responsável da lareira daquele *onjango*. É ele o mediador que articula a relação entre a família alargada e as demais instituições da corte, principalmente o Conselho Real. Os conteúdos da educação são geralmente os ensinamentos herdados dos antepassados e

	aquelas orientações que emanam da Corte Real. **(EC-3:HAC)** **Kapoko**: Havia normas e tabus; desrespeitar ou violara norma e agir contra o sagrado, mas, pior que isso é desrespeitar ou violar tabu, o que pode significar banalizar ou desafiar a morte. Havia normas e vou dar um exemplo: se eu tiver filhos, exerço uma autoridade relativa sobre eles, mas, quem tem autoridade supren sobre eles é o tio irmão da mãe. No passado, o tio é que tinha a autoridade de facto e quando tivesse uma grande dívida por pag podia hipotecar um sobrinho ou uma sobrinha, que só mais tard resgatava, após ter pago a referida dívida. Actualmente, nenhum sobrinho e nenhuma sobrinha aceita este tipo de subserviência e dizem mesmo "se ainda fosse o meu pai aceitaria alguma subserviência; logo, não é você que é irmão da mãe… Até porqu em mim não pode mandar. Se quiser vai mandar aos seus filhos" passado, o poder do tio sobre a sobrinha ou sobrinho era algo sagrado que não podia ser violado. E mais, num lar onde existen filhos como produto da união entre homem e mulher, sempre qu alguma enfermidade tomasse conta de um dos filhos, o pai devia tudo fazer para conseguir a cura do filho, porque de contrário se ele o acusado pela morte do seu filho. Isso implicava o pagamen de pesadas multas aos tios, que são irmãos da mãe do falecido, porque naquela altura havia o princípio segundo o qual a morte uma criança deve resultar da queda que sofre a partir do berço d mãe e não do peito do pai. Quanto aos tabus também havia muit Alguns estavam relacionados com o tipo de alimentação; por exemplo, aqueles que descendem de linhagens reais não podem comer da carne da onça e do *ngulungu*[22] porque senão arriscam-contrair enfermidades como lepra, assim como de alguns pássar família de rolas que pode causar tinhas na cabeça ou ainda um pássaro chamado *onduva*[23] que simboliza o poder real. Quanto a último, é um pássaro que não se pode caçar, porque quando mor um rei, retira-se uma pena deste pássaro que é amarrado com un corda da *ulemba*[24]sobre a mão do defunto. A violação desta regr pode ocasionar a presença de um leão na comunidade. Pessoalm quando ainda era adolescente participei de algumas sessões do *onjango* do palácio, porque meu tio irmão de minha mãe era membro do Conselho Real e levava-me consigo sempre que houvesse tais sessões. Aproveitei beber de alguns ensinamentos daquela instituição porque nasci e cresci bem próximo do Paláci

[22]Antilope

[23]Espécie de ave da família de piriquitos com uma crista de cor vermelha.

[24] Planta que abunda habitualmente nas comunidades rurais, sobretudo ao redor do Palácio Real e que simboliza a perenidade do poder instituído.

	Real. Meu tio era um dos principais anciãos mais ousados nos assuntos do Palácio Real; ainda que o Rei fosse tão poderoso, el tinha voz e capacidade de influenciar as suas decisões, sobretud sessões de julgamento. Por exemplo, se o tribunal tradicional julgasse e determinasse uma pena que obrigava o réu a pagar un cabeça de bovino, meu tio intervinha influenciando a decisão nã como advogado do indivíduo visado, mas simplesmente para ate a pena para o réu pagar apenas um cabrito. Eram eles que funcionavam como contra-pesos a favor dos réus nas decisões d penas e multas que eram aplicadas pelo tribunal do Palácio Real **(EC-3:HAC)** **Kapoko:** Eu nasci órfão de pai porque quando ele morreu ainda estive na barriga de minha mãe. Logo, na minha condição de órf cultivei o respeito para com toda a gente e optei por acatar as orientações dos mais velhos. Foi graças a essa participação nas sessões do *onjango* do Palácio Real que aproveitei alguns ensinamentos que me ajudaram a cuidar dos outros e a tutorar aqueles que cresceram sob minha responsabilidade educativa. H respeito e quando alguém se apresentasse junto dos mais velhos norma era prostrar-se diante deles. Para cumprimentar o Rei, po exemplo, era com honra e respeito e até mesmo beijar a sua mão Mas o jovem de hoje ainda que fizer encontro com o Rei pelo caminho, não demonstra atitude de respeito e se estiver embriag é capaz de embater-se contra ele. Isto só acontece agora, e o que temos constatado é algo incomum, porque o soba está com a Bíb na mão, o ancião está com a Bíblia na mão, o governante está co Bíblia na mão, o polícia também está com a Bíblia na mão. Toda esta conjuntura favorece e legitima a generalização do desrespei da anarquia. Já não há temor pela morte e quando alguém advert um jovem ou uma jovem que este ou aquele comportamento, est aquela acção podem ter consequências mortais, geralmente, respondem que a morte não é algo por temer porque na pós-mor na eternidade também há vida em sociedade. **(EC-3:HAC)** **Kapoko:** Bem, os nossos filhos dos tempos actuais não dão ouv a um ancião que lhes fala da sua experiência de vida; responden dizendo que "isto passou no vosso tempo. Nós vivemos a actualidade que nos é proporcionada pelos ventos dos tempos no e denotam algum receio em frequentar as sessões educativas dos anciãos, porque pensam que ali podem transmitir-lhes ensiname de bruxaria. Na realidade, não são os anciãos que estão preocupa em ensinar a bruxaria; é a própria juventude actual que se denot preocupada com o dinheiro, os bens materiais para embelezar a

	assim como a riqueza, o que lhes leva por vezes, a procurar a bruxaria para consegui-los o mais depressa possível. São essas coisas aliciantes que têm seduzido e fragilizado a nossa juventud hoje, chegando mesmo a renunciar a memória do seu passado. É partir desta realidade que se torna praticamente complicado e di transmitir aos jovens de hoje aqueles ensinamentos que podem s lhes úteis na vida. Quando alguém propõe-lhes a assistir uma se educativa, eles recusam-se e dizem mesmo que preferem gastar tempo na discoteca. **(EC-3:HAC)** **Kapoko:** As actividades económicas que se praticam nos dias d hoje se diferenciam daquelas que se praticavam no passado; naq altura, as pessoas produziam, mas não à escala tão elevada como dias de hoje. Havia dificuldades; por exemplo, a pessoa podia aumentar a produção mas, com a exigência do dízimo à vista, ai que o milho estivesse semi-fresco, era colhido mesmo nessa condição e depois era posto a secar para ser vendido à preços baixíssimos, ou seja, num valor de $0.50 centavos o kilo. Não er como nos dias de hoje em que o kilo de milho chega a custar ent 30 a 50 *kwanzas*[25]. Naquela altura o milho não tinha valor e hav muitas dificuldades, porque mesmo o preço de um boi não passa de $80 escudos[26]. Actualmente, aqueles que produzem com racionalidade podem crescer um pouco. **(EC-3:HAC)** **Hosi:** Bem, a educação no passado era feita no *onjango*, onde as crianças e jovens aprendiam normas de como respeitar os mais velhos, os idosos e recebiam ainda pautas de como gerir o seu fu lar. Aqui conforme pode ver, ao redor da minha casa estão outra residências dos vizinhos; nós todos realizamos o nosso serão nu espaço especificamente construído, que denominamos *onjango*. Quando chega a hora das refeições, aliás, cada residência ligada nosso *onjango*, assim que preparar a comida, leva para lá aquela parte distribuída aos maridos e filhos. No *onjango*, temos *ovilongwa*[27]em que as crianças aprendiam as normas de respeito com as pessoas e pautas de convivência social e *elongiso*[28], em q as crianças recebiam pautas de como orientar a sua vida e gerir o futuro lar; era necessário dar uma orientação adequada às crianç aos jovens aconselhando-lhes a não enveredarem pela delinquên ou outras práticas que contrariam a convivência social e o bem-e da comunidade. Explicávamos aos jovens a não precipitarem a

[25] Nome da actual moeda angolana.
[26] Antiga moeda portuguesa.
[27] Educação
[28] Instrução

	constituição do seu próprio lar, que era preciso esperar até quand atingissem a idade apropriada, porque naquele tempo não havia muito dinheiro e se um indivíduo se dirigisse a alguém que tinha dinheiro para solicitar um empréstimo de 20$00 escudos era pre hipotecar o seu próprio filho. Durante o período de hipoteca, o f passava a condição de escravo ao serviço daquele que emprestou dinheiro; por isso é que os filhos daquele tempo tinham consciên das dificuldades que as famílias enfrentavam e acatavam os conselhos que recebiam dos pais. Por exemplo, se alguém apare em minha casa com o propósito de noivar uma das minhas filhas preciso reunir toda a família alargada para analisar o assunto; era preciso analisar todos os aspectos positivos e negativos que caracterizam a família do pretendente. Se for uma família conota com práticas anti-sociais e desumanas, não se pode entregar a no filha. Todos esses assuntos são analisados e discutidos no *onjang* onde os meninos também acompanham de tudo que está a ser tratado; deste modo, eles estão aprendendo as formas de como o assuntos familiares são resolvidos. As mulheres também tinham seu espaço feminino, onde educavam as meninas; as meninas era educadas para serem mulheres de amanhã e era-lhes incutido princípios morais, de inter-ajuda, como por exemplo, ajudar a carregar a quinta ou a trouxa de uma senhora de maior idade. Ta os meninos como as meninas eram instruídos sobre como conduzirem os seus futuros lares e as famílias; Recebiam pautas sobre a nossa tradição, os nossos usos e costumes, sobre os tabu etc. Agora, os filhos são bem diferentes por causa da utilização d áudio-visuais que transmitem outros modos de vida e se recusam escutar os conselhos dos mais velhos, dizendo mesmo que estão ultrapassados. **(EGC-4:HAC)** **Hosi:** Repare! Aqui mesmo neste pátio onde se encontra a cacim o sítio onde projecto construir o nosso *onjango* ainda este ano, n estou convencido que o mesmo será apenas frequentado pelos m velhos. Esta comunidade, por ser a capital do antigo Reino do B tem recebido grupos de estudantes, provenientes da cidade do ku que cá vêm com o propósito de realizar visitas de estudo. Os estudantes nos perguntam: será que a juventude local domina es historial sobre *Ombala Ekovongo*, ou apenas privilegiam a nós d visitantes? Nós respondemos: A juventude local não domina est historial; o bebé que chora precisa de mamar, mas no caso prese bebé ainda não chorou. Esse bebé que ainda não chorou será que fome? É assim que a juventude local está a ser pisoteada pelos outros que sabem aproveitar o bem que temos aqui. Durante este meses que vives aqui connosco alguma vez viste um jovem daqu

	participar das visitas junto da *Ombala*? Eles não participam. Se jovem bater-me a porta de manhã é porque tem uma preocupaçã pessoal, para o pai ou avô lhe prestar ajuda. Enquanto não tiver alguma preocupação ele é dono de si mesmo; e se estiver na estr a conduzir uma bicicleta ou motorizada, o mais velho tem de afa se quanto antes, porque senão pode ser atropelado propositadam **(EGC-4:HAC)** **Hosi:** Bem, os homens geralmente procuram-se uns aos outros e juntam-se em pequenos grupos conforme o grau de proximidade existe entre eles. No grupo cada um expõe o assunto que lhe interessa ou preocupa para escutar a opinião dos outros; é um momento de aprendizagem, por exemplo, há pouco me viste con papel na mão. O mesmo é um documento sobre as eleições que explica como votar; logo, quando certos indivíduos se juntam nu mesmo lugar é porque precisam de aprender algo uns dos outros perguntar-se uns aos outros, o que é que falta na nossa comunidade?Isto para informar o assunto ao líder, e esse, por su vez, levar o mesmo assunto ao governo. Isto quer dizer aprendizagem! Todo aquele indivíduo que nós assistimos a falar perante o público primeiro aprendeu a fazer isto. Se antes ele nã treinar-se a falar perante o público, quando chega a hora, nem a sequer sai. **(EGC-4:HAC)** **Hosi:** Risos… Quem escutar na rádio informações sobre coisas se passam no mundo faz sempre o possível de explicar aos outro Por exemplo, durante estes dias temos escutado informações sob acidentes como capotamento de veículos que têm ocorrido em v localidades do país; pode calhar que no momento em que a informação passou o outro vizinho não tinha o seu rádio ligado, logo, ao encontrar-se com ele, há que explicar-lhe a informação foi veiculada pela rádio. **(EGC-4:HAC)** **Hosi:** Bem! Os assuntos do lar não são abordados nesses encont ainda que existir alguns problemas, não se deve falar deles nos encontros com os vizinhos; se existir no lar complicações com a nossa parceira, o assunto deve ser levado às tias dela. Portanto, n se deve levar os assuntos do lar aos vizinhos. **(EGC-4:HAC)** **Livonge:** Bem! Os assuntos do lar podem ser abordados com os vizinhos! Senão vejamos: quando cá cheguei foi mesmo o cunha que informou que a saúde da prima não vai lá tão boa. Há assun do lar que não se deve informar aos vizinhos, mas os problemas saúde podem ser levados ao conhecimento dos vizinhos; às veze

	vizinho conhece algum medicamento que pode superar a enfermidade que atormenta a saúde do nosso familiar. **(EGC-4:HAC)** **Livonge**: Hoje em dia, quem é o jovem que aceita participar do serão no *onjango*? Há alguns anos atrás tínhamos construído o n *onjango* em casa, mas os jovens não queriam participar do serão **(EGC-4:HAC)** **Hosi:** Bem! Da parte dos adultos muitos têm respeito pelas autoridades comunitárias, mas não são todos e a comunidade é grande. No passado, um bebé recém-nascido, a própria mãe dev levá-lo ao palácio real levando consigo uma cabaça de *tchisangw* o Rei recebia a cabaça, bocejava a *tchisangwa* projectando-a aos ouvidos do recém-nascido e depois disso o bebé era inscrito na l do Rei. Com este simples ritual o Rei tinha conhecimento e cont de todos os bebés nascidos durante o seu reinado. Em caso de m ainda que o infortúnio ocorresse a meia-noite não se podia chora família enlutada pegava numa moeda metálica e dirigia-se ao Pa Real, mas, não iam directamente bater a porta do Rei. Dirigia-se primeiro em casa do porta-voz do Rei, onde podia expôr a ocorrência. No momento em que o porta-voz ia informar a ocorrência ao Rei, a família enlutada ficava a espera em casa de Era o Rei que autorizava a família chorar. Hoje em dia, alguns adultos se comportam da mesma maneira que os jovens em mate de respeito e cumprimento de normas costumeiras. Por isso é qu nas assembleias das autoridades tradicionais se tem orientado qu nenhum líder comunitário deveria participar do casamento, do ó ou velório, sem prévia comunicação por parte das respectivas famílias. **(EGC-4:HAC)** **Dona Kayovo:** No passado havia temor pela vida e as pessoas respeitavam os seus progenitores, assim como os adultos, as adu as anciãs e os anciãos. Quando nós éramos adolescentes participávamos do serão, sentávamos juntos com os nossos pais nossas mães e eles nos contavam daquelas coisas que não deven praticadas na vida em sociedade; diziam-nos que ao fazer encon com um adulto ou com um ancião deviamos priorizar-lhe a passagem pelo caminho; que sempre que fizessemos encontro co um ancião ou anciã que carrega uma troxa sobre sua cabeça, deviamos ajudar a carregar a mesma até à sua residência. Inclus advertiam-nos: "quem desrespeitar os seus progenitores morrerá

[29]Bebida caseira, não alcoólica.

	desrespeitares sua mãe morrerás! Se desrespeitares um adulto, u adulta, uma anciã ou um ancião morrerás”! Quando reflectiamos sobre tais advertências criávamos temor pela vida; sabíamos que deveríamos praticar isto ou aquilo porque senão morreríamos. Enquanto crianças, sempre que não cumpríssemos com as tarefa distribuidas pelo pai ou pela mãe éramos punidos, isto é, perdíar o direito ao jantar e dormíamos à fome. Nós próprias também reflectiamos de si para si: “se desrespeitarmos nossos pais e nos mães a quem iremos respeitar? Quem me dará de comer e de ve Mas as crianças de hoje podem sair de casa em protesto de uma reprimenta da mãe ou do pai. Quando sai de casa poderá comer, tem na mente que lá fora poderá roubar para auto-sustentar-se. N não roubávamos, pois, além de ser vergonhoso era severamente punível. Durante o período colonial por exemplo, o indivíduo tic como gatuno ia parar à cadeia e para sair a família devia pagar pesadas multas. Por isso, tinhamos muito temor pela vida, mas h em dia, devido a abundância de dinheiro, ainda que o menino ou menina fugir da casa de seus pais, dirige-se a instituições de car e mente que o pai e a mãe morreram e logo é acolhido e acomodado.Portanto, havia respeito e temor pelos progenitores, outras pessoas e à Deus. Naquela altura, a educação era feita no *onjango* por mais velhos e anciãos; em cada família alargada ha um ancião que era o seu tutor. Os membros de cada família construíam as suas residência num mesmo espaço delimitado po cerco. Cada família nuclear construía a residência principal e un cozinha e havia no conjunto das residência um *onjango* para tod elementos do sexo masculino; sempre que os homens e os joven regressassem das actividades do campo traziam cada um deles u tronco para servir de lenha no *onjango*; os rapazes acendiam o f no *onjango*, onde seruavam todos os membros do sexo masculin Era nesse serão onde os adultos e os anciãos educavam os mais novos, transmitindo-lhes ensinamentos e experiências da vida. A refeições preparadas em cada família nuclear eram levadas ao *onjango*, onde todos comiam juntos. As raparigas, por sua vez, ficavam na cozinha onde seruavam e eram educadas pelas mães outros familiares do sexo feminino. Mas havia ainda nesta regiã escolas domésticas adistritas à igreja evangélica onde as mulher aprendiam a ler e a escrever a língua *umbundu*, assim como a tricotagem, a bordagem, a culinária, etc. Os cursos eram implementados pelo Centro de Ngandavila e aqueles que aprova nesses cursos prosseguiam a sua formação na Missão Evangélic Kamundongo. Os outros cursos que decorriam nesta comunidad eram realizados por monitores enviados pelo estado; esses ensinavam a cultivar hortícolas como couves, tomate, cebola,

	cenoura, batata, etc. **(EC-5:MAC)** **Dona Kayovo:** Em cada família alargada havia um ancião que e seu tutor; era ele que orientava a educação, mas era coadjuvado outros membros que eram também adultos. Sempre que houvess algum membro da família adoentado, era no *onjango* onde saía a orientação de como apoiá-lo. Assim mesmo, cada membro levav essa orientação junto da sua família nuclear, principalmente à es para esta, por sua vez, transmitir às raparigas no *otchiwo*. Era no *onjango*, onde os adultos transmitiam aos demais membros da família todas as orientações oriundas das autoridades comunitár todas as questões relacionadas com a vida comunitária e era tam no *onjango*, onde se resolviam os pequenos conflitos inter-familiares, se fazia a acareação e se debatiam todos os aspectos afectavam o convívio social e o bom relacionamento com outras pessoas. O *onjango* deve ser um espaço higiénico e eram os rapa que faziam a limpeza para mentê-lo sempre higiénico. Quase toc os aspectos da educação dada aos rapazes no *onjango*, são de igu modo transmitidos às raparigas no *otchiwo*. **(EC-5:MAC)** **Visupe:** Bem! Faziam parte da estrutura do poder o Rei e seus coadjutores. Mesmo nos dias de hoje, criamos uma estrutura provisória do poder costumeiro e fazem parte dessa estrutura alg dignitários aos quais foram distribuídos alguns cargos de responsabilidade, próprios de um poder tradicional ou costumeir **(EC- 6:HAC)** **Visupe**: No meu caso, por exemplo, tenho filhos e se porventura passar parte do dia numa assembleia, de regresso a casa eles perguntam-me: "pai, o que foi tratado na assembleia em que participou"?Eu tenho o dever de explicar aos meus filhos para e estarem informados.Quanto às tradições, a nossa comunidade te normas e tabus que devem ser cumpridos por todos nós; refiro-m por exemplo, a questão do uso da estrada e de outros caminhos, é, não se deve correr à toa pela estrada e caminhos e quem assim proceder arrisca-se a desaparecer definitivamente, mesmo sem t morrido. Alguém pode pensar que isso é bruxaria dos mais velh mas não é; são normas e tabus que funcionam aqui na nossa comunidade. E, numa comunidade tem de haver tranquilidade ta que as mulheres grávidas, por exemplo, consigam dar luz de seu bebés sem dificuldades, pois, esta é a razão de ser das tradições sua utilidade na existência da comunidade; temos constatado, no dias de hoje, que os jovens brigam inclusive nos óbitos!

	(EC-6:HAC) **Visupe:** De princípio, se eu decidir ausentar-me, devo informar, tanto a minha esposa, aos meus filhos, aos meus parentes, assim como aos vizinhos mais próximos. Quando eu chegar ao destino devo de igual modo informar à comunidade hospedeira sobre o estado de saúde da minha família, dos meus vizinhos e dos comunários em geral. O primeiro homem que eu encontrar na comunidade de destino, também deve proceder da mesma mane isto é, deve descrever-me detalhadamente o estado de saúde da s família, dos vizinhos e de seus conterrâneos em geral; a isto se denomina *ulonga*[30]. Além disso, ao ausentar-me, se no destino existir parentes meus, devo levar comigo um menino, para que, um lado, se acontecer algo, ele possa informar o sucedido; por o para o menino ser conhecido pelos meus parentes que residem noutra comunidade, pois, se com o tempo eu falecer, os meus fil conheçam onde se localizam os demais membros da família alargada. Ao proceder desta maneira, não se rompe o elo de liga parental, mesmo em caso de morte de uns e de outros. Esta é um das pautas fundamentais deixadas pelos nossos antepassados. Entretanto, nos dias de hoje, este procedimento tem sido ignorad por muitas famílias devido ao uso de transportes de elevado cust como bicicletas, motorizadas, carros, etc, e em consequência, as novas gerações têm caído na perdição.Esta é a primeira relação os homens. O segundo aspecto da relação entre os homens tem a com as necessidades do dia-a-dia, isto é, se verificar que sozinh consegue resolver um dado problema, então, há que recorrer ao vizinho solicitando apoio; o terceiro aspecto dessa relação é, qua se trata de vizinhos que fazem parte do mesmo parentesco, isto e não pode ausentar-se por um período de mais de vinte e quatro h sem contudo, informar aos demais parentes. O quarto aspecto da relação entre os homens tem a ver com situações de enfermidade o vizinho contrair uma enfermidade numa altura em que o mesm não dispõe de recursos financeiros para custear o seu tratamento devemos estender-lhe a mão, isto é, ainda que não tivermos dinh podemos ajudar-lhe com um cabrito para vender, sabendo-se de antemão, que, qualquer dia, serei eu, ou os meus filhos a contrai uma enfermidade e a necessitar de uma ajuda. Esta relação é importantíssima. O quinto aspecto é a relação de vizinhança; aq comunidade, essa relação ainda é realizável. Nas cidades por exemplo, o vizinho pode ser ele mesmo o seu principal inimigo; nosso filho não pode passar pela casa dele; a galinha e o cabrito

[30]Relatório detalhado de ocorrências acontecidas no seio de famílias, assim como acontecimentos relevantes do quotidiano de uma comunidade.

	muito menos, porque, inclusive, a própria casa está cercada de u murro com um portão sustentado por uma fechadura.Aqui na comunidade não é assim; se eu crio animais, o outro também faz mesmo e quando morre alguém, ficam todos sensibilizados a ve ou a hipotecar o seu animal à família enlutada, para servir no ób sexto aspecto são relações de trabalho quando o indivíduo prete realizar uma actividade que requer o uso de instrumentos que el possui; neste caso, dirige-se aos vizinhos que dispõem dos mesn solicitando apoio de prestação de serviços. O vizinho pode cede sua charrua e bois para apoiarem a execução desse trabalho. Actualmente, esta solidariedade está desaparecendo pouco a pou devido as transformações por que está passando a própria socied em geral, o individualismo e a ganância que tem acelerado a competição, provocando alterações no comportamento das pess aqui na comunidade. Alguns fazem esforços e conseguem result satisfatórios, outros não conseguem e criam inveja e ódio, chega mesmo ao ponto de arranjarem falsos argumentos para acusarem aqueles que conseguem de feiticeiros. Esta situação tem criado perturbações no bem-estar das pessoas aqui na comunidade, por aqui mesmo em casa onde estou, se aparecer uma criança do viz e eu oferecer-lhe uma banana, dias depois, se a mesma criança queixar-se de dor de barriga, os pais perguntam-lhe se tivera cor alguma coisa; ao explicar que tivera comido a banana em casa d vizinho, os pais não pensam outra coisa senão desconfiar do viz que tivera dado a banana. Agora, com esta situação, a caridade q sempre nos caracterizou já não pode ser feita a qualquer que seja senão aos próprios filhos, sobrinhos e netos; de contrário, pode c nos alguns problemas com os vizinhos. Entretanto, a situação qu acabei de descrever não é genérica, observa-se apenas em algum famílias, pois, em muitas outras ainda se praticam esses valores. que se passa entre nós é falta de diálogo ao nível das famílias, porque antes, em cada zona havia um ancião tutor das famílias q era responsável pela harmonia e desarmonia reinante no seu seio ele cabia identificar quem é o promotor das divergências que sur no seio das famílias e repreendê-lo imediatamente. Essa forma d organização permitia a identificação de gatunos, feiticeiros e out malfeitores que eram bem conhecidos e não tinham como disfar se ou esconder-se.Voltando ao que afirmei atrás, o esforço e a competição entre os homens, por si só, não constituem maldade, senão repare; as motorizadas chegaram pouco a pouco, mas ago muita gente tem procurado adquirir este meio de transporte e ist bom! Que fazer? Os outros se locomovem através deste meio de transporte; logo, também eu tenho que trabalhar muito no campo para poder adquirir este meio de transporte. Alguns estão adquir

	este meio de transporte vendendo carvão vegetal. Quando toda a gente se empenha no trabalho, mesmo havendo competição, há possibilidades de todos triunfarem e viverem bem. O sétimo asp está relacionado com o consumo de bebidas alcoólicas; antes, as bebidas alcoólicas eram poucas e o dinheiro também era pouco. Agora, há muitas bebidas alcoólicas e muito dinheiro mas, o que temos observado é que os jovens têm mais dinheiro do que nós o mais velhos e isto tem criado situações de falta de respeito da pa dos jovens, que olham para os mais velhos como carentes e incapazes de auto-sustentarem-se. Os jovens recusam-se a presta apoios aos mais velhos.Em suma, este é o quadro que caracteriz relação entre os homens nesta comunidade. **(EC-6:HAC)** **Visupe:** Nos encontros do dia-a-dia os homens trocam ideias so vários aspectos da vida. Por exemplo, falam das famílias, das su virtudes e dos seus defeitos; se forem indivíduos do mesmo parentesco opinam em que famílias se pode escolher alguém por noivo ou noiva, sobretudo se existir no seio deles rapazes e rapa em idades de contrair matrimónio. Alguns falam de famílias preguiçosas que não gostam de se esforçarem no trabalho, outro falam de famílias intriguistas que promovem a separação no seio delas, etc. Hoje mesmo houve um funeral e no momento de ler a biografia surgiram divergências que culminaram em pancadarias apesar do facto de que, a mãe e o pai do bebé falecido ainda não vivem juntos, porque o processo de noivado não foi concluído. I isso, nos encontros do dia-a-dia, os homens analisam todos esse detalhes para alertar aos filhos e filhas a se acautelarem, de sorte que, situações do género não venham acontecer com eles. Os homens analisam também aspectos económicos; por exemplo, s existir parentesco entre vizinhos não pode haver inveja e ódio, mesmo quando a galinha e o cabrito do outro passeiam pelo páti nossa casa. Mesmo quando os animais do outro comem as folha nossas plantas não se pode cobrar por isso, porque os nossos ani também poderão fazer o mesmo no pátio da casa do outro. No passado, cada parcela habitada por indivíduos da mesma família circundada por um cerco que tinha uma única entrada com um portão. Quando as crianças regressassem das suas brincadeiras, entravam e encerravam o portão; desta maneira não havia problemas. **(EC-6:HAC)** **Visupe:** Como já referi atrás, no passado como nos dias de hoje crianças e jovens são educados a respeitar as pessoas e a ter amo trabalho; se a pessoa tiver uma ou duas crianças, ao observar qu

	mesmas já começam a imaginar certas brincadeiras em que imit as actividades dos adultos, o pai assim como a mãe devem ficar sempre ao lado deles, a fim de acompanhar as opções que eles f nessas brincadeiras. Quando atingem aquela idade em que já entendem um pouco da importância do trabalho, os pais devem mais próximo deles para explicar-lhes a razão de ser de certas actividades que os adultos realizam no dia-a-dia. Quando atinge idade dos sete e oito anos os pais podem levar as crianças ao ca para observarem tudo que ali se faz. Se os pais não procederem maneira, as crianças habituam-se a passar o seu tempo nas brincadeiras em casa e tornam-se preguiçosas; os pais devem concertar sobre as atitudes a ter com as crianças, porque se houv uma linguagem desencontrada entre marido e esposa, isso pode confusão na consciência das crianças. Por exemplo, se o pai dec levar as crianças ao campo para não se tornarem gatunos no futu a mãe contradiz a decisão dele, a tendência é de elas inclinarem- postura da mãe; logo, não é bom que isso aconteça na educação crianças no lar familiar. O mesmo pode ocorrer quando os pais realizam viagens de visita aos parentes; em cada viagem os pais devem levar consigo pelo menos um filho para conhecer e ser conhecido pelos parentes que vivem longe da sua localidade de residência. Além disso, na educação das crianças os pais devem acautelar que elas não sejam atraídas para práticas de roubo, adultério e violência. No caso de roubo, pode acontecer que a criança foi roubar no vizinho, mas quando o assunto chega em c a mãe é a primeira a reagir, dizendo: "o meu filho não rouba"! E atitude não é correcta porque cria situações de desrespeito e de conflitos entre vizinhos. Nestes casos, o pai e a mãe devem escu as palavras do vizinho ofendido, para analisar se na verdade a criança roubou ou não; se os pais considerarem de justa a acusa do vizinho, devem, então, proceder a devida indemnização. A pa desse acontecimento, os pais devem reunir com os filhos para explicar-lhes as consequências negativas da prática de roubo na das pessoas e no convívio com os vizinhos da mesma comunida Nos casos de adultério e violência a situação é semelhante; pode que o filho foi conotado com esta prática, mas, se os pais assum aquela postura de humildade, o ofendido fica sensibilizado.Esta também uma maneira de educar as crianças**. (EC-6:HAC)** **Visupe:** Os filhos são educados a respeitarem os próprios pais, porque ao fazê-lo aprendem a respeitar os pais dos seus companheiros. São educados a respeitarem-se a si mesmo, a respeitar os companheiros das brincadeiras, assim como os adul isto é, cumprimentar sempre que estiver a passar perto de pessoa

	sempre que fizer encontros com indivíduos maiores de si e adult em geral. Nos nossos tempos, por exemplo, éramos educados a ajudar os mais velhos nos seus trabalhos; e sempre que deparássemos com um ancião que levasse uma bagagem pesada, ajudávamos e levávamos até em sua casa. Eram outros tempos; jovens de hoje não aceitam adoptar este tipo de atitudes. **(EC-6:HAC)** **Visupe:** Alguns respeitam-se entre si, outros não! No caso das raparigas já não se comportam como antes, porque naquele temp uma noiva passava por um processo educativo que a preparava p gerir o seu futuro lar. Depois donoivado, a rapariga ficava sob tu de uma tia paterna que a treinava como gerir o lar, cuidar do ma e dos filhos e que atitudes assumir na relação com a nova famíli marido. Durante esse período era proibida a manter relações profundas com o futuro marido; tal só poderia ocorrer a partir do do casamento. Hoje, porém a situação alterou-se e às vezes tudo passa em segredo tal, que os pais são surpreendidos com a gravi da filha, que em alguns casos é comunicada por intermédio de u das tias. Se isso ocorrer com o rapaz, quando o pai lhe pergunta, resposta é: "o pai também"… Risos. Tempos atrás, assistimos u caso de uma rapariga que tinha sido escolhida por um jovem que era do seu gosto mas, como o jovem e a sua família insistiram dizendo que gostavam muito dela, a família da rapariga aceitou noivado. Entretanto, no dia do casamento, no momento em que chegou o emissário do noivo, a rapariga simulou ir ao rio tomar banho e dali fugiu para outra comunidade, onde residia a família seu pai. O emissário do noivo esperou tanto, mas a rapariga que ao rio não regressava; enquanto alguns parentes procuravam por outros cogitavam mesmo tratar-se de uma fuga, e, assim aconte realmente. O emissário do noivo viu-se obrigado a regressar par comunidade de origem sem levar consigo a noiva.Foi um autênt drama. Quando a família localizou a noiva, ela respondeu categoricamente assim: "não quero mesmo daquele jovem! Devolvam-lhe o dote"! Risos… Por isso é que, antes as tias conduziam esse processo com muita cautela e tinham paciência explorar ao fundo, tanto o noivo, como a noiva, para certificar-s existe mesmo amor entre eles e se estavam realmente de acordo viverem juntos e constituir a família. Era desta maneira que rapa e raparigas constituíam famílias sólidas e não escândalos como têm dado a ver nos dias de hoje**. (EC-6:HAC)** **Visupe:** Os rapazes e as raparigas não se relacionam directamen com as autoridades comunitárias! Se um rapaz ou uma rapariga

	algum assunto ou problema para expôr às autoridades comunitár primeiro tem que informar aos pais, e esses, por sua vez, explica assunto aos demais membros da família alargada, a fim de em conjunto analisarem e procurarem soluções. Se forem problema provocados pelos próprios jovens, a família procura soluções. N entanto, se os jovens não acatam os conselhos familiares e protagonizam reiteradamente actos reprováveis, então, a família decide mesmo levar o assunto às autoridades comunitárias para julgamento costumeiro. Quando isso acontece, tanto rapazes cor raparigas têm que assumir as consequências dos seus actos. Alg casos têm sido levados as autoridades policiais. **(EC-6:HAC)** **Visupe:** Se verificares que num lar, marido e esposa estão envelhecendo juntos é entendimento que existe entre eles; tanto marido como a esposa possuem parentes amigos que em alguma ocasiões visitam o casal. Pode acontecer, os parentes e amigos d marido serem mal atendidos pela esposa, na primeira e na segun ocasião; na terceira o marido pode reclamar dizendo assim: "cor possível atender desta maneira os meus parentes e amigos, se eu atendo bem os seus"? Neste caso, o diálogo deve prevalecer: No entanto, pode haver entendimento e harmonia nas relações do ca quando tal acontecepodem programar visitas a efectuar junto co filhos, tanto na família do marido como na família da esposa. De maneira, os nossos filhos e os filhos de nossos parentes se aproximam e cultivam aquela irmandade que irá prevalecer, mes quando os pais deixarem o mundo dos vivos. **(EC-6:HAC)** **Pesela:** A educação era feita no *onjango* de cada família. Em ca família, os meninos e rapazes se juntavam no *onjango* para serã que era orientado por um ancião indicado como tutor da família. *onjango*,meninos e rapazes eram educados a respeitar os adultos anciãos e as anciãs, assim como respeitarem-se a si mesmos; To eram educados a terem amor ao próximo, assim como ao trabalh sessões do *onjango* eram para meninos e rapazes, porque as mer e raparigas se juntavam noutra instituição de senhoras *otchiwo.* entanto, as sessões do *onjango* eram para todos: meninos, joven adultos, pois, é ali onde os tutores contavam a história da comunidade, assim como das linhagens das famílias. Quando os meninos atingiam a idade dos dez a doze anos eram levados para outra instituição educativa que era construída na mata fora da comunidade a *evamba,* para serem iniciados. Primeiro eram submetidos à circuncisão e depois passavam seis meses a apren muitas coisas. Na *evamba*, o mestre principal o *tchiluwe* apenas ocupava de extrair o prepúcio e cuidar dos curativos da ferida; o

	resto do trabalho educativo era conduzido por adultos e anciãos comunidade. Cada neófito tinha um *nawa* que era o tutor responsável pela transmissão de *amulaly*[31], de *ovisila*[32], de *alum* de rudimentos da arte de guerra e a confeccionar vestimentas pa dançarinos, tocar batuque, cantar, dançare refinamento de habilidades.Além de tutores, havia os *asiki* (plural de *usiki*[34]) e outros anciãos que tinham funções específicas. A transmissão er feita através de *upopi*[35] mas, havia outros procedimentos como *otchindekase*[36] e *oseteko*[37]. A *evamba* terminava com uma cerim magico-religiosa denominada*esengu*, no qual o neófito era avali para certificar a sua capacidade de recordar e demonstrar o que aprendeu ao longo de seis meses e erasubmetido à prova de cora e tenacidade através do ritual denominado *okuwina*, simbolizand morte e ressureição, que consiste em ser engolido por seres alegóricos personalizados: primeiro pelo *hosi*[38], depois pelo *embwangungu*[39], passando pelo conjunto de palhaços atemorizadores, simbolicamente denominados de *ovilunlu vyapinduka*, ou seja, almas dos ressuscitados seleccionados para efeito.As raparigas que atingissem a mesma idade também eram levadas por adultas e anciãs à uma outra instituição educativa denominada *ùsó* ou *otchisambwe* na mata fora da comunidade p serem iniciadas. Ali, também elas recebiam vários ensinamentos *amulaly*, da higiene, estética e beleza feminina, de *ovisila*, de *alumbu*, da arte de cantar, dançar e eram submetidas ao refinam de habilidades. Essas instituições educativas sempre funcionara paralelo com as escolas das missões, assim como aquelas construídas pelo estado. No passado recente eram as missões da igrejas cristãs que se opunham a essas práticas educativas mas, e continuaram; no entanto, com o inicio da guerra civil em 1975, tornou-se muito difícil realizar a *evamba*, assim como a *úsó* naq condições e actualmente apenas se realizam em algumas comunidades vizinhas.**(EC-7:HA)** **Pesela:** Em primeiro lugar, o filho é aquele que obedece as instruções e as orientações de seu pai. Se o filho se considerar incapaz de cumprir com uma determinada tarefa deve pronuncia

[31]Código dos segredos da vida.
[32]Tabus
[33]Rudimentos da magia.
[34]Mestre do batuque.
[35]Oralidade; método oral.
[36]Demonstração
[37]Experimentação
[38]Leão alegórico.
[39]Alegoria gigante em forma de tartaruga que simboliza o universo.

	para o pai rever a sua decisão, ou simplesmente perdoá-lo. Um p não deve castigar o filho pelo simples facto de se mostrar incapa realizar a tarefa que lhe foi dada. Eu nasci noutra comunidade o residia meu pai, mas, passei toda a minha infância aqui e é mesm onde cresci até que me tornei homem adulto, sempre junto de m mãe e de meus irmãos, porque muito cedo, meu pai e minha mã separaram-se. Quando atingi a idade de menino, o pai quis estre relação connosco e aparecia com frequência em casa. A mãe me chamava e dizia que o pai chegou, mas eu respondia que ele não meu pai, porque se fosse, estaria cá connosco; eu era rebelde! Er pequeno, mas o meu desejo era pegar num varapau e bater meu pai.Ele continuou visitar-nos e às vezes trazia-nos roupa; a minh atitude com ele continuou até que adquiri uma certa idade e com a ter outro pensamento e por fim arrependi-me, mudei de atitude comportamento em relação ao meu pai. A mãe e os irmãos me sensibilizavam sempre dizendo: "este é mesmo seu pai". Um pa deve habituar o seu filho a respeitar a si mesmo e às outras pess pois, mesmo se um dia o filho ficar órfão, poderá lembrar sempr como o pai lhe havia educado. Por isso, todo o pai deve educar s filho ao respeito, ao amor ao próximo e ao trabalho, assim como espírito de inter-ajuda na relação com os outros; o pai que se faz acompanhar do filho nos seus afazeres acaba por dar-lhe oportunidades de ver e ouvir daquilo que os homens tratam nos encontros e nas suas conversas. Se for um filho ajuizado pede explicações ao pai sobre os assuntos tratados. Às vezes, o própri se esquece dessas coisas mas o filho pode lembrar-se. Se o pai f pedreiro deve transmitir o ofício ao filho e mostrar-lhe que cami seguir para evitar certos problemas na vida. Nosso pai é nosso D cá na terra e a mãe é nossa progenitora. **(EC-7:HA)** **Pesela:** Por exemplo, eu tenho um tio de nome Abel Epandi, qu tem uma filha de nome Elombo; essa filha está mais próxima de pai e respeita-lhe muito, apesar de ter já o seu lar familiar. O pai agora é cego, também quando consegue algo partilha com a Elo ela ajuda o pai nos trabalhos, nos negócios e outros afazeres; as outras filhas, nem tanto assim, apesar de viverem ainda juntas c pai. Portanto, não existe separatismo na educação de filhos e fil dentro do lar familiar; a educação a dar aos filhos deve ser a me para as filhas, mas, pode existir alguns aspectos que só o pai po transmitir aos filhos e noutra vertente, aqueles aspectos que só a pode transmitir às filhas. A partir daí as filhas e os filhos fazem

	opções na formação do carácter pessoal; os filhos tendem a incli ao que nós denominamos *kohonji*[40]e as filhas -*kohumba*[41]. As brincadeiras da infância demonstram isso mesmo; os filhos imit figura de pai eaquilo que ele faz, e as filhas imitam a figura de n aquilo que ela faz. **(EC-7.HA)** **Pesela:** Bem, sobre mãe e filha a coisa pode ser bem diferente; certas mamãs ensinam as filhas a serem intriguistas, caluniadoras e mentirosas. Quando isso acontece, a filha tende a assimilar a linguagem da mãe e suas artimanhas. No entanto, esta situação não é generalizável; existem outras mamãs que educam bem as suas filhas e têm boas relações. **(EC-7:HA)** **Pesela:** Tudo parte da relação entre pais, mães, filhos e filhas, d respeito que cimentam e se consolida no *onjango,* assim como n *otchiwo.* No *onjango* e no *otchiwo* participam rapazese rapariga todas as famílias nucleares, que no conjunto formam uma única família alargada. No caso de adultos, quando se juntam no *onja* tratam sobretudo assuntos de como um homem deve respeitar a esposa no lar, a família da esposa, os próprios irmãos, assim cor irmãos dela, a irmandade entre todos os parentes que deve ser preservada, considerando o lugar de cada um na hierarquia, etc, Em cada família alargada, além de pais, mães, tios, tias, primos, primas, avôs, avós, etc, existem filhos e filhas considerados com primogénitos e primogénitas; tanto esses, como os demais, cada age de acordo com o lugar e as funções que lhe são inerentes na hierarquia da grande família. Todos são aconselhados no seguin "se um membro da nossa família cometer algo contra o membro outra família, e essa, por sua vez, exigir a multa ou indemnizaçã vocês devem pagar; se a família ofendida não exigir nada, dever considerar esse gesto, para no futuro agirem da mesma maneira, quando alguém daquela família cometer contra a nossa. Entretar não devem ser reincidentes ao ponto de cometerem duas ou mai vezes contra a mesma família. Lembrem-se do ditado que diz: *o wafelelã ongumbu kavandalandalako otchiñymame*, ou seja, não atreva marchar de retaguarda em direcção ao sítio onde você pr cavou um abismo".Essas são algumas das principais pautas educativas que*onjango*e *otchiwo*familiares transmitem a todos o seus membros para serem recordados no relacionamento com ou famílias. **(EC-7:HA)** **Pesela:** Quando os homens se juntam para conversas aparecem

[40]Lado paterno.
[41]Lado materno.

	aqueles que apresentam boas ideias sobre como melhorar esta ou aquela vertente da vida, avançam com propostas para que haja n união e uma maior coesão de interesses; às vezes, aparecem aqu que em vez de apoiar as boas ideias puxam para o lado contrário coisa. Por isso, as pessoas procuram sempre aqueles vizinhos qu têm um pensamento aproximado com os quais mantêm boa rela **(EC-7:HA)** **Pesela:** Antes os jovens tinham mais respeito pelos adultos do q agora; nos tempos em que crescemos, sempre que deparávamos um adulto no caminho deixávamos maior espaço para ele passar dificuldades; se encontrássemos um ancião a carregar um embru pesado, recebíamos e levávamos até sua casa. Não observamos i nos jovens de hoje! Quando vou à minha lavra de bicicleta enco sempre crianças e por vezes jovens pela estrada e não se preocu de afastar-se para evitar acidente. Hoje, os jovens estão a assum atitudes e comportamentos incomuns devido ao aparecimento de aparelhos como vídeos que apresentam filmes de delinquência, violência, etc. As igrejas trabalham para educar as pessoas a tere mais respeito e amor entre si; as escolas também, mas há diferen entre a escola do passado recente e a actual; antes, os professore os pais de alunos tinham a mesma linguagem e se o aluno se comportava mal na escola passava por represálias na escola ou e casa. Agora que proibiram bater na escola a relação entre profes e alunos está marcada por indiferença. Esta situação tem repercussões na conduta dos jovens em relação aos adultos. Se a o adulto podia oferecer uma fruta a um jovem bem comportado, já não pode agir desta maneira, porque se depois de dois ou três o mesmo jovem sentir-se mal, pensa que foi a fruta que lhe ofereceram que está na base do mal-estar. **(EC-7:HA)** **Pesela:** Alguns jovens respeitam, outros pensam que estão ultrapassados. **(EC-7:HA)** **Pesela:** A relação entre eles depende. Alguns trocam ideias e respeitam-se entre si, outros não. **(EC-7:HA)** **Pesela:** Em primeiro lugar, a relação com as comunidades vizin advém dos casamentos. Se um jovem de Ekovongo se casa com jovem de Kambweyo, ambas famílias abrem uma nova era no se relacionamento; em segundo lugar, nos óbitos; se morre alguém Kalufele, os parentes e amigos de Ekovongo vão participar do mesmo. Em terceiro lugar, Ekovongo é o centro onde as pessoas comunidades vizinhas se aglomeravam quando a região estava assolada pela guerra civil. Em quarto, Ekovongo cresceu na mel

	das residências; contam-se aos dedos as residências com cobertu de capim e lá onde existem são anexos que funcionam como cozinhas. As comunidades vizinhas têm estado a imitar Ekovong nesse aspecto da melhoria das suas residências. Além disso, tem constatado uma tendência de competição da parte das comunida vizinhas que reclamam para si infra-estruturas como escolas, po de saúde e outros serviços que Ekovongo possui. **(EC-7:HA)** **Dona Nahenda**: Antes, os meninos, rapazes e jovens eram educ no *onjango* onde se sentavam ao lado de seus pais; as refeições levadas ao *onjango* onde eles comiam em conjunto. Agora, com guerra que atravessamos a educação do onjango não se verifica rapazes e raparigas tornaram-se irreverentes. O meu vizinho tem uma rapariga que anda muito assanhada com rapazes e quando bateu nela emigrou para a cidade. No nosso tempo, ainda que os batessem em nós não se podia sair nervosa de casa, porque de contrário, saía-se e desaparecia-se de vez, por força da própria tradição. No passado recente, os que cumpriam com as crençase tradições africanas habitavam num mesmo espaço territorial; os se convertiam ao cristianismo e seguiam a igreja europeia habita num outro espaço territorial relativamente distanciado do primei Actualmente, com a passagem pelo período de guerra estamos t misturados; às vezes, o indivíduo é membro da igreja e ao mesm tempo participa das crenças e tradições da cultura *umbundu*. Portanto, a educação era feita no *onjango* de cada família; havia muitas famílias nesta comunidade e cada uma delas era circunda por um cerco e um portão único de entrada. O mestre que confeccionava tais portões chamava-se Kalembeda família dos kanguelengue pertencente a comunidade de Ñyuñya. Mesmo ag existem famílias que prosseguem com esta prática, não obstante ausência física do *onjango*, instituição apropriada para a educaç **(EGC-8:MAC)** **Dona Nahenda**: Nos nossos tempos era diferente! Hoje, estas c ditas casas modernas que estão a construir, o que se passa lá den vergonhoso; o amante chega e bate a porta e a senhora abre para mesmo entrar, sabendo que noutro quarto estão as crianças à esp do momento de dormir. No nosso tempo havia respeito e coisas deste tipo não se faziam como fazem actualmente. **(EGC-8:MA** **Dona Jambela**: Por isso, já não há respeito! Quando uma mãe chama a filha por uma necessidade qualquer, ela responde: "diga Risos!... Antigamente, não se construía da mesma maneira que s constrói hoje. Cada família alargada agrupava-se, isto é, constru

	se várias residências num mesmo espaço e o *onjango* situava-se centro. É aqui no *onjango*, onde se passava a educação e se descrevia como estavam constituídas as linhagens: cada um de n carrega consigo oito famílias alargadas, isto é, quatro famílias maternas e quatro famílias paternas. Se na família alargada falec um bebé ou mesmo adulto preparava-se um palito e queimava-s uma das extremidades para simbolizar a morte e o mesmo palito guardado numa cabaça especificamente preparada para tal efeito mesmo procedimento se fazia quando nascesse um bebé, ou seja preparava-se um palito e pintava-se uma das extremidades com branca para simbolizar o nascimento de uma nova criatura. Quan se chegava ao primeiro dia do ano denominado *kusimosi* a famíl alargada se aglomerava no *onjango*, pegava-se na cabaça e despejava-se todos os palitos sobre a mesa para contar os nascimentos e as mortes ocorridas durante o ano ora terminado. depois disso começava a festa de fim de ano e matavam-se anim para abastecer a festa de carne. A festa decorria ao som do batuq Quando a filha atingia a idade de ter o seu lar era preciso pergun lhe: "quem é o rapaz da sua escolha? Gosta dele"? Se a rapariga afirmar gostar do rapaz, então a família reúne para analisar a situação da família a que pertence o pretendente e decidir se a escolha pode ser ou não aceite. Hoje em dia, tanto rapazes como raparigas já não comunicam a família sobre as suas escolhas e muitas das vezes são surpreendidas com a gravidez e se não hou objecção por parte da família o assunto fica mesmo assim e eles casam constituindo a sua família. O que se passa com os jovens dias de hoje deixa as pessoas coarctadas. Um dia desses, o meu vizinho batia a filha por estar a precipitar a relação com jovens s consentimento da família. Ela chorou e por fim disse: "bateram- por nada porque ainda ontem mesmo assistimos coisas semelhan na televisão". Esta afirmação deixa os pais de boca aberta sem argumento para contrapôr, porque tudo isso chega com os apare novos que são vendidos nos tempos actuais. De tudo quanto tem ouvido sobre esses filmes actuais complica-nos de tal maneira, q as vezes perguntamos: "será que não há ninguém capaz de fazer leitura e análise da situação para compreender que esta degenera de coisas poderá conduzir o mundo ao caos"? Os costumes e as tradições são sagradas porque surgiram da vontade da própria criação. Desde tempos remotos houve tentações aos seres humar se homem e mulher passavam dois anos depois do casamento se contudo obterem a flor que simbolize a sua união, as pessoas entendidas neste tipo de situações sentavam-se com o casal e perguntavam: "como tem sido o vosso dia-a-dia e como têm pas a noite? De quê estão à espera? Já é tempo de semear"! Alguns

	aconselhavam o casal passar a noite na lixeira da sua própria cas se numa família os bebés morriam alguns meses depois do nascimento, o casal era submetido a um tratamento apropriado, (era feito numa planície adjacente a um rio; com isso, o problema ficava ultrapassado porque utilizavam-se medicamentos apropriados.Voltando a sua questão, a relação entre mãe e filha não é tão harmoniosa como era no passado recente. Nos dias de o comportamento dos jovens para com os adultos, ou mesmo, p com os anciãos está marcada pela irreverência e falta de respeito **(EGC-8:MAC)** **Dona Jamba**: Os homens actuais prestam mais atenção naquilo as suas esposas dizem! Elas influenciam os maridos a não procurarem os pares para ficarem mais tempo em casa. Temos observado isso mesmo. **(EGC-8:MAC)** **Dona Jambela**: As mulheres dialogam e buscam consenso em q tudo que fazem. **(EGC-8:MAC)** **Dona Nahenda**: Actualmente, os jovens não aceitam aprender (ensinamentos transmitidos pelos adultos, muito menos dos anciã porque consideram que tais ensinamentos estão ultrapassados. Alguns dizem mesmo: "não me apresentem a esses feiticeiros". **(EGC-8:MAC)** **Dona Jamba**: A solidariedade está sofrer ruptura a favor do individualismo. Os jovens e mesmo alguns adultos têm manifest receios e desconfianças distanciando-se da fiscalização colectiva pensando que deste modo evitam os males que podem afectar as vidas, mas, em contrapartida os males são frequentes e as morte multiplicaram-se; se antes o caminho que ia ao cemitério ficava e anos com capim por não ser utilizado, hoje, porém o mesmo transformou-se numa estrada limpa devido a frequência de sua utilização pelo aumento de funerais que acontecem ao longo do Se uma vizinha adulta ou maior de idade oferecer uma fruta ao f do vizinho, é o próprio pai ou a própria mãe que arrancam a mes fruta das mãos do filho advertindo-lhe que tal pode causar-lhe a morte. Antes, quando ainda procriávamos, depois do parto as oferendas, sobretudo comida, vinha de todas as residências da comunidade; as senhoras traziam farinha, batata doce, o*tchisang* ou cerveja caseira não-alcoólica, mandioca, bombo, etc. e os hor traziam lenha. **(EGC-8:MAC)** **Dona Jambela**: Há dois aspectos a considerar na vida de uma jo

	mulher: se a jovem mulher não tiver tido a primeira menstruaçã mas ainda assim engravidar, a isto se denomina de *okahini*; o fil ou filha que nasce de *okahini*, quando crescer será um adúltero adúltera viciada. São esses e outros ensinamentos vitais que a juventude actual não quer aprender. **(EGC-8:MAC)** **Dona Nahenda**: Os jovens de hoje estão em grupos; alguns pas a vida sem fazer nada, vagueando pela comunidade, muitas veze roubando para aliciar as raparigas. Não aprendem a trabalhar pa serem dignos amanhã. Digamos que talvez seja a própria água d tempos actuais**. (EGC-8:MAC)** **Dona Jamba**: Ainda que tivéssemos anciãos com capacidade de transmitir uma boa educação à juventude enfrentariam, mesmo assim, algumas dificuldades; olha que só se educa uma pessoa q quando lhe chamam vem e aceita sentar-se para ouvir. Se for co esses jovens que quando lhe chamam ainda pergunta porquê lhe chamaram, então as coisas seriam, mesmo assim, muito complicadas. De resto, só se educa aquele jovem que aceita sent para lhe dizer: "oh meu filho, se tiver plano de ter a sua própria família tenha cuidado ao arranjar a sua futura companheira, porq aqui temos famílias de feiticeiros, de ladrões, etc. Na vida, é necessário agir e comportar-se bem e não enveredar por comportamentos que lesam a dignidade de outras pessoas ou agi prejuízo dos outros". **(EGC-8:MAC)** **Dona Jamba**: Noutro dia, eu ia passando pela estrada e os rapaz estavam ali a jogar a bola. Quando me viram, alguns diziam: "ep Cuidado que vem aí uma pessoa"; mesmo assim, um deles fez u remate contra o meu peito e caí ao chão. Nesse dia aprendi a disparatar! O senhor secretário que estava ao lado ouviu o dispa e reclamou; perguntei-lhe se ele também estava indiferente com sucedido. Eu passei uma semana doente com dores do peito. Se pessoa ofendida leva o caso junto dos pais, esses muitas vezes defendem os seus filhos. Por isso, alguns comportamentos negat dos jovens têm sido encorajados por nós próprios que somos pais. **(EGC-8:MAC)** **Dona Nahenda**: Actualmente, os jovens não aceitam aprender o ensinamentos transmitidos pelos adultos, muito menos dos anciã porque consideram que tais ensinamentos estão ultrapassados. Alguns dizem mesmo: não me apresentem a esses feiticeiros. **(EGC-8:MAC)**

	Dona Nahenda: Actualmente, nenhuma mãe pode ter ousadia d dizer que sua filha não se identifica com tais práticas; agora, são filhas de pastores e diáconos que estão a trazer em casa de seus filhos de pais incertos. No passado, havia senhoras que tiveram também filhos de pais incertos mas eram casos isolados, não era frequente como nos dias de hoje. **(EGC-8:MAC)** **Kamela**: Cada ancião membro do Conselho Real é, ao mesmo tempo, tutor responsável pela educação da família que integra o *onjango*. **(EC-9:HA)** **Kamela**: Há dificuldades! Geralmente, as famílias impedem os filhos e as suas filhas a terem relacionamento directo com lídere comunitários. Existem alguns receios, talvez porque acham que soba seja feiticeiro. Esse receio existiu sempre, desde o passado pais argumentam que mesmo eles que são adultos se relacionam o soba de forma acautelada. Pode calhar, como habitualmente, o jovens fazerem encontros com o soba e seus coadjutores ao circularem pela comunidade. Nessas circunstâncias, os jovens podem chegar perto dele e cumprimentar-lhe com todo o respeit **(EC-9:HA)** **Kamela**: Entre pai e filho tem de haver necessariamente uma bo relação, porque senão, onde é que o filho poderá dirigir-se quan arranjar problemas? Entre pai e filho tem de haver uma relação d respeito. Se o filho não participa do serão com o pai ele se auto-exclui e não tem hipótese de conhecer a memória do passado, m menos saber coisas importantes para a vida de uma pessoa. Cab pai explicar aos filhos qual fora o passado da família, como se relacionavam com outras famílias, que actividades a família ven desenvolvendo no decurso da sua história, com que famílias celebram casamentos, etc., etc. É com base a este historial que o filho traça os seus planos de vida. **(EC-9:HA)** **Kamela**: De igual modo, entre pai e filha a relação é de respeito respeito é algo que deve existir não apenas entre pai e filhos, ma também entre pai e filhas. Essas também, quando arranjam problemas é sempre ao pai onde se dirigem para os solucionar. N entanto, a educação dos filhos e das filhas é tarefa tanto do pai c da mãe. Às vezes, na ausência do pai, os filhos e as filhas desobedecem as orientações da mãe. O pai pode exercer a sua autoridade como educador mas, quem mais cuida dos filhos e fil é sempre a mãe. É a mãe que instrui aos filhos e as filhas a praticarem o respeito e as normas de como estar e agir na socied não mexer em coisas alheias que trazem problemas. Aprender a

	trabalhar para conseguir aquilo que necessita na vida; respeitar a vida do outro e não enveredar pelas práticas que levam ao tribur costumeiro, onde as multas são pesadas. A mãe ao instruir desta maneira, os filhos aprendem os ensinamentos da convivência so **(EC-9:HA)** **Kamela:** A relação entre jovens e adultos tinha outro sentido no passado, porque os jovens faziam mimo perante os tios e visitav lhes regularmente, mesmo quando residissem noutra comunidad tios recebiam os sobrinhos com respeito e pediam a eles que descrevessem o estado de saúde dos pais, dos irmãos e demais parentes. Os sobrinhos permaneciam alguns dias em casa do tio acabarem com as saudades; durante a estadia, os tios aproveitav oportunidade para transmitir aos sobrinhos vários ensinamentos, reforçando e consolidando as pautas educativas transmitidas, tan pelo pai, como pela mãe. Os tios reforçavam os ensinamentos d pais dizendo: "quem vos teve é vossa mãe e vosso pai, mas eu s irmão de vossa mãe; além de mim existem outros irmãos e irmã vossa mãe e de vosso pai, que devem conhecer e respeitar. Além parentes, devem respeitar tambémoutras pessoas, sejam elas jov ou adultas". De regresso a casa dos pais relatavam a forma cordi como foram tratados pelos tios, primos, etc. Isso não quer dizer a relação entre sobrinhos e tios seja linearmente extensiva a outr adultos que não fazem parte do seu parentesco; os jovens se relacionam com os adultos em geral respeitando-os, mas, não no moldes que o fazem com os adultos do seu círculo de parentesco passado, se uma jovem fosse notificada por um jovem para ser s pretendente, ela devia confidenciar o assunto ao tio ou à tia, pois eles que têm o direito de comunicar o assunto aos pais. O jovem deve proceder da mesma maneira. São as tias e os tios que em conjunto com os pais e demais parentes analisam todos os detall positivos e negativos da família pretendida ou da família do pretendente. **(EC-9:HA)** **Kamela**: O relacionamento entre os homens depende do grau de proximidade que cada um entende forjar com os demais. Partind minha própria experiência posso mesmo dizer que tenho boas relações com alguns comunários, que não residem próximo de n inclusive participo do serão e da ceia quando visito a eles. Não m comporto da mesma maneira com os demais comunários, apesar existir entre nós relações de vizinhança, amizade e respeito. O mesmo se passa quando se realizam casamentos; não se convida comunários no seu todo, ou seja, participam do casamento aquel que foram previamente convidados. Os próprios familiares do no

	e da noiva organizam uma relação de pessoas a convidar, quer s adultos, ou jovens; a noiva e o noivo também apresentam a sua relação de rapazes e raparigas que fazem parte do seu círculo de amizades. No entanto, nos casamentos aparecem sempre aqueles voluntários que não foram convidados mas, marcam presença pa fazerem parte da festa. Em casos de óbito a situação é bem difer porque se trata da morte de alguém que deixou de fazer parte da e do convívio na comunidade. Quase todos se sentem atingidos, comovidos, pelo sucedido. O sentimento de tristeza por parte da pessoas se faz notar através de expressões tais como: "esse rapaz cumprimentava as pessoas com respeito"; "será que o fulano mo mesmo"? Toda a gente aparece no local e gritam chorando para exprimir o seu inconformismo e sentimento de indignação. Tudo isso devido a boa relação que tinha com as pessoas, o respeito e amor ao próximo; se, pelo contrário, o falecido não tivera respei nem amor na relação com os outros, as reacções são bem diferen Alguns dizem: "não era pessoa alegre e não respeitava as pessoa Assim se fez o seu destino". Quando morre esse tipo de pessoas, comunarios não aparecem em massa no local do óbito; a maioria permanece nas suas casas, observando à distância tudo quanto a está passando. Situação do mesmo género acontece com aquelas famílias que não participam dos óbitos dos outros; quando morre algum membro dessas famílias as pessoas dizem: "essa família n participa dos óbitos que ocorrem nesta comunidade; não particip dos trabalhos de cavar a sepultura, muito menos noutros trabalho É que a pessoa enlutada tem olhos para ver quem está com ele naquele momento de profunda dor. Quando as pessoas regressam cemitério e se dirigem ao local onde se encontra a bacia de água lavar as mãos, a família enlutada está a observar e tirar nota de q está com elenesses tristes momentos. No passado recente tivemo um caso de género de um comunário que faleceu-lhe uma criança Por se tratar de alguém que não participa dos óbitos dos outros, poucas pessoas apareceram no local; eu e mais dois homens, num total de três pessoas tivemos que ir sozinhos à mata procurar len para o óbito. Voltando ao assunto dos casamentos, em 2005, o n filho primogénito decidiu casar-se pela igreja adventista do sétim dia; no dia do casamento aconteceu um caso inédito. Os meus parentes e os meus amigos apareceram em massa mesmo sem se convidados e disseram-me assim: "nós aparecemos mesmo sem convite porque queremos ralhar consigo e fazer uma censura com si. Como é possível realizares o casamento de seu filho sem convidar-nos? Pelo respeito e amor que tens connosco decidimo aparecer na festa, apesar de ter-se esquecido de nós. Será que alg dia praticamos alguma maldade contra si, para chegares ao ponto

	ignorar-nos no casamento de seu filho? Nós viemos sentar aqui j marcar a nossa presença e dar testemunho ao casamento de seu filho". O pátio da minha residência encheu-se de gente. Tudo iss pelo facto de eu estarbem com os outros. **(EC-9:HA)** **Kamela**: Se no seio de uma família não existir pautas que orient o dia-a-dia e a vida dos seus membros, essa família corre o risco enfrentar inúmeras dificuldades e inúmeros problemas; Digo ist porque a preguiça por exemplo, não surge na idade adulta; quan temos crianças dentro do lar familiar é possível observar e saber habilidades tem essa ou aquela criança, desde a sua infância. As crianças são membros constituintes das famílias, logo, é principalmente a elas que se deve orientar o trabalho educativo. próprio tenho um sobrinho que veio o ano passado da cidade pa viver comigo cá na comunidade; antes, eu pensava que sendo alguém que veio da cidade, não era capaz de realizar trabalhos d campo, tal como é hábito cá na comunidade. Como ele encontro minha filha a kasova e outros primos, aliou-se e adaptou-se rapidamente e nunca ficou atrás nos trabalhos que temos realiza Se nós que somos familiares adultos não educarmos as crianças jovens ao trabalho, quando esses também se tornarem adultos e criarem os seus próprios lares terão problemas no relacionament com os maridos e as esposas que eles mesmo escolheram para ju viverem ao longo da vida, sobretudo nas questões do trabalho. Is pode levar-nos a nós os pais fazermos juízo errado de que a noss filha ou o nosso filho está sendo maltratado ou maltratada, esquecendo-se de que a preguiça partiu da infância e do lar onde criaram. **(EC-9:HA)** **Lisoso**: Nos encontros do dia-a-dia os homens falam sobre as variações do clima durante o ano e os tipos de produtos que se d cultivar nessas épocas. Há pessoas que só cultivam por cultivar porque não têm conhecimentos sobre as variações climáticas e o de sementes a aplicar no solo para que possa obter uma boa colh É também nesses encontros onde os homens abordam assuntos relacionados com o bem-estar da família e outras questões de relacionamento entre as pessoas na comunidade em geral. Algun consomem o álcool e quando isso acontece há sempre probabili de alguns desentendimentos no relacionamento com os demais. **(EC-10:HA)** **Lisoso**: Existem relações entre comunários e autoridades comunitárias, mas, tais relações não são efectivas como se desej que fossem; no passado, o exercício do poder era simples e tinha

	outro carácter. Agora, como o soba recebe salários a atitude das pessoas também mudou. As pessoas evitam uma proximidade efectiva com o soba porque o mesmo pode pensar que esses pretendem o seu trono. No entanto, há outros anciãos com os qu temos mantido relações efectivas porque nos contam como era a vida no passado, como se relacionavam e nos transmitem alguns ensinamentos das suas experiencias de vida. Nos óbitos e nos casamentos os anciãos narram tudo quanto foi a vida no passado fazem comparação com a vida de hoje; têm sido momentos em q aproveitamos conhecer melhor a vida do passado. **(EC-10:HA)** **Lisoso**: Como é do hábito existem aquelas relações de respeito a adultos no seu todo**. (EC-10:HA)** **Lisoso**: As relações entre pais e filhos podem ser divididas de du maneiras: num lar familiar onde existem filhos e filhas todos deveriam acatar a educação do pai e da mãe, mas não é bem assi os filhos têm a tendência de auscultar mais o que diz o pai do qu aquilo que a mãe diz a eles. Mesmo na ausência do pai, se a mãe disser ao filho: " isto que estás a fazer, este seu comportamento denunciado ao pai", o filho muda imediatamente de atitude e comporta-se bem. Seria desejável que tanto a mãe como o pai exercessem a mesma autoridade sobre os filhos e as filhas; nós q pais temos tentado inverter essa situação, mas, infelizmente isso ainda não se passa assim. Isso se deve talvez a própria dinâmica evolutiva actualmente em vigor. **(EC-10:HA)** **Lisoso**: Já não é como no passado. No passado recente, sempre q houvesse desvios de comportamento por parte dos jovens, os membros de uma família alargada, isto é, avôs, tios, tias e os próprios pais se reuniam para analisar o comportamento dos filh filhas que integram a família, para repreender aqueles que manifestam tendência de atropelar as normas de convivência in familiar e social. Hoje, porém algumas famílias fazem esforços p manter essa linha de relacionamento intra-familiar; outras nem t devido a atitude dos próprios jovens que procuram ignorar o pap dos elementos que integram a estrutura da família alargada. Alg jovens quando são repreendidos por tios e tias respondem categoricamente dizendo: " não es meu pai! Não es minha mãe" Esses jovens, só respeitam opiniões de seu pai e de sua mãe. Inclusive há outros que desobedecem o próprio pai e a própria m entre os jovens do passado e os de hoje há uma diferença abisma **(EC-10:HA)** **Lisoso:** Existem boas relações, particularmente nos óbitos e nos

	casamentos; geralmente, sempre que há óbito cá no Ekovongo, c residentes das comunidades vizinhas de Tchavaya, Longulu, Kambweyo e outras, mobilizam-se para participarem do mesmo de cá fazem o mesmo quando acontece um óbito numa das comunidades vizinhas. Esta relação de boa vizinhança decorre, principalmente dos casamentos inter-comunitarios entre os de cá de lá. No entanto, há uma grande distância no plano das relações trabalho e desenvolvimento. Um pouco para lá da vizinha comunidade de Kambweyo localiza-se uma pequena comunidad baptizada com o nome de Sapiti; os residentes daquela pequena comunidade procuram sempre imitar as iniciativas de crescimen que ocorrem aqui no Ekovongo. Eles também produzem tomate, cebola, couves, repolho, alho, etc., além de outros produtos agrícolas; do mesmo modo, criam bovinos, caprinos, suínos, etc Assim, encontramos naquela pequena comunidade quase de tud temos cá no Ekovongo: bicicletas, motorizadas, geradores de energia, e isto já é muito bom. As outras comunidades vizinhas também tentam imitar as iniciativas de Ekovongo, mas sem gran sucessos; eles cultivam bem as lavras durante a época chuvosa, quando chega a época de cultivar as hortícolas eles relaxam. Por exemplo, esta é a época de cultivar hortícolas, mas os residentes Kambweyo e de outras comunidades vizinhas estão engajados n produção de carvão vegetal e prestação de serviço de táxi que é com motorizadas. Hoje em dia, a produção de milho, feijão, mandioca, não é suficiente para os agricultores crescerem; é pre diversificar a própria produção. Daí que, o crescimento económi nessas comunidades não se iguala ao de Ekovongo. Para as comunidades e os produtores rurais de hoje são as hortícolas que estão a impulsionar o seu crescimento económico e um certo be estar**. (EC-10:HA)** **Kamela**: Existem relações entre nós, porque os habitantes das comunidades vizinhas são maioritariamente oriundos de Ekovon Repare! Se eu me desloco para a comunidade de Longulu não é contactar com todos os habitantes daquela urbe; posso saudar aquelas pessoas que se depararem comigo, mas não para hosped me em qualquer residência. Poderia dizer o mesmo em relação a comunidade vizinha de Tchavaya; quando me desloco àquela ur dirijo-me concretamente ao tio e a tia que lá residem, ao Soba ou outro líder comunitário, ou então ao catequista da nossa igreja. S não encontrar os parentes directos dirijo-me ao Soba, que pela b relação e respeito que existe entre nós pode hospedar-me e perno em casa dele; não me dirijo a qualquer pessoa devido ao receio, só da minha parte mas também da parte dele; pode ser que ele n

	me viu e nem sabe se eu sou sobrinho dele; ele pode pensar que trata de um ladrão que veio assaltar a sua residência. Por isso, quando nos deslocamos para qualquer uma dessas comunidades porque temos um propósito e destino concretos, isto é, pessoas q podem acolher-nos e dar testemunho acerca de nós para qualque eventualidade;de contrário corremos o risco de sermos confundi com um ladrão qualquer ou um indivíduo mal intencionado. Nos casos de casamentos, as pessoas se deslocam de uma comunidad outra apenas quando são convidados; fora do convite o indivídu pode ser considerado de aproveitador. Geralmente, quando se tr de casamento, o convidado sempre se faz acompanhar de pessoa que lhe são mais próxima. Esta situação acontece também nos c de óbito. Entretanto, além dos laços inter-familiares existem out situações que implicam um relacionamento no plano mais ampl refiro-me a questões relacionadas com a conservação e preserva dos espaços históricos comuns do nosso reino. Quando se trata d campanhas de limpeza desses espaços e dos rituais que se realiz para a nossa protecção colectiva, todos são convocados e aparec em massa a fim de participarem dessas actividades.Recentement houve partidas de futebol em que os jovens de Ekovongo disput com equipas oriundas dos bairros periféricos da cidade do Kuito duas disputas que você próprio acompanhou, Ekovongo venceu equipas da cidade. Desde aquela data, os jovens da comunidade vizinha de Kambweyo prometeram desafiar a equipa de Ekovon nos próximos tempos. **(EC-9:HA)** **Pesela:** Em primeiro lugar, a relação com as comunidades vizi advém dos casamentos. Se um jovem de Ekovongo se casa com jovem de Kambweyo, ambas famílias abrem uma nova era no se relacionamento; em segundo lugar, nos óbitos; se morre alguém Kalufele, os parentes e amigos de Ekovongo vão participar do mesmo. Em terceiro lugar, Ekovongo é o centro onde as pessoas comunidades vizinhas se aglomeravam quando a região estava assolada pela guerra civil. Em quarto, Ekovongo cresceu na mel das residências; contam-se aos dedos as residências com cobertu de capim e lá onde existem são anexos que funcionam como cozinhas. As comunidades vizinhas têm estado a imitar Ekovon nesse aspecto da melhoria das suas residências. Além disso, tem constatado uma tendência de competição da parte das comunida vizinhas que reclamam para si infra-estruturas como escolas, po de saúde e outros serviços que Ekovongo possui. **(EC-7:HA)** **Visupe:** Primeiro é nos óbitos. Às vezes, existe parentesco por afinidade de casamento entre a família enlutada de Ekovongo e

	família de outra comunidade vizinha. Uma vez comunicado o ób família da outra comunidade, essa por sua vez, comunica aos seu vinhos de residência e não é necessário convidá-los; eles próprio predispõem-se a acompanhar-lhe para participarem do óbito acontecido no Ekovongo. E, vice-versa. O mesmo se passa nos casamentos.O segundo aspecto dessa relação é ao nível dos líder comunitários. Se o líder da comunidade vizinha tiver um proble que ele não consegue resolver sozinho, convida o seu homólogo Ekovongo para juntos debaterem o assunto e buscarem soluções terceiro aspecto está relacionado com os limites territoriais. Exis limites territoriais entre Ekovongo e as comunidades vizinhas qu não podem ser violados, mesmo nos casos detrabalhos agrícolas Temos limites com as comunidades de Kambweyo, Longulu, Sa e Tchavaya. Aqui mesmo na nossa comunidade, cada família alargada tem as suas terras de cultivo devidamente demarcadas: família dos Simoy, dos Nguengu, dos Kesongo, etc, tem as suas terras de cultivo repartidas a cada família nuclear. (Uma espécie cooperativas familiares). **(EC-6:HAC)** **Katola**: A relação tem tido maior visibilidade nesses grandes acontecimentos. Permita explicar-me melhor! Suponhamos que natural da localidade de Savimboto ou da localidade de Yeyele e decidi imigrar para Ekovongo, onde me casei e constitui a famíl porventura receber um comunicado da morte do meu parente ocorrida lá onde nasci, toda a família da esposa que por afinidad casamento acaba sendo minha também, todos os meus amigos partem junto comigo para a localidade do óbito e participar dele Depois do óbito, isto é, depois do rito de limpeza das cinzas do mesmo óbito, ainda permanecemos lá alguns dias para apresenta aqueles que me acompanharam desde Ekovongo e explicar em pormenores o grau de afinidade ou de amizade que mantenho co cada um deles aos meus familiares directos. É uma oportunidade para a minha família avaliar a minha conduta naquela localidade para onde emigrei e o grau de solidariedade dos habitantes de Ekovongo. A partir desta assembleia inter-familiar, os jovens do meu círculo familiar compreendem melhor como fui acolhido e tenho sido bem tratado pelos habitantes de Ekovongo; logo, têm oportunidade de sondar as raparigas belas que integram a minha caravana e decidir se podem ou não avançar para uma proposta amizade, que na maioria dos casos, também termina em matrimónios. Por um lado, a partir do relato feito por mim sobre hospitalidade da família que me acolheu em particular e dos habitantes de Ekovongo em geral, isto é, como alguém com capacidade de explorar novas realidades, alguns parentes meus,

	podem decidir seguir o meu exemplo, por saberem das bases familiares, económicas e sociais que criei na nova localidade de residência, isto é, criar bases para acolher e acomodar os outros; outro lado, os jovens que são meus parentes fazem a sua avaliaç para decidir se podem apostar numa rapariga de Ekovongo. As raparigas de Ekovongo que integram a minha caravana também oportunidade de avaliar o grau de hospitalidade da minha famili decidir pela aceitação ou negação das propostas de amizade que eventualmente lhes sejam feitas por jovens do meu círculo familiar.Os meus parentes ficam motivados a visitar-me no Ekovongo onde fixei residência permanente; é desta maneira qu boa relação e o bem-estar criados por uma pessoa acabam por extrapolar-se a uma relação inter-familiar mais abrangente. **(EGC-11:HAC)** **Katola:** Esta questão remete-nos para aquilo que referimos atrás não há respeito para com as autoridades comunitárias. No passa quando a comunidade estava efectivamente estruturada em famí alargadas havia respeito; agora, não tanto assim. Naquela altura, todos os problemas que surgissem em cada família eram transmitidos ao Rei através do tutor familiar. É nessa altura que havia efectivamente respeito com as autoridades comunitárias; (Hoje em dia, a atitude e o comportamento de desrespeito pouco difere entre jovens e adultos ditos modernos. As únicas pessoas referência por quem guardo memória são: o ancião de nome Kambyambya que faleceu com pouco mais de 80 anos e o anciã nome Ndumba, que faleceu com 122 anos de idade, em Fevereir 2012, e ambosviviam na vizinha comunidade de Kalufele. Aqui Ekovongo, posso mencionar o ancião Paulo Lusati e o ancião Ju Lwali. Os demais pensam que os anciãos são feiticeiros. Os jove não se cuidam para viver muitos anos e pensam que os anciãos vivem mais tempo porque têm amuletos que cuidam deles. **(EGC-11:HAC)** **Katola**: No plano económico também existem relações, embora com a mesma intensidade como no passado. Eu que sou resident Ekovongo posso entregar os meus porcos, cabritos ou mesmo bo ao cuidado e responsabilidade de um amigo residente na comun de kalufele ou mesmo a um amigo residente na comunidade de Nguengu. Ali os animais reproduzem-se e multiplica-se o núme em cada ano posso realizar uma visita aos meus amigos para obt dados ou informações sobre a situação dos mesmos. Às vezes sã proprios amigos que se deslocam para cá visitar-me e informar c

	os animais estão se reproduzindo; depois de alguns anos, e tend conta o aumento do número de animais, eu próprio tomo a inici de visitar os amigos e gratificar-lhes pelo bom trabalho que têm realizado, isto é, dividir os animais de modo que eles também se sintam satisfeitos com os resultados do seu trabalho. Os meus amigos também podem proceder da mesma maneira; entregar a seus amigos aqueles animais que receberam de mim para esses criarem. Desta maneira, a riqueza que era de uma pessoa acaba se expandir e beneficiar muita gente. Com a expansão da riquez também se expande a amizade entre as várias comunidades.É es inter-ajuda que impulsionava o desenvolvimento nas comunida reduzia em certa medida a inveja e o ódio entre pessoas da mes comunidade e entre pessoas de comunidades vizinhas;havia por uma solidariedade enraizada e as coisas eram praticamente abundantes. As relações não estavam tão mercantilizadas como temos assistido actualmente; praticamente era uma ofensa e até vergonha irreparável, se um indivíduo se dirigisse à um parente um grande amigo com dinheiro para comprar algo para comer, que, este comportamento é interpretado como uma acusação inj contra alguém de bom senso, que neste caso é tido como avare No plano do cultivo de terras, da caça e da produção de mel, as comunidades estão devidamente delimitadas.Quando a gente re alguém que veio cá na comunidade com o objectivo de fixar residência permanente, como ele tem barriga e trás consigo a su família, o primeiro passo é ir com ele ao campo para mostrar-lh terreno onde pode desenvolver actividades de produção a fim de poder sustentar-se; mas deve ser um terreno vasto, visto que, at dele poderão seguir outras pessoas com as quais tem afinidades. deve trabalhar sem receios e se a produção dele for de pequena dimensão, aquele que cedeu o terreno pode ir ao encontro dele incetivar-lhe a produzir um pouco mais. Posso mesmo dizer que prática de vender terras não faz parte da nossa cultura, visto que nascer nós encontramosa terra e isto quer dizer que ela é para to e quando morremos a deixamos e não acaba. Portanto, não havi prática de vender terrenos ainda que seja para a construção de residência e são estes valores que estão na base do nosso clamo veemente porque o mundo moderno quer enterrar tudo. **(EGC-11:HAC)** **Pole:** É bom viver numa comunidade rural, mas aqui há muita inveja. Digo isto porque eu era aventureiro e já tinha dado avanços na vida, mas o ano passado escapei morrer. Fui informado que ali mesmo nos escombros do Palácio Real tem

	diamante e mercúrio no seu subsolo. Confidenciei o assunto a um europeu amigo que não sei lá tão bem em que organização o mesmo pertencia. O amigo veio da cidade com o material e construiu no sítio uma pequena estrutura de betão para servir de sinal. Alguns dias depois, o meu amigo tornou a vir cá acompanhado de um outro elemento e começamos com a escavação no local. Alguém apercebeu-se de que estávamos a realizar um trabalho de escavação no local sagrado e foi denunciar às autoridades costumeiras. No dia seguinte fui convocado e submetido a um interrogatório; confessei os meus propósitos, mas mesmo assim, exigiram-me uma multa de duas cabeças de gado bovino. Como eu não tinha bois nem dinheiro para os comprar, os membros do tribunal costumeiro discutiram o assunto e atenuaram a pena para eu pagar uma cabra, uma galinha e uma embalagem de cerveja. Se não fosse essa denúncia dos invejosos, hoje eu estaria rico**. (EC-12:HJ)** **Pole:** Tivemos um líder comunitário de nome Pedro que durante seu consulado defendeu os jovens, sobretudo em ocasiões de recrutamento compulsivo dos jovens para ingressarem ao serviç militar obrigatório durante o período da guerra. Nos dias de hoje não temos quaisquer relações com os actuais líderes. **(EC-12:HJ)** **Pole:** Entre nós temos boas relações. Quando nos juntamos às ta normalmente debatemos questões de como devemos organizar e conduzir bem os nossos lares; aconselhamo-nos uns aos outros a responder às provocações das nossas esposas, porque se num lar todos agem como animais selvagens a vida complica-se. O prob é que não temos pessoas que assumem a liderança da camada juvenil, que podessem indicar caminhos a seguir para haver desenvolvimento. No período colonial, quando os missionários chegaram aqui com o propósito de estabelecer a missão e criar escolas, os líderes de então não aceitaram e eles seguiram para Kamundongo, onde estabeleceram a missão e criaram escolas pa instruir os fieis. Por isso, os outros de Kamundongo beneficiaram instrução, ao passo que nós ficamos à margem desse processo e continuamos pobres. **(EC-12:HJ)** **Pole:** A relação entre nós existe apenas ao nível do parentesco. N do âmbito parental cada jovem segue a linha de orientação da su família. Dentro do seu próprio lar, cada jovem tem o seu modo d vida e a linha de orientação que guia as suas acções. O nível de v dos jovens das comunidades vizinhas difere do nível dos jovens

	Ekovongo; eles estão um pouco atrás se comparados connosco, porque eles consomem muita bebida alcoólica. No caso de óbito por exemplo, nós de cá temos muita união, mas eles não; quand morre alguém numa comunidade vizinha, os jovens que vão ao cemitério cavar a sepultura exigem da família enlutada víveresc galinha e um garrafão de bebida alcoólica para consumir durant tempo que ficam a executar o trabalho. Isto assim não se pode considerar como ajuda prestada à família enlutada. Essa exigênc víveres junto da família enlutada não existe cá no Ekovongo. N plano dos matrimónios existe um certo intercâmbio, isto é, as raparigas das comunidades vizinhas preferem os rapazes de Ekovongo, mas as raparigas de Ekovongo não aceitam casamen com jovens do outro lado. A relação mais intensa que existeentr jovens de Ekovongo e os jovens das comunidades vizinhas é sobretudo no futebol; tem havido encontros competitivos entre equipas de Ekovongo e equipas das comunidades vizinhas; poss mencionar as partidas que realizamos com as equipas de *Kambw Elunda* e *Kambweyo-Eyala*, de *Kalufele*, de *Tchavaya* e de *Sakasenye*. Neste plano temos óptimas relações e em quase toda partidas competitivas saimos sempre a ganhar; quando algumas equipas das comunidades vizinhas perdem a partida procuram subterfúgios para justificar actos de pancadaria como forma de vingança. **(EC-12:HJ)** **Sekeseke:** Quando éramos adolescentes e na qualidade de alun desta escola brincávamos e jogávamos a bola entre nós. Despois brincadeiras acolhíamos às nossas casas e participávamos do se com os mais velhos que nos transmitiam algumas pautas de com viver com os outros em comunidade. Diziam-nos que era neces ir à escola e obedecer àsregras da comunidade escolar; que era necessário acatar as orientações do professor e participar das campanhas de limpeza organizadas pela escola. Diziam ainda, q civismo deve começar nas nossas próprias casas. Além disso, aconselhavam-nos sobre como viver em tempo de guerra, como relacionar com pessoas de outras comunidades vizinhas em cont de guerra. Mesmo actualmente, em algumas sessões de serão os velhos transmitem-nos determinados conhecimentos relacionad com actividades laborais; por exemplo: dizem-nos que devemos abstermo-nos de tudo aquilo que não somos capazes de realizar vida, visto que, o atrevimento pode causar enormes prejuízos ao pais e aos demais elementos da comunidade. Podemos considera duas perspectivas ou duas opções; se tornar rico ou se tornar pob Tudo depende das opções que o indivíduo procura realizar na su vida. Este tipo de desafio atravessa também a consciência dos

	produtores do campo nas comunidades rurais. Se os meus primo vizinhos produziram, comercializaram e compraram coisas boas também solicitar alguns sacos de adubo ao estado, então poderei conseguir aquilo que os outros compraram. É esta orientação qu devemos seguir na vida. Suponhamos que o outro adquiriu um determinado bem, um automóvel, por exemplo, e eu fico com os braços cruzados pensando que ele comprou por ser rico, mas eu pobre e não posso imaginar essa possibilidade; logo, acabo por t inveja e criar o ódio para com os outros. A ser assim, estaríamos destruir o espírito comunitário e a criar dificuldades ao desenvolvimento; nenhuma comunidade pode desenvolver-se co pessoas assim. É este o desafio que temos nos dias de hoje. Pode solicitar apoios ao estado, mas, isso só poderá funcionar se estudarmos e tivermos vocação para fazer as coisas a acontecer; assim acontecer, teremos garantia de que aquele indivíduo será u engenheiro dos petróleos, o outro será um engenheiro de minas enfermeiro. Isto é que é mais importante. **(EGC-13:HJ)** **Visese:** Com relação à educação posso dizer que ela existe! O *onjango* como edifício construído é que não erguemos por enqua devido a situação de guerra que viviamos a bem pouco tempo. N entanto, na família nuclear cada pai faz tudo para educar os seus filhos e filhas. Eu, por exemplo, poderia construir o meu, mas, a sou jovem e esta não é idade para ter autonomia de construir o *onjango* próprio! Mas, ainda assim, diria que tenho o meu *onjan* se considerar os momentos de encontros que tenho tido com out jovens do meu círculo parental e amigos, a quem tenho transmit algumas pautas educativas relevantes para a vida de uma pessoa que só poderiam ser adquiridos no serão de um *onjango* habitua Olhando para o passado e para o tempo em que nasci, e rebusca educação que me foi dada pelos pais na altura, eu também consi educar os meus filhos. **(EC-14:HJ)** **Visese:** Ao enviar a criança na escola, eu como pai dou-lhe os seguintes conselhos: "meu filho, tu deves ir à escola. Repare! Ha dias, o filho do vizinho comprou uma motorizada, porque ele trabalha e ganha dinheiro. Ele está a seguir o exemplo e as orientações de seu pai. Tu também deves seguir o meu exemplo! Ao meu filho Tchisingi e aos seus irmãos tenho aconselhado o seguinte: "olhem para a minha situação; meu pai, que foi vosso morreu há muito tempo! Se eu optasse por ser gatuno, hoje já nã existiria, teria morrido há muito tempo; vocês também não teria nascido de mim. É deste pequeno exemplo que vocês devem tira base para construirem o vosso raciocínio"! Este é um pequeno

	exemplo daquilo que podemos considerar educação. Além do exemplo que acabei de dar a educação pode ser feita em diversa modalidades: se uma criança de casa for considerada de traquina deve ser submetida a uma educação um pouco diferente da habit que denominamos *epokwiso,* isto é, educação moral; inclusive a minha própria esposa se revelar um comportamento traquino, também ela deve ser submetida a este processo de *epokwiso*. Eu como marido devo dizer a minha esposa assim: "minha esposa, siga o modelo da Kasinda, pois, ela é uma mulher traquina. Siga modelo da Epandi; repare como ela combina a beleza do corpo o seu bom comportamento. É isto que deve servir-te de modelo" passado, o marido podia dar um puchão de orelha à sua esposa, fosse traquina, mas agora a polícia pode subir por cima do home quando se bate nela. **(EC-14:HJ)** **Visese:** Existem relações entre nós e pessoas de maior idade, po de contrário não estaríamos aqui; «*malanga okutunda olombing wanda utate leñyanga*», isto é, se a palanga cresceu até lhe saíre chifres é porque acautelou-se dos caçadores. Para que possamos atingir a idade dos mais velhos devemos andar com eles; por iss existem relações entre nós e os mais velhos. Se um jovem lesar outrem, o lesado recorre aos mais velhos, a fim de explicar o sucedido, para esses procederem a acareação entre irmãos desavindos; nessas circunstâncias, como será resolvido o diferen se o jovem lesado não tiver relações com os mais velhos? Simplesmente eles dirão: "não conhecemos este jovem". Aquele jovens que não receberam a boa educação de como viver na comunidade recorrem à polícia quando são lesados para apresen queixa; mas os jovens que foram educados em como viver na comunidade, primeiro apresentam o caso aos pais, e esses, por s vez, levam o caso à justiça costumeira. Quando um jovem leva caso de um diferendo à justiça costumeira, os mais velhos dizem "andaste bem e agiste bem, porque tiveste juízo e decidiste reco nós. Fizeste bem correr até nós, numa altura em que entre vós ap ocorreram ofensas verbais e não há ferimentos. Vamos chamar- para auscultar a ambos, e aferir, quem entre vós o culpado e malandro". Nisto, os mais velhos têm sido acolhedores e pruden A nossa geração vive numa época conturbada; eu por exemplo, meu linguajar pode confundir as pessoas. Aqueles que não saber disso é que dizem: *nda wakasikama konjo yukulu otcho wakatambula umbanda*, isto é, se seruar em casa de um ancião é para receber feitiço. Quem assim pensa está enganado, porque s cometer terá que recorrer ao mais velho para esse intervir na resolução do problema. *Umwine utilala kelimi*, ou seja, quando

	dedo se queima socorre-se da língua, porque a queimadura pode acontecer em circunstâncias em que nos distanciamos da água. A nossa língua neste caso é o ancião! Pode acontecer o caso em qu jovem reside aqui no Ekovongo e o seu pai reside na comunidad vizinha de Kambweyo; se por acaso esse jovem que reside no Ekovongo tiver algum diferendo com outro jovem e precisar da intervenção de uma pessoa maior para acareação; será que o jov terá que viajar até Kambweyo onde reside seu pai? Ou recorre a vizinho de maior idade para proceder a acareação? Por isso, se o outros dizem que eu frequento o *onjango* de um ancião para rece feitiço é porque estão enganados; isso é próprio das pessoas habituadas a afirmar coisas sem fundamento. Para quem tem consciência de como viver na comunidade não cria receios desta natureza, nem pode abster-se de se relacionar com pessoas de m idade; infelizmente, esta nossa geração está constituída por jove que têm muita desconfiança. **(EC-14:HJ)** **Visese**: É conforme acabei de descrever; por um lado, existe no de jovens aqueles que respeitam e se relacionam com os mais ve e autoridades comunitárias. São aqueles jovens que receberam u boa educação, participam nos óbitos, nas cerimónias de noivado casamentos costumeiros, etc. E desta maneira, recebem pautas educativas que são transmitidas neste tipo de eventos. Por outra, existem jovens que não respeitam os mais velhos aqui na comunidade, mas, se todos fossem da mesma estirpe, claro que n estaríamos aqui. **(EC-14:HJ)** **Visese**: As relações inter-familiares diferem de família à família casos de doenças, óbitos e casamentos, as relações se articulam consoante o modelo educativo vigente na família em causa. Exis famílias unidas e solidárias, e outras que são desunidas. Aqui na comunidade temos algumas famílias que têm aquela cultura de abertura e flexibilidade; com essas famílias, ainda que eu tiver a desentendimento com um dos seus membros é mais fácil fazer a acareação e restabelecer o bom relacionamento no dia seguinte. as famílias cínicas, um diferendo pode levar ao corte no relacionamento por muito tempo. No plano intra-familiar a situa é bem diferente, pois, ainda que existir diferendo entre membros mesma família alargada, eles próprios criam mecanismos de acareação internamente. **(EC-14:HJ)** **Visese**: Sim! Temos relações diversas e não apenas no plano familiar; o facto de ter amigos na comunidade vizinha pressupõe

--//--- **1.2. Cosmovisão**	existência de boas relações. Por exemplo, se um indivíduo de Ekovongo receber o comunicado da morte da mãe do seu amigo residente na vizinha comunidade de Savimboto, ele é capaz de paralisar as actividades que tinha por realizar e seguir viagem pa aquela comunidade onde tem lugar o aludido óbito, a fim de participar da cerimónia fúnebre e dar algum consolo ao seu amig que agora se encontra enlutado. A mesma atitude se verifica nos casamentos e noutros trabalhos; se o amigo de Savimboto receb comunicado sobre a execução da obra de construção de residênc do seu amigo de Ekovongo, ele não hesita em viajar para cá, a fi de participar dos trabalhos. No plano dos trabalhos temos consta uma certa solidariedade entre nós de cá e os outros de lá. Vou da um exemplo recente: quando iniciamos com o projecto de criaçã nossa cooperativa, o Presidente da mesma deslocou-se da cidade Kuito e veio contactar comigo; durante a conversa perguntou-m "quais em sua opinião os indivíduos que podemos admitir como membros da cooperativa"? Em resposta, citei os comunários que residem aqui no Ekovongo, os comunários de Ekovongo que trabalham e residem na cidade do Kuito, mas ao mesmo tempo exercem actividades agrícolas aqui na comunidade de origem, e repente, lembrei-me de todos os indivíduos que têm boas relaçõ connosco, apesar de residirem nas comunidades vizinhas de Kalufele, kambondo e Sakaseñye; decidí incluír todos esses na l de membros da cooperativa pelo facto de existir boas relações e nós. Além disso, temos também relações de afectividade que se concretizam através de casamentos; no plano do desporto a situa é idêntica, ou seja, a selecção de futebol de Ekovongo tem receb de forma regular as selecções congéneres das comunidades vizi para competições amistosas. Quando a selecção de Ekovongo re por exemplo, uma equipa proveniente de um bairro da cidade do Kuito, temos convidado os bons jogadores das comunidades viz para reforçar a nossa selecção e ganhar a partida. Portanto, tudo é possível graças ao bom relacionamento que existe entre as nos comunidades. **(EC-14:HJ)** **Mwenho:** Nos contactos e nos encontros que mantemos entre n muitas vezes obtemos outras informações e outras instruções de como realizar isto e aquilo e muitas vezes pode nos impulsionar coisas que vão melhorar a nossa vida. **(EC-15:HAC)** ----///---- **Ndalu**: Segundo o nosso costume ancestral, se nosso avô já falecido aparece no sonho e pede para que seja venerado com o ritual de *otchisunji*, a família deve mobilizar-se para cumprir

	com o pedido feito; neste caso, a família deve arranjar um machado pequeno e duas espigas de milho como primeiro passo e aceitação do pedido; o tutor da família faz preces e pede ao defunto para esperar que cheguem os meses de Maio, Junho e Julho, período propício para a realização do ritual. Esse ritual serve para expulsar o espírito, ou melhor, aplacar a ira do espírito revoltado que se apossou do doente e a partir daí ele fica mesmo curado. Risos... Velhos e velhas participam todos do ritual; come-se e bebe-se a cerveja caseira que na língua local denominamos *otchimbombo* e alguns optam por aguardente local de fabrico artesanal que denominamos *kandingolo*. No dia seguinte de manhã, na presença de velhos, velhas, adultos, jovens e crianças o curandeiro mestre da cerimónia prepara o balaio enchendo-lhe porções de *eputa* e nacos de carne e posteriormente coloca o mesmo balaio sobre a sua cabeça fazendo preces aos antepassados. Em seguida, a comida do balaio é distribuída a todos, isto é, cada indivíduo tira do balaio uma porção de *eputa* e respetivo naco de carne e come mesmo ali no local; tudo isto é acompanhado de batuques e cânticos próprios para este tipo de ritual. **(EGC-11:HAC)** **Ndalu**: Falei do ritual denominado *otchisunji*; é um ritual que se realiza para a cura de enfermidades. Quando o enfermo é consultado pelo curandeiro, este entra em contacto com o espírito antepassado dizendo que ele está possuído pelo seu avô ou pela avó já falecidos; neste caso, orienta a realização do ritual de *otchisunji* (exorcismo). A *ehamba* ou *ahamba* é outro ritual de invocação e apaziguamento do espírito antepassado para interceder junto do supremo a fim de este comunicar a origem da enfermidade e as modalidades de sua cura através do próprio doente. É da *ahamba* que vem a orientação para o enfermo construir a *etambo* de veneração ao antepassado, que neste caso se apresenta como seu Anjo da Guarda. Eu que estou aqui a falar não posso fazer nada sem o Anjo da guarda; você mesmo também circulas em companhia do seu Anjo da Guarda. São nossos próprios antepassados que agora são nossos espíritos protetores. Nós chamamos de *Osande* ou *olosande* mas os europeus chamam de Santo o seu Anjo da Guarda. Se for um espírito maligno consideramos de *ondele* ou *olondele* que é preciso expulsar através do exorcismo. No entanto existem dois tipos de *ahamba*: a *ehamba* de *ombwiyo* e a *ehamba* de *Okandundu*. Tal como referi atrás, no passado remoto não tínhamos a doença de reumatismo; o que havia e

	ainda existe nos dias de hoje é a doença de *ombwiyu*; se o meu pai morre, ao reencarnar não vem diretamente a mim, mas sim, ao meu filho que é seu neto. Em mim pode reencarnar o meu irmão mais velho, pois ele pode solicitar-me para que lhe seja construído um santuário; neste caso, o santuário deve ser inaugurado com a realização da festa e ritual próprio para este tipo de situações, em que a família prepara *otchimbombo* - a cerveja caseira, abate uma cabeça de bovino se assim exigir. No santuário devem ser colocados objetos próprios como a mesa, a cadeira coberta de pele do boi, dois pratos de esmalte brancos, dois copos de vidro, um frasco de bebida e outros objeitos por ele próprio solicitados. Depois de tudo isto organizado, o tutor da família profere preces implorando que o espírito proteja todos os membros da família alargada e todos comem da comida preparada para esta festa. Após um mês aproximadamente, os produtos comestíveis e a bebida contida no frasco devem ser consumidos pelo proprietário do santuário substituindo-os por produtos novos que sejam da mesma espécie. O que acabei de descrever diz respeito a *ehamba* de *Ombwiyu*. Se hoje em dia existem cá na nossa região pessoas que imitam os rituais dos *Ngangelas* fazem-no talvez por vontade própria, visto que, *ombwiyu* é autêntico dos *Ovimbundu*. A *ehamba* de *Okandundu* é bem diferente; existe uma árvore denominada *ohulo* que cresce geralmente até atingir uma altura maior. É o pau desta árvore que é cortado para servir de posto onde o possesso sobe com rapidez inabitual e se posiciona para entrar em transe; a agilidade inabitual que ele revela ao trepar até ao cimo de um pau comprido, liso, untado de óleo de palma e chumbado no solo é sinal de presença e manifestação do espírito Anjo da Guarda de toda a família. O ritual começa com a execução de *cântigos* apropriados harmonizados com o batuque. Tudo começa com a doença prolongada do candidato à possessão, e, é ele próprio que solicita da família a realização de tal ritual; mas, mesmo assim subsiste a dúvida entre os membros da família alargada. Só depois de uma hora ou mais, de execução de cânticos e batuque surge o sinal que se manifesta na pessoa eleita, quando este rompe do seio do conjunto familiar e sobe rapidamente até ao cimo do aludido pau de *ohulo*. A partir desse acontecimento ele está definitivamente identificado como o eleito possesso do espírito- Anjo da Guarda da família alargada. Posteriormente, a família alargada complementa com outros procedimentos próprios para esse tipo de situações. Quando alguém solicita que lhe seja feito a *ehamba* de

	ombwiyu ou de *Okandundu* esse é considerado como possesso do espírito *Otchipuku* da família alargada. **(EGC-11:HAC)** **Ndalu**: Existe, porque quando se fala de espírito referimo-nos de alguém que morreu, mas que adquiriu outra dimensão existencial. Por exemplo, se um indivíduo marcar uma viagem e sonhar com um malefício, é sinal que não deve ser desprezado porque pode acontecer na realidade no decurso da mesma. **(EGC-11:HAC)** **Katola:** Deus e outros seres que habitam nos céus acompanham tudo que fazemos cá na terra. Eles vêem tudo! Nós é que não vemos a eles; eles observam, orientam, aconselham e educam; repare, quando caminhamos às vezes fazemos encontro com alguém, que depois da saudação nos alerta: "ali onde vais tenha cuidado! Ouvi pessoas a dizer coisas que não são boas"; passado algum tempo escutamos que ali onde queríamos destinar aconteceu algo malévolo; para nós isto significa que o nosso espírito protetor manifestou-se através desse indivíduo para nos alertar de algo mal que poderia acontecer connosco. Daí que, nós sozinhos cá na terra sem Deus, nem aqueles espíritos que morreram e se encontram ao redor dele, não seriamos capazes de realizar grande coisa; ainda que não sejamos capazes de realizar muito daquilo que eles desejam, pelo menos seguir as suas orientações e venerá-los. Algumas pessoas negligenciam esta parte; nos dias de hoje, por exemplo, há muitas divergências porque uns seguem orientações corretas, mas outros contrariam. Nesta conjuntura há que saber fazer opções, porque de contrário corremos o risco de terminar num beco sem saída; aqueles espíritos que nos têm orientado começam a rir-se de nós porque nos desviamos dos bons caminhos. Até chegarmos ao arrependimento será demasiado tarde. É preciso saber conciliar a relação com os seres da terra e com os seres dos céus; não deixar-se cair em ambições diabólicas, em busca do bem imediato porque a desgraça não tardará chegar. **(EGC-11:HAC)** Katola: Sim, existem porque toda a pessoa possui três almas: possui a alma que ele próprio vê e caminham juntos; possui ainda outra alma invisível que caminha junto com ele; porém, possui outro espírito invisível que é anjo da guarda. Se porventura o indivíduo praticar malefícios durante o dia, o anjo da guarda regista tudo e quando o mesmo dorme a noite, ele leva os registos para os céus junto de outros seres supremos; o

	anjo da guarda toma nota de tudo, inclusive as datas e as horas. Quando o indivíduo morrer, ainda que não souber ler, nem escrever irá encontrar os registos de tudo que andou a fazer desde o nascimento até ao resto da vida e será ele próprio a ler tais registos. Não há diferença entre coisas da terra e coisas dos céus. Repare! Temos cá na terra soldados que executam atividades muito importantes e protegem as pessoas; temos os polícias que vigiam tudo que as pessoas fazem, mas, ainda assim, temos aquele anjo da guarda que se ocupa apenas de registar tudo que fazemos. Tudo que há na terra existe também nos céus. Aquele indivíduo que comete crimes, ainda que for julgado cá na terra, passará por um julgamento mais severo nos céus; se for condenado a uma pena de cinco anos de prisão cá na terra, nos céus será condenado a uma pena de dez anos, e só será integrado naquela sociedade depois de um longo período de castigos severos para ser purificado. Praticamente, é o mesmo que se passa com as pessoas nas cadeias de cá na terra; trata-se de uma reeducação para a reintegração do indivíduo na sociedade. Por isso, não há diferenças entre a vida na terra e a vida nos céus. Portanto, é nosso dever cumprir com as normas e ensinamentos que orientam as relações aqui na terra, porque as mesmas vigoram também nos céus. **(EGC-11:HAC)** Katola: Os anjos da guarda executam orientações que emanam dos céus, mas quando reencarnam numa pessoa que vive na terra, esses recebem denominações tais como *Okandundu*, *otchipuku* etc. e a pessoa torna-se um indivíduo possesso; é uma dádiva divina que emana de Deus, mas as pessoas às vezes não compreendem isto e julgam que o individuo enlouqueceu. Essa dádiva divina é dada a todos; tomemos o seguinte exemplo: dois indivíduos que possuem lavras semeiam milho; um semeia com algum conhecimento, outro talvez não tanto e descuida-se. O primeiro, bem poderia ter uma boa colheita mas acontece o contrário; o segundo, apesar do seu descuido inicial corrigiu a falha e conseguiu colher mais. Aquele que colheu pouco pensa que o outro colheu mais porque aplicou técnicas supersticiosas; começa então a criar ódio contra o indivíduo que colheu mais. A dádiva seria neste caso para todos, mas as pessoas nem sempre têm a mesma capacidade de interpretar os sinais que recebem na relação com os espíritos invisíveis; na criação de gado acontece a mesma coisa. Quero com isto dizer, que na criação da riqueza também participam anjos da guarda que aconselham como

	proceder para ter sucesso; alguns criam a riqueza num curto período de tempo. No entanto, a riqueza desaparece com a mesma rapidez com que foi criada; a dádiva lhe foi mesmo dada assim e não poderia durar por mais tempo**. (EGC-11:HAC)** **Katola:** Sim existem relações entre vivos e mortos. Se tentarmos uma incursão a questão das etnias e parentesco entre famílias iremos constatar que existem no seio dos membros que constituem tais estruturas, pessoas cujos rostos são fotocópias de parentes já falecidos há bastante tempo; isto acontece porque essas pessoas falecidas há bastante tempo se tornaram santos, reencarnaram-se em nós e acompanham tudo que fazemos em nossas vidas. **(EGC-11:HAC)** **Ndalu**: São fenómenos que as pessoas vivenciam na realidade. Eu tenho meu tio chamado *kosenge* que é da linhagem deste reinado em que nos encontramos. Em vida contou-nos um acontecimento que ele próprio vivenciou. Ele vivia na comunidade vizinha de *Nguengu,* mas depois mudou-se para *Ekovongo*; certo dia, vinha de *Nguengu* para *Ekovongo* à tardinha. Ao chegar no cruzamento de caminhos, ali bem próximo desta comunidade ouviu vozes de três pessoas a falarem de perto; parou para observar quem eram, mas não viu ninguém ao redor. Mesmo assim, parou alguns minutos para escutar o que eles diziam; cada um deles citava o nome da pessoa a quem se destinava, mas advertia: "se não cuidar bem de mim vou regressar". Ele parou e escutou tudo o que diziam; ao entrar na comunidade manteve o sucedido em segredo e não contou a ninguém. Passados alguns dias, as senhoras da comunidade que estavam grávidas deram luz a seus bebés, atribuindo-lhes aqueles nomes que foram citados na conversa que ele escutou. No entanto, existe um tabu para com os bebés, quer seja aqui na comunidade, ou quando são levados à lavra pelas próprias mães; não se deve colocar dois bebés que ainda não engatinham deitados juntos. Os bebés conversam entre si; um diz: "se eu chorar, minha mãe vai me pôr a mamar"! Outro responde: "eu estou sofrendo; por isso, ainda que chorares ninguém te dará a mamar! Hoje, antes mesmo de anoitecer vou-me embora! O primeiro põe-se a chorar. "Ñe… Ñe! E a mãe vem dar-lhe de mamar; o segundo diz: "eu também vou tentar fazer o mesmo para me darem de mamar e põe-se a chorar. "Iña… Iña… Iña"! A mãe responde! "Queres retardar-me o trabalho"? As outras pessoas que estão trabalhando com ela na lavra advertem: "vá dar de mamar ao bebé"! O bebé

	continua chorando e a mãe não faz caso; somente ao cabo de muito tempo essa mãe vem dar de mamar ao seu bebé. No mesmo dia, ao princípio da noite, esse bebé começou a ter febres e por fim morreu. Risos… Isto quer dizer que nunca se deve colocar dois bebés deitados juntos; é preciso preparar um berço para cada um em separado. Os bebés são por natureza, os eleitos preferencialmente pelos espíritos. Os santos reencarnam em pessoas vivas desde bebé. Atualmente, observamos costumes que não existiram no passado, ou seja, as pessoas atribuem aos seus bebés nomes de indivíduos que ainda vivem. Antes mesmo de morrerem, esses indivíduos dispõem desde já de pessoas que lhes são homónimas, isto é futuros possessos. No passado não era assim; os bebés só podiam herdar nomes de indivíduos já falecidos. Portanto, quando observamos numa criança um semblante, traços característicos e hábitos de um parente já falecido, as pessoas dizem que a criança é parecida com o defunto - seu homónimo; não é bem assim! Não é questão de aparência; é o próprio defunto reencarnado na criança exercendo funções de anjo da guarda. **(EGC-11:HAC)** **Katola:** Essa criança começa a praticar quase tudo que seu homónimo defunto praticava em vida. Se em vida o defunto era caçador, seu possesso também herda a mesma arte e adquire as mesmas habilidades; quer dizer que o indivíduo está possuído por um espírito *(otchipuku)* de caça. Se em vida o defunto era ferreiro, o possesso também herda essa arte e adquire as mesmas habilidades, e por aí em diante… **(EGC-11:HAC)** **NDalu**: Quando um indivíduo morre o seu corpo é levado ao cemitério para ser sepultado! No entanto, o seu espírito somente acompanha o corpo ao cemitério, mas depois regressa junto com as pessoas à sua residência habitual. Há um ditado que diz: "a floresta queima, mas o caminho não queima e fica para sempre"; é o corpo de uma pessoa que morre, mas o seu nome fica para sempre**. (EGC-11:HAC)** **Sapwile:** Antigamente, não adoravam a Deus; apenas citavam o nome de Deus; quando as pessoas juravam – juravam pelo pai ou pela mãe; havia cultos; não havia hospitais convencionais e as pessoas construíam *atambo* [8], onde veneravam os antepassados e realizavam preces pedindo-lhes proteção e intervenção quando era necessário; alguns realizavam *otchisunji* [9]em que dançavam palhaços e eram

	sacrificados animais como galinha, cabrito, ou mesmo boi; e ainda outros rituais de cura de doenças como, por exemplo, *ahamba* [10]; quando alguém adoecia muito e o tratamento ervanário não resultava, procurava-se o adivinho para determinar a causa da doença; Em alguns casos, o adivinho determinava que o doente estava possuído por um antepassado que pede uma caçada, um santuário de caça; depois de tudo cumprido, o doente curava, praticava a caça, ganhava dinheiro e prosperava, e, mesmo sem hospitais as pessoas curavam. No passado, a riqueza advinha de súplicas, preces e veneração aos antepassados. **(EC-1:HAC)** **Sapwile**: As vezes, o doente está possuído pelo espírito do seu antepassado mas, como é membro da igreja, não crê nas coisas que se faziam no passado e não realiza os rituais solicitados. Então, como está a refilar, o antepassado leva-lhe consigo e empurra-lhe para brigar com alguém; mas quando esse indivíduo reage da provocação pode pronunciar ameaças, se não for prudente. Por pronunciar ameaças, o indivíduo pode ser acusado de bruxo. Portanto, determinadas enfermidades de que padecemos advêm do abandono das nossas tradições. Deus tinha dotado as pessoas de muitas faculdades, de tal sorte que, naquele tempo, era tão normal um individuo encontrar-se com um parente ou familiar já falecido, mas agora, quando isso acontece as pessoas deduzem que se trata de um milagre. Antigamente, se um indivíduo padecia de uma enfermidade prolongada fazia preces pedindo intervenção aos pais e avôs já falecidos e dizia-se assim: oh minha mãe! Oh meu pai! Oh meu avô! Não sei o que fazer para livrar-me desta enfermidade; vos peço ajuda. Depois de pronunciar as preces por duas ou três vezes, eles apareciam no sonho do indivíduo enfermo dizendo assim: não é possível dar-te medicamentos às mãos diretamente mas, se fores à mata poderás encontrar uma planta ou uma erva com essas características, leve-a consigo e prepare-a para tratar-se da enfermidade de que padece. Se isso acontecer nos dias de hoje as pessoas cogitam tratar-se de algo incomum ou de uma situação misteriosa. O que se passa é que, desde o momento em que Deus abandonou a terra, só estamos a funcionar com a alma e o ar que respiramos; mesmo os nossos ancestrais que nos acudiam em situações difíceis também afastaram-se longe de nós, porque Deus circulava junto com eles e eram os nossos anjos da guarda. Antes, faziam-se preces através de um varapau ou através de um grão de milho, mas agora nada disso funciona; os bruxos e outros

	malfeitores tornaram-se mais fortes do que os anjos da guarda. **(EC-1:HAC)** -**Sapwile**: A própria Bíblia fala de um único Deus a quem se deve crer; e, mais adiante fala de Pai e Filho; o autor desta escritura afirma: "cremos como Filho de Deus, mas ficamos duvidosos; é que a figura de Filho de Deus também é Deus"; é assim ou não? São escrituras trazidas pelos missionários quando vieram aqui. Tal como me referi atrás, no passado, cada indivíduo suplicava e venerava seus avôs, bisavôs, Trisavôs e antepassados-trespassados. As pessoas sabiam da existência de Deus que está nos céus mas, no plano individual, cá na terra, as pessoas só conhecíamos o pai e a mãe que são seus progenitores. Mas, havia espíritos *olosande* [11] como *Okandundu* [12], *Otchipuku* [13]que eram das famílias ou linhagens. No caso de *Okandundu*, era preciso cortar um pau fresco e comprido que era descascado e espetado na terra em posição vertical; na ponta do pau pregava-se uma pequena tábua que tinha a forma de uma cruz. Quando o possesso entrava em transe gritava "hei…" saía do chão e montava rapidamente o referido pau e sentava-se na tábua, onde ficava a profetizar; por exemplo, alertava quando se avizinhava uma invasão armada ao território; ou se a região iria ser atingida por uma praga de insetos que destroem plantas nos campos cultivados. Os espíritos ajudavam as pessoas e exerciam funções diferenciadas: havia ainda espíritos da caça, assim como da cura que solicitavam rituais de *ahamba* apaziguamento em que as pessoas curavam ainda que estivessem em coma. **(EC-1:HAC)** **Sapwile**: Voltando à sua pergunta, a relação entre nós que vivemos aqui na terra e os seres do mundo do além é feita através dos espíritos. Por exemplo, este ano estamos todos a lamentar pela falta de chuvas, mas ninguém está a ser capaz de criar chuvas e abrir rios por sua própria vontade. No princípio, quando Deus criou o universo era tudo água; não havia separação entre a terra e os rios. A separação só aconteceu mais tarde por obra do próprio Deus, e foi ele próprio que resolveu povoar o mundo com animais e plantas para garantir a vida das pessoas. Portanto, o próprio Deus é que distribui as funções entre vários espíritos e é ele que sabe quem dirige os demais; é como um reinado. Nem todos podem ser reis, porque o espírito de reinar acompanha a raiz da linhagem onde ele se encarnou desde os tempos remotos. Todos os domínios do saber humano são dirigidos por espíritos respetivos; o

	agricultor é agricultor, o construtor é construtor, o mecânico é mecânico. **(EC-1:HAC)** **Kapoko**: Existem várias manifestações culturais como por exemplo, uvala [61]; existe também a festa de cura das enfermidades *otchisunji*. Essa festa realiza-se quando uma pessoa cai enferma e consultando o adivinho este determina que a mesma está possuída pelo seu avô falecido que precisa de uma festa. A família organiza-se, prepara comidas variadas incluindo o sacrifício de um cabrito e culmina com a dança de *ovinganji* [62] se o possesso for homem e *otukayula* [63] se for mulher. É uma festa para a cura de uma enfermidade. Ainda sobre as enfermidades temos outra cerimónia denominada *ahamba,* que se realiza se a origem da doença é de índole espiritual como por exemplo, *ombwiyu.* Quando a enfermidade indicia tratar-se de *ombwiyu* a família recorre ao adivinho, que por sua vez, recomenda a realização de *ahamba* – ritual para identificação e apaziguamento do espírito ancestral. A aceitação da parte do espírito ancestral se manifesta quando o possesso entra em transe e começa a explicar tudo aquilo que o espírito deseja que a família faça em seu nome. O espírito começa por dizer assim: "eu cheguei e desejo que a família faça isto…"; pode dar-se o caso em que o espírito recomenda a panela de *ombwiyu* ou então exige a constituição de *ongombo* [64], para que sempre que houver alguém enfermo, o possesso possa entrar em transe e adivinhar ou descobrir a origem da enfermidade, assim como os medicamentos necessários a sua cura. **(EC-3:HAC)** **Kapoko**: Religião como tal não havia porque quem trouxe a primeira Igreja Protestante foi um missionário canadiano chamado Sander em 1884; ao passo que a Católica veio por intermédio do Padre Ernest LeCompte que se estabeleceu noutra margem do rio *kukema* em 1892, localidade que atualmente apelidam de *minjenje*. Não tenho conhecimento de outras crenças religiosas; fala-se de seres espirituais *olosande* os santos ou deuses; não sei como funcionavam. Há uma planta que denominam de *ohulo* – uma espécie de pau ferro comprido que é cortado e preparado de modo que seja possível pregar-lhe uma pequena tábua em uma das suas extremidades; o mesmo pau é implantado em posição vertical no pátio da residência do indivíduo que se assume como vidente ou profeta, por possuir capacidades de se comunicar com os espíritos provenientes do outro mundo. Quando o mesmo indivíduo sente a presença do espírito e se sente possuído pelo

	mesmo ele adquire habilidades extraordinárias chegando mesmo ao ponto de subir rapidamente até a extremidade do pau, onde se posiciona sentado; é a partir dali que começa a falar de coisas que vão acontecer no futuro; o espírito que se comunica com esse indivíduo é denominado *Okandundu*; recentemente, eu próprio encontrei esse tipo de planta *ohulo* na ruína de uma aldeia denominada *k'ombunji*, que se localiza não muito distante desta comunidade de *Ekovongo* à 5 km aproximadamente. Mas, atualmente, constata-se que a previsão daquilo que há de acontecer resulta do estudo das ciências; digo isso porque tenho um calendário que explica que durante o ano em curso a lua irá parar várias vezes, assinala as horas e os dias em que essa paralisação terá lugar; e, da mesma maneira explica que durante o ano em curso o sol irá parar várias vezes, assinala as horas e os dias em que essa paralisação terá lugar; tudo isto resulta do estudo das ciências e são aquelas pessoas que estudaram que possuem capacidades de visualizar aquilo que poderá acontecer no futuro. Voltando ao assunto das crenças religiosas, no passado falava-se de *Embelenguenje* [67], um ser sobrenatural vestido de peles que corre fugindo quando se depara com um ser humano a qualquer hora do dia na floresta; a medida que vai correndo deixa cair um pedaço das suas peles e se o indivíduo apanhar o mesmo pedaço de pele e levar consigo a sua casa, ele cairá em coma. Daí, não há outra saída senão chamar o adivinho-curandeiro para descobrir a causa do desmaio; o adivinho-curandeiro, por sua vez, descobre que o enfermo deparou-se com *Embelenguenje* na floresta que deixou-lhe um pedaço das suas peles para tornar-se um ilustre caçador. A partir daquele momento, sempre que o mesmo indivíduo se dirigir a floresta se depara com animais de caça e abate-os com muita facilidade. Neste caso se considera que o indivíduo está possuído pelo espírito de caça. Eu nunca vi com os meus olhos, mas tenho ouvido falar deste ser sobrenatural. Bem, fala-se também de um outro ser chamado *Otchipuku* que eu não sei lá muito bem quais são as suas funções. **(EC-3:HAC)** **Hosi:** Nós não vemos os que vivem lá. Eles é que nos veem! Risos… Nós não conhecemos lá; só poderá conhecer aquele que for para lá definitivamente! **(EGC-4)** **Livonge:** Eles é que nos veem a nós cá na terra! **(EGC-4)** **Livonge**: Foram as escrituras e os cientistas que trouxeram o nome de Deus! E foram eles que trouxeram também a religião.

	Antes da chegada deles, apenas chamávamos o nome de Deus porque vemos os céus. **(EGC-4:HAC)** **Hosi**: Às vezes sonhamos com pessoas que morreram há muito tempo. **(EGC-4:HAC)** **Hosi:** Esses são os santos; são aqueles que morreram há muito tempo e regressam para reencarnar-se em alguém ou possui-lo. **(EGC-4:HAC)** **Livonge**: Eles próprios decidem reencarnar. De acordo com a Bíblia, nenhum morto foi aos céus; todos estão mesmo aqui na terra connosco. Nós é que não os vemos, mas eles nos vêem sempre; um indivíduo enfermo pode sonhar com um parente já falecido que lhe mostra o medicamento para curar a doença. Um caçador pode receber a bênção ou talento de caça a partir do parente já falecido. Há quem sonha com o parente já falecido a mostrar-lhe o lugar onde poderá encontrar dinheiro ou outra bênção que seja. Antigamente, os mortos eram vistos pelas pessoas vivas, mas não eram casos frequentes. As pessoas que viam os mortos com frequência são aquelas que tiveram algum litígio com o defunto quando esse ainda estava em vida. **(EGC-4:HAC)** **Dona Kayovo**: Esses existem e sempre existiram; eles comunicavam aos vivos coisas verdadeiras e curavam realmente as pessoas que padeciam de certas enfermidades. Não mentiam! Se uma deidade quisesse manifestar-se possuindo alguém, primeiro fazia-o padecer de uma enfermidade por longo tempo, até que a família decidisse consultar um adivinho ou curandeiro para realizar-lhe o ritual de *ahamba*. No decurso de *ahamba* os familiares imploram: " se fores realmente nosso espírito antepassado que possui nosso parente manifeste-se e pronuncie-se de tudo quanto deseja que lhe seja feito". Com essas preces ele se pronuncia através do indivíduo enfermo que entra em transe dizendo: " eu sou o fulano" e a família responde: "obrigado! Obrigado por ter-se manifestado" batendo palmas. Em seguida perguntam-lhe: "que deseja"? O espírito descreve de tudo que deseja. Se ele solicitar uma cabeça de bovino a família tem mesmo de cumprir e neste caso perguntam-lhe: "qual é o tamanho e a característica do boi que deseja"? Ele responde: "desejo um touro" e prossegue descrevendo as características do bovino de sua preferência. Neste caso, a família torna a perguntar-lhe: "será que em vida andou a matar filhos alheios e que agora lhe estão a cobrar indemnização". Se em vida o mesmo espírito

	andou a matar filhos alheios ele responde: “sim andei a matar e agora estou sofrendo; por favor ajudem-me a indemnizar para libertar-me do sofrimento”. A família deve proceder em conformidade. Portanto, *ahamba* são crenças que existiram e ainda existem atualmente. É fácil identificar o santuário onde se realizam os rituais de *ahamba*; basta verificar umas casotas ornadas com as paredes pintadas de tinta vermelha e tinta branca. Nos dias de hoje verifica-se uma redução de frequência dos rituais de *ahamba* devido ao surgimento de muitas igrejas e seitas religiosas na nossa região. **(EC-5:MAC)** **Visupe:**Temos no Palácio Real um santuário, *onjo yo hongolo*, onde se faziam preces aos antepassados, sempre que houvesse estiagem e outras calamidades. Infelizmente, o santuário sofreu transgressões durante a guerra e não se está a prestar a devida atenção no sentido de reconstruir as suas estruturas físicas e sua completa reabilitação. Além disso, existem espíritos dos antepassados *olosande* ou *olondele* que reencarnam em pessoas reais, mesmo quando essas pessoas aderem a uma igreja cristã. Esses espíritos são tão fortes que quando reencarnam em alguém, o mesmo entra em transe e começa a falar de algumas verdades e predizer situações que irão acontecer no futuro. Se o possesso continuar com a sua opção pela igreja cristã esses espíritos forçam-no a desistir, sob pena de ser vítima da ira desses e viver situações desagradáveis em toda a sua vida. Cada um de nós tem *otchipuku*, ou seja, espírito protetor ou anjo da guarda, que nos protege, intervém e nos presta auxílio em tudo que fazemos. Há também espíritos malignos; por exemplo, se a pessoa viva for possuída pelo espírito de um antepassado que em vida se dedicou a roubar, ele também torna-se um gatuno incorrigível. Risos… Existem ainda outros espíritos em forma de amuletos e em forma de objetos personalizados que só podem ser encontrados no cesto de um adivinho ou curandeiro. Portanto, antes da chegada dos missionários europeus sabíamos que existe um Deus, chamado *Suku*, mas não era adorado e não tínhamos igrejas para adorar aos deuses. Eu também tenho uma pergunta que você tem que responder! Quantos anos passaram desde que nasceu Jesus Cristo? - Resposta: passaram 2012 anos; Ah… Afinal sabe! Antes disso, já existiam crenças religiosas mas, foi com Jesus Cristo que as coisas começaram a ser melhor esclarecidas.

	No passado recente, quando chegaram os missionários a comunidade passou a ter duas Igrejas: a Católica e a Protestante; mas agora, temos cinco, ou seja, além das duas temos ainda, a Igreja Adventista do Sétimo dia, a Apostólica e a Pentecostal. Na assembleia realizada no mês passado, fomos informados da existência de um total de 24 (vinte e quatro) igrejas que já se estabeleceram aqui na nossa província e o governo admitiu que isso acontecesse; agora tudo é negócio. **(EC-6:HAC)** **Visupe**: Quando uma pessoa morre a sua alma continua viva. Repare! O meu ofício herdei de meu pai e ele tinha herdado de seu pai, que foi meu avô; logo, isto pressupõe que eles continuam vivos, porque estão comigo. É verdade ou não? Se o meu pai e o meu avô não reencarnassem em mim, saberia eu este ofício? Claro que não! Risos… As pessoas, cujos antepassados se dedicavam a bebedeira, quando esses reencarnam nelas, também se tornam bêbados incorrigíveis! É verdade ou não? Risos… É por isso, que não se pode atribuir um nome qualquer a um bebé; não se nomeia alguém de qualquer maneira. **(EC-6:HAC)** **Visupe**: Ok! Pode ser que não tivera casa nem sabia ofícios; mas então, tinha nascido de quem? Não tinha crenças? Será que não tinha parentes consanguíneos? Se assim for, o espírito desse defunto passa a vida a vaguear pelas ruas como uma borboleta. Risos… Você pergunta muita coisa! Risos… O espírito de uma pessoa que morre nessas condições passa a vida a vaguear pela terra, molestando as pessoas vivas! **(EC-6:HAC)** **Visupe**: No corpo de um ser humano habitam dois espíritos: o espírito da linhagem materna e o espírito da linhagem paterna. **(EC-6:HAC)** **Visupe:** Existem répteis como *esingwe* que não pode ser encontrado por uma pessoa; se for encontrado por uma pessoa é sinal de que algum infortúnio irá acontecer no seio da família. Se o camaleão for encontrado a cavar buraco no solo é sinal de que irá acontecer um óbito no seio da família. Em alguns rios, existem cobras que não são visíveis como a sereia *Epólwa*, a fêmea que se relaciona com o arco-íris ou *Tchanjangombe*, o macho, responsável pela abertura de rios lá onde não existiam. Por exemplo, naquela pradaria que aparece além, próximo do rio *lusenda*, existe um riacho que parece ser insignificante mas, se por ali passar um ser humano ou um

	animal como o boi, em poucos minutos ele perde todo o sangue e morre, por obra da *Epólwa* que lhe chupa esse precioso líquido, sem se dar por conta. A mesma situação acontece com o arco-íris; se surge no momento em que a pessoa se encontra à beira de um rio, tende a chupar o seu sangue, mas, se a mesma pessoa se apercebe pode evitar que tal aconteça, desde que tenha em sua posse uma faca ou lâmina com a qual pode cortar-se no dedo ou no braço, fazendo verter as gotas de sangue na água do rio onde se encontra em conexão com a *Epólwa.* Se o arco-íris surge no momento em que a pessoa se encontra numa mata, a solução é procurar uma árvore de nome o*tchinjole* e espetar nela com uma faca fazendo escorrer a sua seiva pegajosa para o arco-íris beber, em vez de chupar sangue no corpo da pessoa. Se arco-íris surge, geralmente num rio é sinal de que está a chupar ou a vomitar. Algumas pessoas que possuíam certos conhecimentos sobre a mesma cobra afluíam naquele local com o intuito de cavar diamante e outros minérios. Quando o arco-íris surge num rio, há uma luta entre *Tchanjangombe* e *Epólwa* e durante a disputa os dois animais deixam cair escamas que os curandeiros aproveitam como medicamentos para curar certas enfermidades. O que passa é que, há indivíduos com capacidade de manipular o arco-íris assim como a chuva. A víbora também é uma cobra que tem história; se for encontrada a andar é sinal de que irá acontecer um óbito no seio da família; outra cobra que não pode ser encontrada por uma pessoa é chamada de *oshate*. Por outra, existem aves da selva que anunciam acontecimentos; por exemplo, a coruja e o mocho são pássaros que cantam geralmente na selva à noite, mas nesse caso não implica interpretações. Entretanto, se o mocho poisa no tecto de uma residência à noite e se põe a cantar, é sinal de que em baixo está um demónio enviado por alguém que é inimigo da pessoa que ali reside. O mesmo se pode dizer em relação ao cão; se ladra tanto, é sinal de que está reagindo à presença de algo ou mesmo de um demónio. Tudo isso funciona, mesmo nos dias de hoje, por exemplo, quando a família vai a lavra, levando consigo crianças ou mesmo bebé e depois aparece a águia a sobrevoar o espaço aéreo, os pais tiram areia do solo e põem nas cabeças das crianças assim como do bebé, pois, segundo a nossa tradição, essa ave é causadora de enfermidades como a *úmba* ou malária cerebral nas crianças. Entretanto, as penas, assim como o ovo da águia são medicamentos usados por curandeiros para tratar doentes

	de malária e outras enfermidades. **(EC-6:HAC)** **Pesela**: No passado, sempre que surgissem calamidades realizavam-se cerimónias e rituais em que faziam preces junto dos túmulos dos antepassados; por exemplo, quando não chovia o Rei dava ordens aos anciãos para orientarem os comunários a criarem condições de realização da festa denominada okànye. Os comunários preparavam *otchimbombo* – a cerveja caseira e animais para sacrificar durante a cerimónia; os anciãos e as anciãs eram pessoas autorizadas a participarem da cerimónia e trajavam-se de vestimentas antigas. Os palhaços também dançavam e os anciãos deitavam a cerveja nos túmulos dos antepassados. Na cerimónia participavam todas as comunidades pertencentes ao Reino *Ekovongo.* Alguns participavam dos rituais que eram realizados no Palácio Real, junto dos túmulos de antigos reis denominados *akokoto* [81]; outros se deslocavam ao túmulo de *Viye*, que foi o Rei Fundador de *Ekovongo*. Assim que terminassem os rituais a chuva caía torrencialmente, antes mesmo de as pessoas chegarem em suas casas. Além disso, cada ser humano tem o seu *otchipuku* espírito protetor ou anjo da guarda. Às vezes, a pessoa cai doente e vai ao hospital fazer o tratamento mas, a doença não cura; Nestas situações a família resolve ir ao adivinho para saber o que se passa com o doente. O adivinho pode descobrir que o doente está enfeitiçado e neste caso poderia morrer; mas há enfermidades que advêm do facto de o enfermo estar possuído por um espírito antepassado seu protetor ou anjo da guarda. Para curar deve realizar a festa em que tenha lugar o ritual de veneração ao antepassado *otchisunji*. Eu próprio sou testemunho disso e mesmo quando íamos para a guerra contávamos sempre com a proteção dos nossos anjos da guarda que são os nossos antepassados. Não é verdade o que diz a religião cristã e as igrejas modernas de que a morte é desaparecimento absoluto e definitivo da pessoa; os mortos estão connosco, embora não consigamos de vê-los! Ninguém foi aos céus e ninguém espera ir lá; os que já morreram e os que hão de morrer o paradeiro é sempre aqui na terra. Os ensinamentos da doutrina da igreja cristã visam tão-somente diminuir a tendência de maldade das pessoas no mundo. Pessoalmente, testemunhei o seguinte acontecimento: Um dia, quando estive em preparação para seguir ao serviço militar obrigatório, desloquei-me à lavra acompanhado de meu irmão; de regresso à casa, encontramos pelo caminho em que seguíamos um murro de salalé que tinha

	um furo grande na parte lateral. No momento em que nós passávamos ouvia-se um rumor assustador que vinha do murro de salalé; como fui sempre uma pessoa corajosa, aproximei-me do murro e espreitei no furo de onde vinha o rumor. Observei que estava ali uma grande víbora; chamei meu irmão para lhe mostrar o autor do rumor e depois continuamos com a marcha de regresso à casa. Logo que chegamos em casa informei a mãe sobre o sucedido, por se tratar de algo inabitual na vida das pessoas. A mãe, por sua vez, informou o sucedido aos seus irmãos que são os meus tios, porque depois disso comecei a adoecer; e esses resolveram ir ao adivinho para saber - porquê surge a doença depois daquele acontecimento? O adivinho esclareceu que se tratava de seu tio já falecido, que fez aquela demonstração para chamar-lhe atenção de que ele era o seu espírito protetor. O adivinho orientou realizar um ritual de veneração *otchisunji*; de regresso à casa os tios orientaram-me a criar condições para essa cerimónia. Comecei por destilar aguardente eu próprio, num alambique artesanal e seguiu-se a criação de outras condições para a realização da cerimónia e ritual de veneração ao tio já falecido. Na cerimónia dançaram palhaços, porque em vida, o tio falecido gostava muito dessa dança. Só depois disso, que a doença que me assolava curou definitivamente. **(EC-7:HA)** **Pesela:** Depois da morte de minha mãe que ocorreu em 1997, víamos alguns vultos bem-parecidos com ela. Quando uma pessoa morre, o espírito não abandona o local. Exemplo disso é quando dormimos e sonhamos; às vezes, sonhamos que estamos envolvidos em vários cenários da vida. Isto acontece porque o corpo está intacto na cama, mas o espírito está em movimento e desloca-se para localidades longínquas, onde participa em vários acontecimentos; se encontrar algum perigo no seu percurso o espírito regressa com muita velocidade ao corpo de origem. A sua entrada tão brusca ao nosso corpo pode assustar-nos e acabamos por despertar, e, logo, nos demos conta de que estamos na cama. Isto leva-nos à conclusão de que o espírito é a dimensão mais forte do ser humano, visto que, o corpo sem espírito é apenas uma matéria inerte. Portanto, quando morre um parente, o corpo levamos ao cemitério mas o seu espírito continua connosco para sempre. No entanto, o espírito fica connosco para sempre, mas não fica permanentemente junto de nós**. (EC-7:HA)** **Pesela**: Primeiro é Deus, depois os santos; os santos dos céus são os mesmos daqui da terra e todos se relacionam connosco,

	estamos com eles e nos guiam dos caminhos errados para outros, onde podemos seguir com toda a segurança. Por isso, quando passamos por caminhos tortuosos ou por cenários em que a vida corria todos os perigos, depois de tudo passar devemos fazer uma festa e sacrificar um animal em veneração aos espíritos protetores ou anjos da guarda. Eu, por exemplo, nas festas de natal e ano novo, assim como noutras que temos realizado tenho notado que a cabaça de cerveja caseira que guardamos bem cheia, no dia seguinte, a mesma ficava um pouco esvaziada e perguntava: "quem bebeu se ontem dormimos a mesma hora"? Com certeza que foram os anjos da guarda que beberam! Risos… Isto não é mentira; é pura verdade! Eles também participam das festas que realizamos. Por isso, alguns constroem santuários de veneração aos espíritos protetores que foram nossos antepassados; até porque a nossa residência é nosso santuário. **(EC-7:HA)** **Dona Nahenda**: Só Deus e seus anjos estão lá nos céus; nos céus não existem outras pessoas. Todas as pessoas estão cá na terra. **(EGC-8:MAC)** **Dona Jamba**: Deus está nos céus com aquela gente de Noé. Só quando chegar o outro fim do mundo as pessoas poderão ir aos céus. Seres dos céus é Deus e seus anjos. Cada um de nós tem espírito que lhe protege e é seu anjo da guarda. **(EGC-8:MAC)** **Dona Nahenda**: Quem é o tal que morreu e subiu aos céus? Os que morreram o paraíso é mesmo cá na terra; os que não estão no paraíso, o paradeiro é também cá na terra. A glória e o sofrimento é tudo cá na terra; só mesmo quando chegar o fim do mundo, as pessoas partirão da terra para os céus. Os que morreram estão connosco; estão a ver de tudo que fazemos e estão a ouvir de tudo que falamos. No passado, quando crescemos e se respeitava as normas ancestrais ouvia-se do cemitério vozes de juízes talvez em sessão de julgamento costumeiro; ouvia-se também vozes de senhoras a moerem farinha em almofarizes caseiras e a enxotarem porcos e cabritos. Agora como as pessoas desrespeitam as normas ancestrais isto parou. **(EGC-8:MAC)** **Dona Jambela**: Eles agora limitaram esse convívio, porque quando ainda éramos jovens, depois daquelas brincadeiras da noite ninguém podia ir a casa sozinha; o batuque tocava dum.., dum.. dum.., que era o sinal do fim da atividade de entretenimento, logo, ouvia-se uma voz estranha e fininha que

	dizia assim: "ah!.. Vão só… É connosco que estavam a brincar"! Eram vozes provenientes de seres invisíveis – os espíritos. Assim mesmo, saíamos todos do local para as nossas casas. A partir daquele momento em que o silêncio tomava conta da comunidade, os defuntos ficavam no local, onde a massa juvenil brincava; alguns choravam dizendo: "me mataste por nada, mas, para cá também virás"! Ao primeiro canto do galo ouviam-se outras vozes que diziam: vamos!.. Vamos!.. Que fiquem os próprios **(EGC-8:MAC)** **Dona Nahenda**: Naquele tempo, quando íamos a cidade víamos pessoas em frente, conversando e caminhando bem próximo de nós! Acelerávamos o passo para nos juntarmos a elas e caminharmos juntos, mas tal jamais se concretizava. **(EGC-8:MAC)** **Dona Jambela**: Quando assim acontecia, nenhuma mãe podia levar o seu bebé nas costas; nessas circunstâncias, toda a mãe que tivesse bebé devia levá-la ao colo e não nas costas, até ultrapassar aqueles eucaliptos, onde naquela altura se situavam alguns estabelecimentos comerciais. Ali naquelas ruínas adjacentes ao Palácio Real, ouvia-se aquele choro de bebé ah…, ah…, ah… e uma voz de mãe que respondia consolando o seu bebé. Nós que somos as famílias que habitavam aquele perímetro, à noite ouvíamos os defuntos a aproximar junto da comunidade com assobios como se fossem pessoas vivas. Habitualmente, ao primeiro canto do galo ouviam-se vozes fininhas dizendo: "retiremo-nos… retiremo-nos"! Nós tínhamos um primo-irmão de nome Satchilulu que era filho da tia Nawengo; em vida, dormia com outros jovens da linhagem dos kapitango e gostava de tocar *ombulumbumba* [96]. Depois de falecido, vinha mesmo em nossa casa a noite tocando *ombulumbumba*; o sinal da sua chegada era um ruído estranho que às vezes assustava-nos. Assim que tal acontecia, o pai acordava e falava em voz alta, dizendo: "não torne a fazer isso… vá incomodar aquela pessoa que lhe tirou a vida". Isso ouvimos com os nossos próprios ouvidos. **(EGC-8:MAC)** **Dona Nahenda**: Eu própria assisti uma situação maravilhosa aquando da morte de Tchikuñyo, filho da dona Elombo com seu marido Tchisako. Como éramos vizinhos, vi ele um dia desses sentado no teto da residência onde em vida morava; de repente, atirou uma pedra que bateu na perna de seu pai que estava sentado no pátio da casa, causando-lhe uma ferida, que logo começou a sangrar. Questionei-me: "será que em vida

	brincava assim com seu pai"? Fiquei inconformada e pronunciei-me suplicando que o mesmo não voltasse a fazer isso contra seu próprio pai. Logo a seguir, vi ele levantar-se e foi-se embora. Quando eu era ainda jovem vivíamos ali na nossa área dos *kesongo*; na altura, tínhamos o hábito de sentar no pátio da casa a noitinha cozinhando; e houve casos em que os defuntos nos afugentavam atirando pedras contra nós. Quando assim acontecia retirávamo-nos para dentro de casa. Não raras vezes, deparávamo-nos a noite com alguém que parecia ser uma pessoa normal, ficava parado num mesmo lugar sem se mexer, mas quando tentássemos entrar em comunicação com ela desaparecia. Estes factos demonstram, que na realidade, os espíritos de defuntos estão connosco permanentemente; se atualmente essa relação não se evidencia com frequência é devido a nossa negligência, visto que, muitas pessoas de hoje consideram de normal quando desrespeitam as normas costumeiras da nossa tradição. Portanto, desde os tempos remotos o mundo viveu muitas maldades. Por este motivo Deus resolveu enviar seu filho para salvar o mundo dos pecados. Infelizmente, as pessoas da terra mataram o filho, mas ele ressuscitou porque Deus não ficou conformado com isso. No entanto, existem espíritos dos antepassados como *Otchipuku* e *Okandundu*. Se o antepassado exercia uma arte ou ofício, reencarna em alguém que ainda vive para o possuir, isto é, fazer dele o herdeiro do seu ofício. *Otchipuku* é um espírito que protege as pessoas de muita coisa; por exemplo, favorece a caça e protege os caçadores. Eu própria presenciei situações em que o possesso de *OKandundu*entrava em transe e dizia: "sou o fulano e vim para acudir a doença que assola a família, etc, etc"; depois disso, a pessoa doente ficava curada. Atualmente, devido a interferência das igrejas e o seu posicionamento contrário aos rituais da tradição, poucas pessoas participam deles. **(EGC-8:MAC)** Dona Jamba: O arco-íris ou *Tchanjangombe*, por exemplo, é um ser da natureza ligado a outro ser dos rios a *Epólwa*; quando esse flutua da profundeza da água do rio liberta o nevoeiro e nessa altura aparece o arco-íris ou *Tchanjangombe* para conectar-se a ele. **(EGC-8:MAC)** **Dona Nahenda**: Eu tinha visto a *Epólwa* ali no rio *lusenda*, onde as pessoas lavam a roupa. É uma cobra que tem barba como bagre; as crianças gritavam: "olha o bagre! Olha o

	bagre"! Corri para o sítio e observei que era a *Epólwa*; chamei atenção às crianças que era uma cobra perigosa. Se surgir aqui o arco-íris haverá um confronto; retirem-se quanto cedo. Se o arco-íris ou *Tchanjangombe* se conecta a *Epólwa* há um confronto durante o qual, ambos libertam escamas e os curandeiros aparecem depois no local recolher tais escamas por ser medicamento que utilizam no tratamento de doentes. Existe o arco-íris da natureza, mas, por vezes, o mesmo é manipulado pelos feiticeiros. **(EGC-8:MAC)** **Dona Jambela**: Nessa conexão entre os dois seres existe um segredo maravilhoso; o arco-íris é o macho, *a Epólwa* é a fêmea. Um é do céu a outra é da terra. **(EGC-8:MAC)** **Dona Nahenda**: Ali no riacho *kameyo* não há rachaduras no solo, mas quando a chuva ameaça cair e aparece nevoeiro a levantar do riacho, as pessoas evitam ir para aquele local e os que estão nas proximidades correm fugindo para a comunidade. Eu própria vivenciei este acontecimento no ano passado quando saíamos da lavra com meu filho debaixo da chuva; vimos o arco-íris a vir da nascente do *Kameyo*, todo brilhante como um relâmpago. Quando chegou junto de nós, meu filho gritava dizendo que passou-me pelas pernas e eu gritava meu Deus! Antes disso, anos atrás, eu e a comadre Nandondo vínhamos da lavra e o arco-íris nos perseguia atrás e em tom ameaçador ressonando e libertando cheiro como um cabrito quando persegue a cabra; devido a sua presença a mata clareava e o cheiro se propagava com intensidade. Foi preciso tocar na parte metálica das nossas enxadas improvisando a campainha para afugentá-lo. Além desses animais, temos *epumumu* e *nduva*, são aves que simbolizam o poder real; de acordo com a tradição, *epumumu* simboliza o Rei Soma e *nduva* simboliza a mãe dele *Nasoma*. Antes, habitavam em mulembas, que circundam o Palácio Real, mas agora aparecem raramente. **(EGC-8:MAC)** **Dona Jambela**: São muitos: o mocho, a coruja, aves migratórias como *humbi-humbi*, os cães que ladram anunciando a presença de alguma coisa, galinhas e galos que anunciam pontualmente as horas, sobretudo, durante a noite. No caso do mocho e da coruja são aves da natureza, mas quando poisam numa árvore situada junto das residências e cantam repetidas vezes, é sinal de um óbito, isto é, alguém irá morrer. Se alguém sonhar com *ovisonde* [97] é sinal de que alguém enviou algo de bruxaria ou demónio contra essa

	pessoa. Se sonhar com abelhas, essas também têm a mesma explicação; no caso das abelhas para contrapor a maldade é preciso molhar o carvão vegetal e colocar no cabelo ao dormir. **(EGC-8:MAC)** **Dona Nahenda**: O mocho é uma ave muito bonita, particularmente as suas sobrancelhas (*Ovikongo*) e as suas pestanas (*ovisokopya*). Os cães também emitem sinais quando ladram ou se põem a uivar. Se encontrar pelo caminho quatro formigas grandes de cor negra em fila é sinal de óbito. Existem ainda aquelas formigas eleitoras que cavam um buraco no subsolo mas amontoam a areia há alguns metros do buraco. Se houver na família um parente que reside numa localidade longínqua de difícil comunicação, de que se tem dúvida se vive ou não, procede-se o seguinte: escrever o seu nome num pequeno papel, em seguida fazer preces e introduzir no buraco onde habitam essas formigas. Se estiver em vida, passando alguns dias as formigas trazem para fora o referido papel. Se as formigas não trouxerem o papel é sinal de que o mesmo já é falecido**. (EGC-8:MAC)** **Sapwile:**Existem animais que habitam nos rios; são cobras grandes mas dificilmente podem ser vistas pelas pessoas. Refiro-me, por exemplo, à sereia que as pessoas dizem que é cobra, mas tem o corpo de peixe e a cabeça de uma senhora; existe ali uma cobra que chamam de *Tchanjangombe* [15] que tem barba como bagre mas parecida com a jiboia, que habitualmente, racha as margens do rio para amplia-lo e às vezes, ela própria se encarrega de abrir rios lá onde não existiam. São animais misteriosos que, às vezes, barram o rio de tal modo que o caudal diminui consideravelmente e, ao contrário aumentam o volume da água nos rios. *Tchanjangombe*, por exemplo, quando abre a boca brota o arco-íris; são criações divinas e só mesmo Deus conhece o mistério desses animais e, talvez, aquelas pessoas que estudam ciências ocultas. **(EC-1:HAC)** **Sapwil**e: Os cães revelam muita coisa; se alguém frequenta a nossa casa mas, cada vez que aparece os cães se levantam contra ele é sinal de que o mesmo é mal intencionado ou é nosso inimigo. **(EC-1:HAC)** **Kamela**: Existe porque de contrário não haveria igrejas. Há pastores, diáconos padres que anunciam a palavra de Deus ao povo. Primeiro é respeitar o governo da terra porque ao fazê-lo está-se a respeitar o próprio Deus; quem obedece ao

	governante da terra está obedecendo a Deus. É dessa relação que advém o poder de cada um. Quando alguém morre, no dia do funeral há sempre alguém que dá testemunho de como ele viveu e cumpriu com as normas de vida na terra. **(EC-9:HA)** **Kamela**: Existem espíritos malignos denominados *olondele* e espíritos benignos denominados *olosande*; os espíritos malignos atuam aproveitando-se da brecha deixada pelos espíritos benignos. Isso depende das famílias; algumas famílias percorrem toda a vida acompanhadas e protegidas por espíritos benignos. Essas famílias agradecem aos espíritos dos antepassados pela proteção que lhes é prestada; algumas famílias constroem santuários de veneração aos espíritos antepassados por essa proteção. **(EC-9:HA)** **Kamela:** Risos… A relação que existe... Podemos sim agradecer a Deus por nos ter dado a terra, porque quando trabalhamos nela nos proporciona aquilo que sustenta as nossas vidas. Podemos desprezar um solo baldio sem árvores por ser pouco fértil; mas, como o próprio Deus dotou o solo com ervas, capim e árvores, ao derrubarmos as árvores e limparmos o capim já se torna possível trabalhar nele e obter os resultados desejados. É disto que agradecemos a Deus. Quanto a água, também aqui vão os nossos agradecimentos a Deus porque nada podemos fazer sem água. Agora, sobre os animais posso citar alguns como a gazela, a perdiz e outros que, quando os caçamos dela comemos a carne; pelo contrário, mesmo quando partimos para a caça, se for o leão ou mesmo a onça a nos domar primeiro também somos caçados. Muitas árvores e plantas da natureza são medicamentos para tratamento de doenças; para aqueles que entendem da apicultura, quando vão a mata escolhem aquelas árvores de maior porte onde penduram as suas colmeias, com o propósito de produzir o mel. Além disso, na mata existem árvores que, mesmo quando pretendemos desbravar o solo não devemos derrubá-las porque produzem frutos comestíveis: posso mencionar aquelas árvores que produzem frutos, que quando chega a época apropriada podem acudir a fome do agricultor que trabalha na lavra ou mesmo levar os frutos a casa para confecionar sumos. No caso da árvore que denominamos *otchinjõle*, as suas raízes, uma vez fervidas tratam a doença de oxiúre na ausência de clorafenicol. **(EC-9:HA)** **Kamela:** É difícil! A única coisa que posso afirmar é que,

	ainda nenhum dos mortos ressuscitou para voltar a contactar os vivos. **(EC-9:HA)** **Lisoso**: Risos…Nós é que pensamos na relação com os céus, mas como não nos vemos e não nos conhecemos, a relação entre nós não é tão notável. As escrituras sagradas dão conta da existência de Deus e de uma vida feliz para aqueles que estão nos céus. As escrituras exortam as pessoas a prepararem-se para uma vida feliz noutro mundo junto de Deus, mas como ninguém lá chegou e ninguém os viu estamos todos assim… Na minha opinião, pode existir relação entre seres reais, que podem encontrar-se e entrar em contacto. Muitas pessoas vivem expectativas e esperança de um dia viverem felizes tal como advogam as sagradas escrituras; mas uma relação como tal entre nós e Deus? Bem! É possível que ele tenha relação connosco porque somos filhos dele, mas nós, não tanto assim. Risos...**(EC-10:HA)** **Lisoso**: Risos… Esta pergunta é muito difícil! No passado havia uma regra em que as pessoas deviam tirar chapéu da cabeça ao passar junto de um cemitério, inclusive deviam apagar o cigarro se estivesse a fumar. Quer dizer, havia uma serie de tabus que ilustram a existência no passado de uma relação efetiva entre pessoas vivas e os mortos. Nos dias de hoje, essa relação não é tão notável, pois vivemos num contexto em que estamos misturados com pessoas que advogam uma cosmovisão diferente, principalmente quando nos deslocamos a cidade. Na cidade, as pessoas não têm medo nem respeito para com os mortos; as vezes assistimos na cidade atos de profanação nos cemitérios, que nós consideramos como lugares sagrados e merecem por isso mesmo o nosso respeito. **(EC-10:HA)** **Sapwile**: depende da saúde de cada pessoa, porque diz-se que ao invocar o nome de Deus, se estiver a ir a caça, não ative ainda a flecha antes de suplicar aos antepassados. Deve-se invocar o nome de Deus ao ativar a flecha, pedindo ao mesmo tempo aos antepassados que protejam, para não ser atacado por animais ferozes, porque vou com a permissão de Deus. O leão também, quando sai a caça precisa de carne mas, como o homem vai armado, "risos"… Cada qual desconfia de outrem! A cobra também, se lhe pisar, assusta-se e foge, mas, se lhe pisar onde dói mais, ela morde. Ela também respeita a ordem divina. **(EC-1:HAC)** **Visupe**: Sabemos todos que Deus se encontra nos céus, assim

	como os seus anjos. Aquele que pensa que Deus não existe vive fora dos seus planos. Deus também ignora a existência desse indivíduo. **(EC-6:HAC)** -**Bonge**: Isto é complexo; vou apenas tentar fazer uma pequena resenha, porque mesmo quando praticamos o bem os mortos não falam, permanecem no silêncio, apesar de estarem sempre a caminharem junto connosco. **(GDA-2:HA)** **Ngueve**: Isto é um pouco complexo, mas ainda que não vemos os mortos, temos a perceção de que eles estão a ver-nos; se estão a vigiar-nos ou não, sobre isto não temos plena certeza risos... Algumas vezes tenho sonhado com pessoas já falecidas; parece que se comunicam connosco no sonho e parece que estão a ver-nos se praticamos o bem ou o mal. **(GDA-2:MA)** **Ndalu:** Hoje por hoje, as galinhas e os cães também se dão luxo de acusar as pessoas de feiticeiros! Mas, porquê tudo isto? Hoje em dia observamos que o cemitério tornou-se numa espécie de espaço turístico de uma capital, onde se pode ir a bordo de um veículo automóvel. Eu, por exemplo, não tenho meios financeiros para construir e ornamentar as sepulturas de meu pai e de minha mãe. Ora, se os outros que dispõem de meios financeiros constroem e ornamentam as sepulturas dos seus ente-queridos, o que sucederá comigo que não tenho meios financeiros? Será que o meu pai e a minha mãe não se zangam comigo por não beneficiarem do mesmo tratamento carinhoso? Não ressuscitam? Não vêm cá pedir-me contas? "os outros mereceram construções e ornamentos nas suas sepulturas; vós meus filhos andais relaxados? Por quê procriamos afinal de contas"? Risos... A partir daí começam os problemas de nossa saúde como retalhação pelo abandono a que relegamos os nossos ente-queridos já falecidos. Para aquelas pessoas que não sabem nada da relação que temos com os mortos, sempre que caiem doentes pensam que foram enfeitiçados; risos... **(EGC-11:HAC)** **Tiuka**: Eu por exemplo, tomei nota de um caso ocorrido em 1987; a minha irmã ficou grávida e aos sete meses começou a sentir muita dor na barriga. Na altura, eu era menor mas já conseguia perceber as coisas e era o tempo em que os medicamentos escasseavam. O pai se encontrava na cadeia como preso político e a mãe não tinha como resolver a situação da saúde da minha irmã. A mãe ao lamentar sobre os dois problemas (cadeia do marido e saúde da filha), no dia

	seguinte, a minha irmã doente sonhou com o avô Mukongo a apalpar-lhe a barriga em gestos de massagem e quando ela se despertou do sono já não sentia a dor que lhe perturbava; ao amanhecer explicou que já não sentia as dores na barriga e contou tudo que sucedeu com ela no sonho. Desde aquela data até ao parto não mais sentiu a mesma dor; o bebé é hoje homem grande com netos. Isto demonstra que os mortos estão connosco, embora não possamos afirmar isto com toda a propriedade; eles também participam do nosso desenvolvimento. Se recuarmos um pouco no tempo, construíam-se santuários para venerar os antepassados sempre que esses solicitassem, possuindo alguém que depois ficava adoentado**. (GDA-2:HA)** **Katola**: Suponhamos que tenho duas filhas; as mesmas fazem filhos com um mesmo homem. Os filhos comem juntos e da mesma comida, por serem irmãos; isso é blasfémia porque se eu morrer e os meus netos contraírem enfermidades por quaisquer circunstâncias da vida, as próprias mães, que são minhas filhas, ainda que pedirem a intervenção do meu espírito para a cura dos enfermos, a bênção não irá consumar-se devido ao erro gravíssimo que cometeram na procriação; mesmo as próprias mães que são minhas filhas, se uma delas ficar doente, a irmã não poderá visitá-la, nem cozinhar para ela, porque partilham do mesmo marido. Essas filhas, ainda que pedirem bênçãos aos espíritos nossos antepassados, a mesma não irá consumar-se; suponhamos que o que acabo de descrever se torna realidade nos dias de hoje. Eu como progenitor dessas filhas, fico profundamente lesado e a partir dessa altura a minha vida já não é a mesma, porque uma ferida deste tamanho não cicatriza. **(EGC-11:HAC)** **Ndalu:** Para reforçar o assunto invocado pelo meu colega, o palhaço simboliza a racionalidade dos nossos antepassados, e por isso mesmo, é uma figura sagrada. **(EGC-11:HAC)** **Katola**: A *evamba* é uma escola que faz muita falta na comunidade. Há uma diversidade de igrejas e quase todas elas se opõem à implementação das escolas iniciáticas; a *evamba* realiza a educação multiforme. Há vários tipos de *evamba*; há *evamba* de seis meses e durante esse período os neófitos beneficiam de uma educação pluridimensional, recebem ensinamentos e treinamento para adquirirem habilidades práticas; é uma grande escola que tem a tarefa de implementar vários projetos, porque ao fim de seis meses da *evamba* deve
…//… **1.3. Problemas educativos**	

	sair: *ovinganji* (plural de *otchinganji)*, *embwangungu,kanjunge*, *tuta,katelenga* e *hosi*. *Otchinganji* é a representação alegórica de um estereótipo de pessoa real. No conjunto de *ovinganji* ou palhaços existem denominações que simbolizam personalidades e estereótipos de pessoas reais. Por exemplo, o *kavole* é um palhaço que simboliza o estereótipo de indivíduo salteador, vagabundo e ingrato; se um indivíduo entregar-lhe oferendas ele recebe, mas ainda assim bate com chicote na mão da graça. Logo, quando a sociedade ou alguém apelida o nosso filho com o nome de *kavole* indiretamente está a dizer que ele é salteador e vagabundo; é alguém que assalta as pessoas e não tem respeito; a sua missão é dispersar as pessoas, apoderar-se dos seus bens e destruir tudo que se encontra ao seu alcance. À chegada no local da festa da outra figura alegórica - o *hosi* que simboliza o leão e os poderes que lhe são características, o *kavole* junta-se a ele para dar a entender que também tem os mesmos poderes. O *hosi* assume atitudes de uma entidade poderosa que faz estremecer tudo e todos; movimenta-se dum lado a outro e se aparecer junto dele crianças, animais como galinhas e cabritos ele engole imediatamente. Existe outro palhaço denominado *tchikuza*, uma figura alegórica hostil, que leva consigo uma catana e onde passa corteja tudo que estiver à sua frente; *embwangungu*, por sua vez, é uma figura alegórica enorme e sagrada – um governo supremo que trás no seu interior dezenas de palhaços que têm denominações e funções diferenciadas, porque simboliza o universo onde habitam todos os seres incluindo aqueles que são hostis ao próprio homem. Todas as figuras alegóricas têm uma explicação e significado para a educação das novas gerações, visto que, na vida as pessoas devem ter temor por aqueles seres da natureza que são sagrados, bem como por aqueles, que em alguns casos podem ser hostis ao próprio homem. São esses ensinamentos que legitimam a existência da *evamba* e devem ser transmitidas às novas gerações para as conhecerem e se orientarem na vida. Se a *evamba* for realizada na vizinha comunidade de *sakasenye*, os meninos desta comunidade podem ser levadas para lá, a fim de serem iniciadas; ali permanecem seis meses e durante esse período eles ficam completamente desligados da relação com demais parentes, exceto os pais que podem estabelecer contactos com os agentes em serviço, até a data do encerramento da *evamba*. Enquanto os filhos estiverem na *evamba* os pais devem cumprir com alguns tabus, isto é, abster-se de algumas práticas como, por exemplo, comer da

	refeição do vizinho, pegar ou pedir fogo da lareira da casa vizinha; a mãe do neófito pode banhar-se, mas o pai que tem o filho na *evamba* não pode tomar banho durante esse período. Depois do encerramento da *evamba*, os meninos regressam à comunidade gordinhos e são levados ao pátio do Palácio Real, onde são acolhidos com oferendas diversas e recebem cumprimentos de bom regresso por parte dos familiares e amigos. Depois dessa cerimónia, cada neófito se dirige à casa de origem acompanhado de um palhaço que formaliza a sua devolução aos respetivos pais. Uma vez cumprida esta parte, os palhaços se juntam no recinto apropriado para a dança, simbolizando deste modo o encerramento da *evamba* e o culminar de uma etapa formativa, inserida num longo processo de educação para a vida. Com a chegada dos padres católicos e de missionários de outras igrejas a *evamba* passou a ser combatida e em alguns casos prendiam os palhaços; a campanha contra a *evamba* foi iniciada por um desses padres chamado Lecompte, que inaugurou a missão de *minjenje*, mas depois sofreu uma forte ameaça dos responsáveis da *evamba*. **(EGC-11:HAC)** **Bonge**: anos atrás fiquei gravemente doente. Um dia sucedeu algo extraordinário; ao adormecer sonhei que o meu falecido pai chegou e veio ter comigo e perguntou-me: "estás doente"? respondi que sim! Ele abriu as suas mãos que continham alguns medicamentos e mostrou-me dizendo: "se estás doente o medicamento é este"! De repente despertei-me do sono e controlei o tempo eram 11h00 da manhã; decidi depois contar o sucedido ao meu irmão o Justino Lwali que por sua vez perguntou-me: "viste a cara e reconheceste mesmo que é o pai"? Eu respondi que sim! O meu irmão tornou a perguntar-me: "e quais são as características do medicamento que ele te mostrou"! Expliquei-lhe que o medicamento tinha características de umas ervas que abundam na mata que circunda a nossa comunidade; o meu irmão orientou-me procurar exatamente aquelas ervas para as ferver e beber o próprio caldo. Mais adiante o meu irmão disse: " se for realmente o pai que você viu no sonho ficarás curado". Acatei a orientação e inclusive ganhei força no corpo que me permitiu andar e ir até à floresta procurar tais ervas das quais colhi algumas folhas e trouxe em casa para ferver e beber do caldo; tomei meio copo quando eram 15h00. No dia seguinte, senti-me tão bem que decidi pegar na enxada para ir ao campo trabalhar. Alguns anos depois, aconteceu-me pela segunda vez,

	quando estive na cadeia a viver uma série de dificuldades por ser uma cadeia de carácter político. No meio daquelas dificuldades fiquei muito doente, que por pouco cairia morto; um dia desses, sonhei de novo com o meu falecido pai, mas desta vez acompanhado de outras pessoas que eu não reconheci. Todos sentaram-se diante de mim e ele perguntou-me: "estás sozinho"? Eu respondi que sim! Depois da minha resposta ele disse-me: "estamos a efetuar visita à família; você está doente devido ao medo que tens! Os motivos da vossa prisão são complexos, mas em todo caso não adoeça mais. Estarás curado e garanto-lhe que os problemas da vossa prisão serão resolvidos em breve"! Ao acordar de manhã veio o carcereiro, abriu a porta da cela e perguntou-me se tinha dormido bem, mas não entrou e eu respondi que não porque encontrava-me adoentado; o outro indivíduo que acompanhava o carcereiro disse-me: "se estiveres doente vá ao hospital". A condição física em que me encontrava era de pré-morte e tive que andar de joelhos; tive a sorte de encontrar naquele hospital um enfermeiro que eu não conhecia, cuja esposa é sobrinha de meu tio. Ele perguntou-me de onde era e respondi que era de *Ekovongo* e disse de imediato: "espera aí"! Eu achei que desta vez era o meu fim e fiquei ainda mais desesperado; em seguida perguntou-me: "como se chama a sua esposa"? Citei-lhe o nome da minha esposa; ele abanou a cabeça, foi buscar medicamentos e entregou-me. Dai retornei à cadeia e passei tomar os medicamentos que o enfermeiro me deu e os dias que se seguiram comecei a sentir alguma melhoria. Quando expliquei do sonho que tive ao mano Paulo que esteve encarcerado junto comigo pelos mesmos motivos, ele retorquiu: "você fala à toa"! Na mesma semana, vieram comunicar-nos que faltavam apenas três meses para sairmos da prisão. Estes dois acontecimentos revelam que existe uma relação entre nós os vivos e os mortos. **(GDA-2:HA)** **Kalunga**: No passado recente respeitava-se os tabus inerentes à manutenção da *Ombala*; por exemplo, era proibido entrar no perímetro da *Elombe* a todos os indivíduos que usavam sapatos e cintos com fivelas metálicas, mas, hoje em dia, as pessoas entram naquele perímetro onde se situam os escombros da *Elombe* calçando sapatas e usando cintos com fivelas metálicas, e na maioria dos casos fazem de tudo que lhes ocorre pela cabeça, acompanhados de artefactos metálicos. Sempre na senda dos tabus não era permitido a uma mulher que não terminou com a procriação tirar lenha naquele

	perímetro a não ser um homem anormal ou uma anciã que já não procria; mas agora temos constatado que as pessoas vão para aquele perímetro tirar lenha para utilizá-la em suas casas onde vivem com as crianças. Logo, as almas, os espíritos que acompanham na lenha estão a reencarnar nas pessoas. **(GDJ-1:HJ)** **Visese:** Não se pode negar a relação entre nós e os mortos. Mas também não podemos afirmar isso com toda a propriedade! Se afirmarmos categoricamente que não existe relação entre nós e os mortos, isto pode considerar-se como blasfêmia. Repare! Um indivíduo cai enfermo e vai de hospital a hospital mas não consegue a cura; depois consulta o adivinho que vaticina: "são os seus antepassados"! E quem são os tais antepassados? Não são os mortos? Embora isto suscite dúvidas, cremos, ainda assim, no ditado que diz: *Tchakukemba Tchimbanda otulo opekela* ou seja, "com a mentira do curandeiro o enfermo dorme sono". Risos... **(EC-14:HJ)** **Mwenho**: Risos... Não domino bem esta parte, mas penso que isso também tem a ver com o desenvolvimento, porque as pessoas hoje, quando morre o seu ente querido aguardam um certo tempo, talvez um ano, mas depois sentem a obrigação de construir e melhorar a campa. Isto significa que estão a relacionar-se com o defunto. Por exemplo, aqui nesta comunidade eu fui o primeiro a construir e embelezar a campa de meu pai e a campa de minha esposa e, por sinal, ambas estão juntas; atualmente muitos estão a seguir o meu exemplo. Já há muitos comunários a construírem e a embelezar as campas dos seus ente queridos; esta é uma atitude de valorizar os mortos. Quer dizer que convivemos de uma forma indireta com os mortos; logo, significa que há um desenvolvimento. **(EC-15:HAC)** **Mwenho:** Um puro religioso que crê em Deus dedica tudo a Ele e tem a crença de que Ele é o maior protetor; nunca nos esquecemos Dele. Por isso, se antes muitos não tinham crença e fê em Deus, hoje em dia, a maioria está vindo e está aproximando. Quando mais pessoas que creem em Deus houver, mais desenvolvimento também, porque a pobreza e a criminalidade diminuem. **(EC-15:HAC)** …///… **Ngueve**: o que observamos nas novas gerações é que na escola

	aprendem muito pouco e no campo muito menos ainda. Em decorrência disso, alguns enveredam pela delinquência, bebedeira e gatunagem; as raparigas gastam o seu tempo a prepararem os cabelos e os rapazes consomem bebidas alcoólicas para depois protagonizarem atos de violência. Não percebemos o porquê isto acontece assim; talvez se fosse possível reabilitar instituições como *onjango* a situação seria invertida, porquanto cada tutor de uma família alargada seria chamado a prestar contas perante as instituições comunitárias como anteriormente. **(GDA-2:MA)** **Ngueve:** Não percebemos se esta impunidade acontece unicamente na nossa comunidade, ou se acontece no resto do país; as pessoas cometem atos delituosos mas ninguém as pune e aqueles que se apercebem dessa impunidade aderem em massa a este tipo de condutas. Isto agora está a ser uma tendência que está a generalizar-se. Isto, é por um lado; por outro, os pais estão sempre predispostos a irem às igrejas onde podem ouvir mensagens de racionalidade, mas os filhos, a maioria nem sequer está aí; alguns inclusive são filhos de pastores e diáconos, mas passam o seu tempo livre a escutar música. Portanto, em alguns aspetos da vida há crescimento, mas em muitos outros aspetos estamos estagnados, visto que, as crianças já não estão a ter respeito para com as pessoas; inclusive, alguns adultos também estão a ser arrastados por essa tendência, talvez por consumirem bebidas alcoólicas. **(GDA-2:MA)** **Tiuka:** mas os jovens atuais ao fazerem encontro com um adulto são capazes de embaterem contra ele se não afastar-se do caminho. Para mim, estas normas atuais não levam ao desenvolvimento, mas há outras normas que uma vez conciliadas com as do passado conduzem ao desenvolvimento. **(GDA-2:HA)** **Tiuka:** Mas se as crianças e jovens se apegarem apenas nas coisas modernas que a televisão tem visualizado, que nalguns casos não deveriam ser assistidas pelos pais em companhia de seus filhos; ainda que conciliarmos tudo isto com as coisas do passado não pode haver desenvolvimento. **(GDA-2:HA)** **Tiuka**: em terceiro lugar, as próprias escolas onde estudam as crianças também não dispõem de mobiliário e muitos alunos se veem obrigados a levar banquinhos de casa para sentarem na escola. **(GDA-2:HA)**

	Kalunga: Vou começar pela situação da saúde aqui na nossa comunidade; os adultos costumam dizer, que no passado morria pouca gente nesta *Ombala*, as pessoas não morriam tanto como agora. Tudo isto decorria do empenho dos líderes, mas agora chegamos numa fase em que, devido a inexistência do *Onjango* nas famílias onde as crianças pudessem adquirir pautas educativas e respeito às normas de conduta social, os vícios provenientes de outras sociedades penetram facilmente aqui na nossa comunidade devido a tendência de assimilar os padrões culturais ocidentais. Na semana passada vivenciamos uma situação que gerou incertezas aqui no *Ekovongo* devido à morte de 9 bebés recém-nascidos; alguns desconfiavam que a causa era a vacina recentemente aplicada às mulheres com idades compreendidas entre 14 e 49 anos, enquanto outros alegavam tratar-se da inobservância das normas e dos ritos tradicionais por parte dos comunários. Isto é atemorizante, mas até à presente data não vimos nenhum adulto ou ancião a convocar os comunários para explicar se a referida morte adveio da alimentação ou se tem outras origens; para nós jovens este ambiente nos coloca num impasse. **(GDJ-1:HJ)** **Kalunga**: hoje em dia, os anciãos manifestam o desejo de passar o testemunho aos jovens, mas estes por sua vez, logo que o ancião começa a falar ele põe-se a caminhar. Desta maneira, nós os jovens estamos a criar um problema monstruoso que irá nos causar enorme sofrimento porque estamos a espalhar a lareira comunitária. Se cumpríssemos com os ritos tradicionais teríamos que espalhar a lareira da guerra e atear um novo fogo onde cada família tiraria para a sua lareira caseira. **(GDJ-1:HJ)** **Kalunga**: Em nenhuma ocasião os adultos convocaram os jovens para esse efeito! **(GDJ-1:HJ)** **Kalunga**: Não temos relacionamento com os trabalhadores externos; não culpabilizamos a eles. Talvez eles gostariam de relacionar-se connosco, mas nós próprios não demonstramos essa abertura e quando se chega em uma *Ombala* o receio é cada vez maior por parte do hóspede. **(GDJ-1:HJ)** **Kalunga**: Tudo isto decorre da ineficácia educativa aliada à inexistência do *Onjango* nas famílias e na própria comunidade, através do qual os adultos poderiam passar o testemunho às novas gerações. Ainda sobre tabus, não é permitido correr dentro desta comunidade. A inobservância destes tabus e de outras normas costumeiras representa hoje um grande défice

	na educação das novas gerações. **(GDJ-1:HJ)** **Jivala:** Eu fiz parte do grupo de professores que chegou aqui em 2003 e desde aquela altura tivemos sempre uma boa colaboração com os comunários e não registamos problemas neste capítulo e praticamente estamos a caminho de 10 anos; somente nestes últimos anos que os comunários começaram a comentar que os professores não estão a ensinar devidamente os alunos. **(EAGEXTER-1:HJ)** **Jivala**: Além disso, grande parte da juventude desta comunidade não frequenta a igreja e mostra-se apática com assuntos religiosos; temos constatado isso quando jogamos com eles a bola em partidas de futebol. Esta atitude da juventude de *Ekovongo* prevalece até aos dias de hoje. As igrejas sedeadas nesta comunidade enchem mais de mulheres do que de homens; isto para não falar de jovens. **(EAGEXTER-1:HJ)** **Jivala:** O meu grupo chegou aqui em 2003 e nessa altura fomos bem recebidos pela população que inclusive apoiavam-nos com alguns bens alimentares; atualmente, como a população tem conhecimento de que os professores recebem salários deixou de prestar apoios. O interesse que os comunários tinham pelo professor reduziu e agora parece-me que eles se distanciam um pouco de nós**. (EAGEXTER-1:HJ)** **Jivala**: Ainda nesta senda, dos casamentos precoces tem-se constatado que depois do IIº trimestre o número de raparigas na sala de aulas fica reduzido; basta se casar para a rapariga desistir dos estudos e dedicar-se aos trabalhos do campo. **(EAGEXTER-1:HJ)** **Soyi**: Este mês, apareceram dois senhores e tivemos uma pequena conversa com eles; disseram-nos claramente que, o que eles têm constatado nos últimos anos é que os professores não estão a ensinar mesmo nada. Segundo eles, um aluno da 7ª classe não sabe escrever. A nossa resposta foi a seguinte: "a culpa não é dos professores, visto que, os professores de ontem são os mesmos de hoje; este é um problema criado pela reforma educativa vigente atualmente". A reforma educativa que está atualmente em curso orienta a transição automática de classe; quer dizer que, se aluno obtiver um rendimento abaixo da média, o professor tem de tratar o assunto com o pai ou encarregado de educação no sentido de um entendimento sobre a possibilidade de o mesmo repetir a classe. **(EAGEXTER-**

	1:HJ) **Soyi:** Quanto a isso não podemos generalizar; "num saco de batata pode haver uma ou três que estão podres e, se calhar, podem contaminar as outras". Com isso quero dizer que nem todos se comportam dessa maneira, visto que, temos tido relacionamento regular com alguns comunários. O mal que tem acontecido nisso tudo é a desconfiança. **(EAGEXTER-1:HJ)** **Soyi**: Alguns pais e encarregados de educação dos alunos ainda transportam essa imagem na sua mente. Quando o professor aparece em sua casa a primeira impressão dele é de que o mesmo quer da sua filha; esta atitude é uma das causas do distanciamento que se regista entre professores e comunários atualmente. **(EAGEXTER-1:HJ)** **Soyi**: Afinal, tudo tem o seu tempo; quando chegamos aqui nos sentíamos à vontade e não havia problemas, nem com os jovens, nem com os adultos. A partir de 2010, aqueles que anos atrás eram rapazes agora se tornaram jovens em idade próxima de nós e parece que já pensam em competir connosco. **(EAGEXTER-1:HJ)** **Soyi:** Algumas raparigas, mesmo sendo desta comunidade, depois de se casarem transferem-se distante da escola, às vezes, para outra comunidade que dista 10 km de *Ekovongo*, e, mesmo se for relativamente próxima daqui, deixam de aparecer na escola; há ainda outros que quando se casam emigram para a cidade, onde podem realizar com facilidade negócios junto dos mercados informais. Eles perdem a esperança de que um dia consigam realizar-se na vida se continuarem com os estudos. Depois de se casarem perdem a motivação pelos estudos, pensando que podem satisfazer as necessidades imediatas realizando negócios nos mercados informais da cidade. **(EAGEXTER-1:HJ)** **Jivala**: além dos filhos desta comunidade, temos outros alunos que são oriundos de outras comunidades vizinhas, inclusive de outras províncias como é o caso do Huambo, Kwando Kubango e Luanda. No caso das raparigas provenientes das províncias que citei, elas deparam-se com uma certa incompatibilidade na relação com os rapazes daqui; elas procuram aproximar-se mais aos professores, sobretudo os que trabalham aqui e residem na cidade. É neste plano que temos constatado algumas atitudes de competição entre nós e os

	jovens desta comunidade. Tem acontecido que um jovem de 18 anos casa-se com uma rapariga de 17 anos; ambos não estão suficientemente preparados para os desafios da vida conjugal e não estão profissional e economicamente preparados para autossustentarem-se. Logo, e para minimizarem as dificuldades, o jovem parte para a cidade com o objetivo de dedicar-se ao negócio de moto-taxi e ganhar algum dinheiro e a noiva dedica-se aos trabalhos do campo; ambos acabam por desistir da escola. **(EAGEXTER-1:HJ)** **Siliveli**: outra dificuldade que existe é o não funcionamento da Comissão de Pais e Encarregados de Educação dos alunos, visto que, eles devem acompanhar a par e passo o funcionamento da escola; mas alguns pensam que é o diretor da escola que deve nomear essa comissão, quando na realidade não é assim. A comissão forma-se e o diretor pode fazer parte na sua formação, orienta os trabalhos da direção da escola e informa à comissão; a comissão tem o seu estatuto em que se prevê a realização de reuniões e nelas pode ou não convocar um membro da direção da escola para informar-lhe aquilo que eles pretendem e analisar se a escola pode ou não, por si só resolver as questões apresentadas. Só desta maneira a comunidade pode desenvolver-se no plano educacional; mas, o que se passa no *Ekovongo* é muito diferente. A comissão de pais e encarregados de educação não funciona e são os mesmos que aparecem para complicar a direção da escola no início ou no final de cada ano letivo; esta é, em minha opinião, uma visão, que uma vez partilhada com os responsáveis do sector, a educação no *Ekovongo* pode desenvolver-se tão cedo quanto possível**. (EAGEXTER-3:HA)** **Siliveli**: Para ser mais preciso, o maior défice existe na administração política; quanto à administração educativa, eu não chamaria de défice, mas sim da falta de algo que não tem nada a ver com a administração, pois esta poderá desenvolver-se se a comunidade tivesse uma visão ampla sobre o que é a educação. Os comunários ainda não compreenderam que estudando seria o próprio homem local a desenvolver a comunidade. E se este se recusa a ir à escola, quem é que vai desenvolver? **(EAGEXTER-3:HA)** **Siliveli**: Para falar dos progressos havidos nesta área começaria por dizer que os comunários foram aparecendo para manifestar a sua alegria pelas novas estruturas escolares, mas continuamos ainda com aqueles problemas de sempre em que

	os alunos estudam até quase ao fim do ano e de repente os encarregados de educação levam-nos para a lavra dizendo-lhes: "na escola não sai nada. Eu que te sustento sou analfabeto, mas estou assegurar-te e hoje tu és grande. Por isso, vamos ao campo trabalhar"! Com estes dizeres a criança tem que ir. Quando regressa o ano está encerrado e ela não participou dos exames; mas quando chega o momento das matrículas é o mesmo encarregado de educação que vem na escola reclamar que o seu educando estudou de Fevereiro a Outubro, tempo suficiente para transitar de uma classe à outra. É este problema que enfrentamos porque a comissão de pais e encarregados de educação não acompanha devidamente a participação das crianças nas atividades escolares. Além deste problema, temos uma situação que vai complicar-nos por mais tempo, visto que, aquele local onde foi construída a escola primária era o campo de futebol, desde o tempo colonial e é ali onde os alunos praticavam a educação física. Agora, a escola não possui um lugar adequado para a prática de educação física. A nova escola deveria ser construída paralelamente à escola antiga porque ali ainda tem espaço suficiente e seria fácil construir nos seus arredores o muro de vedação; esta situação complica o trabalho de vedação do espaço escolar na medida em que, tal só é possível se forem construídos dois muros paralelos um do outro, separados pela estrada de ligação interprovincial que atravessa a comunidade e que é uma via importante que merece ser mantida. Este foi um erro cometido na construção da nova escola em que não se pensou na necessidade de manter o espaço escolar destinado a outras atividades que se realizam fora das salas de aulas. **(EAGEXTER-3)** **Siliveli**: O certo é que os alunos de Ekovongo propriamente ainda são preguiçosos. Actualmente, com o surgimento de kupapatas [2], a maioria de jovens desta comunidade aderiram a este negócio. **(EAGEXTER-3:HA)** **Siliveli:** A Coordenação Escolar recebeu uma única vez mobiliário, mais precisamente carteiras para as salas de aulas, pois, na altura tínhamos 374 alunos aproximadamente; mas hoje em dia esse número aumentou consideravelmente e nem chega dividindo-o para as duas escolas que temos cá na sede. O número total de alunos da nossa jurisdição é volátil, pois, oscila entre 5000 e 6000; este ano ainda estamos em balanço provisório. Logo, o número de carteiras que temos não chega para todas as escolas da nossa jurisdição e mesmo aqui no

	Ekovongo alguns alunos sentam no chão e para mitigar a situação cada um trás a sua cadeira de casa para a escola; com estas insuficiências de mobiliário como seria se tivéssemos admitido alunos para estudarem a 10ª classe? Além disso, temos muitas insuficiências de material didático, tanto para docentes, como para alunos, situação que tem condicionado em certa medida as atividades letivas. Mas estas insuficiências de material didático é só no Iº ciclo, porque no ensino primário temos recebido kits suficientes para todos os alunos e são distribuídos gratuitamente. Os docentes porém, não têm recebido mesmo nada. Em 2010 recebemos duas caixas de livros didáticos diversos, nomeadamente, manuais de química, física e matemática, para docentes do Iº ciclo, mas, faltou livros de biologia. No ano seguinte em 2011 recebemos material geométrico, fichas, cartazes e mapas para docentes, mas alguns já estão a deteriorar-se, o que pressupõe dizer que precisamos de mais material do mesmo género, assim como de laboratórios para as aulas teórico-práticas em ciências da natureza que a escola ainda não dispõe. Quanto aos alunos do Iº ciclo, esses devem comprar o seu material didático. **(EAGEXTER-3:HA)** **Siliveli**: Bem! A verdade que se diga; a reforma trouxe grandes novidades que criaram certas situações desagradáveis, mas com a realização de seminários de capacitação os docentes foram compreendendo os seus objetivos e as suas linhas de orientação; havia uma certa resistência por parte de nós os docentes em realizar aquilo a que não estávamos habituados. Alguns docentes alegavam que isto dava muito trabalho e faziam o arcaico, mas depois interiorizaram os novos modos de atuação e as coisas melhoraram; outrossim, continuamos com a dificuldade em relação a transição automática para a 1ª, 2ª e 3ª classes abrangidas nesta nova modalidade. Esta continua sendo uma pedra no sapato; o próprio aluno tem consciência das suas debilidades, mas como o importante é frequentar as aulas até ao fim do ano letivo, ele já não se preocupa a superá-las porque sabe que no próximo ano estará na classe seguinte. O docente fica sem argumento para impedir a transição desse aluno para a classe seguinte; as debilidades que o aluno acumula nessa modalidade acabam constituindo um défice pesado que se vai refletir no seu rendimento quando passar para aquelas classes em que ele tem que ser examinado. Logo, se numa turma de 45 alunos aprovarem 15 e reprovarem os 30, é o docente que fica avaliado como incompetente, se

	bem que, foi encontrado um meio termo que consiste em integrar o docente da turma como membro do júri, para responder as questões que os outros membros do júri considerarem de debilidades reveladas pelos alunos. Mas, o importante em tudo isso é que o próprio docente esteja capacitado e adquira competências para realizar um trabalho educativo que produza aprendizagens satisfatórias para seus alunos. Este é um dos grandes problemas da reforma em curso e que tem suscitado comentários por parte dos docentes, não só da nossa instituição como também de outras escolas da Província; temos estado a refletir sobre este assunto, porque efetivamente, deveria transitar de classe aquele aluno que demonstrasse ter aprendido e não simplesmente por ter estado sempre presente na sala de aulas. Portanto, a modalidade de transição automática que foi introduzida pela reforma em curso veio satisfazer os caprichos dos alunos preguiçosos em detrimento daqueles alunos que buscam aprender realmente. **(EAGEXTER-3:HA)** **Siliveli**: Bem... Para rebuscar um pouco começaria por dizer o seguinte: quando chegamos em 2003 começamos a ouvir dos comunários algumas expressões apreensivas como "*hi... Etchi okulima lima vali mwele kovápya alongisi"?* Ou seja, "oh... Assim vamos passar a cultivar outra vez as lavras dos docentes"? Risos... Os comunários pensavam que a situação seria semelhante àquela dos tempos passados, porque 2003 foi quando se fez o enquadramento massivo de docentes sem observância de critérios para esta carreira; bastava saber ler e escrever bem, para ser docente do ensino primário. Mas, no terceiro mandato começou-se a fazer o enquadramento criterioso de docentes e já não se admitiam pessoas com a 6ª classe de escolaridade. Passado algum tempo, notaram que nenhum docente lhes pediu terreno para cultivar nem mantimentos para o seu sustento; deste modo, a apreensão dos comunários ficou ultrapassada e começaram a dizer *"ava pwayi mbili tchiñi"*! Ou seja, "com estes a situação parece ser diferente"! Os alunos estavam aflitos e tímidos, sobretudo aqueles que já tinham idade para trabalhar no campo; olhavam para o nosso grupo e questionavam: "esses todos"? Com o passar do tempo, afastou-se este sentimento das suas mentes, visto que, depois de poucos meses começamos a receber os nossos salários e daí concluíram que agora a situação era diferente. Agora relacionar-se com os pais e encarregados de educação dos alunos e com os comunários em geral é um

	assunto que consta das normas que orientam a ação do pessoal que trabalha em educação, nomeadamente do docente, mas em contrapartida nós encontramos dificuldades enormes; uma simples mandioca pode colocar o docente numa situação de refém, isto é, lutar por um aluno cujo pai ofereceu a mandioca. O docente fica quase preso vê-lo a reprovar por causa daquela mandioca, porque lá em casa inclusive a mãe tomou conhecimento da oferta da mandioca; se o filho reprovar a mãe é capaz de amaldiçoar *"tembi! Tembi! Utombo wange, ombowe yange omolange kactchele! Tembi! Tembi"*! Ou seja, "meu filho reprovou mesmo? Só se ele não tivera entregue a mandioca". Eu, por exemplo sou um deles que também pensa assim; erradamente penso assim. Tenho medo de frequentar as residências dos comunários! No entanto, tenho bom relacionamento com os comunários, aliás se não tivesse não poderia estar aqui até hoje a exercer as minhas funções; eu sou boa pessoa e ando mesmo, mas crio assim dificuldades neles, porque não lhes dou muito tempo para prepararem a comida e me darem. Fico pouco tempo e retiro-me, mas não deveria ser assim. Tinha que ter uma casa; tive uma casa e verifiquei que a mesma não correspondia, visto que, as pessoas que estão lá já não conseguem fazer o que eu possa mandar. Então, tudo o que eu trazia como panelas, bacias, colchões, etc., tudo ficou mesmo para eles; mas tive que arranjar uma outra casa que fica mais próximo da escola e cujas pessoas tinham que conhecer também a minha residência familiar na cidade, onde podiam pernoitar quando assim o desejassem. E assim estou vivendo e não quero com isto dizer que não lido com os comunários. Quando constato que alguém que conheço não aparece, vou mesmo lá visitá-lo; só que, não me demoro. Tempos atrás, alguns docentes atravessaram dificuldades muito cedo, por terem estabelecido boas relações desde o princípio, porque eles preocuparam-se muito mais com o namoro; então, os próprios docentes criaram para si barreiras, porque as raparigas gostam deles, mas os pais não gostam deles para nada. Se na residência de um comunário houver uma rapariga e o docente aparecer ali com frequência, os pais pensam que o mesmo não vem apenas para visitar, senão que tenha outras intenções para com a rapariga e receiam que o mesmo venha deixar ali um bebé e não o assumir. Qualquer pai pode recear assim, e é mau, sabendo-se que o assédio sexual está proibido e o docente arrisca-se a perder emprego e parar na cadeia, onde vai cumprir como um marginal qualquer. Mas, mesmo assim alguns se atrevem. Mas os pais não estão, nem podem estar

	conformados com isso. **(EAGEXTER-3:HA)** **Siliveli**: Bem! Ainda há comunários que pensam assim, porque há pais que dizem: "se eu tirar o meu filho da escola o docente deixa de ganhar". Mesmo com a implantação de algumas infraestruturas como o posto de saúde, as escolas e o chafariz, ainda assim, alguns comunários não mudaram de mentalidade no trato com os trabalhadores externos**. (EAGEXTER-3:HA)** **Soloti:** por aquilo que acompanhamos houve muitos desafios durante a guerra porque havia muitos deslocados. Nós inclusive fizemos vários apoios, e essas deslocações têm impacto direto na criança, visto que, ela deixa de ir à escola, os serviços de apoio não lhe são proporcionados em tempo útil, então havia esse tipo de problemas. **(EAGEXTNR-1:HA)** **Soloti:** para ser sincero, não estou bem familiarizado com os mitos e tabus que permeiam as comunidades; no entanto, um dos mitos é aquele que referi atrás segundo o qual, uma mãe deve desmamar a criança, logo que estiver de novo grávida. Cientificamente está provado que não é assim; nós instruímos que devem amamentar obrigatoriamente até aos seis meses e depois de uma forma mista a introdução de pequenos alimentos até aos dois anos de idade. Nós achamos que este é um dos mitos que têm influenciado a situação da má nutrição também; a estiagem só veio agravar. Acredito que existem outros mitos nas comunidades, mas que não tenho essa propriedade de falar deles. **(EAGEXTNR-1:HA)** **Soloti:** Havia muitos problemas de pessoal e mesmo até agora, há professores que são colocados nas comunidades rurais e nem sequer têm tempo para se adaptarem; risos... Ele chega lá e pronto; não tem onde dormir, comer e não se integra. Graças à Deus, há uma boa evolução, visto que, neste momento o estado tem feito muito para melhorar a situação; eu falo por conhecimento próprio, porque sou quadro do Ministério da Educação onde trabalhei durante muitos anos e vi as dificuldades que eu tinha na altura, às vezes, ficávamos 1 ano sem salários, etc., etc. Risos... Graças à Deus, este quadro está ultrapassado, pois, atualmente, o dia 22 de cada mês os professores têm os seus salários e isto vai assim já há 4 anos. Recordo-me que em 1998, os licenciados tinham um salário equivalente a $50 (cinquenta dólares americanos); eu tenho esses dados porque é um marco que eu tenho. Mas, agora, um professor licenciado já está a ganhar aproximadamente o equivalente a $2000 (dois mil dólares americanos); neste

	aspeto há uma evolução considerável. Mas, temos problemas junto das comunidades rurais, onde o professor não consegue fixar-se porque não há algo que atrai; sabe-se que agora a modernização, a parabólica, a internet, etc. Isso tira um da qualidade de recursos humanos na zona rural. **(EAGEXTNR-1:HA)** **Soloti:** Há um tema polémico que tem sido debatido pela sociedade civil; pensa-se que o professor que está na comunidade rural tem a 4ª classe e tem a responsabilidade de lecionar cinco disciplinas, etc. Então, quer dizer são esses fatores próprios da zona rural; se calhar as autoridades irão melhorar a situação com o andar do tempo e do desenvolvimento municipal, comunal e das autarquias. Acredito que esses fatores todos vão ser ultrapassados. Mas, há muita melhoria, há escolas apesar de que ainda temos crianças a estudar ao ar livre, debaixo duma árvore, etc. **(EAGEXTNR-1:HA)** **Kaliva**: São variados, isto é, problemas no plano social, económico, cultural, educacional e aos diversos níveis; acho que, partiríamos dos problemas da saúde e educação que são essenciais para melhorar a vida dessas comunidades, visto que, existem várias dificuldades, principalmente quando são afetados por uma doença grave e não há meios de evacuação rápida do local de residência para o hospital provincial, e, como se não bastasse, as estradas não são adequadas, há muitos buracos nas estradas, enfim, resumidamente, o acesso aos serviços não é dos melhores. Também, podíamos dizer que isto é abrangente para os níveis escolares, porque as escolas que deveriam, até certo ponto, elevar o nível cultural ficam muito distantes das comunidades rurais, então, está-se diante da privacidade que aquelas famílias têm em termos financeiros, alojamento, vestuário, sustento, enfim, são vários obstáculos que essas comunidades enfrentam, para poderem enviar os seus filhos à uma das escolas, onde pudessem elevar o seu nível cultural; em face desta situação, um ou outro ainda escapa-se para uma área onde possa desenvolver o seu nível cultural, mas a maioria enfrenta esses obstáculos. No entanto, pouco a pouco, o governo está incentivando a criação de escolas de nível médio nalgumas comunas e acho que este é um bom indicador, pois, quando se chegar às *ombalas*, às comunidades ou aldeias de grande realce, esses problemas estarão praticamente ultrapassados. **(EAGEXTNR-2:HA)**

	Kaliva: Pelo menos nas áreas onde já visitei não encontrei o fenómeno de discriminação; o que posso realçar é a insuficiência de escolas para absorver toda a população estudantil. Grande parte das escolas foram construídas com material local e devidas as elevadas quedas pluviométricas uma boa parte ficou destruída, mas aquelas escolas de construção definitiva continuam de pé; há um aspeto negativo que atravessa tanto as populações rurais como as urbanas. Refiro-me concretamente àquelas pessoas que mesmo havendo oportunidades de escolas, não tiveram interesse em estudar e até agora não querem saber nada de escolas; posso falar inclusive da minha própria tia. Eu cresci praticamente no seu colo mas quando lhe incentivo para aproximar-se de mim e estudar, ela simplesmente responde: "eu também um dia irei estudar" e essa mentalidade é repassada aos filhos dela que também não gostam de estudar. Este é um exemplo que estou a dar, mas tem havido ainda situações similares por aí, tanto no meio rural como meio urbano. Isso preocupa porque essas pessoas se fazem passar por gente discriminada. **(EAGEXTNR-2:HA)** **Kaliva:** Acho que estamos perante a decadência das instituições educativas ancestrais, talvez o sector da cultura dê uma explicação a isto. **(EAGEXTNR-2:HA)** **Sawesi**: Mas isto é problema porque além da questão dessas construções locais há falta de professores e um absentismo notável dos poucos que lá trabalham; imagine que eu sou residente da cidade do Kuito e estou habituado com esse ambiente mais ou menos agitado, que às vezes, passando um dia sem estar aqui não me sinto bem. (Sawesi: **(EAGEXTNR-3:HA)** **Sawesi**: Os internatos seriam construídos com este propósito de alojar estudantes oriundos das comunidades e que frequentam cursos nas cidades; os internatos não deveriam alojar estudantes provenientes de outras cidades ou províncias, em detrimento dos mais carenciados como tem acontecido atualmente. **(EAGEXTNR-3:HA)** **Rita**: E então, uma vez colocadas, às vezes, as pessoas não vão, ou se vão há casos registados em que o docente vai à terça-feira e regressa à quinta-feira, porque também lá na localidade não tem condições de alojamento, para não falar de outras, risos... Então as pessoas são colocadas e a gente olha para os números e as localidades para onde são dirigidas e diz:

	"o problema está resolvido". **(EAGEXTNR-4:MA)** **Rita**: No domínio da educação apesar de as escolas estarem a surgir ainda há dificuldades em material didático como livros para os alunos, o programa de merenda escolar ainda não é extensivo à todas as escolas; daí que as crianças que estudam numa escola próxima abrangida pela merenda escolar a tendência é abandonar aquela e mudar-se para a outra abrangida pela merenda escolar; risos... Isto tem estado a causar também algumas dificuldades. O grande protagonismo que tinham as Comissões de Pais e Encarregados de Educação tende a baixar cada vez mais. **(EAGEXTNR-4:MA)** **Rita**: Este problema se mantém, mas o governo tem estado a dar um avanço nestes programas de alfabetização como o SIM EU POSSO e outros; tem estado ao nível das administrações municipais a planificar as aulas de alfabetização para determinadas localidades. Não é possível abranger todas de uma só vez, mas também sentimos a grande dificuldade pelo facto de o alfabetizador não ser considerado como um formador, à semelhança do docente do ensino geral; não tem um estatuto definido, não tem salário garantido, apenas beneficia de uma remuneração enquanto estiver a vigorar a fase do programa, depois disso é um indivíduo como qualquer outro. **(EAGEXTNR-4:MA)** **Rita**: mas quando vão para os concursos públicos enfrentam algumas dificuldades em relação aos outros da cidade. Acaba passando o candidato da cidade que não está interessado em trabalhar numa comunidade rural, porque às vezes querem prosseguir com os estudos, as escolas e as faculdades estão nas cidades. **(EAGEXTNR-4:MA)** **Ndalu:** por outro, as pessoas analisam o que se passa no país todo e concluem dizendo: há uma desorientação. **(EGC-11:HAC)** **Ndalu**: Portanto, não é normal o que temos observado nos dias de hoje em que a noiva com 18 anos de idade vai ao casamento já com o bebé ao colo; as raparigas só podiam ir ao casamento quando completassem 25 anos, e os rapazes quando completassem 30 anos de idade. Risos... Hoje em dia, as pessoas dizem que são modernas, civilizadas e comem na mesa com guardanapos para limpar os lábios porque pensam que a comida lhes suja a boca, mas é nesses guardanapos onde eles apanham doenças. **(EGC-11:HAC)**

	Ndalu: Portanto, voltando a questão da educação e cultura criaram-se aqui na comunidade igrejas e começaram a mobilizar as pessoas para aderirem à igreja, mas a pergunta é: como surgiu a doença de reumatismo? Hoje em dia, tanto crianças como jovens e adultos padecem de reumatismo e porquê? A resposta é: devido ao abandono dos rituais tradicionais que as igrejas impõem aos seus fieis. **(EGC-11:HAC)** **Ndalu**: No passado recente, o catequista da igreja era ao mesmo tempo o mestre tocador de batuque para os palhaços dançarem e são esses rituais que aplacavam a ira dos espíritos antepassados; hoje em dia, o feitiço está praticamente vulgarizado e os feiticeiros que matam filhos alheios são ao mesmo tempo fieis dessas igrejas e dizem publicamente que são cristãos e vestem-se de fatos com gravatas. Se lhe convocam para ir ao curandeiro dar prova de sua inocência alega estar proibido de o fazer por ser fiel cristão. Risos... Os líderes dessas igrejas incutem na mente de seus fieis que os sobas são feiticeiros; pelo contrário, são os sobas que incentivam e os homens e as mulheres a procriarem para a comunidade dispor de novas gerações que asseguram a sua continuidade. Se durante um mês a comunidade não registar o nascimento de pelo menos cinco ou seis bebés, os comunários pedem contas: "mas afinal o soba está a fazer o que"? Risos... É isso. Neste particular, o governo também tem orientado os sobas a incentivarem a procriação nas comunidades de sua jurisdição. Ainda pergunto: uma pessoa com estas responsabilidades pode, ainda assim, ser feiticeiro? As mulheres são aconselhadas a não consumirem bebidas alcoólicas porque a sua incidência no sangue dificulta a procriação. Desde tempos remotos, a feitiçaria foi, e é ofício dos anciãos e não dos reis que agora estão reduzidos a condição de sobas. Portanto, meu filho, esses são os aspetos da nossa educação, da nossa cultura e da nossa tradição. **(EGC-11:HAC)** **Katola**: Atualmente, as pessoas regrediram nestas práticas tradicionais de organizar a economia, o que pressupõe dizer que também regredimos na realização de práticas educativas que capacitavam as novas gerações ao conhecimento e aplicação deste tipo de experiências produtivas, porque tudo isto faz parte da educação. No passado, como havia velhos e adultos com capacidade de manter viva a atividade educativa do *onjango*, como as gerações daquele tempo também

	obedeciam e aderiam aos seus ensinamentos e porque não havia cantinas que comercializassem bebidas alcoólicas, era quase impensável os jovens passarem o seu tempo nas bebedeiras como acontece atualmente. **(EGC-11:HAC)** **Katola:** Hoje, porém, a ambição apoderou-se da consciência dos jovens de tal maneira que não conseguem perceber que o dinheiro advém do trabalho. Não é costume entre nós vender a terra, porque ela é propriedade coletiva e a cada família cabe uma certa extensão que deve ser repartida em parcelas para cada um dos seus membros. Se num lar familiar houver filhos e filhas cabe aos pais repartir as parcelas de terra a cada um, antes mesmo de criarem os seus próprios lares; hoje em dia, os filhos e as filhas não aceitam trabalhar lavras próprias para ter algo de onde principiar a vida autónoma; nos nossos tempos quando éramos jovens, sempre que tivéssemos pretensão de contrair matrimónio, os meios a utilizar na festa do casamento saiam das nossas próprias lavras, pois, é de lá onde se retirava a batata doce e a cana de açúcar para fabricar a *otchisangwa*, que é nossa cerveja caseira; as pessoas bebiam e sentiam-se fortificadas e não fragilizadas. As pessoas viviam saudáveis e não havia tanta mortalidade tal como observamos nos dias de hoje. O caminho que vai ao cemitério não era visível devido ao capim que nele crescia, pois os funerais eram raros; se porventura a comunidade recebesse a informação de óbito que viesse de outra comunidade, todos se mobilizavam para ir participar naquele acontecimento. As crianças eram proibidas de aproximar ao local do óbito e nem sequer podiam ver um cadáver. **(EGC-11:HAC)** **Katola:** um bebé nado-morto ou um bebé que nasce e depois morre sem chorar não se realiza óbito nem velório. Perante uma situação de mortalidade de bebés recém-nascidos, como esta que está passando nesta comunidade durante esta semana nenhum ancião deveria comer nestes dias. **(EGC-11:HAC)** **Katola**: Não vou rebuscar os acontecimentos do passado longínquo; vou partir de uma constatação do passado recente. Anteontem, o porta-voz da comunidade convocou todos os comunários para se juntarem no pátio habitual, a fim de lhes transmitir algumas orientações que julgamos pertinentes e oportunas. O modo como atenderam a convocatória foi uma desilusão; no mesmo dia, vimos multidões a dirigirem-se ao posto da polícia local para dirimir conflitos surgidos entre famílias e o que temos constatado é que, quando os conflitos

	familiares são levados à polícia os diferendos agudizam-se ainda mais, e as partes envolvidas saem de lá desiludidos, que quase ninguém mais quer repetir tal experiência. **(EGC-11:HAC)** **Katola**: Repare que o cinema por exemplo, existe há bastantes anos; no passado era exibido nas cidades em casas apropriadas, onde podíamos encontrar um polícia para verificar a idade de cada pessoa que para lá se dirigia. Para aquele tipo de cinema destinado aos adultos o polícia não permitia que os menores entrassem para assistirem tais espetáculos. Só os adultos e principalmente aqueles que já eram chefes de família podiam assistir aquele tipo de espetáculos. Exigia-se o bilhete de identidade para ser permitido entrar. Não havia o hábito de expor cenas vergonhosas e de violência aos menores. O que temos observado agora é que já não há cuidado na exibição do cinema na TV, no vídeo, enfim… Quer dizer, exibe-se tudo à todos; logo, não se poderia esperar outra coisa senão a crise de valores de que sofremos todos. **(EGC- 11:HAC)** **Katola**: Nos tempos passados as pessoas respeitavam as normas de convivência social; com a intensificação da guerra civil que terminou recentemente e o retorno da paz que agora estamos a viver é que estamos a observar o acelerar desta crise de valores, porque as pessoas só se mostram disponíveis a participar quando se trata da reunião dos comités de partidos políticos. Quando o soba convoca uma assembleia e nos dias posteriores alguma criança adoecer, os pais já não pensam outra coisa senão acusar o soba por ter convocado os comunários a participarem da mesma; será que esses pais consultaram algum adivinhador, curandeiro para fazerem tal acusação? Risos… Portanto, são esses comportamentos chocantes que desmotivam os mais velhos a empenharem-se e proporem iniciativas educativas que promovam o bem-estar de todos; senão vejamos: antes era proibido entrar ali no cemitério com veículos automóveis; muito menos se poderia entrar com veículos no espaço do Palácio Real. Até os animais não deviam aproximar ali no chamado pátio do Kangombe; o boi ou cabrito que aproximasse naquele pátio era imediatamente apanhado e abatido. **(EGC-11:HAC)** **Katola**: Atualmente, a libertinagem está demais! No passado, quando os mais velhos diziam "não estareis preparados para enfrentar os desafios que hão de vir no futuro" as pessoas não acreditavam, mas agora estamos perante uma profunda crise

	generalizada de valores e temos que dar razão a eles. As pessoas confundem a liberdade com a libertinagem. **(EGC-11:HAC)** **Katola**: No passado, se alguém padecesse de uma enfermidade, os enfermeiros prestavam-lhe alguma assistência, mas tinha que ser clandestinamente e a comunidade inteira apenas tinha três. O mais comum em casos de doença era consultar o adivinhador curandeiro, e na maioria das vezes, eram os espíritos antepassados, que são anjos da guarda e que se manifestam sob forma de enfermidade no corpo do possesso. Nestes casos, o curandeiro orienta: "para repor a saúde do possesso a família tem que fazer preces a um varapau sacrificando um galo ou uma galinha, poucos dias depois o enfermo está curado; para completar o tratamento, espera-se pelo verão, que é período das colheitas e a família desencadeia o processo de preparação do rito de *otchisunji*, começando por colocar milho na água, pela mão do próprio palhaço, para a sua fermentação, por ser esta a principal matéria-prima que se utiliza no fabrico da *otchisangwa*, a cerveja caseira local; no dia marcado realiza-se o rito de *otchisunji* animado pela dança de palhaços. Se for uma mulher, o processo é o mesmo, mas o rito de *otchisunji* neste caso deve ser animado pela dança da *okayula*. Uma vez cumprido esse rito, a pessoa enferma fica completamente curada e a harmonia é plena no seio da família. No entanto, o que temos assistido nos tempos atuais, o doente que o hospital convencional não consegue curar, a família recorre ao curandeiro e esse limita-se a dizer que a doença é obra de um feiticeiro mas escusa-se a citar o nome do mesmo; se a família insistir para que o curandeiro cite o nome do tal feiticeiro, o curandeiro diz simplesmente que se trata de uma pessoa muito próximo de si, come e bebe consigo. Quando a família do enfermo regressa a casa pergunta-se: "quem será o prevaricador"? Começam então as falsas acusações contra alguns parentes que se mostram mais solidários para com a pessoa que agora está enferma, ou contra aquelas pessoas que, de alguma maneira mantêm um bom relacionamento com a família em causa. Esta situação tem criado muitos conflitos inter-familiares; inclusive crianças tornaram-se tão supersticiosas, que receiam a mão caridosa de um tio ou de um avô. Se um tio ou avô oferecer uma fruta ao seu netinho por mais de uma vez, o pequeno também questiona-se: "será que isto é mesmo caridade? Ou haverá outra intenção"? Para um tio ou avô que nasceu e cresceu num ambiente de caridade e

	solidariedade inter-familiar, isto constitui um fenómeno chocante e não encontra outra alternativa senão fechar a mão da caridade. Agora só partilhamos comida com os próprios filhos, sobrinhos e netos diretos, evitando deste modo a prática de alargar a caridade aos demais. É claro, que uma decisão desse tipo contraria aquilo que é a nossa identidade e o nosso modo de convivência social. São estes os fatores que fazem regredir a consciência das pessoas e originam a crise de valores e a deterioração do ambiente social. Ao falarmos da educação estamos pensando numa boa convivência social entre as pessoas; e aqui vai o nosso clamor ao governo: "se o governo analisasse inteligentemente os vídeos e os programas da televisão e restringisse pelo menos alguns, para serem exibidos apenas aos adultos, talvez seria um passo na reorientação das crianças e jovens. Se o governo refletisse bem sobre este problema, mesmo os jovens que estudam nas escolas sairiam daí com muitos conhecimentos, inclusive haveria de entre eles sábios e talentos capazes de manejar as novas técnicas. Portanto, tudo isso acaba sendo um processo de educação social das populações. Se isso acontecesse diríamos que a educação que se pratica no nosso país objetiva a formação de pessoas que irão cuidar de futuras gerações. De resto, não temos esperança de que as crianças e jovens que estudam nas escolas públicas e privadas venham a ser inteligentes, sábios e responsáveis para cuidar das gerações futuras. Só Deus poderá iluminar talvez para que assim venha acontecer. **(EGC-11:HAC)** **Katola**: Se compararmos o passado, percorrendo o período de guerra até os dias de hoje, o défice que constatamos é a despreparação das novas gerações no plano de organização da vida social, visto que, atualmente o bem-estar é visível e está sendo criado pouco a pouco de modo que, se poderá alcançar os níveis do passado, porque as pessoas estão a trabalhar muito e até estão criando animais; as pessoas circulam com liberdade a pé ou de veículos tal como era no passado. A despreparação dos jovens é ainda um défice, mas a paz e o amor ao próximo não difere muito do passado, visto que, nem todos são cruéis; aqueles que sempre seguiram as pautas do passado, ainda que não tenham conhecido os avós continuam a viver de acordo com essas normas. A guerra é que obstruiu algumas normas; se aparecer aqui um palhaço as crianças atuais atiram pedras contra ele, mas a ancestralidade não educa assim. Desde os tempos remotos o palhaço foi respeitado. **(EGC-11:HAC)**

	Katola: É uma figura que encerra tabus tais, que um homem que não passou pela iniciação, ainda que for idoso não pode aproximar-se junto dele. De igual modo, uma mulher não iniciada, não pode aproximar-se junto da *okayula*, porque ela simboliza a racionalidade feminina e por isso encerra segredos exclusivos à mulher; nem os homens iniciados podem aproximar-se junto dela. O palhaço masculino pode perdoar em alguns casos, mas a *okayula* das mulheres não poupa ninguém. Ademais, a magia feminina é mais perigosa, e quando as mulheres decidem que aquele indivíduo tem que morrer por ser autor de uma ofensa profunda contra elas, esse morre no mesmo dia, e não há autoridade costumeira que possa acudir para que tal não aconteça. Repare, tanto as raparigas, como os rapazes que passam pela iniciação demonstram no dia-a-dia um elevado grau de respeito, tanto pelas pessoas, como pelas normas, enquanto os outros que apenas frequentam a escola oficial não revelam no seu comportamento. Por exemplo, um jovem que passou pela *evamba* tem consciência de que ao sentar-se, não deve posicionar-se defronte a sua mãe sentada. Ele está proibido de observar as partes sensíveis do corpo da sua mãe, assim como de qualquer mulher que seja, uma vez que tal gesto indicia uma atitude tendenciosa; de igual modo, uma rapariga iniciada tem consciência de que, não deve sentar-se defronte seu pai. Ora, os divertimentos sempre existiram, mesmo nos tempos passados, mas não saía de lá raparigas grávidas nem intrigas como ocorre atualmente. **(EGC-11:HAC)** **Ndalu**: Naquela altura, as raparigas podiam engravidar e dar luz ao seu bebé somente depois do casamento aos 25 anos; agora constatamos que até adolescentes já têm bebés gémeos, de tal sorte que, ao nos depararmos com elas julgamos que carregam ao colo seus irmãos ainda bebés, ao passo que se trata de filhos próprios. Portanto, no passado não havia hospitais convencionais mas a morte era muito rara. Atualmente, como os europeus descobriram a nossa racionalidade e nos impõem para vivermos como eles, passamos a enfrentar problemas enormes no plano da saúde. As pessoas eram robustas e gozavam de boa saúde, mas não consumiam óleo vegetal proveniente da fábrica. Risos… Não temos a certeza se o óleo que consumimos é mesmo vegetal ou não, porque o mesmo provém de fora do país; as novas gerações não aceitam consumir alimentos preparados com o óleo de fabrico doméstico e local, porque estão habituados a

	consumir o óleo vegetal importado. Os efeitos do consumo de óleo vegetal importado são estas situações que temos observado atualmente, em que uma mulher grávida é obrigada a ir a maternidade desde o primeiro dia da gestação até ao parto, para ser observada e acompanhada pelo médico, porque se não agir desta maneira arrisca-se a ter vários problemas de saúde. No passado não havia maternidades e as mulheres davam luz a seus bebés sozinhas, porque durante o período de gestação consumiam a comida local rica em nutrientes fortificados pela natureza e não pela fábrica; muita gente pensa que os alimentos industrializados são nutritivos, quando na realidade fragilizam ainda mais o próprio corpo. **(EGC-11:HAC)** **Ndalu**: O sector da cultura tem insistido nesta questão; isso se deve à influência das igrejas. **(EGC-11:HAC)** **Katola**: O trabalho dos missionários foi se expandindo e consolidado pouco a pouco, mas isso só foi possível quando eles próprios se convenceram de que a evangelização deveria ser feita com respeito às culturas locais, porque de contrário iria destruir os valores e em reação a população se revoltaria colocando em risco a vida dos próprios missionários. Portanto, havia apenas duas igrejas: a católica e a protestante e não essa diversidade de igrejas que temos hoje. Eu posso mesmo afirmar que a diversidade de igrejas tem contribuído muito para a denegação e marginalização dos valores da nossa cultura ancestral. **(EGC-11:HAC)** **Katola**: Esta questão remete-nos para aquilo que referimos atrás; não há respeito para com as autoridades comunitárias. No passado, quando a comunidade estava efetivamente estruturada em famílias alargadas havia respeito; agora, não tanto assim. Naquela altura, todos os problemas que surgissem em cada família eram transmitidos ao Rei através do tutor familiar. É nessa altura que havia efetivamente respeito com as autoridades comunitárias; cada tutor de família tinha o seu *onjango,* mas ao mesmo tempo era membro do Conselho Real e participava todos os dias do serão do *onjango* junto do Palácio Real. Os adultos de cada família alargada seruavam com rapazes e jovens no respetivo *onjango*, mas o tutor deles tinha uma participação regular no serão do *onjango*, junto do Palácio Real; inclusive as anciãs com o estatuto de princesas também eram membros do Conselho Real e participavam do aludido serão. São eles que atualizavam e capacitavam o Rei

	em algumas matérias relacionadas com o exercício do poder e gestão dos assuntos comunitários. O Rei, por sua vez, dava orientações sobre a execução de tarefas inerentes às funções de cada membro do Conselho Real e aconselhava como melhorar a gestão dos assuntos familiares na qualidade de tutores. Nos seus conselhos, o Rei insistia para que os tutores de famílias continuassem incansáveis nas advertências que fazem aos jovens, diante de situações que propiciam a desestabilização das famílias, tais como, o adultério, a gatunagem, as intrigas, etc. Os tutores levavam essas inquietações do Rei aos membros do seu *onjango* familiar. Foi esta forma de organização que permitiu a estabilidade e o bem-estar social. **(EGC-11:HAC)** **Katola**: Hoje em dia, a atitude e o comportamento de desrespeito pouco difere entre jovens e adultos ditos modernos. As únicas pessoas de referência por quem guardo memória são: o ancião de nome Kambyambya que faleceu com pouco mais de 80 anos e o ancião de nome Ndumba, que faleceu com 122 anos de idade, em Fevereiro de 2012, e ambos viviam na vizinha comunidade de Kalufele. Aqui no *Ekovongo*, posso mencionar o ancião Paulo Lusati e o ancião Justino Lwali. Os demais pensam que os anciãos são feiticeiros. Os jovens não se cuidam para viver muitos anos e pensam que os anciãos vivem mais tempo porque têm amuletos que cuidam deles. **(EGC-11:HAC)** **Katola:** Naquela altura, o cadáver podia fazer cinco dias ou uma semana, porque ninguém devia realizar o seu funeral sem a presença dos parentes mais próximos. Se for homem, podem realizar o funeral, mas quando se trata de uma mulher de outra localidade que alguém trouxe para esta comunidade por via do casamento, ninguém devia realizar o seu funeral sem a presença dos familiares diretos, pois, era preciso explicar em detalhes como tudo aconteceu para terminar em morte. É por isso, que ao educar os filhos e as filhas aconselhamos não juntar-se a qualquer etnia por casamento; há etnias que exigem ritos de reparação de danos. É preciso conhecer os hábitos e costumes de cada família e de cada etnia; se não conhecer esses pormenores e aventurar-se buscar parceiro ou parceira em qualquer sítio, então tem que ter uma retaguarda segura, porque em caso de morte a reparação de danos pode ser muito pesada. **(EGC-11:HAC)** **Sapwile**: Nos dias de hoje, a juventude e as pessoas que

	frequentam as igrejas estão a seguir os ensinamentos que as mesmas transmitem; os que frequentam as escolas oficiais também estão a seguir os ensinamentos que elas transmitem; porém, as famílias só estão a transmitir a educação laboral para que as crianças não se tornem preguiçosas. Mas, não se tem praticado aquela educação que se fazia em tempos recuados, em que se transmitiam normas de como estar na vida, saber dos tabus, daquelas coisas que metem medo e daquelas normas invioláveis. As famílias não têm conseguido transmitir esses ensinamentos, porque a juventude de hoje não quer aprender aquelas normas de como deve estar na vida. Ao regressar em casa, depois de passeios, os jovens apenas se preocupam em localizar os pratos onde está guardada a sua comida. Depois de comer, muda de roupa e regressa imediatamente ao seu grupo de pares para seguirem juntos as novelas da televisão. Nos dias de hoje, as pessoas entraram no desprezo por causa dos programas vergonhosos da televisão; aquelas coisas vergonhosas do exterior, que só ouvíamos, agora estão a ser visualizados, através da televisão; o resultado está aí e a sociedade está a degradar-se; já não há receio por alguma coisa que seja; Nos tempos em que crescemos era impensável bater no próprio pai, na própria mãe, no tio, na tia, no irmão mais velho, enfim, já não há receio entre as pessoas, porque *onjango* instituição onde se educavam os jovens não está a funcionar; entramos agora no modo de vida dos cães; a juventude está se afastando do civismo e está a enveredar pela vida de disparates; as mamãs também disparatam sem rodeios; não há respeito pela outra que, por vezes, é esposa de alguém. **(EC-1:HAC)** **Sapwile**: O fracasso não deve ser atribuído só ao governo mas, também aos responsáveis dos órgãos intermédios que executam os programas. Por exemplo, na área da educação, quando se abre o concurso para admissão de professores, o governo orienta que todos aqueles que atingiram os níveis solicitados, reúnem os requisitos e as competências para ensinar, devem concorrer para serem selecionados. Infelizmente, temos constatado que, aqueles responsáveis envolvidos nesse processo costumam trocar os nomes para favorecer os seus parentes, em detrimento daqueles que têm competências e experiencia para ensinar; costumam favorecer aqueles que apresentam diplomas e bilhete de identidade comprados; são eles que são admitidos e o resultado é que as crianças que estudam com esse tipo de professores, mesmo

	quando atingem a 4ª classe, ainda não sabem escrever o nome de seu pai. Com este tipo de problemas, quando é que teremos professores, engenheiros e doutores? É devido a este tipo de atitudes de alguns responsáveis, que o governo optou por quadros estrangeiros, o que faz com que os cidadãos nacionais passem a condição de subjugados. **(EC-1:HAC)** **Sapwile:** os jovens só estão a seguir a ilusão urbana, de tal sorte que, mesmo quando os pais tentam transmitir os nossos valores, as nossas experiências na área da produção, o respeito às pessoas, observância do horário de descanso, etc, eles já não dão importância a estes ensinamentos. Quando saiem ao passeio a noite, de regresso batem a porta, fazem ruído sem respeito pelos pais e quando se pergunta para saber de onde vem, a resposta é: "fui tratar da minha vida". Mas, assim que surgem problemas, quando a polícia vem lhe prender são os pais que assumem a responsabilidade. Logo, aquele dinheiro insignificante que deveria custear as despesas académicas dos menores é desencaminhado para pagar a caução ou indemnizar o ofendido que já ganha dinheiro. Às vezes o próprio ofendido não cobra nada, mas a polícia cobra por aquilo que eles chamam de gasolina. Essa gasolina varia entre mil, quatro mil e cinco mil kwanzas; por aquilo que temos constatado, esse dinheiro não tem entrado na caixa do estado. Além disso, somos pobres e a pequena poupança cai em mãos alheias, enquanto, na escola o caderno e outros materiais são comprados. Para os filhos poderem continuar com os estudos, "e este é o ponto mais importante que quero sublinhar". **(EC-1:HAC)** **Sapwile:** O governo já criou cursos de alfabetização para aqueles que não sabem escrever, sobretudo idosos; eu próprio tenho uma sobrinha que leciona o curso de alfabetização todos os dias no período da manhã. O governo tem exigido; nós próprios, por causa da nossa pobreza nos questionamos: "será que faz sentido para nós que já sofremos muito, gastar o nosso tempo com o curso de alfabetização, quando deveríamos realizar atividades nos nossos campos"? **(EC-1:HAC)** **Sapwile**: Não negamos; porém, estou apenas a falar da realidade mas, não é para benefício próprio, senão para benefício das gerações futuras. Os jovens e mesmo adultos quando saiem da igreja, depois do culto, põem-se em brigas com os outros e, as vezes os adultos disparatam os próprios filhos, enquanto o civismo deveria partir do lar familiar. O que

	estamos a constatar aqui na comunidade, os professores têm feito tudo para consolidar a educação comunitária, mas os próprios jovens não têm amor ao próximo. O desrespeito que demonstram aos seus pais transportam para a escola, na relação com os professores. Alguns só respeitam os irmãos e parentes mais próximos. No passado havia disciplina nas escolas e os alunos respeitavam as normas. As crianças e jovens de hoje, quando o professor repreende queixam aos seus pais e esses, por sua vez, não entendem que o professor agiu assim para corrigir a indisciplina; reagem em defesa do seu filho. **(EC-1:HAC)** **Sapwile**: A influência dos programas da televisão tem contribuído de forma negativa na educação dos menores, que assimilam apenas aquelas práticas negativas ali visualizados. A juventude está propensa a imitação das besteiras do mundo contemporâneo. **(EC-1:HAC)** **Sapwile**: Agora, encontramo-nos numa etapa de muita desconfiança; se entregar comida ao filho do vizinho e no dia seguinte o mesmo adoecer a acusação é contra o vizinho que deu a mão caridosa. Às vezes, a criança já padecia de lombrigas na sua barriga mas o pai não pensa nisso. Portanto, nos dias de hoje, o relacionamento entre os homens difere muito daquele que havia antigamente. **(EC-1:HAC)** **Epalanga**: Nos dias de hoje, o que está a complicar-nos são as transformações que o mundo está a sofrer; o que temos constatado nos dias de hoje faz parte da racionalidade do mundo atual. Digo isto, porque antigamente, quando eu era menor de idade seguia tudo o que o pai fazia, quer fosse em atividades do campo, quer fosse em outras atividades, eu e o pai trabalhávamos juntos; naquele tempo, toda a criança, menina ou menino tinha em mente que era o pai e a mãe que providenciavam vestuário, mantimentos, etc.; mesmo quando se tratava da escolarização aqui na comunidade ou lá na missão de *kamundongo* era o pai que pagava as propinas, até finalizar o ciclo de formação, se era uma pessoa séria e comprometida. **(EC-2:HAC)** **Epalanga**: Em relação a nossa vida aqui na comunidade bem… É verdade! Se repararmos, nós os humanos Deus nos criou; alguém explicou dizendo: "no início, tanto o homem como o animal Deus criou-os da mesma forma e deu-lhes o mesmo coração. Com o andar dos tempos alguém foi reclamar junto de Deus dizendo-lhe que não nos criou tão bem assim

	com esta homogeneidade de corações; o melhor é morrermos todos, extrair todos os corações, espalhar no balaio para redistribui-los de novo". É partir dessa redistribuição que observamos que certas pessoas aparentam ser boa gente mas os seus corações… risos; um ficou com o coração de cão e passa a vida a rir com os outros, risos; um ficou com o coração de leão e passa a vida a conflituar com os outros risos; outro ainda ficou com o coração de cínico e vive a solidão. Por isso, tudo está complicado; é por isso que constatamos que as pessoas são distintas e se repararmos concluímos que somos diferentes uns dos outros, ou não? Com a juventude, por exemplo, chegamos a uma saturação; encontrar-se com um jovem na rua, hoje tornou-se uma preocupação porque apresenta a cara fechada. "Hih! Meu neto! Será que desagradei-lhe? Não estamos a partilhar a mesma estrada"? Se o jovem vem de moto, mesmo deixando-lhe o caminho ele te segue até atropelar-te. "Se eu morrer atropelado, ainda vai dizer que o ancião enganou-se, ou você me seguiu propositadamente"? Assim, prossegue a vida com toda a sua complexidade, o que traduz a nossa imperfeição; Cada um de nós com o seu coração, mas se Deus dotar alguém com o espírito de bem, que ri com os outros e cultiva amizades…Ah! Um dia vi um pastor de igreja com a cara fechada; é pastor mas tem a cara fechada risos. Esse, só lhe colocaram ali mas não tem vocação para cumprir com essa missão. É assim que vão as coisas, e, assim vai a vida cá na terra. **(EC-2:HAC)** **Epalanga**: Em relação a esses que estão atualmente a frequentar as escolas locais hummm…Vamos esperar para ver. A comunidade encontra-se atualmente assolada pela pobreza, razão pela qual alguns alunos abandonam os estudos e emigram para as cidades a procura de melhores condições de vida. E, quando abandonam os estudos já não retornam a escola. Quanto aos ensinamentos da nossa vivencia comunitária as escolas sedeadas aqui não têm transmitido tais ensinamentos, porque os professores cumprem com aquilo que está estipulado nos programas desenhados pelos órgãos oficiais. Nos dias de hoje temos constatado situações caricatas de jovens que acorrem aos serviços de identificação para efetuar o registo de nascimento e, no momento de fornecer os dados pessoais, assim como os da sua família aí começam a evidenciar lacunas incompreensíveis; alguns não são capazes de dizer os nomes dos avôs maternos e paternos quando o agente dos serviços de identificação pede dados da família.

	Vêem-se obrigados a sair fora dos serviços a procura de alguém que conhece a sua família para fornecer-lhe os nomes de seus avôs. As escolas atuais não se preocupam com os aspetos culturais; não dialogam com os alunos para saber quem são os pais, os avôs, os bisavôs, onde vivem, quais são as atividades que realizam no dia-a-dia? Enfim… São estes aspetos básicos que a escola talvez tem negligenciado. **(EC-2:HAC)** **Kapoko**: Nos tempos passados, no *onjango* transmitiam-se ensinamentos importantes de respeito; quando se tratava de um rapaz, a educação era no *onjango* e quando se tratava de uma rapariga a sua educação era no espaço caseiro das mamãs *otchiwo*; é ali onde ela recebe os ensinamentos de como respeitar as irmãs, os irmãos, os amigos e pares, os próprios pais, os velhos, o rei, os membros da corte, os membros da comunidade, assim como cuidar do seu futuro marido. A educação era uma questão sagrada, porquanto, se uma criança se descuidasse das normas de convivência na comunidade arriscava-se a enfrentar inúmeros problemas. Essa educação ajudou bastante, sobretudo em questões matrimoniais, pois, sempre que o jovem ou a jovem pretendesse constituir a sua família, tinha uma bagagem de ensinamentos que lhe orientavam como gerir o seu lar; nos dias de hoje é difícil realizar esse tipo de educação, mas, aqueles que têm sorte e jeito de sensibilizar os seus filhos têm conseguido transmitir esses ensinamentos aos seus descendentes. **(EC-3:HAC)** **Kapoko**: Havia normas e tabus; desrespeitar ou violar a norma era agir contra o sagrado, mas, pior que isso é desrespeitar ou violar o tabu, o que pode significar banalizar ou desafiar a morte. Havia normas e vou dar um exemplo: se eu tiver filhos, exerço uma autoridade relativa sobre eles, mas, quem tem autoridade suprema sobre eles é o tio irmão da mãe. No passado, o tio é que tinha a autoridade de facto e quando tivesse uma grande dívida por pagar, podia hipotecar um sobrinho ou uma sobrinha, que só mais tarde o resgatava, após ter pago a referida dívida. Atualmente, nenhum sobrinho e nenhuma sobrinha aceita este tipo de subserviência e dizem mesmo "se ainda fosse o meu pai aceitaria alguma subserviência; logo, não é você que é irmão da mãe…Até porque em mim não pode mandar. Se quiser vai mandar aos seus filhos". No passado, o poder do tio sobre a sobrinha ou sobrinho era algo sagrado que não podia ser violado. E mais, num lar onde existem filhos como produto da união entre

	homem e mulher, sempre que alguma enfermidade tomasse conta de um dos filhos, o pai devia tudo fazer para conseguir a cura do filho, porque de contrário seria ele o acusado pela morte do seu filho. Isso implicava o pagamento de pesadas multas aos tios, que são irmãos da mãe do falecido, porque naquela altura havia o princípio segundo o qual a morte de uma criança deve resultar da queda que sofre a partir do berço da mãe e não do peito do pai. Quanto aos tabus também havia muitos. Alguns estavam relacionados com o tipo de alimentação; por exemplo, aqueles que descendem de linhagens reais não podem comer da carne da onça e do *ngulungu* [55] porque senão arriscam-se a contrair enfermidades como lepra, assim como de alguns pássaros da família de rolas que pode causar tinhas na cabeça ou ainda um pássaro chamado *onduva* [56] que simboliza o poder real. Quanto a este último, é um pássaro que não se pode caçar, porque quando morre um rei, retira-se uma pena deste pássaro que é amarrado com uma corda da ulemba [57]sobre a mão do defunto. A violação desta regra pode ocasionar a presença de um leão na comunidade. Pessoalmente, quando ainda era adolescente participei de algumas sessões do *onjango* do palácio, porque meu tio irmão de minha mãe era membro do Conselho Real e levava-me consigo sempre que houvesse tais sessões. Aproveitei beber de alguns ensinamentos daquela instituição porque nasci e cresci bem próximo do Palácio Real. Meu tio era um dos principais anciãos mais ousados nos assuntos do Palácio Real; ainda que o Rei fosse tão poderoso, ele tinha voz e capacidade de influenciar as suas decisões, sobretudo nas sessões de julgamento. Por exemplo, se o tribunal tradicional julgasse e determinasse uma pena que obrigava o réu a pagar uma cabeça de bovino, meu tio intervinha influenciando a decisão não como advogado do indivíduo visado, mas simplesmente para atenuar a pena para o réu pagar apenas um cabrito. Eram eles que funcionavam como contrapesos a favor dos réus nas decisões de penas e multas que eram aplicadas pelo tribunal do Palácio Real. **(EC-3:HAC)** **Kapoko**: Eu nasci órfão de pai porque quando ele morreu ainda estive na barriga de minha mãe. Logo, na minha condição de órfão cultivei o respeito para com toda a gente e optei por acatar as orientações dos mais velhos. Foi graças a essa participação nas sessões do *onjango* do Palácio Real que aproveitei alguns ensinamentos que me ajudaram a cuidar dos

	outros e a tutorar aqueles que cresceram sob minha responsabilidade educativa. Havia respeito e quando alguém se apresentasse junto dos mais velhos a norma era prostrar-se diante deles. Para cumprimentar o Rei, por exemplo, era com honra e respeito e até mesmo beijar a sua mão. Mas o jovem de hoje ainda que fizer encontro com o Rei pelo caminho, não demonstra atitude de respeito e se estiver embriagado é capaz de embater-se contra ele. Isto só acontece agora, e o que temos constatado é algo incomum, porque o soba está com a Bíblia na mão, o ancião está com a Bíblia na mão, o governante está com a Bíblia na mão, o polícia também está com a Bíblia na mão. Toda esta conjuntura favorece e legitima a generalização do desrespeito e da anarquia. Já não há temor pela morte e quando alguém adverte um jovem ou uma jovem que este ou aquele comportamento, esta ou aquela ação podem ter consequências mortais, geralmente, respondem que a morte não é algo por temer porque na pós-morte, na eternidade também há vida em sociedade. **(EC-3:HAC)** **Kapoko**: Havia danças como *osawoya*, *otchiliapanga*, *okatita*, *olundongo*, *ombimba*, *omenda*, *olisemba,ovinganji*, mas esta última atualmente só assistimos pela televisão e saem de outras localidades, exceto a nossa comunidade devido a restrições que emanam das igrejas. As igrejas restringiram e quase proibiram manifestações de tipo *ovinganji*, ou seja, os mascarados, porque no passado, se uma criança ou um adolescente não iniciado fizesse encontro com os mascarados criavam-lhe situações embaraçosas. **(EC-3:HAC)** **Hosi**; Tanto os meninos como as meninas eram instruídos sobre como conduzirem os seus futuros lares e as famílias; Recebiam pautas sobre a nossa tradição, os nossos usos e costumes, sobre os tabus, etc. Agora, os filhos são bem diferentes por causa da utilização de audiovisuais que transmitem outros modos de vida e se recusam a escutar os conselhos dos mais velhos, dizendo mesmo que estão ultrapassados. **(EGC-4:HAC)** **Hosi**: Risos… No passado sim! Atualmente, é muito difícil. **(EGC-4:HAC)** **Kafeka**: Não é bem assim! Há pouco não estivemos a falar do Kasinda? Depois de cumprir com o noivado, no dia do casamento, não vai meter a noiva em sua casa? Não iremos sentar com ele para lhe instruir como viver com a mulher em casa? A noiva também, antes de lhe entregarem no dia do

	casamento, não sentam com ela para lhe instruir como viver com o marido? **(EGC-4:MAC)** **Hosi**: Ok! Isto sim! Mas isso é no dia do casamento. Mas então, nos dias habituais, os jovens aceitam sentar durante algum tempo para ouvir os ensinamentos dos mais velhos? Nem pensar! Não aceitam, para eles é perder tempo. **(EGC-4:HAC)** **Livonge**: Isso assim era no passado em que toda a criança estava diretamente ligada ao *onjango*. Todas as casas que circundam a residência do cunhado, as crianças deviam pertencer no mesmo *onjango*; todas elas deviam comer as suas refeições dentro do mesmo *onjango* e depois disso, ali permaneciam para ouvir os ensinamentos dos mais velhos e todos bebiam do juízo e da sabedoria que lhes era transmitida. Hoje em dia, quem é o jovem que aceita participar do serão no *onjango*? Há alguns anos atrás tínhamos construído o nosso *onjango* em casa, mas os jovens não queriam participar do serão. **(EGC-4:HAC)** **Hosi**: Repare! Aqui mesmo neste pátio onde se encontra a cacimba é o sítio onde projeto construir o nosso *onjango* ainda este ano, mas estou convencido que o mesmo será apenas frequentado pelos mais velhos. Esta comunidade, por ser a capital do antigo Reino do Bié tem recebido grupos de estudantes, provenientes da cidade do kuito, que cá vêm com o propósito de realizar visitas de estudo. Os estudantes nos perguntam: será que a juventude local domina este historial sobre *Ombala Ekovongo*, ou apenas privilegiam a nós como visitantes? Nós respondemos: A juventude local não domina este historial; o bebé que chora precisa de mamar, mas no caso presente o bebé ainda não chorou. Esse bebé que ainda não chorou será que tem fome? É assim que a juventude local está a ser pisoteada pelos outros que sabem aproveitar o bem que temos aqui. Durante estes meses que vives aqui connosco alguma vez viste um jovem daqui a participar das visitas junto da *Ombala*? Eles não participam. Se um jovem bater-me a porta de manhã é porque tem uma preocupação pessoal, para o pai ou avô lhe prestar ajuda. Enquanto não tiver alguma preocupação ele é dono de si mesmo; e se estiver na estrada a conduzir uma bicicleta ou motorizada, o mais velho tem de afastar-se quanto antes, porque senão pode ser atropelado propositadamente. **(EGC-4:HAC)** **Livonge**: Sim! Tem que deixar-lhe o caminho, porque senão,

	não obstante estarem ambos a caminhar a pé, ele é capaz de aproximar e dar um golpe através do seu próprio ombro. **(EGC- 4:HAC)** **Hosi**: No ano passado, no mês de Outubro, sai daqui de casa ao fim da tarde e dirigi-me para aquela zona onde se situa a igreja dos apóstolos com o propósito de visitar o meu filho que reside naquela área. À escassos metros da casa em que eu me destinava percebi um ruído estranho atrás de mim; sai rapidamente do caminho, mas logo que tirei os pés a bicicleta passou. Era um jovem que por pouco me atropelava; quando murmurei pelo sucedido o mesmo respondeu: era bem-feito se lhe atropelasse. Expliquei o sucedido ao pai do rapaz e o mesmo veio pedir-me desculpas, dizendo que estava escuro, por isso não me tinha reconhecido. Curiosamente, é alguém que reside ali bem próximo de nós, que eu chamaria de neto, inclusive foi a uns poucos dias atrás que o mesmo realizou o seu casamento. **(EGC-4:HAC)** **Livonge:** Comigo também aconteceu quase a mesma situação. Um jovem foi categórico em dizer-me: "sai da estrada senão arrumo consigo. No passado, até as mulheres tiravam a quinta ou a trouxa da cabeça, sempre que faziam encontro com o Rei, mas agora já não. No meu bairro, apenas duas senhoras que ainda cumprem com esta norma; as demais não cumprem. **(EGC-4:HAC)** **Livonge**: Recorrem sempre à nós. Não respeitam, mas quando ficam aflitos vêm sempre nos bater a porta. **(EGC 4:HAC)** **Hosi**: Por isso mesmo, aquele jovem que respeita, ainda que arranjar algum problema grave, os mais velhos, as autoridades tradicionais sabem como ajudar-lhe a resolvê-lo. Se aquele que não respeita arranja um problema grave, quando o assunto chega ao julgamento costumeiro, então é uma oportunidade para lhe apertar ainda mais. **(EGC-4:HAC)** **Livonge**: No passado, quando as escolas iniciáticas funcionavam com regularidade o rapazito manhoso era esperado ali para lhe tirar a manha, sobretudo quando era o próprio pai dele que apresentava a queixa; se para os outros a operação de extrair o prepúcio era rápida, para ele, o mestre cirurgião cortava um pedaço e dava um passeio para o manhoso sentir a dor. **(EGC-4:HAC)** **Hosi:** Sim! Na hora do curativo o medicamento para o manhoso era aquele que dói mais para ele rebolar no chão.

	Risos… **(EGC- 4:HAC)** **Hosi**: Nunca fizeram isso! O que temos verificado quanto aos professores, assim que chegam se dirigem para a residência colectiva deles e depois vão para os seus locais de trabalho; uma vez terminada a jornada laboral regressam para as suas localidades de origem. Os enfermeiros procedem da mesma maneira. **(EGC- 4:HAC)** **Dona Kayovo**: Os nossos filhos e as nossas filhas de hoje também têm um pensamento bem diferente se comparados com aqueles que nasceram antes da guerra; os nossos filhos e filhas de hoje não têm o mesmo respeito que aqueles. Esses jovens de hoje não querem aprender a cultivar e esta situação nos preocupa bastante porque estes não têm um comportamento socialmente aceitável; o mesmo quadro se verifica nas igrejas, visto que, ali também a educação não tem sido aquela que seria de esperar destas instituições religiosas. **(EC-5:HAC)** **Dona Kayovo**: Estamos a constatar que esses filmes do vídeo e alguns programas da televisão estão a desorientar a educação das novas gerações, pois, estamos a verificar que os pais hum... Estão a perder a sua função educativa diante dos próprios filhos porque aquelas novelas que não mereciam ser assistidos por crianças estão a ser exibidos nos programas da TV sem quaisquer critérios. A nudez que o Criador recomenda encobrir, está hoje a ser assistida por pais, mães e crianças. É isto que os realizadores dos programas da TV consideram como felicidade, mas para nós que recebemos outra educação retiramo-nos logo que iniciam a apresentar tais novelas. Oh meu filho, o mundo de hoje degenerou-se e isso nos entristece bastante! Aquilo que Deus havia confidencializado para ser apreciado dentro de um quarto apenas por duas pessoas, hoje está banalizado e vulgarizado. O tempo atual seria o melhor se tivermos em conta as coisas novas que estão a ser criadas, as facilidades de criar riqueza, o vestuário e a melhoria do regime alimentar; alguns têm dinheiro e estão a adquirir coisas que antes não víamos, mas o comportamento está muito mal. É um problema gravíssimo! Quando vamos à igreja vemos a juventude a cantar muito bem, mas quando termina o culto e chegada a hora dezassete são esses mesmos jovens que aparecem na rua completamente diferentes daquilo que foram horas atrás, quando se encontravam a cantar dentro da igreja; ninguém acredita que são os mesmos jovens que estiveram a

	cantar dentro da igreja. Meu filho, isto está bem assim? Por isso, a pergunta que me fez, se estou ou não satisfeita por viver aqui na comunidade... Bem! Ainda não tenho uma ideia acabada sobre as coisas boas e más dos tempos atuais. Ora, temos estado a refletir sobre esses problemas da atualidade e lamentamos por tudo isso que acontece no nosso país; às vezes nos questionamos: "de onde vem isto tudo? Onde é que essas pessoas adquirem coisas que degeneram a sociedade? Até quando vamos parar com isso? Como será a vida das futuras gerações"? A própria paz também tem estado a dar sinais de regressão; nos anos passados as coisas corriam bem, mas nos dias atuais temos constatado sinais de que algo vai mal e o processo de reconstrução da paz no país tem estado a regredir. Será que esses são sinais do fim do mundo? Risos... Dizem que está escrito no livro que depois da guerra haverá a paz, mas com o andar do tempo haverá outra perturbação da paz; será isto o fim do mundo? Já não há diferenciação entre o bem e o mal? Tudo acontece assim como se fosse normal? Isto até mete medo. **(EC-5:MAC)** **Dona Kayovo**: No nosso caso de mulheres e principalmente de jovens do sexo feminino que se preparam para o casamento reabriu-se a escola doméstica e cursos para futuros casais, junto das missões; mas mesmo assim continuamos a verificar imoralidades no seio da juventude inclusive a religiosa. Dentro da igreja cantam como se estivessem já a voarem para os céus, mas tão logo que deixam as paredes do templo religioso aparecem a deambular por esta estrada com uma outra vestimenta; aquelas que se trajavam de vestidos longos aparecem agora vestidas de calções curtos e ao cair da noite são as primeiras a estrearem em besteiras da discoteca. **(EC-5:MAC)** **Dona Kayovo**: com relação aos problemas da atualidade temos de implorar à Deus! Os pastores têm realizado um belíssimo trabalho de evangelização, mas não me parece que os seus filhos venham a ser herdeiros das suas obras; tempos atrás, desloquei-me à cidade do Kuito para visitar minha filha primogénita que lá reside e trabalha no estado. Um dia desses, sentamos todos na sala e minutos depois ligaram a televisor que estava a apresentar aquela novela dos beijos, mesmo na presença do meu genro. Ah!... Logo que observei aquilo retirei-me da sala; levantei-me dizendo-lhes: "é por isso que os vossos filhos não vos respeitam! **(EC-5:MAC)**

	Visupe: Alguns respeitam-se entre si, outros não! No caso das raparigas já não se comportam como antes, porque naquele tempo uma noiva passava por um processo educativo que a preparava para gerir o seu futuro lar. Depois do noivado, a rapariga ficava sob tutoria de uma tia paterna que a treinava como gerir o lar, cuidar do marido e dos filhos e que atitudes assumir na relação com a nova família do marido. Durante esse período era proibida a manter relações profundas com o futuro marido; tal só poderia ocorrer a partir do dia do casamento. Hoje, porém a situação alterou-se e às vezes tudo se passa em segredo tal, que os pais são surpreendidos com a gravidez da filha, que em alguns casos é comunicada por intermédio de uma das tias. Se isso ocorrer com o rapaz, quando o pai lhe pergunta, a resposta é: "o pai também"… Risos. Tempos atrás, assistimos um caso de uma rapariga que tinha sido escolhida por um jovem que não era do seu gosto mas, como o jovem e a sua família insistiram dizendo que gostavam muito dela, a família da rapariga aceitou o noivado. Entretanto, no dia do casamento, no momento em que chegou o emissário do noivo, a rapariga simulou ir ao rio tomar banho e dali fugiu para outra comunidade, onde residia a família de seu pai. O emissário do noivo esperou tanto, mas a rapariga que foi ao rio não regressava; enquanto alguns parentes procuravam por ela, outros cogitavam mesmo tratar-se de uma fuga, e, assim aconteceu realmente. O emissário do noivo viu-se obrigado a regressar para a comunidade de origem sem levar consigo a noiva. Foi um autêntico drama. Quando a família localizou a noiva, ela respondeu categoricamente assim: "não quero mesmo daquele jovem! Devolvam-lhe o dote"! Risos… Por isso é que, antes as tias conduziam esse processo com muita cautela e tinham paciência de explorar ao fundo, tanto o noivo, como a noiva, para certificar-se se existe mesmo amor entre eles e se estavam realmente de acordo a viverem juntos e constituir a família. Era desta maneira que rapazes e raparigas constituíam famílias sólidas e não escândalos como nos têm dado a ver nos dias de hoje. **(EC-6:HAC)** **Visupe:** Não temos verificado da parte dos professores a preocupação de circular pela comunidade, conhecer as pessoas e fazer amizade com elas, enfim… Pelo menos fazer um pequeno levantamento da comunidade e identificar o que está bem e o que está mal, ou ainda, dizer que a comunidade é linda, mas falta isso e aquilo, para informar aos seus superiores

	hierárquicos. Penso que esta seria a primeira preocupação deles, porque ao visitar um comunário amigo quando dispõe de tempo para tal, pode calhar que ali mesmo reside um aluno seu e diz: "este é o nosso professor"; penso que seria uma relação salutar entre o professor e os pais de seu aluno. Se recuarmos um pouco ao nosso passado recente, um professor da comunidade não passava fome; mesmo havendo carências atualmente, haveria sempre alguém a oferecer algo aos professores. Penso que a atitude dos professores advém do facto de receberem salários e do receio de serem conotados como indivíduos que pedem esmola aos pais de seus alunos. A mesma situação se passa com os enfermeiros; seria preocupação deles andarem pela comunidade para constatarem situações como a limpeza das ruas, a existência de latrinas, enfim, a higiene comunitária, que é tão importante e deveria ser a principal preocupação dos enfermeiros. Anos atrás, quando aqui estiveram os enfermeiros que trabalharam no programa de combate a malária, implementado por UNICEF, nós que já tivéramos latrinas recebíamos prémios, alguns receberam bicicletas; isso fez com que, mesmo aqueles que não tinham, cavassem rapidamente as suas latrinas para beneficiarem dos prémios. Não temos constatado, por exemplo, o Posto de Saúde convocar os comunários para uma palestra e transmitir alguns conhecimentos úteis a população; a única ação que o posto de saúde tem realizado com frequência é a campanha de vacinas. Por exemplo, temos recebido com frequência, desde o ano passado, delegações que chegam aqui com o propósito de visitarem as áreas históricas de *Ekovongo;* dias atrás, vinham aqui indivíduos de origem europeia que queriam visitar as ruínas do antigo Palácio Real, mas não foi possível porque os líderes costumeiros tinham ido participar do ato de reinauguração da estação de comboios. Se porventura visitassem a comunidade, teriam constatado a falta de higiene em algumas áreas, e de certeza perguntariam se existem aqui professores e enfermeiros; seria uma vergonha porque isso é tarefa deles. Caberia a eles dinamizarem a população para a manutenção da higiene comunitária e de cada um na sua própria residência. **(EC-6:HAC)** **Visupe**: Nós acompanhamos os assuntos do país através da rádio e da televisão. Mas, a questão de manter os comunários atualizados em relação aquilo que se passa na região e no país em geral é tarefa do líder comunitário; se ele fica no silêncio, nós os comunários ficamos desatualizados como se

	vivêssemos na selva. Só mesmo aqueles que têm rádio ou televisão conseguem acompanhar os assuntos do país. **(EC-6:HAC)** **Visupe**: Se os professores não faltassem muito, as crianças aprenderiam rapidamente. No passado, quando estudávamos os professores ensinavam-nos em português e não tínhamos a demonstração prática daquilo que era estudado; aprendíamos a contar utilizando pauzinhos e a modelar com o barro. Hoje como há condições de ilustrar o objeto que está a ser estudado, as crianças poderiam avançar mais na sua aprendizagem e transitar da 1ª a 2ª, da 2ª a 3ª , da 3ª a 4ª e por ai em diante, sem grandes dificuldades. Não sabemos exatamente onde se situam as debilidades; se é do lado dos professores ou dos próprios alunos. Agora, observamos situações preocupantes em que a criança que estuda a 4ª classe não sabe escrever os nomes de seus pais. Para os professores, o prejuízo é pouco porque tem o seu salário mensal garantido; para nós, os prejuízos são enormes porque dispensamos os nossos filhos do trabalho de campo, para irem à escola, onde poderiam adquirir conhecimentos que lhe sejam úteis na vida. Se não vão ao campo aprender a cultivar, pelo menos deveriam sair da escola com conhecimentos que lhe sirvam de passaporte para a vida. Infelizmente, não é isto que temos observado. Hoje, ainda que o jovem encontrar emprego, enfrenta muitas dificuldades no exercício das suas funções porque não sabe escrever; alguns jovens recorrem ao tráfico de influências ou conseguem emprego por intermédio dos parentes, mas este procedimento apenas serve para remediar a situação. Quando lhe transferirem noutra localidade ou cidade, onde vai trabalhar lado a lado com colegas que possuem a mesma formação, as suas debilidades virão à superfície. **(EC-6:HAC)** **Pesela:** As comunidades como a de *Tchavaya, Kalufele, Kalucha, Sakwanja, Saliongo, Savimboto, Sakasenye, Kambweyo, Nekilo, Nyunya, Yeyele, Kahoko, Kapanda, Ngulungu, Sapiti, Tchisanje, Kamundongo, Kapunga, Viya, Ngengu, Longulu* que antes se chamavam *Vatchisuku*, *Tchimwanga, Limbindo* e tantas outras foram fundadas por pessoas oriundas de *Ekovongo* e usam nomes de seus próprios fundadores. Todas estas comunidades subordinavam-se ao centro - *Ekovongo.* Portanto, antes da guerra civil, as pessoas destas comunidades, assim como as de *Ekovongo* desfrutavam de uma certa tranquilidade e de um certo bem-estar social.A irreverência que hoje se verifica no comportamento de alguns

	jovens começou nos anos de 1990. Antes desse período, o entretenimento para os jovens eram atividades culturais que eram animadas através de batuques. Os comunários tinham muita coragem porque durante o período da guerra civil quase ninguém pensava emigrar, apesar de termos sofrido vários ataques. Inclusive, as pessoas das comunidades vizinhas imigraram para esta comunidade em razão da guerra que assolou a nossa região. No entanto, foi nesse período que as pessoas começaram a aglomerar-se e construir as suas habitações num único espaço limitado, sem arruamentos para facilitar a fuga e a comunicação entre vizinhos, em casos de ataque. A partir do ano 2000 começaram a surgir situações de delinquência juvenil, quando um rapaz de nome Elias adquiriu um televisor e vídeo e construiu um pequeno edifício que passaram a chamar de clube de vídeo. A assistência era cobrada e nessa altura, jovens e adolescentes começaram a procurar dinheiro por todas as formas e começamos a verificar a frequência de casos de roubo de dinheiro e de outros bens que podiam ser vendidos para obterem valores de ingresso ao clube de vídeo. Antes não havia casos de gravidez entre menores de 18 anos de idade como tem acontecido agora, em que às vezes as parturientes são evacuadas de emergência para a maternidade, devido a complicações diversas. Hoje em dia, tanto rapazes como raparigas estão se tornando pais precocemente e quando os pais tentam aconselhar as respostas são insuportáveis; às vezes, a rapariga recorre a prática do aborto, mas quando lhe sai mal argumenta que tomou tal atitude na sequência da pressão exercida pelos pais sobre ela, o que pode lhes causar prisão. Dai que a relação entre pais e filhos começa assumir contornos insuportáveis e isso tem complicado a convivência entre as pessoas aqui na comunidade. Se o que se passa na cidade se generalizar estaremos mal; temos verificado que os jovens, mesmo sabendo que ainda são estudantes apressam-se a ser pais; logo, são os pais do jovem que assumem o dever de arranjar a habitação, o dote, o vestuário para o próprio jovem e ainda custear o seu casamento. Em algumas famílias da cidade, este problema pode ser visto de ânimo leve, porque têm os seus rendimentos e não sentem muito o peso das despesas com a constituição precoce do lar de seu filho; em outras famílias da cidade, a situação é bem mais complicada. Aquina comunidade, se o próprio jovem tiver juízo organiza as suas hortas, logo que terminar a sua jornada estudantil e cabe aos

	parentes complementar com outros apoios. **(EC-7:HA)** **Pesela**: Antes os jovens tinham mais respeito pelos adultos do que agora; nos tempos em que crescemos, sempre que deparávamos com um adulto no caminho deixávamos maior espaço para ele passar sem dificuldades; se encontrássemos um ancião a carregar um embrulho pesado, recebíamos e levávamos até sua casa. Não observamos isso nos jovens de hoje! Quando vou à minha lavra de bicicleta encontro sempre crianças e por vezes jovens pela estrada e não se preocupam de afastar-se para evitar acidente. Hoje, os jovens estão a assumir atitudes e comportamentos incomuns devido ao aparecimento de aparelhos como vídeos que apresentam filmes de delinquência, violência, etc. As igrejas trabalham para educar as pessoas a terem mais respeito e amor entre si; as escolas também, mas há diferença entre a escola do passado recente e a atual; antes, os professores e os pais de alunos tinham a mesma linguagem e se o aluno se comportava mal na escola passava por represálias na escola ou em casa. Agora que proibiram bater na escola a relação entre professores e alunos está marcada por indiferença. Esta situação tem repercussões na conduta dos jovens em relação aos adultos. Se antes o adulto podia oferecer uma fruta a um jovem bem comportado, hoje já não pode agir desta maneira, porque se depois de dois ou três dias, o mesmo jovem sentir-se mal, pensa que foi a fruta que lhe ofereceram que está na base do mal-estar. **(EC-7:HA)** **Pesela**: A terra que cultivamos produz, porque antes estava povoada por árvores; as florestas que antes tinham árvores e que estão atualmente devastadas por efeito da exploração do carvão vegetal tornaram-se improdutivas. Se o solo tornou-se improdutivo é consequência dessa relação que as pessoas tiveram com as florestas. Se Deus colocou vários elementos na natureza, desde a criação do mundo é porque os mesmos têm importância para a própria vida. Existem pequenininhos seres animais que estão a fertilizar o solo e muita gente não sabe disso; as queimadas, além de destruírem esses pequenos animais, o fumo que libertam polui o ar e cria problemas respiratórios para as pessoas. **(EC-7:HA)** **Dona Nahenda**: Nos nossos tempos era diferente! Hoje, estas casas ditas modernas que estão a construir, o que se passa lá dentro é vergonhoso; o amante chega e bate a porta e a senhora abre para o mesmo entrar, sabendo que noutro quarto estão as

	crianças à espera do momento de dormir. No nosso tempo havia respeito e coisas deste tipo não se faziam como fazem atualmente. **(EGC-8:MAC)** **Dona Jambela**: Por isso, já não há respeito! Quando uma mãe chama a filha por uma necessidade qualquer, ela responde: "diga"! Risos!... Antigamente, não se construía da mesma maneira que se constrói hoje. Cada família alargada agrupava-se, isto é, construíam-se várias residências num mesmo espaço e o *onjango* situava-se no centro. É aqui no *onjango,* onde se passava a educação e se descrevia como estavam constituídas as linhagens: cada um de nós carrega consigo oito famílias alargadas, isto é, quatro famílias maternas e quatro famílias paternas. Se na família alargada falecesse um bebé ou mesmo adulto preparava-se um palito e queimava-se uma das extremidades para simbolizar a morte e o mesmo palito era guardado numa cabaça especificamente preparada para tal efeito. O mesmo procedimento se fazia quando nascesse um bebé, ou seja, preparava-se um palito e pintava-se uma das extremidades com tinta branca para simbolizar o nascimento de uma nova criatura. Quando se chegava ao primeiro dia do ano denominado *kusimosi* a família alargada se aglomerava no *onjango,* pegava-se na cabaça e despejava-se todos os palitos sobre a mesa para contar os nascimentos e as mortes ocorridas durante o ano ora terminado. Só depois disso começava a festa de fim de ano e matavam-se animais para abastecer a festa de carne. A festa decorria ao som do batuque. Quando a filha atingia a idade de ter o seu lar era preciso perguntar-lhe: "quem é o rapaz da sua escolha? Gosta dele"? Se a rapariga afirmar gostar do rapaz, então a família reúne para analisar a situação da família a que pertence o pretendente e decidir se a escolha pode ser ou não aceite. Hoje em dia, tanto rapazes como raparigas já não comunicam a família sobre as suas escolhas e muitas das vezes são surpreendidas com a gravidez e se não houver objeção por parte da família o assunto fica mesmo assim e eles se casam constituindo a sua família. O que se passa com os jovens nos dias de hoje deixa as pessoas coartadas. Um dia desses, o meu vizinho batia a filha por estar a precipitar a relação com jovens sem consentimento da família. Ela chorou e por fim disse: "bateram-me por nada porque ainda ontem mesmo assistimos coisas semelhantes na televisão". Esta afirmação deixa os pais de boca aberta sem argumento para contrapor, porque tudo isso chega com os aparelhos novos que são vendidos nos tempos atuais. De tudo

…//… **1.4. Necessidades educativas**	quanto temos ouvido sobre esses filmes atuais complica-nos de tal maneira, que as vezes perguntamos: "será que não há ninguém capaz de fazer a leitura e análise da situação para compreender que esta degeneração de coisas poderá conduzir o mundo ao caos"? Os costumes e as tradições são sagradas porque surgiram da vontade da própria criação. Desde tempos remotos houve tentações aos seres humanos; se homem e mulher passavam dois anos depois do casamento sem contudo obterem a flor que simbolize a sua união, as pessoas entendidas neste tipo de situações sentavam-se com o casal e perguntavam: "como tem sido o vosso dia-a-dia e como têm passado a noite? De quê estão à espera? Já é tempo de semear"! Alguns aconselhavam o casal passar a noite na lixeira da sua própria casa. E se numa família os bebés morriam alguns meses depois do nascimento, o casal era submetido a um tratamento apropriado, que era feito numa planície adjacente a um rio; com isso, o problema ficava ultrapassado porque utilizavam-se medicamentos apropriados. Voltando a sua questão, a relação entre mãe e filha já não é tão harmoniosa como era no passado recente. Nos dias de hoje, o comportamento dos jovens para com os adultos, ou mesmo, para com os anciãos está marcada pela irreverência e falta de respeito. **(EGC-8:MAC)** **Dona Jamba**: Agora estamos no vazio; repare que agora temos observado pessoas a esfaquearem-se e quase todos os males agora se produzem também nesta comunidade. Todas as comunidades desta região, sempre que varressem as cinzas vinham cá na lareira mãe buscar o fogo para acenderem a nova fogueira da sua lareira comunitária. **(EGC-8:MAC)** **Dona Nahenda**: Atualmente, os jovens não aceitam aprender os ensinamentos transmitidos pelos adultos, muito menos dos anciãos porque consideram que tais ensinamentos estão ultrapassados. Alguns dizem mesmo: "não me apresentem a esses feiticeiros". **(EGC-8:MAC)** **Dona Jamba**: A solidariedade está sofrer ruptura a favor do individualismo. Os jovens e mesmo alguns adultos têm manifestado receios e desconfianças distanciando-se da fiscalização coletiva, pensando que deste modo evitam os males que podem afetar as suas vidas, mas, em contrapartida os males são frequentes e as mortes multiplicaram-se; se antes o caminho que ia ao cemitério ficava anos e anos com capim por não ser utilizado, hoje, porém o mesmo transformou-se

	numa estrada limpa devido a frequência de sua utilização pelo aumento de funerais que acontecem ao longo do ano. Se uma vizinha adulta ou maior de idade oferecer uma fruta ao filho do vizinho, é o próprio pai ou a própria mãe que arrancam a mesma fruta das mãos do filho advertindo-lhe que tal pode causar-lhe a morte. Antes, quando ainda procriávamos, depois do parto as oferendas, sobretudo comida, vinha de todas as residências da comunidade; as senhoras traziam farinha, batata doce, *otchisangwa* ou cerveja caseira não-alcoólica, mandioca, bombo, etc. e os homens traziam lenha. **(EGC-8:MAC)** **Dona Nahenda**: Os jovens de hoje estão em grupos; alguns passam a vida sem fazer nada, vagueando pela comunidade, muitas vezes roubando para aliciar as raparigas. Não aprendem a trabalhar para serem dignos amanhã. Digamos que talvez seja a própria água dos tempos atuais. **(EGC-8:MAC)** **Dona Nahenda**: Temos o caso de dois professores que fizeram bebés com raparigas daqui! Quando um dos bebés faleceu a família chamou o pai que é professor, para fazer parte do óbito; o mesmo respondeu dizendo: "nós somos professores e viemos com a missão de ensinar e não para arranjar esposas. Os pais é que não educaram as filhas". Eu também tenho uma neta que tem um bebé com um desses professores oriundos da cidade do kuito e quando escutei essas palavras queria perguntar-lhe se foi a rapariga que conquistou a ele, ou ele conquistou a rapariga? Isso não é disparate? **(EGC-8:MAC)** **Dona Jamba**: Eheeee…Nada disso! Quando terminam as aulas, os professores saem abraçados com as raparigas, passam mesmo aqui nesta estrada acompanhando as mesmas até à vizinha comunidade de *Kambweyo*. Se tiver uma rapariga em casa…ah…aí sim! Risos… Aparecem de motorizada para levar a rapariga a um passeio. No entanto, se tiver um rapaz respeitoso, ele pode convidar o seu professor e levá-lo até a casa; **(EGC-8:MAC)** **Dona Jamba:** Eh… Só nos avistamos com eles nos momentos em que nos tratam as nossas doenças lá mesmo no posto de saúde. Repare ainda o que se passa no banco de urgência do hospital central; aqueles que assistiam doentes, que eram adultos, essas é que tratavam com responsabilidade. Aquelas enfermeiras jovens que circulam de um lado ao outro, com sapatos de saldo alto que faz ruído: *ngonja-ngonja, ngonja-ngonja,* que não têm disciplina, são essas que agora encontramos naqueles serviços. São todas jovens; e se

	encontrar no seio delas três que são mães e que têm sentido de responsabilidade já é muita sorte. Na sua maioria são senhoritas jovens, daquelas que deixaram em suas casas filhos de pais incertos; são elas que estão no banco de urgência. **(EGC-8:MAC)** **Dona Jambela**: Por falares de filhos de pais incertos, fazes-me lembrar daquela mentira que nos diziam quando éramos jovens de que "os filhos bastardos, nos céus serão deficientes" risos…Quando se ouvia que fulana teve filho de pai incerto, as pessoas receavam aproximar-se dela porque se tratava de prostituta. **(EGC-8:MAC)** **Dona Nahenda**: Atualmente, nenhuma mãe pode ter ousadia de dizer que sua filha não se identifica com tais práticas; agora, são filhas de pastores e diáconos que estão a trazer em casa de seus pais, filhos de pais incertos. No passado, havia senhoras que tiveram também filhos de pais incertos mas eram casos isolados, não era tão frequente como nos dias de hoje. **(EGC-8:MAC)** **Sapwile**: As mulheres daquele tempo só conheciam o seu único marido e, deste modo, evitavam a possibilidade de contrair determinadas enfermidades como, por exemplo, *etimbu* que é provocada pela relação extraconjugal, especialmente quando uma mulher está grávida; isto porque *etimbu* sempre foi e continua a ser uma das enfermidades altamente perigosas, que pode destruir o feto em curto espaço de tempo. As raparigas de hoje não conhecem estas normas, não têm controlo de si mesma, nem da sua própria regra. É aqui onde estamos a ter alguns problemas porque a maioria das raparigas não controla o último dia da sua regra e nem consegue determinar quem foi o autor da sua gravidez; quando chega o dia do parto ficam duvidosas e atrapalhadas porque não controlam o seu tempo. Quando termina o período da sua regra envolve-se com qualquer homem que aparecer, mas o autor da gravidez é aquele com quem se envolveu primeiro. Depois do parto não sabe quem é o pai do bebé e quando tenta mencionar o nome deste ou daquele, todos negam "este não é meu filho "e ninguém assume a paternidade. Por isso é que nos tempos atuais realizam-se análises para extrair o sangue do bebé e se os pais da rapariga forem fortes interrogam a filha para dizer os nomes daqueles rapazes que tiveram relações sexuais com ela, para serem submetidos à análise, a fim de determinar quem é afinal o pai do bebé. Quando não há essa

	possibilidade de realizar análises, então, deparamo-nos com situações em que o bebé é supostamente seu, mas, não se parece consigo como pai, nem com outros membros da família ou parentes; mas, em contrapartida, o bebé é parecido com os filhos do vizinho; isto acontece porque a rapariga não teve o devido controlo e, quando nós homens, na qualidade de avôs questionamos a paternidade do bebé, as nossas esposas acusam-nos de ciumentos, mesmo sabendo que, na realidade, não se trata de ciúme. A verdade é que, as raparigas de hoje não são fiéis; basta receberem dinheiro. **(EC-1:HAC)** **Sapwile**: A maioria dos agentes externos não estabelece relações com os nativos fora do âmbito do seu trabalho. Aqueles que têm parentes ou amigos aqui na comunidade trazem sempre informações e trocam ideias sobre aquilo que acontece na cidade e noutras partes do país, mas, apenas entre eles. Só em casos de acontecimentos de maior impacto social como por exemplo, acidentes de viação que os nativos transmitem a outras pessoas, a informação recebida do seu amigo externo. Tem havido, mas com pouca frequência palestras dos agentes da saúde aos doentes que afluem ao posto de saúde local, em que esclarecem sobre as regras de higiene e explicam os cuidados a ter para prevenir algumas enfermidades. Quanto aos professores, esses interagem unicamente com alunos e respetivos encarregados de educação. **(EC-1:HAC)** **Sapwile:** São muitas as pessoas que emigraram para as cidades; alguns emigraram para as cidades devido a problemas de inimizade com outras pessoas; o que isto quer dizer? O indivíduo vivencia a primeira, a segunda e a terceira morte de seu filho e pàra para refletir; decide consultar um adivinho para descobrir as causas desta tragédia; mas, quando regressa de lá com o resultado e transmite ao soba, este, por sua vez, lhe pede para "encher as cabaças", isto é, pagar a taxa em dinheiro na qualidade de queixoso, para ele iniciar o processo de julgamento tradicional. Para encher as cabaças, o queixoso que, por sinal já se encontra traumatizado tem de pagar entre 2000 a 3000 mil kwanzas (equivalente a USD 20 a 30). Depois de tudo isto cumprido pelo queixoso, o soba ordena a investigação tradicional, sacrifica-se um animal para confirmar, se a acusação é verdadeira ou falsa; se o acusado tiver laços de parentesco com os investigadores, ainda que a investigação confirmar o resultado já apresentado pelo adivinho, eles insinuam a necessidade de fazer pazes, como

	forma de enterrar para sempre a inimizade entre os dois. Perante tais circunstâncias, o queixoso não vê outra alternativa senão emigrar para a cidade. Na cidade, ele se vê obrigado a comprar um pequeno espaço de terra para construir a sua moradia, ou então, alugar uma residência. Começa, assim, a experimentar as dificuldades da vida na cidade. **(EC-1:HAC)** **Sapwile**: Atualmente, os sobas têm sido indicados violando estes princípios; basta possuir um certo nível de escolaridade o individuo é indicado para ser soba. Por vezes, indicam alguém que não nasceu aqui mas, por saber ler e escrever é indicado para estar à frente da comunidade. Os filhos naturais desta comunidade são obrigados a fechar a boca e conformar-se com o indivíduo que lhes foi imposto. **(EC-1:HAC)** **Kamela**: Se no seio de uma família não existir pautas que orientam o dia-a-dia e a vida dos seus membros, essa família corre o risco de enfrentar inúmeras dificuldades e inúmeros problemas; Digo isto porque a preguiça por exemplo, não surge na idade adulta; quando temos crianças dentro do lar familiar é possível observar e saber, que habilidades tem essa ou aquela criança, desde a sua infância. As crianças são membros constituintes das famílias, logo, é principalmente a elas que se deve orientar o trabalho educativo. Eu próprio tenho um sobrinho que veio o ano passado da cidade para viver comigo cá na comunidade; antes, eu pensava que sendo alguém que veio da cidade, não era capaz de realizar trabalhos de campo, tal como é hábito cá na comunidade. Como ele encontrou a minha filha a *kasova* e outros primos, aliou-se e adaptou-se rapidamente e nunca ficou atrás nos trabalhos que temos realizado. Se nós que somos familiares adultos não educarmos as crianças e jovens ao trabalho, quando esses também se tornarem adultos e criarem os seus próprios lares terão problemas no relacionamento com os maridos e as esposas que eles mesmo escolheram para juntos viverem ao longo da vida, sobretudo nas questões do trabalho. Isso pode levar-nos a nós os pais fazermos juízo errado de que a nossa filha ou o nosso filho está sendo maltratado ou maltratada, esquecendo-se de que a preguiça partiu da infância e do lar onde se criaram. **(EC-9:HA)** **Kamela**: Existem relações, porque não é possível alguém viver ou trabalhar numa comunidade durante vários anos, sem que tenha estabelecido relações com os seus habitantes. Geralmente, os habitantes das comunidades rurais têm um

	certo complexo no trato com indivíduos provenientes das cidades e às vezes demonstram algum receio em relacionar-se com eles por considerarem que esses são assimilados ou defensores de padrões culturais ocidentais. Mesmo assim, se o professor, o enfermeiro, ou funcionário de outra área forem pessoas abertas, cabe a eles tomar a iniciativa de estabelecer uma boa relação com as pessoas que ele encontrou na comunidade. Não seria desejável que alguém trabalhe aqui durante vários anos e não crie amizades com os habitantes que cá residem. **(EC-9:HA)** **Kamela:** Para haver intercâmbio de informações, primeiro tem que haver um certo grau de aproximação e de amizade entre as pessoas; se não haver amizade a relação se restringe ao bom dia, boa tarde e nada mais. Pessoalmente, tenho uma relação razoável com os professores e alguns enfermeiros, talvez por eu ser também funcionário público. Alguns funcionários que cá trabalham têm relações de amizade com alguns comunários adultos, senhoras e jovens. **(EC-9:HA)** **Kamela:** Posso mencionar apenas os conhecimentos que os professores têm transmitido aos nossos filhos que antes não sabiam ler, nem escrever; mas agora já leem e escrevem e isto é que é mais importante para todos nós. Quanto aos enfermeiros, eles nunca dizem a nós aquilo que sabem ou relacionado com a sua profissão. Pela complexidade do trabalho de enfermeiro, talvez não seja recomendável explicar determinados aspetos da sua profissão. No entanto, há enfermeiros, que no exercício do seu trabalho gritam aos pacientes, simulam não haver medicamentos no posto de saúde, enfim, demonstram artimanhas que fazem pensar que o posto em que trabalha é sua propriedade pessoal. As pessoas perguntam-se "quem está escalado hoje no posto"? Se for aquele que maltrata os pacientes muitos preferem permanecer em casa mesmo doentes. Tudo quanto sabemos dos enfermeiros é a atitude humana de tratar bem os pacientes. **(EC-9:HA)** **Lisoso**: Risos… Sobre *onjango*, ela funciona mas, não com a mesma força que tinha no passado. Atualmente, devido a adesão das pessoas às igrejas, as preocupações com os estudos e outras tarefas reduziram o peso educativo que *onjango* tinha no passado. Além disso, não é hábitos anciãos estreitarem relações com os jovens. **(EC-10:HA)** **Lisoso:** Já não é como no passado. No passado recente, sempre

	que houvesse desvios de comportamento por parte dos jovens, os membros de uma família alargada, isto é, avôs, tios, tias e os próprios pais se reuniam para analisar o comportamento dos filhos e filhas que integram a família, para repreender aqueles que manifestam tendência de atropelar as normas de convivência intrafamiliar e social. Hoje, porém algumas famílias fazem esforços para manter essa linha de relacionamento intrafamiliar; outras nem tanto, devido a atitude dos próprios jovens que procuram ignorar o papel dos elementos que integram a estrutura da família alargada. Alguns jovens quando são repreendidos por tios e tias respondem categoricamente dizendo: " não és meu pai! Não és minha mãe"! Esses jovens, só respeitam opiniões de seu pai e de sua mãe. Inclusive há outros que desobedecem o próprio pai e a própria mãe; entre os jovens do passado e os de hoje há uma diferença abismal. **(EC-10:HA)** **Epalanga**: Isto não tem acontecido. Eles não têm o hábito de interagir com as famílias, não nos visitam; alguns anos atrás, no início, quando o governo criou escolas públicas, havia professores que aproximavam às famílias e demonstravam uma certa abertura. **(EC-2:HAC)** **Sapwile**: mesmo na área da educação; se hoje as pessoas, as crianças estão com dificuldades de aprendizagem, a culpa é daqueles responsáveis que estão a frente, porque eles sabem que nós somos pobres, não temos dinheiro e os filhos querem estudar; que fazer? Mas dizem que a escola é do estado e, na realidade, foi o estado que construiu aqui a escola. **(EC-1:HAC)** **Kapoko:** Não tem havido intercâmbio com os funcionários oriundos da cidade. **(EC-3:HAC)** **Kayovo**: Mas as crianças de hoje podem sair de casa em protesto de uma reprimenta da mãe ou do pai. Quando sai de casa poderá comer, pois tem na mente que lá fora poderá roubar para autossustentar-se. Nós não roubávamos, pois, além de ser vergonhoso era severamente punível. **(EC-5:MAC)** **Pesela**: No caso dos enfermeiros, os antigos se relacionam bem com as pessoas, mas outros só vemos as caras. Com os professores a situação é a mesma. **(EC-7:HA)** **Dona Jamba**: Noutro dia, eu ia passando pela estrada e os rapazes estavam ali a jogar a bola. Quando me viram, alguns diziam: "epá! Cuidado que vem aí uma pessoa"; mesmo assim,

	um deles fez um remate contra o meu peito e caí ao chão. Nesse dia aprendi a disparatar! O senhor secretário que estava ao lado ouviu o disparate e reclamou; perguntei-lhe se ele também estava indiferente com o sucedido. Eu passei uma semana doente com dores do peito. Se a pessoa ofendida leva o caso junto dos pais, esses muitas vezes defendem os seus filhos. Por isso, alguns comportamentos negativos dos jovens têm sido encorajados por nós próprios que somos pais. **(EGC-8:MAC)** **Dona Jamba**: Quando crescemos, corríamos longas distâncias o peito não fechava, mas as jovens atuais ficam cansadas depois de correrem uns poucos metros, porque não cumprem com o ritual e normas da primeira menstruação. Nós cumpríamos com tudo isso, ou seja, ficávamos isoladas dos demais, bebíamos água em utensílios próprios e a comida que deixávamos nos pratos por altura das refeições deitava-se fora porque ninguém devia comê-la. Para manter a saúde, mesmo vivendo com o marido por exemplo, a senhora não pode cozinhar para ele durante a menstruação. **(EGC-8:MAC)** **Lisoso:** Os professores têm realizado encontros com os comunários e seus filhos para explicar aspetos relacionados com a doença de HIV-SIDA. Nos anos 2003-2004 realizavam-se palestras sobre os cuidados com as minas implantadas no solo durante a guerra civil. Os professores têm participado também nas campanhas de vacinas, visto que, o número de enfermeiros que trabalham no posto de saúde desta comunidade não é suficiente para levar a cabo tais campanhas sozinhos. Atualmente, os professores reduziram consideravelmente os encontros interativos com os comunários porque já não residem aqui, pois, muitos deles estão matriculados nas faculdades e têm o seu tempo bastante limitado. Alguns enfermeiros também vivem a mesma situação. Por outro, temos seis ativistas comunitários de entre os quais dois são comunários de *Ekovongo* que residem aqui e outros quatro indicados para exercerem as mesmas funções nas respetivas comunidades vizinhas. No inicio, esses ativistas trabalharam com toda a dedicação porque eram estimulados com alguns valores; mas a partir do momento que deixaram de lhes dar estímulos também eles deixaram trabalhar junto das respetivas comunidades. Esses ativistas sensibilizavam a população em matéria de higiene e saúde comunitária; sensibilizavam os comunários sobre a necessidade de construírem latrinas, tratar os resíduos sólidos, cuidar das

---//--- **1.5 Expectativas educativas**	fontes onde sai a água para consumo doméstico. **(EC-10:HA)** **Katola**: Noutras porém, os jovens não obedecem os conselhos familiares e chegam mesmo a surpreender com a gravidez já consumada para obrigar os pais a conformarem-se com a situação. O resultado da desobediência dos jovens de hoje são lares instáveis e não duradouros, porque foram constituídos precocemente e sem respaldo das famílias a que os mesmos pertencem. A atual tendência dos jovens é ignorar as normas educativas que guiaram as pessoas desde os tempos remotos; o desafio para nós os adultos e os mais velhos é como restaurar tais normas no contexto atual em que estamos praticamente subalternizados pela televisão, vídeo e outros meios modernos que atraem os jovens inculcando neles práticas contrárias ao nosso modo de viver. Repare que desde os tempos passados nós dançávamos; houve desde sempre instrumentos musicais novos como a harmónica e dançávamos num recinto com paredes e teto. Não surgiam conflitos nem gravidez nesses divertimentos porque íamos para lá com aquelas pautas educativas que recebíamos dos pais e demais membros da família; noutras ocasiões dançava-se *osawoya* e *omenda*, que duravam toda a noite mas não se registavam conflitos. Os comportamentos que temos observado nos dias de hoje por parte dos jovens representam uma espécie de sujeira que faz pensar que somos nós os pais que lhes educamos desta maneira, mas não; no entanto, acabamos todos afetados por ela. **(EGC-11:HAC)** **Ndalu**: Não vai longe! Aquando da reinauguração da estação ferroviária na cidade, à chegada do comboio experimental, ouvi algumas crianças dizendo: "vamos bater este monstro para ver se grita ou não". Risos… Só não consumaram a intenção porque a polícia apercebeu-se de imediato e aproximou-se junto do local. **(EGC-11:HAC)** **Pole:** Tivemos um líder comunitário de nome Pedro que durante o seu consulado defendeu os jovens, sobretudo em ocasiões de recrutamento compulsivo dos jovens para ingressarem ao serviço militar obrigatório durante o período da guerra. Nos dias de hoje, não temos quaisquer relações com os atuais líderes. **(EC-12:HJ)** **Pole**: Os professores, por exemplo, se relacionam mais com as raparigas do que com os jovens; os únicos momentos de se relacionar com eles é quando aparecem na cantina, onde muitas pessoas acorrem para comprar algo que necessitam e

	por vezes se juntam para trocar impressões. Já os enfermeiros mantêm uma relação permanente com as pessoas devido a natureza do seu trabalho; se os professores se relacionam apenas com os alunos, os enfermeiros se relacionam com todas as pessoas que acorrem ao posto de saúde. **(EC-12:HJ)** **Visese**: Por outro, existem jovens que não respeitam os mais velhos aqui na comunidade, mas, se todos fossem da mesma estirpe, claro que não estaríamos aqui. **(EC-14:HJ)** **Visese**: Os enfermeiros não têm realizado palestras públicas, mas quando recebem as mamãs nas consultas têm dado conselhos sobre como cuidar bem do seu bebé e manter a higiene pessoal e do lar. Com relação aos professores não tanto; no princípio de cada ano letivo costumam convocar reuniões com os pais e encarregados de educação dos alunos apelando para encorajarem os filhos a irem à escola e não desviá-los para trabalhos do campo. Quando os professores constatam haver elevado índice de absentismo por parte dos alunos, a escola distribui convocatórias aos encarregados de educação por cada zona e nas igrejas locais. **(EC-14:HJ)** **Dona Jamba**: Os homens atuais prestam mais atenção naquilo que as suas esposas dizem! Elas influenciam os maridos a não procurarem os pares para ficarem mais tempo em casa. Temos observado isso mesmo. **(EGC-8:MAC)** **Ndalu:** Voltando à educação, no passado os casamentos eram analisados pelo conjunto da família alargada; era a família alargada que fazia a proposta de noiva para o rapaz e de noivo para a rapariga. Essa proposta resultava de uma análise pormenorizada das atitudes e do comportamento da família em que a noiva ou o noivo pertencia; depois de analisados todos os pormenores, a família preparava então o dote que incluía, entre outros componentes, aquilo que denominamos *esima* [99], isto é, um porco grande que era levado para a família da noiva; essa, por sua vez, abatia o mesmo porco e entregava uma perna à família pretendente. Era assim nos tempos passados. Naquela altura, as questões de feitiçaria eram tratadas junto de um rio que temos cá na região chamado *Njwalungu*; todo o indivíduo que era acusado de feiticeiro, primeiro era detido junto com a sua família pelas autoridades costumeiras e depois levado ao julgamento junto do rio *Njwalungu*. O acusador também deve ser levado ao rio e nas mesmas circunstâncias em companhia de toda a sua família; chegados ao rio *Njwalungu*, o acusado era amarrado e

	introduzido numa espécie de colmeia denominado *ongonjo* que era uma casca extraída de uma árvore grande. Antes de ser atirado ao rio, os parentes mais próximos do suposto feiticeiro tinham direito de proferir preces, implorar no sentido de provar a sua inocência nos seguintes moldes: "se for realmente você o feiticeiro causador da morte de que és acusado também morrerás e afundarás; se fores inocente, morrerás mas flutuarás". Feitas as preces pelos familiares, o acusado era atirado ao rio para morrer afogado. Se for realmente ele o feiticeiro causador da morte de que era acusado ele também morria e afundava; Se fosse inocente, ele flutuava e neste caso ah... O crime deslocava-se do acusado para o acusador e o julgamento transladava-se do rio para a floresta, porque o assunto aquecia, pois, a indemnização a favor da família da vítima passava pelo pagamento de uma multa muito pesada que incluía várias cabeças de gado bovino. Se a vítima inocente era homem a indemnização passava pela sua substituição por outro homem com qualidades quase semelhantes daquele que foi sacrificado inocentemente. Em outras ocasiões, o julgamento costumeiro era feito nesse mesmo rio, mas, diante de uma grande fogueira; o acusado de feiticeiro era atirado na fogueira. Em casos em que o mesmo fosse inocente, ele saia da fogueira sem sofrer queimaduras. Ora, em casos em que era mesmo ele o criminoso, então morria mesmo queimado. Portanto, no passado as mortes eram raras porque havia mecanismos de punição severa dos criminosos. Hoje por hoje, as galinhas e os cães também se dão luxo de acusar as pessoas de feiticeiros! Mas, porquê tudo isto? **(EGC-11:HAC)** -----///---- **Bonge**: suponhamos que notamos algo anormal na conduta e nos afazeres de um vizinho ou de um colega de trabalho ao ponto de causar-lhe posteriormente danos num futuro próximo. Isto pode constituir um pesadelo em nossa consciência depois de fazermos uma autocrítica, isto é, fazemos um juízo e concluímos que somos cúmplice daquilo que aconteceu com o outro; se lhe tivéssemos aconselhado isto não lhe sucederia. Se nos anteciparmos em aconselhá-lo, com o andar do tempo, ele poderá agradecer ao fazer o juízo daquilo que ele pensava realizar antes, mas que depois mudou de ideia por força do conselho obtido dos vizinhos. Mesmo no caso de cultivo, se acatar o conselho do vizinho e obter boa colheita, isto traduz

	algum crescimento na aplicação das ideias. **(GDA-2:HA)** **Tiuka**: A comunidade precisa de uma escola para pelo menos formar técnicos básicos de saúde pública para educar os comunários sobre os cuidados a ter com a sua própria saúde. **(GDA-2:HA)** **Tiuka**: Nem os líderes comunitários sequer realizam uma concertação com os comunários para auscultar os seus pontos de vista acerca dos problemas que afetam a todos e das propostas que têm para resolver tais problemas que são de interesse comum. **(GDA-2:HA)** **Mbaka**: Essas enfermidades advêm da falta de higiene e talvez dos problemas alimentares; temos de continuar com a realização de palestras para educar a população. **(EAGEXTER-2:HA)** **Jivala**: Falando relativamente à nossa missão como professores devíamos implementar aqui o sistema de clubes de promoção do género para reduzir situações de discriminação; se criássemos esses clubes teríamos contribuído ainda mais ao desenvolvimento social da própria comunidade. **(EAGEXTER-1:HJ)** **Soyi**: Por isso, há toda a necessidade de os pais e encarregados de educação estarem em estreita colaboração com os professores. **(EAGEXTER-1:HJ)** **Mbaka**: Quando chegamos aqui fomos bem recebidos, inclusive temos trabalhado em boa colaboração com os comunários; semanalmente, o posto tem realizado palestras no período da manhã com a população. Às vezes, os trabalhadores do posto deslocam-se às igrejas a fim de palestrar junto dos fiéis; nas palestras que temos realizado a população tem participado ativamente colocando aos palestrantes as suas inquietações. Cada dia tem o seu tema: se o tema for a malária, a palestra é somente sobre essa endemia; se o tema for da higiene, a palestra é somente sobre a higiene pessoal, familiar e comunitária. Cada mês elaboramos um calendário das palestras a realizar, quer seja, aos doentes como aos comunários em geral. **(EAGEXTER-2:HA)** **Sapi**: Nós que estamos a trabalhar nas aldeias constatamos que as pessoas estão interessadas por aquilo que temos vindo a realizar; às vezes, depois de terminarmos uma atividade eles agradecem, porque afinal de contas, antes não sabiam qual é

---//--- **1.6 Processo de socialização**	origem dos problemas e das doenças que padecem. O nosso trabalho no campo da saúde tem despertado as pessoas, porque elas praticam determinados atos sem saber das consequências que podem trazer para a sua saúde; sempre que nos deslocamos junto das comunidades, uma das preocupações que levamos é explicar como surgem as doenças e como se propagam no seio das pessoas e elas revelam interesse de saber como isto acontece. Por isso, temos conseguido bons resultados nas comunidades. **(EAGEXTER-4:HA)** **Sapi**: Falta principalmente, organizar bem a área da educação, agricultura, saúde e saneamento básico; mas, é sobretudo a educação, porque só uma pessoa com estudos pode conceber bem os planos. Acho que estas são as áreas que precisam de ser melhoradas**. (EAGEXTER-4:HA)** **Soloti:** Penso que, o que vai na mente dos comunários é a ideia de que o estado faz e vai continuar a fazer! (OBS: Talvez, os comunários estejam a pensar que o governo apenas está a implementar o antigo modelo de um estado de providência em que o mesmo assume a paternidade de tudo, algo que não acontecia nas comunidades rurais, devido à guerra civil; ou porque os comunários não estão suficientemente informados da mudança de modelo de desenvolvimento e de outras transformações em curso no País, muito menos da necessidade de um modelo de desenvolvimento sustentável, que, entretanto, tarda acontecer). Portanto, falta alguma coisa; falta a consciência bem consolidada sobre o bem coletivo ou comunitário. **(EAGEXTNR-1:HA)** **Soloti**: Eu parto do princípio de que as comunidades têm sempre algo; só as comunidades seculares têm esses princípios de gestão. Acho que, o que falta ou que precisa de reforço, talvez é a metodologia de utilização dessas ferramentas que já existem de forma desorganizada, aquilo está numa caixinha misturada, e talvez a quem de direito dar algumas ferramentas, algumas ações de formação, se calhar, não no rigor científico da coisa, mas naquela linguagem prática; as nossas comunidades aprendem muito pela prática. Isso é possível e o que falta é fortalecer com treinamentos específicos junto da comunidade. Eles sabem da autogestão e controlam a sua comunidade; se fores numa aldeia hoje ter com o soba ele vai te dizer que tem x habitações, é capaz de orientar alguém para te dizer que x crianças estão a estudar na escola, que o fulano tem lavra, sicrano tem horta, quer dizer, ele tem o domínio e

	controlo da sua comunidade. No entanto, é preciso outro apoio, outro rigor que não seja 100% de carácter científico, mas que facilite que eles tenham uma ferramenta para trabalhar. **(EAGEXTNR-1:HA)** **Soloti**: Não tenho dados para falar com propriedade sobre esta matéria, mas, do pouco que eu sei é que há uma tendência de recrutar professores locais e no caso de *Ekovongo*, um ou outro professor que sai da cidade do Kuito para lecionar naquela escola. O outro aspeto que eu notei porque já andei um pouco por este País é que a população *ovimbundu* é um pouco diferente, por exemplo, da população do norte de Angola, porque lá às vezes, as pessoas mesmo jovens só aprendem mesmo o português na escola. Na comunidade é só língua local. As crianças *ovimbundu* não: elas falam a língua local, mas também um pouco de português – são bilingues e quando vão à escola facilmente se enquadram. Acho que este é um processo; não sei como está o dossier sobre as línguas nacionais, assim como a educação em línguas nacionais. Portanto, acho que a questão da língua de escolarização não se configura como um fator deprimente. **(EAGEXTNR-1:HA)** **Kaliva:** O que tenho constatado nas aldeias nos últimos tempos é que está-se a conservar pouco porque as pessoas estão a entrar muito no modernismo e isto está a destruir a nossa cultura; em termos de dança por exemplo, havia uma ou outra situação não assim com grande realce como fazem os povos *tchokwe* e *ngangelas*. Logo, para nós que já éramos considerados de quase assimilados a coisa agora piorou mesmo; é preciso mais algum trabalho. No plano da educação e sobretudo na preservação da nossa identidade cultural eu não estou satisfeito, porque à propósito já temos algumas deficiências e se olharmos para os povos *kwanhamas* lá do sul de Angola notamos que eles estão a preservar bem os seus traços identitários, as suas danças expressivas que emitem mensagens, etc.; no leste de Angola, ali na área dos lundas, de Malanje a subir, aquela área toda está bem identificada em aspetos culturais, mas aqui no planalto central temos algumas debilidades. Aqui há uma tendência de as pessoas absorverem mais coisas que chegam do exterior, relegando para terceiro plano aquilo que sempre nos identificou como povo *ovimbundu*. **(EAGEXTNR-2:HA)** **Sawesi**: De vez enquanto, o governo tem feito algum trabalho; às vezes, nós como técnicos do campo não levamos somente

	técnicas para o trabalho de extensão rural. Às vezes, abordamos também temas transversais junto das comunidades; muitas dessas comunidades não possuem latrinas, defecam ao ar livre e não existem aterros para incinerar o lixo. Em certas ocasiões, depois de largarmos o nosso trabalho habitual realizamos sessões de sensibilização, isto é, reunimos com as mamãs, com os papás e abordamos com eles alguns temas sociais sobre como se deve viver numa comunidade, manter o espaço limpo e higiénico, para evitar determinadas enfermidades; às vezes orientamos os comunários a construírem latrinas, ainda que estejam cobertas de capim, mas nem todos cumprem com estas orientações. São sempre aqueles comunários da elite minimamente instruída, líderes, educadores, catequistas, etc., executam as orientações dadas; senão, a população em geral precisa de mais sensibilização para aderir a essas práticas e mais investimentos para que essas sensibilizações aconteçam. **(EAGEXTNR-3-HA)** **Sawesi**: É sabido que as pessoas das comunidades rurais não conseguem de facto organizar uma dieta alimentar; quanto cultivam milho e mandioca, depois da transformação esses produtos passam a ser a alimentação constante e praticamente não há preocupação de diversificá-la; eles podem criar galinhas e outros animais, mas lhes custa muito abater um desses animais para o consumo familiar. Preferem vender esses animais para com esse dinheiro comprar peixe em quantidade e outros produtos de que necessitam. Isto acontece porque na maioria dos casos a produção não corresponde às necessidades acumuladas no dia-a-dia. Logo, o pouco que produzem (batata rena, cebola, tomate, etc.) tem de ser vendido para o dinheiro cobrir o conjunto das necessidades das pessoas. Portanto, aqui o problema maior é mesmo a pobreza. **(EAGEXTNR-3:HA)** **Sawesi**: Em média são dois técnicos em cada Município. **(EAGEXTNR-3)** **Sawesi:** O extensionista, na qualidade de técnico da comunidade ele vai ali com a sensibilidade; por exemplo, depois de realizarem a colheita dos seus produtos o extensionista sensibiliza-os sobre como conservar esses produtos para não deteriorarem-se e aconselha a não consumirem tudo e criarem stocks para os períodos de escassez e para a semente. E para aqueles produtos em que não existe tecnologia de conservação local como tubérculos, por

	exemplo, nós como técnicos ajudamos a procurar os mercados para eles poderem comercializar esses produtos; nós procuramos mercados para todos os produtos, incluindo mel, peixes, etc. **(EAGEXTNR-3:HA)** **Sawesi**: Em parte, eles valorizam a educação porque nós temos visto os Sobas que controlam diretamente os professores; ao verem os filhos dos outros a andarem de carros eles querem ver os seus filhos formados e já têm aquela ganância, aquele orgulho de verem também os seus a exercerem cargos públicos. Então, o Soba obriga o Diretor de Escola a mostrar os professores para os conhecer e os acompanhar à par-e-passo e até já criticam aqueles professores que se apresentam poucas vezes no local de trabalho. **(EAGEXTNR-3:HA)** **Lupesi:** Não esquecer de formar o próprio homem, uma vez que, por aquilo que temos constatado é que os comunários vivem quase permanentemente uma situação de emergência. Ainda alimentam esperanças de apoios gratuitos. É preciso continuar com as campanhas de sensibilização até se convencerem de que, para haver desenvolvimento é preciso trabalhar muito. É preciso consolidar a autoestima das pessoas. **(EAGEXTNR-3:HJ)** **Rita**: Seria por exemplo, nas atividades extraescolares que as escolas deveriam organizar viagens de estudo com os alunos para irem vivenciar outras realidades e experiências; tem graça que nós implementamos um projeto de educação em que nessas atividades extra-escolares organizávamos excursões com os alunos do meio rural, os pequeninos vínhamos com cá e muitos deles nunca visitado a cidade, nem imaginavam o que é a cidade. Visitamos alguns monumentos, os museus e ouviram um pouco das histórias; aquilo foi uma oportunidade inédita para os pequeninos; e porque é que os docentes não organizam este de atividades? É porque têm limitações em termos de transportes. Esta a conjuntura que se vive e produz impactos muito significativos e acho que era isso que se deveria fazer. As escolas de campo têm uma metodologia tão boa que as pessoas não deveria desperdiçar, mas começam com força e depois se desmoronam; era preciso mostrar-lhes que se eles não fizerem para si próprio ninguém fará por eles e ninguém mais irá dar financiamentos emergenciais, sementes, instrumentos de trabalho, etc. **(EAGEXTNR-4:MA)** **Ndalu**: Que fazer para resgatar os valores do passado que agora estão invertidos»? Outros respondem: “temos que

	desenvolver o diálogo, visto que, o aprofundamento do diálogo permite a reflexão sobre aqueles valores do passado que agora estão relegados ao esquecimento, para na base desses projetarmos o desenvolvimento". Quero com isto dizer, que um diálogo como este é educativo e de tudo que se trata no *onjango* é educação. **(EGC-11:HAC)** **Ndalu**: Aqui na nossa região, a peste que ataca o gado bovino denominamos *okawenya* e o que temos observado nos últimos tempos faz lembrar aquela peste, porque o bebé que nasce, morre horas ou dias depois; paremos para refletir! De onde vem esta mortalidade? Para nós que somos observadores atentos a este fenómeno, a conclusão a que chegamos é que esta comunidade, por ser o local de apelação, não se deveria realizar óbito de alguém que morreu já há algum tempo. Este é o terceiro ano consecutivo que isto acontece; Tão logo que varrem as cinzas do óbito realizado, morre outra pessoa. Perante esta situação, nós os anciãos temos de sentar para refletir sobre este fenómeno. A isto denominamos educação. **(EGC-11:HAC)** **Ndalu:** Ora, isto é para dizer, que se hoje em dia os poderes costumeiros enfrentam algumas dificuldades de sua própria afirmação é devido à guerra que se prolongou muitos anos e destruiu quase todas as instituições tradicionais e costumeiras. A sua reabilitação requer a conjugação de muitos esforços. O que nós vimos com os nossos olhos... Risos... A mulher tinha que esperar até atingir a idade de maturidade; homem e mulher, sendo noivos, podiam planificar e realizar atividades produtivas para o futuro lar, mas, respeitando sempre a abstinência, isto é, não podiam avistar-se cara e cara, porque tal só é permitido no dia do casamento. No dia seguinte de manhã, ao levar a noiva ao seu futuro lar, é quando haverá aquilo que denominamos *omemba* [101].É tudo isto que acabei de referir que subscreve a nossa cultura. **(EGC-11:HAC)** **Ndalu**: Os valores da cultura e da tradição passaram a ser questionados pelas igrejas; nós que temos resistido aos ataques das igrejas somos considerados de mundanos, mas a cultura não pode morrer. É nossa responsabilidade de tudo fazer para revigorar os valores da nossa cultura e da nossa tradição. **(EGC-11:HAC)** **Ndalu**: No passado, sempre que uma mãe desse luz de seu bebé, ela estava isenta de todo o tipo de trabalho durante uma ou duas semanas; todas as atividades domésticas eram

	executadas pelas pessoas que integram a família alargada. A isto denominamos *uhwatepata* [98]. Agora temos necessidade de repor tudo isto porque a guerra acabou, mas, nem todas as famílias se encontram aqui na comunidade. **(EGC-11:HAC)** **Sapwile:** Com a chegada dos missionários que trouxeram a religião ocidental tudo isso foi abolido, as pessoas começaram a utilizar medicamentos modernos e agora as mortes multiplicaram-se e vulgarizaram-se; é na base desta realidade, que as pessoas têm apelado para a reflexão e resgate daquelas práticas que foram abolidas pela religião ocidental. Algumas enfermidades, que estão a atormentar as pessoas nos dias de hoje advêm do abandono daquelas práticas e, quando o doente é levado ao hospital é consultado e diagnosticado mas, o resultado não corresponde com a doença do indivíduo; começam assim, aquelas acusações de bruxaria; mas, como abandonamos as súplicas e veneração aos antepassados, que na prática, eram os nossos hospitais, constatamos agora muitas mortes; muitas vezes, o doente levado ao hospital aplicam-lhe o soro fisiológico, extraem análises e não acusam nada; levam-lhe nas máquinas para ser observado e não acusam nada, por fim, o hospital conclui que o indivíduo não está doente, lhe dão alta para ir à casa, dizendo: "vão ainda tentar outras alternativas". **(EC-1:HAC)** **Dona Jambela**: Portanto, para entrar nos *Akokoto*, primeiro era preciso untar as mãos com óleo de rícino e levar consigo cabrito, bebidas alcoólicas e não-alcoólicas; Agora, como a maioria das pessoas desconhecem as normas da ancestralidade, os visitantes limitam-se a levar cabrito e bebidas e depois de cumprido o ritual, o senhor Paulo Lusati procede a leitura do historial deste Antigo Reino do Bié. Quase todos os Governantes da Província do Bié, bem como personalidades vindas de Luanda visitam este local para ouvirem o historial do reino. **(EGC-8:MAC)** **Dona Jambela**: Naquela altura, as pessoas estavam organizadas em famílias alargadas; cada família alargada tinha *onjango* dirigido por um ancião que era o tutor e habitava num espaço circundado por um cerco. O Rei realizava assembleias com todos os tutores a quem transmitia todas as orientações; por sua vez, cada tutor reunia o seu *onjango* com os membros da sua família para transmitir-lhes todas as orientações do Rei. Quando as autoridades coloniais lançaram a política de concentrações acabaram por aglutinar famílias que antes

	viviam em espaços circundados por cercos, assim como aquelas povoações longínquas, que antes circundavam *Ekovongo*; no entanto, mesmo essas povoações têm as suas raízes no *Ekovongo* e este sistema funciona mesmo nos dias de hoje, não obstante a ausência física de *onjango*; se as novas gerações assumem atitudes e comportamentos que desvalorizam as pautas da nossa cultura ancestral é por conta própria, talvez por causa das influências externas. Há muita diferença entre os valores da cultura ancestral e os valores da cultura moderna. Nós estamos quase no fim da vida, mas os que ficam têm a responsabilidade de manter vivos os valores da cultura ancestral. **(EGC-8:MAC)** **Hosi**: Aqui nesta zona é a esposa do vizinho Tchiponge, que tem este comportamento quando faz encontro com uma autoridade tradicional. **(EGC-4:HAC)** **Kafeka**: A Dona Maria também tem cumprido com esta norma. **(EGC-4:MAC)** **Livonge:** O único jovem do meu bairro que me tirava da cabeça o toro de lenha sempre que fazia encontro comigo foi o falecido José Mingo. Ele levava o toro até em minha casa. Os demais nem pensar. **(EGC-4:HAC)** **Hosi**: Bem! Existe alguns jovens que têm mesmo respeito. No ano passado e mesmo neste ano de 2011 eu posso mencionar alguns jovens, que quando fazem encontro comigo me recebem a bicicleta carregada de coisas e levam até à minha casa. Posso ainda mencionar o filho do Ernesto Kanjundu, um vizinho que reside naquela área; é um rapazito, mas tem respeito. Em Fevereiro fiz encontro com ele quando empurrava a minha bicicleta carregada de cebola numa subida; olhou para mim e disse: avô deixa-me empurrar a bicicleta e veio mesmo até em casa. Da parte dos rapazes existe alguns que têm mesmo respeito pelos mais velhos. **(EGC-4:HAC)** **Visupe**: Aqui na comunidade temos o dever de acompanhar o que se passa no mundo, no país e na nossa região e cumprir com as orientações emanadas pelas estruturas do poder da província e do município. Se a liderança comunitária não reúne com as pessoas para transmitir as orientações emanadas pelas estruturas do poder da província, os comunários ficam desorientados; Se o líder comunitário for convocado pelas estruturas do poder municipal, ao regressar na comunidade, ele tem o dever de reunir os seus colaboradores, os mais velhos e

	os comunários em geral, para informar as orientações que recebeu e indicar os caminhos que levam ao seu cumprimento. Se assim acontecesse, cada ancião, na qualidade de tutor de uma família alargada reuniria, por sua vez, com os integrantes do seu *onjango* familiar para informar e cumprir com tais orientações a esse nível. Infelizmente, esses procedimentos que no passado caracterizaram a nossa organização social, não estão a ser cumpridos nos dias de hoje; se a liderança age desta maneira, haverá motivos para acusar os comunários de desorganizados e incumpridores? Risos… No meu caso, por exemplo, tenho filhos e se porventura passar parte do dia numa assembleia, de regresso a casa eles perguntam-me: "pai, o que foi tratado na assembleia em que participou"? Eu tenho o dever de explicar aos meus filhos para eles estarem informados. **(EC-6:HAC)** **Visupe**: E, numa comunidade tem de haver tranquilidade tal, que as mulheres grávidas, por exemplo, consigam dar luz de seus bebés sem dificuldades, pois, esta é a razão de ser das tradições e da sua utilidade na existência da comunidade; temos constatado, nos dias de hoje, que os jovens brigam inclusive nos óbitos! Risos… **(EC-6:HAC)** **Dona Nahenda**: Atualmente, com a passagem pelo período de guerra estamos todos misturados; às vezes, o indivíduo é membro da igreja e ao mesmo tempo participa das crenças e tradições da cultura umbundu. **(EGC-8:MAC)** **Mwenho**: Nos contactos e nos encontros que mantemos entre nós, muitas vezes obtemos outras informações e outras instruções de como realizar isto e aquilo e muitas vezes pode nos impulsionar para coisas que vão melhorar a nossa vida. **(EC-15:HAC)** ----///---- **Soyi**: Nós somos educadores das crianças, mas elas não devem estar limitadas aos conhecimentos que lhes são transmitidos na sala de aulas; mas, para as crianças enriquecerem aquilo que aprendem na sala de aulas, os pais devem colaborar com os professores e caminhar juntos na orientação de seus filhos, porque eles também são educadores. **(EAGEXTER-1:HJ)** **Siliveli**: Em minha opinião seria bom que esta localidade tivesse infraestruturas que pudessem orientar o

	desenvolvimento; falando de infraestruturas, eu diria mesmo, uma administração que pudesse gerir os problemas, sobretudo da educação, para não falar dos problemas políticos, visto que, há casos que podemos expor ao Líder comunitário ou soba, mas esse não os pode resolver. A título de exemplo, este ano letivo que terminou deveria haver uma consideração enorme por ser o primeiro ano em que a escola fez sair o primeiro núcleo que terminou o Iº ciclo para prosseguir com o estudo no IIº ciclo, e muitos pensavam no início que era uma brincadeira, mas afinal os alunos saíram com certificados. Quando ouviram que haveria a 10ª classe e que o governador orientou que todas as comunas e os centros administrativos analisassem e avaliassem as condições que possuem e o número de alunos aprovados que transitam ao IIº ciclo, a fim de criarem uma ou duas turmas, para evitar a emigração forçada de alunos que querem prosseguir com os estudos, por falta de condições nas suas localidades, os que terminaram o Iº ciclo apareceram em massa nas escolas para saber qual seria a situação deles. **(EAGEXTER-3:HA)** **Siliveli**: A minha opinião é no sentido de que houvesse uma norma que estabeleça um Subdiretor Pedagógico para o ensino primário e um outro para o ensino secundário. **(EAGEXTER-3:HA)** **Kaliva**: Repare, que há pessoas nas nossas comunidades que estão ali, mas praticamente não têm lavras, passam a vida a trabalhar na lavra deste ou daquele para receber algum pagamento por essa prestação; praticamente são biscateiros. Risos... Essas pessoas precisam de um pouco mais de sensibilização, de incentivo para saírem-se dessa, porque esta falta de cultura de gestão da parte dessas pessoas faz com que, mesmo quando são incentivados e apoiados não saibam tirar proveito disso. Isso é importante! É um trabalho que tem de ser feito! Ali onde fui passando, em cada aldeia que tem 100 famílias por exemplo, há sempre uma ou duas famílias nesta situação que acabamos de referir. São pessoas que não querem deixar alguma herança; risos... São pessoas que precisam de incentivo. Eu próprio tenho um espaço e pessoas a trabalhar nele lá em Katabola; quando digo que me falta implantar no mesmo espaço variedades de fruteiras eles perguntam-me: "como sabe dessas coisas do campo que aqui não aparecem, se você vive na cidade"? Mas depois eles sabem dirigir dizendo que na lavra do fulano X podemos encontrar essas coisas todas. Eles não têm mas sabem onde se pode conseguir isso;

	porquê não vão lá obter para si próprio? São essas iniciativas que eles deveriam ter, mas, infelizmente não têm e mesmo quando recebem o seu dinheiro não pensam até aí. Portanto, são essas coisinhas que estão lhes faltar; quer dizer que possuem uma relativa capacidade de gestão, mas lhes falta ainda algum reforço neste plano da diversificação da produção agrícola. Mesmo quando nos propomos a criar gado caprino, suíno, etc., devemos considerar sempre aquelas espécies que podem procriar em maior número para o criador poder crescer. **(EAGEXTNR-2:HA)** **Lupesi**: Em casos de não existirem na comunidade pessoas com essas qualificações, o governo deveria selecionar alguns comunários para irem frequentar cursos de enfermagem e de professores, mas, com o compromisso de regressarem para trabalharem na sua própria comunidade. **(EAGEXTNR-3:HA)** **Sawesi:** Mesmo no caso de professores era preciso selecionar os jovens mais sobressaídos e levá-los a uma localidade mais desenvolvida para passarem por uma capacitação e posteriormente seguirem uma formação profissional que os habilita ao trabalho de educar; depois de receberem os seus diplomas devem ser inseridos no emprego para retornarem à sua comunidade para despertarem os demais e desenvolverem aquele ambiente. Ou então criar um centro de formação profissional. **(EAGEXTNR-3:HA)** **Lupesi:** Por exemplo, a *Ombala Ekovongo* onde se está realizar o estudo controla um certo número de aldeias; logo, seria de selecionar um certo número de jovens em cada aldeia que desejam ser professores e enfermeiros para serem encaminhados nos cursos profissionalizantes. **(EAGEXTNR-3:HA)** **Sawesi**: Depois de estarem diplomados cada um regressa para a sua comunidade de origem e leva consigo ambições de realizar algo que seja útil à comunidade para motivar os demais; quem sabe? Depois de atingir um nível médio, regressa à comunidade e ali ele pode desempenhar duas funções em simultâneo: trabalhos de campo e docência. Desta maneira, aqueles que ainda não estudaram nesses cursos sentem-se mais motivados para ingressarem e assim seria um processo de crescimento gradual. **(EAGEXTNR-3:HA)** **Ndalu**: Quando as pessoas se juntam no *onjango* para serão a questão que vem à tona é: desde os nossos ancestrais e nossos

	antepassados a comunidade tinha uma forma de organização; hoje por hoje, a questão é: que fazer para manter viva esta forma de organização e projetar o futuro? **(EGC-11:HAC)** **Ndalu**: Há sempre quem responde e expõe a seguinte ideia: em cada etapa da história há coisas que se modificam; por outro, as pessoas analisam o que se passa no país todo e concluem dizendo: há uma desorientação. Que fazer para resgatar os valores do passado que agora estão invertidos? Outros respondem: "temos que desenvolver o diálogo, visto que, o aprofundamento do diálogo permite a reflexão sobre aqueles valores do passado que agora estão relegados ao esquecimento, para na base desses projetarmos o desenvolvimento. Quero com isto dizer, que um diálogo como este é educativo e de tudo que se trata no *onjango* é educação. **(EGC-11:HAC)** **Ndalu**: Quem anda esfarrapado, sente-se marginalizado! Quem anda bem vestido, sente-se feliz! Portanto, no passado não havia tantas mortes, pois, havia respeito aos costumes ancestrais. Os funerais eram raros e no caminho que liga a comunidade àquele lugar sagrado crescia capim; era necessário mobilizar as pessoas para capinarem o caminho e o próprio cemitério. **(EGC-11:HAC)** **Sapwile**: Outro assunto importante que não quero deixar de fora, é a questão das nossas crianças que temos enviado às escolas, mas que, na realidade, não têm correspondido com as nossas expectativas. Nos seus pronunciamentos o Presidente da República tem apelado aos jovens a serem vigilantes e assumirem atitudes responsáveis, mas, a situação sociocultural na generalidade do país não tem favorecido a educação dos nossos valores que os nossos jovens deveriam aprender; os jovens só estão a seguir a ilusão urbana, de tal sorte que, mesmo quando os pais tentam transmitir os nossos valores, as nossas experiências na área da produção, o respeito às pessoas, observância do horário de descanso, etc, eles já não dão importância a estes ensinamentos. **(EC-1:HAC)** **Visupe:** Repare! Quando nos foi comunicado o programa de reinauguração da estação de comboios realizamos uma reunião no sábado, em que foram indicados dez indivíduos para participarem do ato. Estávamos à espera, que logo que regressassem os líderes convocariam a população para informar de tudo que passou no ato em que participaram mas, infelizmente isso não aconteceu. Não estou a fazer uma

	denúncia! Risos… **(EC-6:HAC)** **Pesela**: O que vimos no passado e o que vemos hoje notamos algumas mudanças sem grandes progressos; em termos de racionalidade regredimos ou estamos estagnados. Não vejo nada de melhor naquilo que tem sido feito. **(EC-7:HA)** **Dona Nahenda**: Naquela altura, os mundanos construíam as suas residências num mesmo perímetro e os cristãos também faziam o mesmo; as pessoas não se misturavam como hoje. A vida era tão bela e parecia que Jesus ainda vivia connosco cá na terra; aos domingos os palhaços dançavam e tudo isso coloria a alegria de viver expressando a tranquilidade. Quem morresse fora da comunidade era sepultado ali onde ele morreu; cá na comunidade apenas realizava-se o óbito, pois, não se transladava o seu corpo para ser sepultado aqui porque isso é tabu. Hoje em dia, como não se cumpre com esse tabu as pessoas atravessam a comunidade mesmo transportando cadáveres. A lareira que guarnecia a comunidade foi vandalizada e *ohongolo* assim como a respetiva cadeira bonita, ornada com missangas denominada *otchihundi tchohongolo*, que o Viye tinha adquirido na região dos songos, também foi vendido pelo Rei Mesquita e seu braço direto o kanjolomba que era o kapitamõlo *ukwelonga lyomemba*, ou seja, o kapitango. Todos esses artefactos foram vendidos ao Padre Mbiya que vivia na localidade do Kunje, atual comuna do Município do Kuito, logo no inicio da guerra civil angolana. **(EGC-8:MAC)** **Epalanga**: Em relação a educação laboral, mais precisamente a instrução nas técnicas agrícolas, de cultivo de plantas de frutas, de cereais, nas técnicas de pecuária, assim como nas técnicas de colheita e aprovisionamento, tudo isto não é ensinado nas escolas atuais. **(EC-2:HAC)** **Epalanga**: Se eles visitassem as famílias poderiam cultivar amizade e até conhecer os pais dos seus alunos, mas não é isto que temos constatado**. (EC-2:HAC)** ----///---- **Sapwile:** O pai tem o dever de transmitir ao filho aquela educação que um homem necessita na sua vida; o filho, por sua vez, deve assimilar essa educação e encher a sua bagagem para, no futuro, poder os transmitir também aos seus filhos. A educação dos pais constitui para os filhos a primeira escola que ilumina os caminhos da vida futura. Mesmo quando o filho

	dorme à noite, ele fica pensando naquele ensinamento que o pai lhe deu durante o dia; quando alguém, seja ele conhecido ou não, aparece diante dele, ele tem a capacidade de raciocinar, distinguir ou equipará-lo à categoria sócio-etária de seu pai; logo, ainda que entendesse praticar alguma arbitrariedade ele reconsidera a sua actuação. Esta é a doutrina que orienta a educação de nossos filhos desde os tempos remotos, quando nem sequer tinham chegado missionários cristãos aqui na nossa região. Ao pai cabe a responsabilidade de transmitir, tanto aos filhos como às filhas aqueles ensinamentos sobre como realizar trabalhos extra-domésticos, no campo por exemplo; se os filhos e as filhas se mostram desinteressadas a aprenderem esse tipo de actividades, o pai tem de pegar no chicote para lhes persuadir que estas aprendizagens são necessárias na vida futura. Se assim não acontecer, quando os filhos e as filhas saírem da tutela familiar, é o pai e a mãe que serão considerados como falhados. **(EC-1:HAC)** **Sapwile:** A mãe também tem o dever de transmitir à filha aquela educação de que ela irá necessitar quando tiver o seu próprio lar. A mãe chama a filha e pergunta: "óh minha filha! Estás a acompanhar o que tenho estado a fazer aqui em casa"? Ela responde. Sim! E a mãe diz: "ao acordar logo de manhã, a primeira coisa é tomar banho. Depois, varrer a casa e o recinto, colocar a panela ao fogo, lavar a loiça e realizar tudo quanto é necessário para manter a casa em ordem". Deste modo, a filha está assimilando a educação de sua mãe, porque a saúde do lar depende dos ensinamentos que os pais transmitem aos seus filhos e filhas. Se no lar familiar o ambiente for de contradições por parte dos pais, os filhos também passam a praticar os mesmos comportamentos dentro e fora do lar. O civismo começa mesmo dentro do lar familiar, e os pais não só transmitem aos filhos e filhas a educação familiar, mas também, aquela educação que devem ter para viver no seio da comunidade. **(EC-1:HAC)** **Dona Ngueve**: Por aquilo que temos observado, em alguns aspetos há desenvolvimento, mas a nova geração dos nossos filhos é irreverente e rebelde; os pais tudo fazem para indicar-lhes os caminhos a seguir para haver sucesso na vida, mas os filhos, não querem saber de nada. Alguns filhos não querem aprender a trabalhar, gastam o seu tempo nos passeios, na bebedeira e até destroem alguns bens que os pais adquiriram

	com muito sacrifício; não querem seguir aquilo que nós praticávamos nos tempos passados em que na qualidade de alunos, íamos estudar de manhã na escola e à tarde íamos para o campo aprender a trabalhar com os pais e vice-versa. Naquela altura, ganhávamos duplamente, isto é, estudávamos na escola e aprendíamos a realizar trabalhos do campo. **(GDA-2:MA)** **Tiuka:** Há coisas da tradição que podem conciliar-se com a modernidade, mas há outras coisas que são irreconciliáveis; por exemplo, no passado recente havia normas, isto é, se um adulto se cruzava com uma criança ou jovem, este afastava-se do caminho para o adulto poder passar. Antes do adulto saudar-lhe era o jovem que devia fazê-lo primeiro e se carregava consigo algo no seu ombro, cabia ao jovem ajudá-lo levar até à sua casa. Se um pai mandava seu filho transmitir um recado ao vizinho, esse devia pedir licença ao chegar em casa do vizinho. **(GDA-2:HA)** **Kalunga**: No passado recente havia tutores que passaram o testemunho aos nossos pais e estes nos têm contado sobre a educação do seu tempo. **(GDJ-1:HJ)** **Pesela**: Por exemplo, eu tenho um tio de nome Abel Epandi, que tem uma filha de nome Elombo; essa filha está mais próxima de seu pai e respeita-lhe muito, apesar de ter já o seu lar familiar. O pai que agora é cego, também quando consegue algo partilha com a Elombo; ela ajuda o pai nos trabalhos, nos negócios e outros afazeres; as outras filhas, nem tanto assim, apesar de viverem ainda juntas com o pai. Portanto, não existe separatismo na educação de filhos e filhas dentro do lar familiar; a educação a dar aos filhos deve ser a mesma para as filhas mas, pode existir alguns aspetos que só o pai pode transmitir aos filhos e noutra vertente, aqueles aspetos que só a mãe pode transmitir às filhas. A partir daí as filhas e os filhos fazem opções na formação do carácter pessoal; os filhos tendem a inclinar ao que nós denominamos *kohonji* [91]e as filhas -*kohumba* [92]. As brincadeiras da infância demonstram isso mesmo; os filhos imitam a figura de pai e aquilo que ele faz, e as filhas imitam a figura de mãe e aquilo que ela faz. **(EC-7:HA)** **Pesela:** A educação era feita no *onjango* de cada família. Em cada família, os meninos e rapazes se juntavam no *onjango* para serão, que era orientado por um ancião indicado como tutor da família. No *onjango*, meninos e rapazes eram

	educados a respeitar os adultos, os anciãos e as anciãs, assim como respeitarem-se a si mesmos; Todos eram educados a terem amor ao próximo, assim como ao trabalho. As sessões do *onjango* eram para meninos e rapazes, porque as meninas e raparigas se juntavam noutra instituição de senhoras *otchiwo*. No entanto, as sessões do *onjango* eram para todos: meninos, jovens e adultos, pois, é ali onde os tutores contavam a história da comunidade, assim como das linhagens das famílias. Quando os meninos atingiam a idade dos dez a doze anos eram levados para outra instituição educativa que era construída na mata fora da comunidade a *evamba*, para serem iniciados. Primeiro eram submetidos à circuncisão e depois passavam seis meses a aprender muitas coisas. Na *evamba,* o mestre principal o *tchiluwe* apenas se ocupava de extrair o prepúcio e cuidar dos curativos da ferida; o resto do trabalho educativo era conduzido por adultos e anciãos da comunidade. Cada neófito tinha um *nawa* que era o tutor responsável pela transmissão de *amulaly* [82], de *ovisila* [83],de *alumbu* [84], de rudimentos da arte de guerra e a confecionar vestimentas para dançarinos, tocar batuque, cantar, dançar e refinamento de habilidades. Além de tutores, havia os *asiki* (plural de *usiki* [85])e outros anciãos que tinham funções específicas. A transmissão era feita através de *upopi* [86] mas, havia outros procedimentos como *otchindekase* [87] e *oseteko* [88]. A *evamba* terminava com uma cerimónia magico-religiosa denominada *esengu*, no qual o neófito era avaliado para certificar a sua capacidade de recordar e demonstrar o que aprendeu ao longo de seis meses e era submetido à prova de coragem e tenacidade através do ritual denominado *okuwina*, simbolizando morte e ressurreição, que consiste em ser engolido por seres alegóricos personalizados: primeiro pelo *hosi* [89], depois pelo *embwangungu* [90], passando pelo conjunto de palhaços atemorizadores, simbolicamente denominados de *ovilunlu vyapinduka*, ou seja, almas dos ressuscitados selecionados para o efeito. As raparigas que atingissem a mesma idade também eram levadas por adultas e anciãs à uma outra instituição educativa denominada ùsó ou *otchisambwe* na mata fora da comunidade para serem iniciadas. Ali, também elas recebiam vários ensinamentos *amulaly*, da higiene, estética e beleza feminina, de *ovisila*, de *alumbu,* da arte de cantar, dançar e eram submetidas ao refinamento de habilidades. Essas instituições educativas sempre funcionaram em paralelo com as escolas das missões, assim como aquelas construídas pelo estado. No passado

	recente eram as missões das igrejas cristãs que se opunham a essas práticas educativas mas, elas continuaram; no entanto, com o inicio da guerra civil em 1975, tornou-se muito difícil realizar a *evamba,* assim como a ùsó naquelas condições e atualmente apenas se realizam em algumas comunidades vizinhas. **(EC-7:HA)** **Pesela**: Em primeiro lugar, o filho é aquele que obedece as instruções e as orientações de seu pai. Se o filho se considerar incapaz de cumprir com uma determinada tarefa deve pronunciar-se para o pai rever a sua decisão, ou simplesmente perdoá-lo. Um pai não deve castigar o filho pelo simples facto de se mostrar incapaz de realizar a tarefa que lhe foi dada. Eu nasci noutra comunidade onde residia meu pai, mas, passei toda a minha infância aqui e é mesmo cá onde cresci até que me tornei homem adulto, sempre junto de minha mãe e de meus irmãos, porque muito cedo, meu pai e minha mãe separaram-se. Quando atingi a idade de menino, o pai quis estreitar a relação connosco e aparecia com frequência em casa. A mãe me chamava e dizia que o pai chegou, mas eu respondia que ele não é meu pai, porque se fosse, estaria cá connosco; eu era rebelde! Era pequeno, mas o meu desejo era pegar num varapau e bater meu pai. Ele continuou visitar-nos e às vezes trazia-nos roupa; a minha atitude com ele continuou até que adquiri uma certa idade e comecei a ter outro pensamento e por fim arrependi-me, mudei de atitude e comportamento em relação ao meu pai. A mãe e os irmãos me sensibilizavam sempre dizendo: “este é mesmo seu pai”. Um pai deve habituar o seu filho a respeitar a si mesmo e às outras pessoas, pois, mesmo se um dia o filho ficar órfão, poderá lembrar sempre como o pai lhe havia educado. Por isso, todo o pai deve educar seu filho ao respeito, ao amor ao próximo e ao trabalho, assim como ao espírito de interajuda na relação com os outros; o pai que se faz acompanhar do filho nos seus afazeres acaba por dar-lhe oportunidades de ver e ouvir daquilo que os homens tratam nos seus encontros e nas suas conversas. Se for um filho ajuizado pede explicações ao pai sobre os assuntos tratados. Às vezes, o próprio pai se esquece dessas coisas mas o filho pode lembrar-se. Se o pai for pedreiro deve transmitir o ofício ao filho e mostrar-lhe que caminhos seguir para evitar certos problemas na vida. Nosso pai é nosso Deus cá na terra e a mãe é nossa progenitora. **(EC-7:HA)** **Pesela**: Bem, sobre mãe e filha a coisa pode ser bem diferente;

	certas mamãs ensinam as filhas a serem intriguistas, caluniadoras e mentirosas. Quando isso acontece, a filha tende a assimilar a linguagem da mãe e suas artimanhas. No entanto, esta situação não é generalizável; existem outras mamãs que educam bem as suas filhas e têm boas relações. **(EC-7:HA)** **Pesela**: Tudo parte da relação entre pais, mães, filhos e filhas, do respeito que cimentam e se consolida no *onjango*, assim como no *otchiwo*. No *onjango* e no *otchiwo* participam rapazes e raparigas de todas as famílias nucleares, que no conjunto formam uma única família alargada. No caso de adultos, quando se juntam no *onjango* tratam sobretudo assuntos de como um homem deve respeitar a sua esposa no lar, a família da esposa, os próprios irmãos, assim como os irmãos dela, a irmandade entre todos os parentes que deve ser preservada, considerando o lugar de cada um na hierarquia, etc, etc. Em cada família alargada, além de pais, mães, tios, tias, primos, primas, avôs, avós, etc, existem filhos e filhas considerados como primogénitos e primogénitas; tanto esses, como os demais, cada um age de acordo com o lugar e as funções que lhe são inerentes na hierarquia da grande família. Todos são aconselhados no seguinte: "se um membro da nossa família cometer algo contra o membro de outra família, e essa, por sua vez, exigir a multa ou indemnização vocês devem pagar; se a família ofendida não exigir nada, devem considerar esse gesto, para no futuro agirem da mesma maneira, quando alguém daquela família cometer contra a nossa. Entretanto, não devem ser reincidentes ao ponto de cometerem duas ou mais vezes contra a mesma família. Lembrem-se do ditado que diz: *oku wafelelãongumbu kavandalandalako otchiñymame*, ou seja, não se atreva marchar de retaguarda em direção ao sítio onde você próprio cavou um abismo". Essas são algumas das principais pautas educativas que *onjango* e *otchiwo* familiares transmitem a todos os seus membros para serem recordados no relacionamento com outras famílias. **(EC-7:HA)** **Dona Jambela**: No passado, o Rei tinha o controlo de todos os bebés que nasciam, apesar de não saber ler nem escrever; cada bebé que nascia o Rei introduzia um palito de cor branca na sua cabaça de controlo e cada pessoa que morria, o Rei introduzia um palito com a ponta queimada. Era um tempo em que a escrita não estava muito difundida entre nós. Em cada passagem de ano, no inicio do mês de Janeiro, o Conselho Real reunia-se em assembleia para fazer balanço das atividades do reino e saber quantos bebés nasceram e quantas pessoas

	morreram; o Rei pegava a sua cabaça de controlo para apresentar o número de bebés nascidos e número de pessoas falecidas. Posteriormente, com a difusão da escrita, o bebé que nascia era levado ao Palácio do Rei para ser escrito no livro de controlo, logo que completasse dez dias de vida. Com a chegada dos missionários que introduziram a aprendizagem da escrita, também eles seguiam a prática de controlo escrito de bebés nascidos e de pessoas falecidas. **(EGC-8:MAC)** **Dona Nahenda**: A ancestralidade era sagrada, pois, os meninos eram educados no *onjango;* ao cair do sol, os palhaços passavam de casa a casa com o intuito de apelar os meninos, rapazes e jovens a fim de irem ao *onjango*. Por isso, havia muito respeito entre as pessoas; Hoje em dia, os rapazes e particularmente as raparigas não se cuidam, nem sequer cumprem com o ritual de *esymbi* [94]. Nós cumpríamos e ficávamos por detrás da porta, pois, éramos proibidas de avistar-se com qualquer homem que seja, até ao término do ciclo. Só depois do término do ciclo quando realizavam o respetivo ritual que a rapariga podia pegar na lareira e nas panelas. Acendia-se o fogo e preparava-se os medicamentos; os homens pegavam numa mão artefactos denominados *mungu* de cor branca e noutra mão *mungu* de cor vermelha; em seguida, seguravam um artefacto denominado *kanganjo* com medicamentos e bebiam. Hoje, as raparigas não cumprem com este ritual e enfrentam certos problemas de saúde materna. Além disso, hoje rapazes e raparigas correm tanto que já não entendemos, porque antes, quem corresse no interior da comunidade desaparecia e só tornaria a aparecer se alguém a visse e lhe tratassem com medicamentos apropriados. Atualmente, se um velho ou uma velha faz encontro com um jovem e saúda esse não responde; dias atrás, ao passar pela estrada encontrei os rapazes a jogarem a bola e um deles fez um remate contra a minha cabeça e caí ao chão. Se me apanhasse no peito talvez morria mesmo ali. **(EGC-8:MAC)** **Dona Jambela**: As mulheres dialogam e buscam consenso em quase tudo que fazem. **(EGC-8:MAC)** **Dona Jambela**: Há dois aspetos a considerar na vida de uma jovem mulher: se a jovem mulher não tiver tido a primeira menstruação mas ainda assim engravidar, a isto se denomina de *okahini*; o filho ou filha que nasce de *okahini*, quando crescer será um adúltero ou adúltera viciada. São esses e outros ensinamentos vitais que a juventude atual não quer

	aprender. **(EGC-8:MAC)** **Dona Jamba**: Ainda que tivéssemos anciãos com capacidade de transmitir uma boa educação à juventude enfrentariam, mesmo assim, algumas dificuldades; olha que só se educa uma pessoa que quando lhe chamam vem e aceita sentar-se para ouvir. Se for como esses jovens que quando lhe chamam ainda pergunta porquê lhe chamaram, então as coisas seriam, mesmo assim, muito complicadas. De resto, só se educa aquele jovem que aceita sentar-se para lhe dizer: "oh meu filho, se tiver plano de ter a sua própria família tenha cuidado ao arranjar a sua futura companheira, porque aqui temos famílias de feiticeiros, de ladrões, etc. Na vida, é necessário agir e comportar-se bem e não enveredar por comportamentos que lesam a dignidade de outras pessoas ou agir em prejuízo dos outros**". (EGC-8:MAC)** **Sapwile:** É verdade! Heeeh… Isto é algo muito importante e não é fácil. Ao nascer do bebé até crescer há um árduo trabalho. A começar mesmo pela própria mãe no início da gestação; algumas mamãs começam mesmo adoecer no início da gestação; aos dois meses a própria gestante começa adoecer. Se o jovem marido não souber quais são os sinais, os sintomas, as alterações fisiológicas e de comportamento da mulher em gestação começa a atrapalhar-se e empenha-se na procura de vias para solucionar a saúde de sua esposa. O jovem marido tem de saber analisar e distinguir a temperatura normal do corpo da sua esposa e aquela temperatura que ela adquire por estar grávida; se não souber analisar e distinguir estas características, o jovem marido arrisca-se a imaginar que a sua esposa foi atingida por uma enfermidade qualquer. É que, no passado, não havia conhecimento suficiente sobre as manifestações do corpo da mulher grávida, não havia parteiras profissionais que poderiam realizar consultas desde os primeiros sinais de gravidez; naquele tempo, quando surgiam tais manifestações eram as mamãs e as tias da jovem esposa que exerciam este papel. Assim que notavam essas manifestações chamavam a jovem esposa e lhe interrogavam: "desde quando não observas a sua regra"? E, a jovem esposa indicava o mês em que a sua regra não se fez observar e a partir daquele momento elas recomendavam fazer o devido controlo, administrando-lhe medicamentos ervanários, até que a gravidez transparecia de forma efetiva, visto que, naquele tempo, não havia hospitais convencionais. A partir dessa constatação evitava-se o uso pela mulher grávida de

---//--- **1.7 Adequação do modelo educativo**	medicamentos margosos, que lhe poderiam produzir efeitos nocivos. Entretanto, antigamente, e mesmo nos dias de hoje, algumas mulheres grávidas manifestam maior apetência ao trabalho; ainda que lhes proíbam executar determinadas tarefas, elas choram e teimosamente realizam intensas atividades, deslocam-se ao campo para trabalhar e de lá regressam à casa carregando consigo objetos pesados; Havia, naquele tempo, casos de mulheres grávidas que, por falta de autocontrolo, efetuavam o parto sozinhas, sem a presença de uma parteira e em seu próprio campo de trabalho. As pessoas ficavam surpreendidas quando a mulher grávida que se deslocou de manhã ao campo para trabalhar, regressava pela tarde à comunidade, já com o seu bebé recém-nascido ao colo; e, perguntavam-se: "será que o seu tempo já chegou? E quem lhe assistiu o parto? Fê-lo sozinha"? É que, naquele tempo, não havia operações cirúrgicas de tipo cesariana, como temos visto nos dias de hoje, em que uma mulher grávida vai a maternidade e lá é submetida a uma cesariana; Havia normas que as mulheres grávidas respeitavam**. (EC-1:HAC)** **Sapwile**: Antigamente, depois de nascer o bebé administrava-se medicamentos ervanários denominados *tômbwa Tchilombo*, que eram introduzidos no seu biberão para beber. O recém-nascido só podia sair ou ser levado para fora de casa depois de sarar o seu umbigo. Só nessa altura podia ser visto e visitado por pessoas extrafamiliares ou vizinhos. **(EC-1:HAC)** **Sapwile:** Atualmente não existem responsáveis que lideram as famílias alargadas como no passado recente; o que existe atualmente são zonas. Mas, ainda assim, cada família nuclear mantém a relação com outras que compõem a mesma família alargada, em todos os aspetos da vida. No entanto, não há aquela organização que havia em tempos passados, em que as famílias se juntavam em torno de um parente ancião tido como responsável, para ouvirem ensinamentos durante o serão no *onjango*. Atualmente, cada família alargada se auto-orienta e se autocontrola. Quando surge um problema grave na comunidade, o caso de morte, por exemplo, todas as pessoas solidarizam-se. **(EC-1:HAC)** **Sapwile**: Sobre a sua questão das escolas eu posso citar a *evamba* [17], onde se realizava e mesmo nos dias de hoje ainda se realiza uma educação abrangente e ali os meninos aprendem tabus muito profundos que lhes servem de guia para toda a vida. Aquele que não cumpre com esses tabus expõe-se à

	vários riscos no percurso da sua vida. Por exemplo, aos meninos lhes era inculcado a nunca se sentarem frente a frente com a mãe nem com o pai porque isso constituía uma profunda falta de respeito aos seus progenitores, além de tantas outras coisas que lhes era proibido comer ou praticar. A educação que as escolas atuais realizam tem ignorado essas pautas educativas e o resultado é essa crise de valores que assistimos quase todos os dias. **(EC-1:HAC)** **Sapwile**: A *evamba* tem várias figuras que são: o *tchiluwe* [18], que é o mestre principal que opera os não circuncisos, o *kesongo* [19], que é o primeiro não circunciso que inaugura a escola, o *katita* [20] que assegura a comunicação com a comunidade e os chamados de *tchilombola* ou *nawa* [21], que são os tutores distribuídos para cada um dos neófitos. Cada tutor ou *nawa* tem a função e responsabilidade de transmitir ao seu tutorando todos os ensinamentos inerentes à formação iniciática, tanto no plano teórico como no plano prático, durante o período estabelecido. Além destes, existem os *asiki* [22], que são os mestres que animam e ensinam como tocar cada tipo de batuque. A transmissão dos ensinamentos é feita por via oral e durante o período de funcionamento da *evamba* nenhum dos membros envolvidos no processo pode dormir em sua casa junto da família ou noutro lugar fora do espaço em que se desenvolvem todas as atividades dessa escola. O grau de rigor que acompanha todo esse processo depende do nível da *evamba*, ou seja, se for de *ohuku* [23] o rigor é de acordo com o mesmo, mas se for o *mingonge* [24] que é o mais alto nível, o rigor é maior. Atualmente, quase que não se realiza o *mingonge* por ter sido abolido pelos missionários, principalmente os padres que se opunham a demora de 12 meses que os adolescentes se viam obrigados a permanecer nesse tipo de formação, porque segundo eles, esse período era incompatível com o tempo de frequentar a escola da missão. **(EC-1:HAC)** **Sapwile:** Nesta comunidade se estabeleceu um reino denominado *Ekovongo* e tinha um rei. O rei não se proclama ele próprio; são as pessoas que vivem com ele que lhe proclamam; são essas pessoas que reúnem para analisar quem de entre as famílias da linhagem real reúne condições para liderar o reino. Há linhagens que quando assumem o poder promovem práticas que desvirtuam o sentido do bem-estar comunitário; assumem atitudes autoritárias privando as liberdades das pessoas. Se aquele que assume o trono se

---//--- **1.8. Estratégias Educativas**	relaciona bem com as pessoas, são essas mesmas pessoas que legitimam o seu poder. No passado, o rei era escolhido entre indivíduos da linhagem paterna *ko luse* [25] ou materna *ko luina* [26]; quer dizer, a pessoa pode reinar em nome de seu tio paterno ou materno. Mas o rei não dirige o reino sozinho; ele é coadjuvado por dignos representantes das famílias *ovitunda* [27], *oloñame* [28]. São eles que fiscalizam, avaliam o desempenho do rei e decidem sobre a sua permanência ou demissão. O rei é demitido, quando durante o seu reinado morrem muitas pessoas, assim como animais e quando se regista uma fraca produção; quando isto se verifica o rei é demitido e não demora sequer dois anos no poder. E quando isso acontece, o rei demitido é censurado e já não pode sair pela porta principal do Palácio Real, por onde tinha entrado quando subiu ao trono. Ele deve sair pela porta de baixo em direção ao rio *nunda* [29], cuja nascente se situa ali bem perto do Palácio Real. Era assim no passado. **(EC-1:HAC)** **Sapwile**. Não. Isto funcionava assim: havia divisão de funções entre famílias da linhagem real; havia famílias denominadas *vakesongo* [30], que são fiscalizadores e responsáveis pela segurança do reino; havia os denominados *ovitunda* que são dignos representantes e membros do conselho real. Se o rei cometer um erro os *vakesongo* são os primeiros a fazer a acusação perante os membros do conselho real; havia famílias denominadas *vakalufele* [31], que são os defensores do rei em pleno exercício das suas funções. Sempre que houvesse debates, são eles que apresentavam o resumo síntese dos assuntos debatidos; durante as sessões de julgamento, por exemplo, são eles que faziam o papel de advogados do rei, aprofundavam os argumentos em torno da acusação e endureciam as possíveis penas mas, logo a seguir, são os mesmos que apresentavam argumentos, pedindo aos juízes a atenuarem as penas. A esses cabia, também, o papel de acompanhar meticulosamente a doença do rei e em caso de morte retardar o seu anúncio na comunidade. Havia famílias denominadas *VaSoma Ndaka* [32], que exerciam a função de porta-voz do rei; a eles cabia a função de anunciar todas as informações e diretrizes que emanavam do rei. E são eles que tinham a responsabilidade de visitar o rei todos os dias de manhã e a tarde para saber do seu estado de saúde. Havia famílias que ocupavam a pasta de *VaSomaEpalanga* [33], que exerciam as funções de vice-rei e *VaSoma Etunda* [34], que são considerados de filhos genuínos ou donos da terra, aqueles

	que têm a virtude de reunificar as pessoas. **(EC-1:HAC)** **Sapwile**: Existem vários tipos de relações entre os homens: existe a relação entre o indivíduo que tem algo para satisfazer as suas necessidades e o indivíduo que não tem quase nada, assim como existe aquela relação entre dois homens que têm algo nas suas vidas. Esses últimos, relacionam-se mutuamente e a relação entre ambos se traduz na troca de ideias sobre vários aspetos das suas vivências e na busca de soluções que podem melhorar as suas vidas; ao passo que, entre aquele que possui algo e aquele que não possui quase nada o relacionamento é débil e só ocorre quando aquele que não tem quase nada se dirige ao indivíduo que tem algo com intuito de prestar-lhe algum serviço e receber em contrapartida algo que ele necessita. Nestes casos, pode haver um certo grau de aproximação entre ambos. As relações entre indivíduos que não possuem quase nada também se traduzem na troca de ideias em que sobressaem ensinamentos importantes, por exemplo: que atividades a empreender? E, como realizar esta ou aquela atividade para que tenhamos sucessos na vida futura? Neste particular, pode acontecer aquilo que consideramos de maldade, isto é, haver no seio deles alguém com pretensões de passar aos outros ensinamentos sobre as práticas de bruxaria. Começa por insinuar que, beltrano e sicrano são indivíduos incomuns, por isso, podemos fazer algo para contrariar os seus caprichos. Pode acontecer, que no seio deles existe alguém que é amigo do indivíduo visado e vai transmitir-lhe aquilo que foi tratado em segredo contra ele. O indivíduo visado, se antes tinha relações de amizade com os mentores da sua destruição, ele corta imediatamente tais relações; se antes frequentava as casas desses indivíduos, agora deixa de faze-lo. Neste caso, começa então a inimizade entre indivíduos que antes eram amigos. O que eu constato aqui na nossa comunidade, principalmente no concernente a situação dos jovens, por vezes, assumem comportamentos não aceitáveis; o que fazer neste caso? Dirijo-me por exemplo, a um vizinho para juntos analisarmos este assunto e pôr fim a tais comportamentos; o assunto pode ser analisado primeiramente por nós, mas como na comunidade reside muita gente, há sempre aquela necessidade de levar o problema aos demais moradores, para debater as propostas de resolve-lo, inicialmente apresentadas. Depois de debatido o problema e alcançados alguns consensos sobre as vias de resolve-lo, em uma concertação mais abrangente, então unificamos a nossa

	linguagem, o nosso posicionamento, as nossas decisões sobre tal situação. É desta forma que tem sido possível nos protegermos a nós mesmos e as nossas crianças de certas situações desagradáveis, resolver alguns problemas de higiene e saúde comunitária, assim como problemas ligados à produção. Por outro, pode não haver amizade entre mim e o vizinho que vive mais próximo e o que acontece é que tanto eu como ele possuímos animais domésticos como galinhas e cabritos; logo, quando os animais saem da minha casa para a casa do vizinho ele ralha-os como se fossem pessoas, chegando mesmo de pronunciar algumas ofensas. Eu considero esta atitude do vizinho como covardia, porque aproveita a presença dos animais para ofender-me indiretamente. Quando isto acontece a minha relação com ele torna-se mais fria ainda e surgem murmúrios da parte dele, insinuando que eu privilegio o bom relacionamento com vizinhos distanciados em detrimento dos vizinhos que residem mais próximo de mim; mas não é bem assim, pois, a minha atitude e o meu comportamento são respostas às ofensas que o vizinho me tem direcionado de forma indireta. O ideal seria o bom relacionamento entre vizinhos mais próximos; por exemplo, saudar-se um ao outro logo de manhã e ajudar-se em casos de doença, isto é, trazer-lhe mantimentos, água, lenha, etc. e ainda cuidar bem dos seus filhos menores. **(EC-1:HAC)** **Kamela**: Entre pai e filho tem de haver necessariamente uma boa relação, porque senão, onde é que o filho poderá dirigir-se quando arranjar problemas? Entre pai e filho tem de haver uma relação de respeito. Se o filho não participa do serão com o pai ele se autoexclui e não tem hipótese de conhecer a memória do passado, muito menos saber coisas importantes para a vida de uma pessoa. Cabe ao pai explicar aos filhos qual fora o passado da família, como se relacionavam com outras famílias, que atividades a família vem desenvolvendo no decurso da sua história, com que famílias celebram casamentos, etc., etc. É com base a este historial que o filho traça os seus planos de vida. **(EC-9:HA)** **Kamela**: De igual modo, entre pai e filha a relação é de respeito. O respeito é algo que deve existir não apenas entre pai e filhos, mas também entre pai e filhas. Essas também, quando arranjam problemas é sempre ao pai onde se dirigem para os solucionar. No entanto, a educação dos filhos e das filhas é tarefa tanto do pai como da mãe. Às vezes, na ausência do pai, os filhos e as filhas desobedecem as orientações da

	mãe. O pai pode exercer a sua autoridade como educador mas, quem mais cuida dos filhos e filhas é sempre a mãe. É a mãe que instrui aos filhos e as filhas a praticarem o respeito e as normas de como estar e agir na sociedade; não mexer em coisas alheias que trazem problemas. Aprender a trabalhar para conseguir aquilo que necessita na vida; respeitar a vida do outro e não enveredar pelas práticas que levam ao tribunal costumeiro, onde as multas são pesadas. A mãe ao instruir desta maneira, os filhos aprendem os ensinamentos da convivência social. **(EC-9:HA)** **Kamela**: A relação entre jovens e adultos tinha outro sentido no passado, porque os jovens faziam mimo perante os tios e visitavam-lhes regularmente, mesmo quando residissem noutra comunidade; os tios recebiam os sobrinhos com respeito e pediam a eles que descrevessem o estado de saúde dos pais, dos irmãos e demais parentes. Os sobrinhos permaneciam alguns dias em casa do tio até acabarem com as saudades; durante a estadia, os tios aproveitavam a oportunidade para transmitir aos sobrinhos vários ensinamentos, reforçando e consolidando as pautas educativas transmitidas, tanto pelo pai, como pela mãe. Os tios reforçavam os ensinamentos dos pais dizendo: "quem vos teve é vossa mãe e vosso pai, mas eu sou irmão de vossa mãe; além de mim existem outros irmãos e irmãs de vossa mãe e de vosso pai, que devem conhecer e respeitar. Além dos parentes, devem respeitar também outras pessoas, sejam elas jovens ou adultas". De regresso a casa dos pais relatavam a forma cordial como foram tratados pelos tios, primos, etc. Isso não quer dizer que a relação entre sobrinhos e tios seja linearmente extensiva a outros adultos que não fazem parte do seu parentesco; os jovens se relacionam com os adultos em geral respeitando-os, mas, não nos moldes que o fazem com os adultos do seu círculo de parentesco. No passado, se uma jovem fosse notificada por um jovem para ser seu pretendente, ela devia confidenciar o assunto ao tio ou à tia, pois são eles que têm o direito de comunicar o assunto aos pais. O jovem deve proceder da mesma maneira. São as tias e os tios que em conjunto com os pais e demais parentes analisam todos os detalhes positivos e negativos da família pretendida ou da família do pretendente. **(EC-9:HA)** **Lisoso**: Existem relações entre comunários e autoridades comunitárias, mas, tais relações não são efetivas como se desejaria que fossem; no passado, o exercício do poder era simples e tinha outro carácter. Agora, como o soba recebe

	salários a atitude das pessoas também mudou. As pessoas evitam uma proximidade efetiva com o soba porque o mesmo pode pensar que esses pretendem o seu trono. No entanto, há outros anciãos com os quais temos mantido relações efetivas porque nos contam como era a vida no passado, como se relacionavam e nos transmitem alguns ensinamentos das suas experiencias de vida. Nos óbitos e nos casamentos os anciãos narram tudo quanto foi a vida no passado e fazem comparação com a vida de hoje; têm sido momentos em que aproveitamos conhecer melhor a vida do passado. **(EC-10:HA)** **Lisoso**: As relações entre pais e filhos podem ser divididas de duas maneiras: num lar familiar onde existem filhos e filhas todos deveriam acatar a educação do pai e da mãe, mas não é bem assim; os filhos têm a tendência de auscultar mais o que diz o pai do que aquilo que a mãe diz a eles. Mesmo na ausência do pai, se a mãe disser ao filho: " isto que estás a fazer, este seu comportamento será denunciado ao pai", o filho muda imediatamente de atitude e comporta-se bem. Seria desejável que tanto a mãe como o pai exercessem a mesma autoridade sobre os filhos e as filhas; nós os pais temos tentado inverter essa situação, mas, infelizmente isso ainda não se passa assim. Isso se deve talvez a própria dinâmica evolutiva atualmente em vigor. Risos… **(EC-10:HA)** **Epalanga**: O acontecimento que acabei de relatar a partir da minha própria experiência serve para reforçar a ideia de que é muito útil saber e conhecer, pois, tudo isto, advém dos ensinamentos dos pais; e, aqui voltamos outra vez ao papel do *onjango*, pois, é ali onde o indivíduo tem a oportunidade de conhecer as pautas culturais, a genealogia da sua linhagem, entre outros ensinamentos importantes. **(EC- 2:HAC)** **Sapwile**: Antigamente, um menino de 15 anos, ainda que possuísse algum dinheiro e bens resultantes da sua atividade económica ou dos seus negócios entregava tudo na *eyemba* [36] e dependia dos seus pais em matéria alimentar e vestuário. Assim que alcançasse a idade de constituir a sua própria família lhe distribuíam uma parte desses bens comuns. Naquele tempo, se um menino de 15 anos conseguisse realizar um negócio com êxito mostrava o dinheiro ao pai e a mãe aos quais entregava para guardar. Se os pais não se prestavam para tal, o dinheiro era entregue a um tio para guardar; nessa altura, a desconfiança era pouca entre parentes de uma mesma família alargada. E, quando o menino crescesse e revelasse intenções

	de constituir o seu lar, não cabia ao pai sugerir ou propor a futura noiva de seu filho; era necessário chamar os tios e as tias aos quais cabia propor em que família ou linhagem escolher a futura noiva para o seu sobrinho. Era necessário analisar em pormenores as características e as virtudes de cada família, a linguagem e o comportamento dos seus membros, o modo como resolvem os problemas que surgem no seio da família, etc. para depois tomar uma decisão provisória; se porventura os pais não concordassem com a escolha feita pelos tios e tias, então podiam apresentar os seus argumentos e as suas propostas. É assim que, mesmo atualmente, se numa festa de casamento aparecerem apenas 15 pessoas é sinal de que, tanto a família do noivo como a família da noiva não têm boas relações com as demais famílias da comunidade. A mesma situação tem acontecido nos óbitos; se a família enlutada for conotada como antipática ou pouco sociável, muitas das pessoas presentes no velório abandonam o local no momento de distribuir as comidas ali preparadas. É esta a relação que existia antes, e ainda existe, mesmo nos dias de hoje, entre a família nuclear e a família alargada, assim como entre estas e as demais famílias da comunidade, especificamente em aspetos matrimoniais e momentos de infelicidade pela morte de um indivíduo. Portanto, as tias, os tios e demais membros da família alargada exercem um papel relevante no reforço da educação que os pais dão aos seus filhos e as suas filhas. Os filhos e as filhas de uma família nuclear são orientados a participar não só no serão dos pais, mas também no serão dos tios, das tias e dos avós; se os filhos e as filhas se limitam ao serão dos pais, adquirem uma educação incompleta e, consequentemente, juízos também incompletos, porque não dominam suficientemente o raciocínio dos membros da linhagem paterna e o raciocínio dos membros da linhagem materna. Voltando ao que afirmei atrás, quando se fala nos dias de hoje de rupturas nalgumas famílias, tudo isto advém da conjuntura criada com a chegada dos europeus. Repare, se a situação de emprego obrigar-me a emigrar desta comunidade para uma cidade ou para um outro local isolo-me do resto da família e da comunidade; os meus filhos e filhas que nascem naquela localidade para onde emigramos não lhes será possível participar do serão do *onjango* da família alargada. Logo, eles ficam desenraizados e assimilam os hábitos e costumes da nova localidade de residência e se porventura decidir pelo regresso à comunidade de origem, os meus filhos e as minhas filhas terão muitas dificuldades de se inserirem e se integrarem

	nesta comunidade; se eu não regressar, então eles ficam praticamente perdidos e limitam-se em dizer: ah! O pai nos tinha falado do tio fulano que se encontra em Katabola; ou então! O pai nos tinha falado que somos originários de Ekovongo, de Chipeta, de Sande, de Kanjungu e de Lucata, mas não conhecemos os nossos parentes que lá se encontram. Isso acontece por causa do individualismo, da procura constante do dinheiro e dos bens materiais que os outros introduziram na nossa consciência. **(EC-1:HAC)** **Visupe**: Quanto às tradições, a nossa comunidade tem normas e tabus que devem ser cumpridos por todos nós; refiro-me, por exemplo, a questão do uso da estrada e de outros caminhos, isto não se deve correr à toa pela estrada e caminhos e quem assim proceder arrisca-se a desaparecer definitivamente, mesmo sem t morrido. Alguém pode pensar que isso é bruxaria dos mais velh mas não é; são normas e tabus que funcionam aqui na nossa comunidade. E, numa comunidade tem de haver tranquilidade ta que as mulheres grávidas, por exemplo, consigam dar luz de seu bebés sem dificuldades, pois, esta é a razão de ser das tradições sua utilidade na existência da comunidade; temos constatado, nc dias de hoje, que os jovens brigam inclusive nos óbitos**!(EC-6:HAC**) **Visupe:** Como já referi atrás, no passado como nos dias de hoje as crianças e jovens são educados a respeitar as pessoas e a ter amor ao trabalho; se a pessoa tiver uma ou duas crianças, ao observar que as mesmas já começam a imaginar certas brincadeiras em que imitam as atividades dos adultos, o pai assim como a mãe devem ficar sempre ao lado deles, a fim de acompanhar as opções que eles fazem nessas brincadeiras. Quando atingem aquela idade em que já entendem um pouco da importância do trabalho, os pais devem estar mais próximo deles para explicar-lhes a razão de ser de certas atividades que os adultos realizam no dia-a-dia. Quando atingem a idade dos sete e oito anos os pais podem levar as crianças ao campo, para observarem tudo que ali se faz. Se os pais não procederem desta maneira, as crianças habituam-se a passar o seu tempo nas brincadeiras em casa e tornam-se preguiçosas. **(EC-6:HAC)** **Pesela:** Alguns jovens respeitam, outros pensam que estão ultrapassados. **(EC-7:HA)** **Pesela**: A relação entre eles depende. Alguns trocam ideias e

	respeitam-se entre si, outros não. **(EC-7:HA)** **Pesela:** Em primeiro lugar, a relação com as comunidades vizinhas advém dos casamentos. Se um jovem de Ekovongo se casa com uma jovem de Kambweyo, ambas famílias abrem uma nova era no seu relacionamento; em segundo lugar, nos óbitos; se morre alguém em Kalufele, os parentes e amigos de Ekovongo vão participar do mesmo. Em terceiro lugar, Ekovongo é o centro onde as pessoas das comunidades vizinhas se aglomeravam quando a região estava assolada pela guerra civil. Em quarto, Ekovongo cresceu na melhoria das residências; contam-se aos dedos as residências com cobertura de capim e lá onde existem são anexos que funcionam como cozinhas. **(EC-7:HA)** **Dona Nahenda**: Tanto homens como mulheres cumpriam com os tabus. Se um homem tinha a esposa gestante mas procurava outras amantes, ao chegar em casa e mexer na esposa provocava a morte imediata nesta se não houvesse intervenção de um curandeiro conhecedor da matéria. Atualmente, isso não é frequente porque os hábitos de higiene evoluíram. Além disso, rapazes e raparigas conhecem medicamentos que utilizam para que tal não aconteça. Quando eu era jovem dançávamos swing e uma vez dessas dancei com um jovem que tinha outras intenções e cortei a relação logo pela raiz. **(EGC-8:MAC)** Dona Jambela: No reinado de Tchiyuka assistíamos uma dança que denominavam de *onjomba*; mais tarde surgiram outras danças como *oseya* e *omenda* que ainda assistimos. Já no nosso tempo, dançávamos *ombimba*, *okatita* e *otchilyapanga*. Muito mais tarde dançávamos a gaita e o gramofone. Ali mesmo, aquela vasta área que liga com as ruínas do *elombe* [95] era o chamado *otchila ca kangombe* ou pátio de Kangombe, onde se realizavam atividades de entretenimento comunitário. **(EGC-8:MAC)** **Lisoso**: Existem boas relações entre os homens; não temos registo de grandes problemas ou contradições entre os homens. Existem boas relações. **(EC-10:HA)** **Lisoso**: Existem relações! Alguns professores solicitaram parcelas de terra aos comunários para cultivar e já possuem lavras aqui; outros não possuem lavras aqui, mas também não temos registo de mau relacionamento com os comunários. **(EC- 10:HA)**

	Katola: Sempre que surgisse uma doença, uma tosse que abrangesse um número considerável de pessoas, os adultos e velhos sentavam-se no *onjango* para analisar e apurar qual era a causa da doença. Depois orientava-se as senhoras para convocarem as raparigas e transmitir-lhes a mensagem sobre as precauções a ter para com aqueles atos que originam doenças; os homens também eram orientados a fazerem o mesmo com os rapazes. Era deste modo que educávamos as novas gerações e era muito eficaz, pois permitia incutir na consciência das pessoas normas para uma vida saudável e bem-estar; as pessoas nasciam, cresciam e envelheciam. Nós que somos adultos e os anciãos o nosso dever é educar, transmitir os ensinamentos, as normas e os tabus que orientam para uma vida sem grandes turbulências, porque tudo isto advém da experiência de um passado muito longínquo, que para nós é frente; o futuro para nós é traseira porque ninguém sabe o que há de vir. Assim, tanto da parte das mamãs como da parte dos homens existem aquelas pautas educativas específicas; as mamãs têm a responsabilidade de educar as raparigas como vestir-se decentemente, isto é, usar vestidos que cubram devidamente o corpo ou panos com cinturão. Se o filho de casa manifestar a intenção de formar o seu próprio lar, a família pergunta-lhe: "qual é a rapariga? A que família pertence"? A partir daí os pais convoca as tias, os tios e avós para reunirem no *onjango* e analisarem a escolha do jovem. A família analisa todos os pormenores, isto é, o modo como a família da rapariga organiza a vida dos seus membros, o tipo de enfermidades que frequentemente assola aquela família e que tem causado morte aos seus membros, os procedimentos que utilizam para curar essas enfermidades, as atitudes dos seus membros, as suas reações e a sua postura em casos de conflitos intrafamiliares; se for uma família propensa às práticas desumanas, então a família do rapaz decide recuar, porque pactuar com uma família com esses atributos é, desde já, admitir problemas para o lar que se pretende formar. Uma reunião familiar como esta que acabei de explicar acaba por ser uma sessão educativa; nalgumas famílias, estas práticas funcionam mesmo nos dias atuais. **(EGC-11:HAC)** **Katola**: Na justiça costumeira, os métodos e os procedimentos são bem diferentes; quando há diferendos entre famílias, convocam-se para *onjango* os tutores acompanhados de todos os membros da família alargada, isto é, homens, mulheres, rapazes e raparigas, porque nós conhecemo-los quais e quem

	são. Nós fazemos o historial de cada uma das famílias, descrevemos as atitudes e os comportamentos (bons e maus) de cada uma das partes envolvidas no conflito; censuramos tudo aos pormenores e apontamos dedo aos prevaricadores de cada família. Depois de uma investigação profunda e acautelada declaramos os culpados do caso em análise e exigimos uma multa pesada; um boi ou um porco grande e por cima do animal deve ser acrescentada uma quantia em dinheiro. O animal da multa é abatido aqui mesmo no *onjango*, logo que termina o julgamento e na presença de todos os participantes (velhos, adultos, mulheres, rapazes e raparigas); a carne é repartida em pequenos pedaços que são distribuídos aos velhos e adultos. É assada e consumida aqui mesmo no *onjango*; nenhum jovem, rapaz ou rapariga pode comer dessa carne. Se porventura alguém levar o pedaço dessa carne para assar ou cozinhar em sua casa, mesmo assim, deverá cuidar que nenhuma criança ou jovem prove dela. Se uma criança ou um jovem provar dessa carne arrisca-se a cometer o mesmo crime de que resultou a multa de animal que foi abatido. Praticamente é uma carne amaldiçoada. **(EGC-11:HAC)** **Pole:** A relação entre nós existe apenas ao nível do parentesco. Fora do âmbito parental cada jovem segue a linha de orientação da sua família. Dentro do seu próprio lar, cada jovem tem o seu modo de vida e a linha de orientação que guia as suas ações. O nível de vida dos jovens das comunidades vizinhas difere do nível dos jovens de Ekovongo; eles estão um pouco atrás se comparados connosco, porque eles consomem muita bebida alcoólica. No caso de óbitos, por exemplo, nós de cá temos muita união, mas eles não; quando morre alguém numa comunidade vizinha, os jovens que vão ao cemitério cavar a sepultura exigem da família enlutada víveres como galinha e um garrafão de bebida alcoólica para consumir durante o tempo que ficam a executar o trabalho. Isto assim não se pode considerar como ajuda prestada à família enlutada. Essa exigência de víveres junto da família enlutada não existe cá no Ekovongo. No plano dos matrimónios existe um certo intercâmbio, isto é, as raparigas das comunidades vizinhas preferem os rapazes de Ekovongo, mas as raparigas de Ekovongo não aceitam casamentos com jovens do outro lado. A relação mais intensa que existe entre jovens de Ekovongo e os jovens das comunidades vizinhas é sobretudo no futebol; tem havido encontros competitivos entre equipas de Ekovongo e equipas das comunidades vizinhas; posso mencionar as

	partidas que realizamos com as equipas de Kambweyo-Elunda e Kambweyo-Eyala, de Kalufele, de Tchavaya e de Sakasenye. Neste plano temos óptimas relações e em quase todas as partidas competitivas saímos sempre a ganhar; quando algumas equipas das comunidades vizinhas perdem a partida procuram subterfúgios para justificar atos de pancadaria como forma de vingança. **(EC-12:HJ)** **Sekeseke**: Quando éramos adolescentes e na qualidade de alunos desta escola brincávamos e jogávamos a bola entre nós. Despois das brincadeiras acolhíamos às nossas casas e participávamos do serão com os mais velhos que nos transmitiam algumas pautas de como viver com os outros em comunidade. Diziam-nos que era necessário ir à escola e obedecer às regras da comunidade escolar; que era necessário acatar as orientações do professor e participar das campanhas de limpeza organizadas pela escola. Diziam ainda, que o civismo deve começar nas nossas próprias casas. Além disso, aconselhavam-nos sobre como viver em tempo de guerra, como se relacionar com pessoas de outras comunidades vizinhas em contexto de guerra. Mesmo atualmente, em algumas sessões de serão os mais velhos transmitem-nos determinados conhecimentos relacionados com atividades laborais; por exemplo: dizem-nos que devemos abstermo-nos de tudo aquilo que não somos capazes de realizar na vida, visto que, o atrevimento pode causar enormes prejuízos aos pais e aos demais elementos da comunidade**. (EGC-13:HJ)** **Visese**: Com relação à educação posso dizer que ela existe! O *onjango* como edifício construído é que não erguemos por enquanto, devido a situação de guerra que vivíamos a bem pouco tempo. No entanto, na família nuclear cada pai faz tudo para educar os seus filhos e filhas. Eu, por exemplo, poderia construir o meu, mas, ainda sou jovem e esta não é idade para ter autonomia de construir o *onjango* próprio! Mas, ainda assim, diria que tenho o meu *onjango* se considerar os momentos de encontros que tenho tido com outros jovens do meu círculo parental e amigos, a quem tenho transmitido algumas pautas educativas relevantes para a vida de uma pessoa e que só poderiam ser adquiridos no serão de um *onjango* habitual. Olhando para o passado e para o tempo em que nasci, e rebuscando a educação que me foi dada pelos pais na altura, eu também consigo educar os meus filhos. **(EC-14:HJ)**

	Visese: Existem relações entre nós e pessoas de maior idade, porque de contrário não estaríamos aqui; *malanga okutunda olombinga, wanda utate leñyanga, isto é, se a palanga* cresceu até lhe saírem chifres é porque acautelou-se dos caçadores. Para que possamos atingir a idade dos mais velhos devemos andar com eles; por isso existem relações entre nós e os mais velhos. Se um jovem lesar a outrem, o lesado recorre aos mais velhos, a fim de explicar o sucedido, para esses procederem a acareação entre irmãos desavindos; nessas circunstâncias, como será resolvido o diferendo, se o jovem lesado não tiver relações com os mais velhos? Simplesmente eles dirão: "não conhecemos este jovem". Aqueles jovens que não receberam a boa educação de como viver na comunidade recorrem à polícia quando são lesados para apresentar a queixa; mas os jovens que foram educados em como viver na comunidade, primeiro apresentam o caso aos pais, e esses, por sua vez, levam o caso à justiça costumeira. Quando um jovem leva o caso de um diferendo à justiça costumeira, os mais velhos dizem-lhe: "andaste bem e agiste bem, porque tiveste juízo e decidiste recorrer à nós. Fizeste bem correr até nós, numa altura em que entre vós apenas ocorreram ofensas verbais e não há ferimentos. Vamos chamar-lhe para auscultar a ambos, e aferir, quem entre vós o culpado e malandro". Nisto, os mais velhos têm sido acolhedores e prudentes. A nossa geração vive numa época conturbada; eu por exemplo, o meu linguajar pode confundir as pessoas. Aqueles que não sabem disso é que dizem: *nda wakasikama konjo yukulu otcho wakatambula umbanda*, isto é, se seroar em casa de um ancião é para receber feitiço. Quem assim pensa está enganado, porque se cometer terá que recorrer ao mais velho para esse intervir na resolução do problema. *Umwine utilala kelimi*, ou seja, quando o dedo se queima socorre-se da língua, porque a queimadura pode acontecer em circunstâncias em que nos distanciamos da água. A nossa língua neste caso é o ancião! Pode acontecer o caso em que o jovem reside aqui no Ekovongo e o seu pai reside na comunidade vizinha de Kambweyo; se por acaso esse jovem que reside no Ekovongo tiver algum diferendo com outro jovem e precisar da intervenção de uma pessoa maior para acareação; será que o jovem terá que viajar até Kambweyo onde reside seu pai? Ou recorre a um vizinho de maior idade para proceder a acareação? Por isso, se os outros dizem que eu frequento o *onjango* de um ancião para receber feitiço é porque estão enganados; isso é próprio das pessoas habituadas a afirmar coisas sem fundamento. Para quem tem consciência

	de como viver na comunidade não cria receios desta natureza, nem pode abster-se de se relacionar com pessoas de maior idade; infelizmente, esta nossa geração está constituída por jovens que têm muita desconfiança. **(EC-14:HJ)** **Visese**: É conforme acabei de descrever; por um lado, existe no seio de jovens aqueles que respeitam e se relacionam com os mais velhos e autoridades comunitárias. São aqueles jovens que receberam uma boa educação, participam nos óbitos, nas cerimónias de noivado, nos casamentos costumeiros, etc. E desta maneira, recebem pautas educativas que são transmitidas neste tipo de eventos**. (EC-14:HJ)** **Visese:** As relações intrafamiliares diferem de família à família; em casos de doenças, óbitos e casamentos, as relações se articulam consoante o modelo educativo vigente na família em causa. Existem famílias unidas e solidárias, e outras que são desunidas. Aqui na comunidade temos algumas famílias que têm aquela cultura de abertura e flexibilidade; com essas famílias, ainda que eu tiver algum desentendimento com um dos seus membros é mais fácil fazer a acareação e restabelecer o bom relacionamento no dia seguinte. Com as famílias cínicas, um diferendo pode levar ao corte no relacionamento por muito tempo. No plano intrafamiliar a situação é bem diferente, pois, ainda que existir diferendo entre membros da mesma família alargada, eles próprios criam mecanismos de acareação internamente. **(EC-14:HJ)** ----///---- **Soloti:** Eu acho que a educação é complexa seria preciso conhecer um pouco a área, mas é complexa; eu acho que no modelo vigente não há distinção entre a zona urbana e rural. O que podemos verificar é que as zonas rurais enfrentam alguns problemas que passam pela oferta dos serviços em termos de infraestruturas, salas de aulas, recursos humanos, porque infelizmente, a nossa zona rural é mesmo rural em que os nossos técnicos ainda jovens recém-formados têm algumas dificuldades; agora, a situação tem vindo a melhorar se comparada com a que se vivia cinco anos atrás, pois, trabalhei muitos anos num programa de educação. **(EAGEXTNR-1:HA)** **Soloti:** De resto, não há diferenciação nos livros, manuais, documentos, os treinamentos que são dados são os mesmos.

	Penso que não há diferenciação, talvez alguém que está dentro do sector possa dar uma opinião diferente; eu como observador externo não vejo muita diferenciação. Tirando as infraestruturas, a componente salarial, os materiais que também têm vindo a melhorar nas comunidades rurais; hoje quando se vai a uma aldeia já se pode encontrar os manuais, quer dizer, muita coisa já mudou para o bem e essa parte dos recursos humanos em termos de qualidade e quantidade também. **(EAGEXTNR-1:HA)** **Soloti:** Este é um tema ainda por explorar! Varia de comunidade a comunidade e depende de fatores antropológicos das comunidades; eu quero dar um exemplo: nesta zona que vai para o Município do Chitembo eu já tive relatos de professores que ficaram sem alunos, porque quando chega a época de cultivo ou de caça, os pais levam as crianças para as atividades do campo. Em parte, não é que a comunidade não valorize a escolarização; agora com a televisão e outros meios de comunicação como a rádio, os pais querem ver o filho na televisão, quer ter um filho coordenador ou administrador, etc., acho que já sentem a necessidade da formação; eles sabem mesmo que é importante, mas têm esses fatores antropológicos que eles vivem, que é uma realidade. Eles têm de fechar a casa, porque a família toda tem de ir ao campo devido ao aspeto logístico. Risos... Eles têm problemas logísticos; lá estamos outra vez no aspeto da pobreza. Eles têm poucos recursos, pouca farinha para repartir com os que ficam em casa. Os poucos recursos e neste caso a comida tem que ir ao campo e come quem lá estiver. Por outro lado, é um assunto que ainda é contraditório levantar os jovens da comunidade, pois, aqui está o fenómeno do trabalho infantil; muitas vezes as crianças são levadas para as lavras para participarem dos trabalhos. Às vezes são obrigadas a deixar de estudar, porque têm que ir ajudar os pais nas atividades do campo. Eles sabem que é importante estudar, mas têm essa vivência em torno deles, então fazem isso levando as crianças fora do habitat escolar. Agora, não creio que considerem a escola formal como uma imposição. Os pais compram material escolar para os filhos e participam das reuniões da escola; só que têm essa situação sociológica que é praticamente incontornável. Quando chega a época de caça eles têm que ficar um mês no campo; a criança tem que aprender a cultivar e a caçar primeiro, depois é que tem que ir à escola. Então, são vivências e aprendizagens que não podemos ignorar, nem suprir; tudo tem que passar

	pela negociação em um processo que se desenvolve paulatinamente. Nós que trabalhamos junto das comunidades verificamos essa importância, sobretudo, na aldeia, às vezes só existe uma criança que sabe ler; agora escreve-se poucas cartas, mas antes, nos anos 1970 – 1980 havia muitas cartas de Luanda para as aldeias e tinha que haver alguém que as pudesse ler. Atualmente, temos o telefone que chega até à última aldeia, então, escreve-se pouco, mas na aldeia tem que haver alguém com essa capacidade de ler e escrever; eles consideram isso como um desafio diante da situação de pobreza que enfrentam nesta altura. Agora, este aspeto sociológico, o "*modus vivendi*" tradicional deles, se calhar choca um pouco com a escolarização que eles acham que é uma aculturação. **(EAGEXTNR-1:HA)** **Sawesi**: Acho que o sistema educativo nacional serve mais para mitigar o analfabetismo e promover uma cultura geral; de resto, o sistema não tem produzido efeitos desejáveis particularmente nas comunidades rurais. **(EAGEXTNR-3:HA)** **Lupesi**: Inclusive há famílias nas comunidades rurais que enfrentam o problema de isolamento porque os filhos têm que se separarem delas para irem às cidades estudar e posteriormente procurar ali mesmo emprego. **(EAGEXTNR-3:HA)** **Rita:** A escola do campo está virada à práticas agrícolas, mas também a escola formal não está totalmente omissa relativamente aos problemas que as comunidades rurais enfrentam. No entanto, na metodologia das zonas de influência pedagógica (ZIPs) é possível um intercâmbio entre várias escolas e esse processo interativo de discutir problemas acaba sendo um pouco abrangente à localidade e não só à uma ou duas escolas; a escola de campo, por sua vez, tem também uma componente de investigação, visto que, quando se agrupam para salas de estudo é exatamente para aprovar técnicas novas e esclarecer até que ponto elas são mais produtivas e rendáveis. Para mim aquilo só tem nome de escola, mas acaba sendo um espaço de aprendizagem prática de todos os níveis, são componentes as associações e as cooperativas e de facto proporcionam uma interação maior; ao nível das escolas formais eu acho que se poderia aproveitar e é uma luta inglória que se está a fazer no processo de educação ambiental; Seria de aproveitar que as crianças nas escolas começam já a ouvir

	que não se deve deitar lixo fora dos contentores, não entrar no capim para apanhar os gafanhotos, não colocar fogo no capim, não destruir as plantas e as árvores que estão ao redor da escola porque amanhã vão proporcionar sombra, então a criança começa já a ser preparada para ter a consciência de preservar o ambiente. **(EAGEXTNR-4:MA)** **Kesongo**: A perceção tem sido boa e fortalecedora; a educação está crescendo paulatinamente, mas a demanda é maior. É necessário construir mais escolas e formar mais professores, para se poder resolver a grande problemática educacional no país. **(EAGEXTNR-5:HAC)** **----///----** **Dona Ngueve**: Aquele *onjango* familiar, cujo tutor se mostrasse negligente seria chamado para ser responsabilizado e aqueles membros de uma família que se desviassem das normas, ou protagonizassem atos delituosos lhe seriam aplicadas multas correspondentes; de certeza, nos dias seguintes eles não tornariam a praticar o mesmo. **(GDA-2:MA)** **Tiuka**: por exemplo, se pegarmos nas normas do passado que mencionei atrás, em que as crianças e jovens primam pelo respeito às pessoas e às instituições tradicionais e conciliarmos com os conhecimentos que eles estão a adquirir na escola, isto pode levar ao desenvolvimento. **(GDA-2:HA)** **Siliveli**: Aqui no Ekovongo talvez no próximo ano poderemos admitir alunos na 10ª classe, mas este ano ainda não reunimos as condições para tal. Estamos em crer que vai haver condições ainda que sejam aquelas escolas pré-fabricadas ou de estruturas descartáveis, tão logo que as entidades competentes souberem da existência da 10ª classe aqui no Centro Administrativo. Risos... O importante é ter força de ir para frente; por isso, encorajamos sempre os alunos a estudarem mais. Portanto, temos algumas insuficiências, mas, estamos a lutar para haver outros progressos na educação aqui no Ekovongo. **(EAGEXTER-3:HA)** **Siliveli**: A escola tem autonomia de conceber os seus próprios projetos: projeto ideal e projeto real, ou seja, aquilo que existe realmente e aquilo que a escola deveria ser e ter, em nossa visão, como deveria funcionar e como deverá funcionar no

	futuro? Todos os anos a escola deve desenhar dois projetos para serem apresentados às entidades municipais responsáveis pela educação, logo no início de cada ano letivo. **(EAGEXTER-3:HA)** **Sapi:** Nós adotamos um procedimento, isto é, antes de implementar uma acão, primeiro realizamos visitas exploratórias para conhecer a área e as pessoas que lá residem; um dia antes de realizar uma palestra ou seminário comunicamos ao soba ou líder comunitário sobre a nossa missão, os nossos objetivos e o tipo de atividade que pretendemos implementar na comunidade. Desta maneira, o soba ou líder comunitário sensibiliza-se e responde-nos positivamente, dizendo que ele irá mobilizar os comunários para vos receber sem quaisquer constrangimentos. Com esta resposta fazemos todos os possíveis para chegar na comunidade exatamente na hora indicada e ali encontramos os comunários à nossa espera. **(EAGEXTER-4:HA)** **Sapi:** Depois do seminário realizado no Ekovongo com todos os sobas da área, ele também ficou bem sensibilizado, de tal modo que empenhou-se na mobilização dos comunários a participarem das nossas atividades, e, atualmente, Tchavaya está em terceiro lugar no saneamento básico liderado pela comunidade e os seus habitantes receberam prémio de quatro barras de sabão a cada família, outorgados pela nossa instituição. **(EAGEXTER-4:HA)** **Sapi**: Normalmente, quando realizamos uma ação formativa na comunidade combinamos o período de aplicação dos conhecimentos adquiridos e são eles próprios que estipulam a data de conclusão desse processo; passado o tempo estabelecido voltamos à comunidade para constatar o que eles realizaram e os resultados são geralmente satisfatórios. Nós temos tido bons resultados nas comunidades, porque antes de implementar um determinado projeto, primeiro realizamos um estudo prévio através de um inquérito em que buscamos saber, quantas pessoas ali residem, se todas as residências possuem latrinas ou não, etc, etc. Depois da implementação do nosso projeto realizamos uma avaliação, para saber quantas latrinas tem atualmente; se antes tinha 50 latrinas, mas agora multiplicaram-se para 120 latrinas, então aferimos que o nosso trabalho surtiu bons resultados. Além disso, depois de um mês de implementação de um projeto fazemos a monitorização e isso tem permitido a mobilização daqueles comunários que

	antes não participavam, mas com isso eles também acabavam por aderir ao processo; a nossa monitorização consiste em passar de casa em casa para verificar quem já cavou a sua latrina e quem ainda não o fez. Geralmente, perguntamos ao comunário porque motivo não cavou a sua latrina? A resposta é sempre de que iria cavar a latrina na próxima semana; a partir daí deixamos a recomendação e prometemos voltar no mês seguinte para verificar se o comunário cumpriu com aquilo que dissera. E sempre que isso acontece, ao voltarmos a visitar o mesmo comunário constatamos que ele cumpriu com a sua promessa. Portanto, temos alcançado bons resultados nas comunidades. **(EAGEXTER-4:HA)** **Sapi:** A PEOPLE IN NEED também realiza ensino de adultos à distância; agora estamos a criar condições para estarmos em estreita ligação com a reforma educativa vigente no País; Mesmo no ensino de adultos trabalhamos em colaboração com o Ministério da Educação. A PEOPLE IN NEED trabalha com base ao princípio da funcionalidade dos projetos, isto é, os nossos projetos têm que ser sustentáveis e conclusivos e não podem paralisar a meio da sua execução por falta disso ou daquilo; os nossos projetos são concebidos de modo a permitir que, na impossibilidade da organização concluir com o processo, o Ministério da Educação possa dar a continuidade. A chave do nosso trabalho na área da educação é começar por educar os adultos para tomarem consciência da importância que esta tem na vida das pessoas, as vantagens de pôr a criança a estudar na escola para o seu próprio futuro, para o futuro da família e do País; depois de os adultos compreenderem a importância da educação, eles começam a incentivar os filhos a estudarem nas escolas. Antes, quando iniciamos com o estudo de base constatamos que, assim que começasse o ano letivo, os pais e outros adultos levavam os filhos para participarem dos trabalhos do campo como mão-de-obra; atualmente, essa atitude dos pais mudou consideravelmente e já exercem pressão aos filhos para irem estudar na escola. Portanto, a educação de adultos nas comunidades rurais tem contribuído bastante para a mudança de mentalidades e a tomada de consciência sobre a importância que a mesma encerra no processo de desenvolvimento. **(EAGEXTER-4:HA)** **Soloti**: Não diria que é deficiente; está-se a fazer muito trabalho de sensibilização! É uma das ferramentas que quero implementar no âmbito das competências familiares e acredito

	que as próprias autoridades também estão fazendo trabalho neste sentido. **(EAGEXTNR-1:HA)** **Soloti**: Da experiência que tenho não posso trocar as pernas; dito isso noutra linguagem seria: não pode fazer primeiro, para depois explicar o porquê. Agindo assim, pode ter a certeza de que vai ter muitas dificuldades; nós não podemos realizar qualquer ação sem um contacto prévio com a comunidade, mais concretamente com a liderança local. Neste encontro prévio sentamos com o soba ou líder comunitário com aquela humildade que nos é característica para explicar o nosso propósito; se não dominar o idioma, arranjar alguém para traduzir na língua local. Eu trabalhei em várias ações de sensibilização; em 2004 trabalhei com uma comunidade em que havia muita criança fora do sistema escolar formal. Trabalhei em parceria com o governo local e na altura tínhamos poucos recursos nomeadamente, chapas de zinco e cimento; sensibilizamos os comunários no sentido de extraírem adobos, e depois identificamos os pedreiros e iniciamos com a construção da escola. Levantaram-se as paredes e aplicamos os tetos com chapas de zinco. A comunidade só tem um defeito; havia um preconceito: aceitavam erguer uma igreja e cobriam com o teto de capim, construíam as suas casas e cobriam igualmente com capim, mas quando chegava a vez da escola era difícil sensibilizar para cobrirem com capim; podiam levantar as paredes de adobo ou pau-a-pique, mas o teto tinha que ser com chapas de zinco. Risos... Até aqui nunca entendi. Já houve comunidades que ergueram paredes de escolas e por algum atraso da chegada de chapas, algumas caíram mesmo porque a comunidade não queria cobrir com o teto de capim. Risos... Isto é uma realidade que eu vivi, na altura estava a liderar um projeto de educação e tínhamos esta situação; então, são os tais fatores (OBS: fatores da transformação) que às vezes é preciso ter em consideração. Mas, em termos de participação dos comunários não tivemos quaisquer problemas. Agora, por exemplo, neste projeto de má nutrição, há 2 semanas reunimos aqui com todos os sobas vindos dos municípios e participaram; eles participam, desde que a mensagem seja prévia, bem dada e compreensível. Não há obstáculos; agora, se for uma coisa atrapalhada, vem hoje e falta o dia seguinte, pronto; basta falhar a primeira vez, já não se consegue reunir os comunários para trabalhar. **(EAGEXTNR-1:HA)** **Soloti:** É fundamental o papel das igrejas nas campanhas de

	sensibilização e noutras atividades; sem as igrejas não é possível realizar tais atividades. Nós temos esse programa de competências familiares e trabalhamos em parceria também com as igrejas; a cadeia de formação começa do nível provincial ao nível municipal. Os líderes religiosos adquirem os conhecimentos e eles vão para as comunidades levar as mensagens; todos os sábados os catequistas reúnem com os jovens e é nessa altura que fazem passar a mensagem sobre a vacinação por exemplo, e graças à Deus temos boa comunicação e boa parceria com as igrejas. Em relação às ONGs, diria que elas são parceiros principais, sobretudo na implementação dos projetos; eu referi atrás, que nós não temos capacidade de implementar todos os projetos. Eles participam inclusive na sensibilização; por exemplo, no caso concreto, estamos a trabalhar com as ONGs internacionais ou estrangeiras, porque nesta fase de transição para o trabalho virado ao desenvolvimento são poucas as ONGs nacionais que conseguiram adaptar-se efetivamente, excetuando a ADRA que já evoluiu para outros níveis e adaptou-se bem aos trabalhos no meio rural, inclusive tem muita experiência de trabalho nas comunidades rurais. Recordo-me que em 2004 tínhamos muitas ONGs nacionais como parceiras, mas neste momento quase todas desapareceram. Portanto, as ONGs internacionais têm sido parceiros importantes na implementação de nossos projetos; neste preciso momento temos projetos da educação que vamos trabalhar com a PEOPLE IN NEED e temos ainda este programa de curto prazo da má nutrição e este é o parceiro forte que temos aqui. **(EAGEXTNR-1:HA)** **Sawesi**: Temos o Programa de Extensão e Desenvolvimento Rural, o Programa Especial de Segurança Alimentar (PESA) no âmbito do qual se criam as Escolas de Campo, em que trabalhamos em parceria com a FAO, que trouxe um modelo de escolas de campo, assim como a metodologia de sua criação; na criação dessas escolas primeiro é escolhida uma associação que é criada numa aldeia mais pobre, cujos associados nada sabem das técnicas elementares da agricultura. No seio dos associados escolhe-se alguém mais dinâmico que vai a uma formação de facilitadores que inclui um período de práticas. Em síntese, escola de campo não é mais do que formar uma metodologia de aprendizagem onde todos os membros da comunidade interessados podem aderir; é um espaço que pode ser uma lavra onde realizam as suas práticas

---//--- **2.0 Desenvolvimento** **2.1 Conceito de desenvolvimento**	agrícolas. O facilitador trás da sua formação aquelas técnicas aprendidas e executa-as junto dos associados; depois faz uma análise comparativa. **(EAGEXTNR-3:HA)** **Lupesi:**Trata-se de escolas práticas, mas com essa componente de investigação comunitária; nós os técnicos, em conjunto com os comunários procuramos identificar os problemas e formas de os resolver sem buscar apoios externos. **(EAGEXTNR-3:HA)** **Sawesi:** Trata-se da formação em serviço. **(EAGEXTNR-3:HA)** **Lupesi:** É uma experiência que veio da Venezuela e aqui em África temos o caso de Moçambique que também tem conseguido êxitos com este modelo. O governo angolano, por sua vez, também adotou o PESA, que está a ser implementado desde 2007. **(EAGEXTNR-3:HA)** **Sawesi**: Este programa tem a vertente formativa e assistencial; primeiro formam-se os formadores, e esses, por sua vez formam os facilitadores. Depois de criada a escola de campo dá-se-lhe o nome e o PESA apoia a mesma escola dando-lhe um mapa das necessidades e algum dinheiro com o qual possam comprar aquilo que necessitam e criar um fundo; é um dinheiro a fundo perdido em que eles não são obrigados a devolver, pois, destina-se a manter o funcionamento da escola de campo para não cair em falência. O dinheiro é dado pela FAO através do PESA. A Escola de Campo tem uma estrutura semelhante à de uma Associação: escolhe-se o presidente, o vice-presidente, o tesoureiro, o secretário, o facilitador, por aí em diante. Nas escolas de campo não se aprende apenas técnicas agrícolas, mas também as boas maneiras, a ética, isto é, como se procede na recepção de uma visita, como relacionar-se com os demais membros da escola; existe, por exemplo, aquela estratégia segundo a qual, "nunca se diz não ao outro para amanhã não falar mais, por mais que não saiba nada. Respeite a opinião do outro e põe a sua alternativa como ressalva da resposta dada". Essas são entre outras, as estratégias que se aprendem nestas escolas de campo e de como propagar esse tipo de técnicas nas comunidades. Por semana eles escolhem um dia de encontro para todos, onde cada um apresenta os problemas que enfrenta na sua lavra, realizam debates, trocam experiências e buscam soluções para superar tais problemas. Se estiverem bem organizados eles podem construir um *onjango* mesmo na lavra que serve de

	espaço dos encontros; aí é o local de aprendizagem, onde eles adquirem as técnicas, partilham conhecimentos que depois levam para as suas lavras. Os participantes das escolas de campo são pessoas de ambos sexos, pois, não há discriminação de género, de raça, nem obrigatoriedade. **(EAGEXTNR-3:HA)** **Lupesi:** O segredo é que o número de participantes da escola depende muito dos resultados; por exemplo, como convencer-me que a escola de campo é um valor, é um benefício? Se eu próprio que estudo na escola de campo não evidenciar mudanças, aquele que estiver fora dela não se sente atraído a integrar essa escola; mas se as pessoas notarem que os rendimentos da minha lavra melhoraram em relação aos vizinhos, por estar numa escola de campo, eles também se convencem e decidem ingressar nela. Nós temos resultados satisfatórios dessas escolas no Município de Kamacupa; hoje em dia, o Município de Andulo é potencial. Em toda Angola, Andulo é um modelo das escolas de campo, particularmente a comuna de Kalusinga, onde as pessoas provenientes de outras províncias vêm buscar experiências das boas práticas agrícolas, e não só, mas também o espírito de trabalho coletivo, a união comunitária, etc.; isto é que exige aqueles passos, tais como as quotizações, pois, onde tem um grupo unido, uma associação, tem que haver regras que devem ser bem seguidas para haver sucesso. **(EAGEXTNR-3:HA)** **Sawesi**: Também tem que haver dinâmica nessas escolas; a estratégia principal das escolas de campo é inibir o uso de produtos químicos nas práticas agrícolas; ou seja, ter maiores rendimentos, mas com fertilizantes locais, numa lógica de preservação do meio ambiente. (Perspectiva de uma agricultura ecológica). O comunário é levado a convencer-se de que, o lixo da sua própria casa é útil à produção agrícola; já é um fertilizante para a sua própria lavra. **(EAGEXTNR-3:HA)** **Lupesi**: A partir daí entramos na sanidade comunitária; o comunário prepara por exemplo dois buracos: em vez de deitar o lixo de modo arbitrário, separa os plásticos, as garrafas, etc para um buraco, ao passo que os restos de comida e outro lixo doméstico vai para outro buraco onde possa transformar-se em fertilizantes orgânicos. **(EAGEXTNR-3:HA)** **Sawesi:** Os conhecimentos são transmitidos por via oral; existem facilitadores que sabem escrever, mas outros não

	sabem. **(EAGEXTNR-3:HA)** **Lupesi**: Usam-se várias formas; quando o facilitador é alguém alfabetizado e escreve bem consegue passar as informações. Mas também, existe outra forma de usar figuras e ilustrações; para aqueles que não saibam escrever, em vez de escrever a palavra milho, recorre-se ao desenho de uma planta de milho num papel apropriado. O caderno que contém todas as informações técnicas fica mesmo com eles ao cuidado do coletivo dos participantes da escola. **(EAGEXTNR-3:HA)** **Sawesi:** Existem sessões e nesses dias das sessões, os encontros são previamente comunicados a todos os participantes; nós temos um mapa na EDA, onde se indica que temos um determinado número de escolas e as datas dos encontros com cada uma delas. Numa EDA, pode haver dois técnicos que acompanham as escolas de campo. O técnico que trabalha com uma escola de campo deve ser dinâmico e criativo, mas não impor ideias; deve ouvir e se quiser apoiar com uma ideia pode fazê-lo, mas é sobretudo ouvir deles as trocas de experiências locais. **(EAGEXTNR-3:HA)** **Lupesi**: Pode haver muitos problemas, mas o mais importante é identificar aquele que mais preocupa as pessoas. Logo, antes de partirmos para a implementação precisamos de experimentar previamente; realizamos vários testes se for um caso de uma doença ou praga que afeta as culturas de toda a comunidade. Aquele teste que apresentar resultados satisfatórios passa para a experimentação na escola de campo; se com a experimentação o problema estiver superado eles devem reportar à escola destacando que a solução é mesmo viável para o problema identificado. Depois de superado o primeiro, passamos para o segundo problema, analisamos e investigamos e sucessivamente. **(EAGEXTNR-3:HA)** **Sawesi**: A FAO vai até a comunidade! A FAO só tem um consultor internacional e foi o mesmo que deu aos técnicos uma formação de três meses; mas tem havido seminários que duram até cinco dias em cada mês e neles participam também alguns facilitadores das comunidades. **(EAGEXTNR-3:HA)** **Lupesi**: A formação é obrigatória, visto que, em cada mês estuda-se um módulo com temas específicos que culmina com uma avaliação; nessa modalidade de formação os técnicos, assim como os facilitadores apresentam relatórios que reportam sobre aquilo que realizaram no mês anterior, as

	dificuldades encontradas, etc, em conjunto discute-se e chega-se a uma conclusão. Em função disso programam-se as atividades do mês seguinte; o técnico não tem obrigação de estar lá, pois existem já os facilitadores que são moradores da comunidade. A presença do técnico cria receios aos comunários, isto é, eles sentem o complexo de expor livremente as suas ideias diante do técnico, mas com o facilitador que é alguém com quem vivem juntos, a liberdade de se expor é cada vez maior. Por isso, o facilitador tem que ser uma pessoa dinâmica que visita as lavras dos membros para certificar-se das dificuldades que enfrentam. **(EAGEXTNR-3:HA)** **Lupesi:** Quer dizer que o sector está dividido em departamentos, ou seja, temos o Instituto de Desenvolvimento Agrário (IDA), o Instituto de Desenvolvimento Florestal (IDF), a Veterinária, o Serviço de sementes e a UNACA. O extensionista para ir ao campo precisa da indicação da UNACA; ela é o mobilizador que sensibiliza as comunidades a organizarem-se em associações ou cooperativas e divulga os meios que o estado tem para apoiar e incentivar tais iniciativas. Nós como extensionistas seguimos para os campos indicados pela UNACA para divulgarmos as técnicas de produção agrícola; nesta senda, ao chegarmos numa comunidade reunimos com os moradores e combinamos com eles os dias da semana em que estão disponíveis para encontros de trabalho. Depois disso, criam-se campos de experimentação seguindo-se a própria demonstração; quer dizer, a experimentação cumpre várias etapas até chegar as soluções dos problemas identificados, pois tem lugar na escola de campo e a demonstração faz-se nas escolas de campo, nas associações e nas cooperativas. **(EAGEXTNR-3:HA)** **Sawesi**: A partir daí são os mesmos técnicos extensionistas do Instituto de Desenvolvimento Agrário que dão seguimento de assistência técnica. As cooperativas ora criadas funcionam mantendo essa dimensão formativa de uma escola de aplicação. **(EAGEXTNR-3:HA)** **Lupesi:** Sim! Os programas das escolas de campo já trazem as variáveis que devem ser trabalhadas e aprimoradas; os programas já trazem temas-chave cuja abordagem passa necessariamente por um diagnóstico prévio. (OBS: Solicitar os modelos de programas das escolas de campo). **(EAGEXTNR-3:HA)**

	Hosi: Temos boas relações com as comunidades vizinhas! Por exemplo, se morre alguém na comunidade de Kambweyo comunicam o óbito à família que se encontra aqui; a família por sua vez, comunica o ocorrido aos vizinhos ligados a ela e em conjunto partem para lá participar do óbito e se houver óbito aqui, os de Kambweyo fazem a mesma coisa. O mesmo acontece com os casamentos. Antes, se alguém de Ekovongo tivesse um amigo na comunidade vizinha podia lá ir pedir algo que necessita, mas agora isso não se verifica com frequência, salvo se for alguém do mesmo parentesco. No entanto, as igrejas representadas nesta região continuam com esta solidariedade; se um membro da igreja residente noutra comunidade necessitar do apoio da sua congregação para realizar algum trabalho, a igreja envia um grupo considerável de membros para participar do aludido trabalho. **(EGC-4:HAC)** **Hosi:** Hoje em dia, alguns adultos se comportam da mesma maneira que os jovens em matéria de respeito e cumprimento de normas costumeiras. Por isso é que nas assembleias das autoridades tradicionais se tem orientado que nenhum líder comunitário deveria participar do casamento, do óbito ou velório, sem prévia comunicação por parte das respetivas famílias. **(EGC-4:HAC)** **Kayovo**: Os enfermeiros têm realizado palestras com as mamãs sobre os cuidados a ter com os bebés; têm transmitido pautas como a higiene para com os bebés, o amor de mãe para com o seu bebé, a não-violência, etc.. Os professores também têm realizado encontros com os encarregados de educação dos alunos em que têm apelado para uma boa colaboração entre pais e professores na educação de seus filhos. **(EC-5:MAC)** **Visupe**: Nos encontros do dia-a-dia os homens trocam ideias sobre vários aspetos da vida. Por exemplo, falam das famílias, das suas virtudes e dos seus defeitos; se forem indivíduos do mesmo parentesco opinam em que famílias se pode escolher alguém por noivo ou noiva, sobretudo se existir no seio deles rapazes e raparigas em idades de contrair matrimónio. Alguns falam de famílias preguiçosas que não gostam de se esforçarem no trabalho, outros falam de famílias intriguistas que promovem a separação no seio delas, etc. Hoje mesmo houve um funeral e no momento de ler a biografia surgiram divergências que culminaram em pancadarias, apesar do facto de que, a mãe e o pai do bebé falecido ainda não vivem juntos,

	porque o processo de noivado não foi concluído. Por isso, nos encontros do dia-a-dia, os homens analisam todos esses detalhes para alertar aos filhos e filhas a se acautelarem, de sorte que, situações do género não venham acontecer com eles. Os homens analisam também aspetos económicos; por exemplo, se existir parentesco entre vizinhos não pode haver inveja e ódio, mesmo quando a galinha e o cabrito do outro passeiam pelo pátio da nossa casa. Mesmo quando os animais do outro comem as folhas das nossas plantas não se pode cobrar por isso, porque os nossos animais também poderão fazer o mesmo no pátio da casa do outro. No passado, cada parcela habitada por indivíduos da mesma família era circundada por um cerco que tinha uma única entrada com um portão. Quando as crianças regressassem das suas brincadeiras, entravam e encerravam o portão; desta maneira não havia problemas. **(EC-6:HAC)** **Visupe**: Os rapazes e as raparigas não se relacionam diretamente com as autoridades comunitárias! Se um rapaz ou uma rapariga tiver algum assunto ou problema para expôr às autoridades comunitárias, primeiro tem que informar aos pais, e esses, por sua vez, explicam o assunto aos demais membros da família alargada, a fim de em conjunto analisarem e procurarem soluções. Se forem problemas provocados pelos próprios jovens, a família procura soluções. No entanto, se os jovens não acatam os conselhos familiares e protagonizam reiteradamente atos reprováveis, então, a família decide mesmo levar o assunto às autoridades comunitárias para julgamento costumeiro. Quando isso acontece, tanto rapazes como raparigas têm que assumir as consequências dos seus atos. Alguns casos têm sido levados as autoridades policiais. **(EC-6:HAC)** **Visupe**: Se verificares que num lar, marido e esposa estão envelhecendo juntos é entendimento que existe entre eles; tanto o marido como a esposa possuem parentes amigos que em algumas ocasiões visitam o casal. Pode acontecer, os parentes e amigos do marido serem mal atendidos pela esposa, na primeira e na segunda ocasião; na terceira o marido pode reclamar dizendo assim: "como é possível atender desta maneira os meus parentes e amigos, se eu atendo bem os seus"? Neste caso, o diálogo deve prevalecer: No entanto, pode haver entendimento e harmonia nas relações do casal e quando tal acontece podem programar visitas a efetuar junto com os filhos, tanto na família do marido como na família da

	esposa. Desta maneira, os nossos filhos e os filhos de nossos parentes se aproximam e cultivam aquela irmandade que irá prevalecer, mesmo quando os pais deixarem o mundo dos vivos. **(EC-6:HAC)** **Visupe**: Antes sim, existiu! Naquela altura, existiu *onjango* comunitário junto do Palácio Real, e todos os anciãos ou tutores das famílias eram membros dessa assembleia liderada pelo próprio Rei, pois, as famílias que eles tutoravam eram da linhagem real. Por isso mesmo, cada ancião, além de tutor, ocupava um cargo específico junto do palácio real. O Rei não podia trabalhar, nem decidir sozinho, mesmo quando se ausentava, indicava alguns membros da assembleia para responderem pelos assuntos que surgem durante a sua ausência. Além disso, os tutores concertavam ideias entre si. É daqui que surgiu o seguinte ditado: *"nda walimbuka okuti okwoko kwondimba kwasomboka otchila…vava valilalila kumosi"*, ou seja,"se observares que o braço do coelho saltou de um pátio para outro, são pessoas que comem juntos e partilham das mesmas ideias. **(EC-6:HAC)** **Pesela:** Quando os homens se juntam para conversas aparecem aqueles que apresentam boas ideias sobre como melhorar esta ou aquela vertente da vida, avançam com propostas para que haja mais união e uma maior coesão de interesses; às vezes, aparecem aqueles que em vez de apoiar as boas ideias puxam para o lado contrário da coisa. Por isso, as pessoas procuram sempre aqueles vizinhos que têm um pensamento aproximado com os quais mantêm boa relação. **(EC-7:HA)** **Dona Nahenda**: Naquele tempo, o homem indiciado com a prática de adultério era levado ao julgamento costumeiro e devia pagar uma cabeça de bovino, um porco, um cabrito e um galo; se o homem praticasse adultério com uma jovem devia pagar duas cabeças de bovino. Se o adultério resultar de mútuo acordo entre homem e mulher adultos, então, cada um deles devia pagar uma cabeça de bovino. Esta medida vigora mesmo nos dias de hoje. **(EGC-8:MAC)** **Dona Jambela**: No passado recente, antes de pagar a cabeça de bovino, o homem adúltero primeiro era submetido a um castigo denominado *ukumbi* e as pessoas evitavam esse tipo de sofrimento; os animais cobrados eram mortos mesmo no local de julgamento e a carne era distribuída aos adultos que dele participaram. Rapazes e raparigas são proibidas comer da referida carne, pois, isto é considerado de tabu. **(EGC-**

	8:MAC) **Sapwile**: O pai tem o dever de transmitir ao filho aquela educação que um homem necessita na sua vida; o filho, por sua vez, deve assimilar essa educação e encher a sua bagagem para, no futuro, poder os transmitir também aos seus filhos. A educação dos pais constitui para os filhos a primeira escola que ilumina os caminhos da vida futura. Mesmo quando o filho dorme à noite, ele fica pensando naquele ensinamento que o pai lhe deu durante o dia; quando alguém, seja ele conhecido ou não, aparece diante dele, ele tem a capacidade de raciocinar, distinguir ou equipará-lo à categoria sócio-etária de seu pai; logo, ainda que entendesse praticar alguma arbitrariedade ele reconsidera a sua atuação. Esta é a doutrina que orienta a educação de nossos filhos desde os tempos remotos, quando nem sequer tinham chegado missionários cristãos aqui na nossa região. Ao pai cabe a responsabilidade de transmitir, tanto aos filhos como às filhas aqueles ensinamentos sobre como realizar trabalhos extra-domésticos, no campo por exemplo; se os filhos e as filhas se mostram desinteressadas a aprenderem esse tipo de atividades, o pai tem de pegar no chicote para lhes persuadir que estas aprendizagens são necessárias na vida futura. Se assim não acontecer, quando os filhos e as filhas saírem da tutela familiar, é o pai e a mãe que serão considerados como falhados. **(EC-1:HAC)** **Sapwile**: A mãe também tem o dever de transmitir à filha aquela educação de que ela irá necessitar quando tiver o seu próprio lar. A mãe chama a filha e pergunta: “óh minha filha! Estás a acompanhar o que tenho estado a fazer aqui em casa”? Ela responde. Sim! E a mãe diz: “ao acordar logo de manhã, a primeira coisa é tomar banho. Depois, varrer a casa e o recinto, colocar a panela ao fogo, lavar a loiça e realizar tudo quanto é necessário para manter a casa em ordem”. Deste modo, a filha está assimilando a educação de sua mãe, porque a saúde do lar depende dos ensinamentos que os pais transmitem aos seus filhos e filhas. Se no lar familiar o ambiente for de contradições por parte dos pais, os filhos também passam a praticar os mesmos comportamentos dentro e fora do lar. O civismo começa mesmo dentro do lar familiar, e os pais não só transmitem aos filhos e filhas a educação familiar, mas também, aquela educação que devem ter para viver no seio da comunidade. **(EC-1:HAC)**

	Sapwile: Sim, existem e consistem no seguinte: se houver óbito na comunidade de Tchavaya e ali residirem os meus parentes, eu devo deslocar-me lá acompanhado de meus vizinhos de cá, uma vez que, eu não resido aqui sozinho. Se a mesma situação de infelicidade ocorrer comigo cá no Ekovongo, também eles procederão da mesma maneira. O mesmo acontece quando há casamentos e julgamentos costumeiros. Os jovens de Ekovongo por exemplo, se relacionam com os jovens de Tchavaya, Kalufele, Sapiti e Kambweyo por causa do futebol e sobretudo, quando estreitam amizade com raparigas dessas comunidades. **(EC-1:HAC)** **Kamela:** O relacionamento entre os homens depende do grau de proximidade que cada um entende forjar com os demais. Partindo da minha própria experiência posso mesmo dizer que tenho boas relações com alguns comunários, que não residem próximo de mim, inclusive participo do serão e da ceia quando visito a eles. Não me comporto da mesma maneira com os demais comunários, apesar de existir entre nós relações de vizinhança, amizade e respeito. O mesmo se passa quando se realizam casamentos; não se convidam os comunários no seu todo, ou seja, participam do casamento aqueles que foram previamente convidados. Os próprios familiares do noivo e da noiva organizam uma relação de pessoas a convidar, quer sejam adultos, ou jovens; a noiva e o noivo também apresentam a sua relação de rapazes e raparigas que fazem parte do seu círculo de amizades. No entanto, nos casamentos aparecem sempre aqueles voluntários que não foram convidados mas, marcam presença para fazerem parte da festa. Em casos de óbito a situação é bem diferente porque se trata da morte de alguém que deixou de fazer parte da vida e do convívio na comunidade. Quase todos se sentem atingidos, comovidos, pelo sucedido. O sentimento de tristeza por parte das pessoas se faz notar através de expressões tais como: “esse rapaz cumprimentava as pessoas com respeito”; “será que o fulano morreu mesmo”? Toda a gente aparece no local e gritam chorando para exprimir o seu inconformismo e sentimento de indignação. Tudo isso devido a boa relação que tinha com as pessoas, o respeito e amor ao próximo; se, pelo contrário, o falecido não tivera respeito, nem amor na relação com os outros, as reações são bem diferentes. Alguns dizem: “ não era pessoa alegre e não respeitava as pessoas. Assim se fez o seu destino”. Quando morre esse tipo de pessoas, os comunarios não aparecem em massa no local do óbito; a

	maioria permanece nas suas casas, observando à distância tudo quanto ali se está passando. Situação do mesmo género acontece com aquelas famílias que não participam dos óbitos dos outros; quando morre algum membro dessas famílias as pessoas dizem: "essa família não participa dos óbitos que ocorrem nesta comunidade; não participa dos trabalhos de cavar a sepultura, muito menos noutros trabalhos". É que a pessoa enlutada tem olhos para ver quem está com ele naquele momento de profunda dor. Quando as pessoas regressam do cemitério e se dirigem ao local onde se encontra a bacia de água para lavar as mãos, a família enlutada está a observar e tirar nota de quem está com ele nesses tristes momentos. No passado recente tivemos um caso de género de um comunário que faleceu-lhe uma criança. Por se tratar de alguém que não participa dos óbitos dos outros, poucas pessoas apareceram no local; eu e mais dois homens, num total de três pessoas tivemos que ir sozinhos à mata procurar lenha para o óbito. Voltando ao assunto dos casamentos, em 2005, o meu filho primogénito decidiu casar-se pela igreja adventista do sétimo dia; no dia do casamento aconteceu um caso inédito. Os meus parentes e os meus amigos apareceram em massa mesmo sem serem convidados e disseram-me assim: "nós aparecemos mesmo sem convite porque queremos ralhar consigo e fazer uma censura contra si. Como é possível realizares o casamento de seu filho sem convidar-nos? Pelo respeito e amor que tens connosco decidimos aparecer na festa, apesar de ter-se esquecido de nós. Será que algum dia praticamos alguma maldade contra si, para chegares ao ponto de ignorar-nos no casamento de seu filho? Nós viemos sentar aqui para marcar a nossa presença e dar testemunho ao casamento de seu filho". O pátio da minha residência encheu-se de gente. Tudo isso, pelo facto de eu estar bem com os outros. **(EC-9:HA)** **Kamela**: Existem relações entre nós, porque os habitantes das comunidades vizinhas são maioritariamente oriundos de Ekovongo. Repare! Se eu me desloco para a comunidade de Longulu não é para contactar com todos os habitantes daquela urbe; posso saudar aquelas pessoas que se depararem comigo, mas não para hospedar-me em qualquer residência. Poderia dizer o mesmo em relação a comunidade vizinha de Tchavaya; quando me desloco àquela urbe, dirijo-me concretamente ao tio e a tia que lá residem, ao Soba ou outro líder comunitário, ou então ao catequista da nossa igreja. Se não encontrar os parentes diretos dirijo-me ao Soba, que pela boa relação e

	respeito que existe entre nós pode hospedar-me e pernoitar em casa dele; não me dirijo a qualquer pessoa devido ao receio, não só da minha parte mas também da parte dele; pode ser que ele nunca me viu e nem sabe se eu sou sobrinho dele; ele pode pensar que se trata de um ladrão que veio assaltar a sua residência. Por isso, quando nos deslocamos para qualquer uma dessas comunidades é porque temos um propósito e destino concretos, isto é, pessoas que podem acolher-nos e dar testemunho acerca de nós para qualquer eventualidade; de contrário corremos o risco de sermos confundidos com um ladrão qualquer ou um indivíduo mal intencionado. Nos casos de casamentos, as pessoas se deslocam de uma comunidade a outra apenas quando são convidados; fora do convite o indivíduo pode ser considerado de aproveitador. Geralmente, quando se trata de casamento, o convidado sempre se faz acompanhar de pessoas que lhe são mais próximas. Esta situação acontece também nos casos de óbito. Entretanto, além dos laços intrafamiliares existem outras situações que implicam um relacionamento no plano mais amplo; refiro-me a questões relacionadas com a conservação e preservação dos espaços históricos comuns do nosso reino. Quando se trata de campanhas de limpeza desses espaços e dos rituais que se realizam para a nossa proteção coletiva, todos são convocados e aparecem em massa a fim de participarem dessas atividades. Recentemente, houve partidas de futebol em que os jovens de Ekovongo disputaram com equipas oriundas dos bairros periféricos da cidade do Kuito; nas duas disputas que você próprio acompanhou, Ekovongo venceu as equipas da cidade. Desde aquela data, os jovens da comunidade vizinha de Kambweyo prometeram desafiar a equipa de Ekovongo nos próximos tempos. **(EC-9:HA)** **Lisoso**: Existem boas relações, particularmente nos óbitos e nos casamentos; geralmente, sempre que há óbito cá no Ekovongo, os residentes das comunidades vizinhas de Tchavaya, Longulu, Kambweyo e outras, mobilizam-se para participarem do mesmo. Os de cá fazem o mesmo quando acontece um óbito numa das comunidades vizinhas. Esta relação de boa vizinhança decorre, principalmente dos casamentos inter-comunitarios entre os de cá e os de lá. **(EC-10:HA)** **Epalanga:** Nos dias de hoje, por exemplo, nas sessões de julgamento, um indivíduo inocente pode ser culpabilizado e penalizado, por não saber escutar, analisar e interpretar o

	sentido das alocuções, dos argumentos dos juízes; muitas vezes, o indivíduo inocente aplaude argumentos que lhe condenam por ignorância. Mas não deveria ser assim. Eu, por exemplo, não posso aplaudir o meu detractor porque tenho capacidade de interpretar os seus argumentos. Esses conhecimentos de direito nos foram transmitidos pelos nossos avôs no *onjango*. *Ahah*! … **(EC-2:HAC)** **Visupe:**De princípio, se eu decidir ausentar-me, devo informar, tanto a minha esposa, aos meus filhos, aos meus parentes, assim como aos vizinhos mais próximos. Quando eu chegar ao destino, devo de igual modo informar à comunidade hospedeira sobre o estado de saúde da minha família, dos meus vizinhos e dos comunários em geral. O primeiro homem que eu encontrar na comunidade de destino, também deve proceder da mesma maneira, isto é, deve descrever-me detalhadamente o estado de saúde da sua família, dos vizinhos e de seus conterrâneos em geral; a isto se denomina *ulonga* [80]. Além disso, ao ausentar-me, se no destino existir parentes meus, devo levar comigo um menino, para que, por um lado, se acontecer algo, ele possa informar o sucedido; por outro, para o menino ser conhecido pelos meus parentes que residem noutra comunidade, pois, se com o tempo eu falecer, os meus filhos conheçam onde se localizam os demais membros da família alargada. Ao proceder desta maneira, não se rompe o elo de ligação parental, mesmo em caso de morte de uns e de outros. Esta é uma das pautas fundamentais deixadas pelos nossos antepassados. Entretanto, nos dias de hoje, este procedimento tem sido ignorado por muitas famílias devido ao uso de transportes de elevado custo como bicicletas, motorizadas, carros, etc, e em consequência, as novas gerações têm caído na perdição. Esta é a primeira relação entre os homens. O segundo aspeto da relação entre os homens tem a ver com as necessidades do dia-a-dia, isto é, se verificar que sozinho não consegue resolver um dado problema, então, há que recorrer ao vizinho solicitando apoio; o terceiro aspeto dessa relação é, quando se trata de vizinhos que fazem parte do mesmo parentesco, isto é, não pode ausentar-se por um período de mais de vinte e quatro horas sem contudo, informar aos demais parentes. O quarto aspeto da relação entre os homens tem a ver com situações de enfermidades; se o vizinho contrair uma enfermidade numa altura em que o mesmo não dispõe de recursos financeiros para custear o seu tratamento, devemos estender-lhe a mão, isto é, ainda que não tivermos

	dinheiro, podemos ajudar-lhe com um cabrito para vender, sabendo-se de antemão, que, qualquer dia, serei eu, ou os meus filhos a contrair uma enfermidade e a necessitar de uma ajuda. Esta relação é importantíssima. O quinto aspeto é a relação de vizinhança; aqui na comunidade, essa relação ainda é realizável. Nas cidades por exemplo, o vizinho pode ser ele mesmo o seu principal inimigo; o nosso filho não pode passar pela casa dele; a galinha e o cabrito muito menos, porque, inclusive, a própria casa está cercada de um murro com um portão sustentado por uma fechadura. Aqui na comunidade não é assim; se eu crio animais, o outro também faz o mesmo e quando morre alguém, ficam todos sensibilizados a vender ou a hipotecar o seu animal à família enlutada, para servir no óbito. O sexto aspeto são relações de trabalho quando o indivíduo pretende realizar uma atividade que requer o uso de instrumentos que ele não possui; neste caso, dirige-se aos vizinhos que dispõem dos mesmos solicitando apoio de prestação de serviços. O vizinho pode ceder a sua charrua e bois para apoiarem a execução desse trabalho. Atualmente, esta solidariedade está desaparecendo pouco a pouco, devido as transformações por que está passando a própria sociedade em geral, o individualismo e a ganância que tem acelerado a competição, provocando alterações no comportamento das pessoas aqui na comunidade. Alguns fazem esforços e conseguem resultados satisfatórios, outros não conseguem e criam inveja e ódio, chegando mesmo ao ponto de arranjarem falsos argumentos para acusarem aqueles que conseguem de feiticeiros. Esta situação tem criado perturbações no bem-estar das pessoas aqui na comunidade, porque aqui mesmo em casa onde estou, se aparecer uma criança do vizinho e eu oferecer-lhe uma banana, dias depois, se a mesma criança queixar-se de dor de barriga, os pais perguntam-lhe se tivera comido alguma coisa; ao explicar que tivera comido a banana em casa do vizinho, os pais não pensam outra coisa senão desconfiar do vizinho que tivera dado a banana. Agora, com esta situação, a caridade que sempre nos caracterizou já não pode ser feita a qualquer que seja, senão aos próprios filhos, sobrinhos e netos; de contrário, pode criar-nos alguns problemas com os vizinhos. Entretanto, a situação que acabei de descrever não é genérica, observa-se apenas em algumas famílias, pois, em muitas outras ainda se praticam esses valores. O que se passa entre nós é falta de diálogo ao nível das famílias, porque antes, em cada zona havia um ancião tutor das famílias que era responsável pela harmonia e desarmonia reinante no seu seio; a ele cabia

	identificar quem é o promotor das divergências que surgem no seio das famílias e repreendê-lo imediatamente.(N.B. falta de dialogo e de uma liderança capaz de reconstituir *onjango* das famílias e legitimar o seu funcionamento).Essa forma de organização permitia a identificação de gatunos, feiticeiros e outros malfeitores que eram bem conhecidos e não tinham como disfarçar-se ou esconder-se. Voltando ao que afirmei atrás, o esforço e a competição entre os homens, por si só, não constituem maldade, senão repare; as motorizadas chegaram pouco a pouco, mas agora muita gente tem procurado adquirir este meio de transporte e isto é bom! Que fazer? Os outros se locomovem através deste meio de transporte; logo, também eu tenho que trabalhar muito no campo para poder adquirir este meio de transporte. Alguns estão adquirir este meio de transporte vendendo carvão vegetal. Quando toda a gente se empenha no trabalho, mesmo havendo competição, há possibilidades de todos triunfarem e viverem bem. O sétimo aspeto está relacionado com o consumo de bebidas alcoólicas; antes, as bebidas alcoólicas eram poucas e o dinheiro também era pouco. Agora, há muitas bebidas alcoólicas e muito dinheiro mas, o que temos observado é que os jovens têm mais dinheiro do que nós os mais velhos e isto tem criado situações de falta de respeito da parte dos jovens, que olham para os mais velhos como carentes e incapazes de auto-sustentarem-se. Os jovens recusam-se a prestarem apoios aos mais velhos. Em suma, este é o quadro que caracteriza a relação entre os homens nesta comunidade. **(EC-6:HAC)** **Visupe**: os pais devem concertar sobre as atitudes a ter com as crianças, porque se houver uma linguagem desencontrada entre marido e esposa, isso pode criar confusão na consciência das crianças. Por exemplo, se o pai decide levar as crianças ao campo para não se tornarem gatunos no futuro e a mãe contradiz a decisão dele, a tendência é de elas inclinarem-se à postura da mãe; logo, não é bom que isso aconteça na educação das crianças no lar familiar. O mesmo pode ocorrer quando os pais realizam viagens de visita aos parentes; em cada viagem os pais devem levar consigo pelo menos um filho para conhecer e ser conhecido pelos parentes que vivem longe da sua localidade de residência. Além disso, na educação das crianças os pais devem acautelar que elas não sejam atraídas para práticas de roubo, adultério e violência. No caso de roubo, pode acontecer que a criança foi roubar no vizinho, mas quando o assunto chega em casa, a mãe é a primeira a reagir,

	dizendo: “o meu filho não rouba”! Essa atitude não é correta porque cria situações de desrespeito e de conflitos entre vizinhos. Nestes casos, o pai e a mãe devem escutar as palavras do vizinho ofendido, para analisar se na verdade a criança roubou ou não; se os pais considerarem de justa a acusação do vizinho, devem, então, proceder a devida indemnização. A partir desse acontecimento, os pais devem reunir com os filhos para explicar-lhes as consequências negativas da prática de roubo na vida das pessoas e no convívio com os vizinhos da mesma comunidade. Nos casos de adultério e violência a situação é semelhante; pode ser que o filho foi conotado com esta prática, mas, se os pais assumirem aquela postura de humildade, o ofendido fica sensibilizado. Esta é também uma maneira de educar as crianças**. (EC-6:HAC)** **Visupe**: Primeiro é nos óbitos. Às vezes, existe parentesco por afinidade de casamento entre a família enlutada de Ekovongo e a família de outra comunidade vizinha. Uma vez comunicado o óbito à família da outra comunidade, essa por sua vez, comunica aos seus vinhos de residência e não é necessário convidá-los; eles próprios predispõem-se a acompanhar-lhe para participarem do óbito acontecido no Ekovongo. E, vice-versa. O mesmo se passa nos casamentos. O segundo aspeto dessa relação é ao nível dos líderes comunitários. Se o líder da comunidade vizinha tiver um problema que ele não consegue resolver sozinho, convida o seu homólogo de Ekovongo para juntos debaterem o assunto e buscarem soluções. O terceiro aspeto está relacionado com os limites territoriais. Existem limites territoriais entre Ekovongo e as comunidades vizinhas que não podem ser violados, mesmo nos casos de trabalhos agrícolas. Temos limites com as comunidades de Kambweyo, Longulu, Sapiti e Tchavaya. Aqui mesmo na nossa comunidade, cada família alargada tem as suas terras de cultivo devidamente demarcadas: A família dos Simoy, dos Nguengu, dos Kesongo, etc, tem as suas terras de cultivo repartidas a cada família nuclear. (Uma espécie de cooperativas familiares). **(EC-6:HAC)** **Lisoso:** Nos encontros do dia-a-dia os homens falam sobre as variações do clima durante o ano e os tipos de produtos que se deve cultivar nessas épocas. Há pessoas que só cultivam por cultivar porque não têm conhecimentos sobre as variações climáticas e o tipo de sementes a aplicar no solo para que possa obter uma boa colheita. É também nesses encontros onde

	os homens abordam assuntos relacionados com o bem-estar da família e outras questões de relacionamento entre as pessoas na comunidade em geral. Alguns consomem o álcool e quando isso acontece há sempre probabilidades de alguns desentendimentos no relacionamento com os demais. **(EC-10:HA)** **Katola:** A relação tem tido maior visibilidade nesses grandes acontecimentos. Permita explicar-me melhor! Suponhamos que sou natural da localidade de Savimboto ou da localidade de Yeyele e decidi imigrar para Ekovongo, onde me casei e constitui a família; se porventura receber um comunicado da morte do meu parente ocorrida lá onde nasci, toda a família da esposa que por afinidade de casamento acaba sendo minha também, todos os meus amigos partem junto comigo para a localidade do óbito e participar dele. Depois do óbito, isto é, depois do rito de limpeza das cinzas do mesmo óbito, ainda permanecemos lá alguns dias para apresentar aqueles que me acompanharam desde Ekovongo e explicar em pormenores o grau de afinidade ou de amizade que mantenho com cada um deles aos meus familiares diretos. É uma oportunidade para a minha família avaliar a minha conduta naquela localidade para onde emigrei e o grau de solidariedade dos habitantes de Ekovongo. A partir desta assembleia inter-familiar, os jovens do meu círculo familiar compreendem melhor como fui acolhido e se tenho sido bem tratado pelos habitantes de Ekovongo; logo, têm a oportunidade de sondar as raparigas belas que integram a minha caravana e decidir se podem ou não avançar para uma proposta de amizade, que na maioria dos casos, também termina em matrimónios. Por um lado, a partir do relato feito por mim sobre a hospitalidade da família que me acolheu em particular e dos habitantes de Ekovongo em geral, isto é, como alguém com capacidade de explorar novas realidades, alguns parentes meus, podem decidir seguir o meu exemplo, por saberem das bases familiares, económicas e sociais que criei na nova localidade de residência, isto é, criar bases para acolher e acomodar os outros; por outro lado, os jovens que são meus parentes fazem a sua avaliação para decidir se podem apostar numa rapariga de Ekovongo. As raparigas de Ekovongo que integram a minha caravana também têm oportunidade de avaliar o grau de hospitalidade da minha familiae decidir pela aceitação ou negação das propostas de amizade que eventualmente lhes sejam feitas por jovens do meu círculo familiar. Os meus parentes ficam

	motivados a visitar-me no Ekovongo onde fixei residência permanente; é desta maneira que a boa relação e o bem-estar criados por uma pessoa acabam por extrapolar-se a uma relação inter-familiar mais abrangente. **(EGC-11:HAC)** **Pole**: Entre nós temos boas relações. Quando nos juntamos às tardes, normalmente debatemos questões de como devemos organizar e conduzir bem os nossos lares; aconselhamo-nos uns aos outros a não responder às provocações das nossas esposas, porque se num lar todos agem como animais selvagens a vida complica-se. **(EC-12:HJ)** **Visese:** Ao enviar a criança na escola, eu como pai dou-lhe os seguintes conselhos: "meu filho, tu deves ir à escola. Repare! Há dias, o filho do vizinho comprou uma motorizada, porque ele trabalha e ganha dinheiro. Ele está a seguir o exemplo e as orientações de seu pai. Tu também deves seguir o meu exemplo"! Ao meu filho Tchisingi e aos seus irmãos tenho aconselhado o seguinte: "olhem para a minha situação; meu pai, que foi vosso avô morreu há muito tempo! Se eu optasse por ser gatuno, hoje já não existiria, teria morrido há muito tempo; vocês também não teriam nascido de mim. É deste pequeno exemplo que vocês devem tirar a base para construirem o vosso raciocínio"! Este é um pequeno exemplo daquilo que podemos considerar educação. Além do exemplo que acabei de dar a educação pode ser feita em diversas modalidades: se uma criança de casa for considerada de traquina, ela deve ser submetida a uma educação um pouco diferente da habitual que denominamos epokwiso, isto é, educação moral; inclusive a minha própria esposa se revelar um comportamento traquino, também ela deve ser submetida a este processo de epokwiso. Eu como marido devo dizer a minha esposa assim: "minha esposa, não siga o modelo da Kasinda, pois, ela é uma mulher traquina. Siga o modelo da Epandi; repare como ela combina a beleza do corpo com o seu bom comportamento. É isto que deve servir-te de modelo". No passado, o marido podia dar um puchão de orelha à sua esposa, caso fosse traquina, mas agora a polícia pode subir por cima do homem quando se bate nela. **(EC-14:HJ)** **Visese**: Sim! Temos relações diversas e não apenas no plano familiar; o facto de ter amigos na comunidade vizinha pressupõe a existência de boas relações. Por exemplo, se um indivíduo de Ekovongo receber o comunicado da morte da mãe do seu amigo residente na vizinha comunidade de

…//… **2. 2 Problemas de desenvolvimento**	Savimboto, ele é capaz de paralisar as atividades que tinha por realizar e seguir viagem para aquela comunidade onde tem lugar o aludido óbito, a fim de participar da cerimónia fúnebre e dar algum consolo ao seu amigo, que agora se encontra enlutado. A mesma atitude se verifica nos casamentos e noutros trabalhos; se o amigo de Savimboto receber o comunicado sobre a execução da obra de construção de residência do seu amigo de Ekovongo, ele não hesita em viajar para cá, a fim de participar dos trabalhos. No plano dos trabalhos temos constatado uma certa solidariedade entre nós de cá e os outros de lá. Vou dar um exemplo recente: quando iniciamos com o projeto de criação da nossa cooperativa, o Presidente da mesma deslocou-se da cidade do Kuito e veio contactar comigo; durante a conversa perguntou-me: "quais em sua opinião os indivíduos que podemos admitir como membros da cooperativa"? Em resposta, citei os comunários que residem aqui no Ekovongo, os comunários de Ekovongo que trabalham e residem na cidade do Kuito, mas ao mesmo tempo exercem actividades agrícolas aqui na comunidade de origem, e de repente, lembrei-me de todos os indivíduos que têm boas relações connosco, apesar de residirem nas comunidades vizinhas de Kalufele, kambondo e Sakaseñye; decidi incluir todos esses na lista de membros da cooperativa pelo facto de existir boas relações entre nós. Além disso, temos também relações de afetividade que se concretizam através de casamentos; no plano do desporto a situação é idêntica, ou seja, a selecção de futebol de Ekovongo tem recebido de forma regular as seleções congéneres das comunidades vizinhas para competições amistosas. Quando a seleção de Ekovongo recebe por exemplo, uma equipa proveniente de um bairro da cidade do Kuito, temos convidado os bons jogadores das comunidades vizinhas para reforçar a nossa seleção e ganhar a partida. Portanto, tudo isso é possível graças ao bom relacionamento que existe entre as nossas comunidades. **(EC-14:HJ)** ----///---- **Tiuka**: O que eu constato desde o fim da guerra civil é que aparentemente há um crescimento, mas o mesmo não está o ocorrer como seria de esperar; a área em que se verifica um certo crescimento é a educação, visto que, durante o período da guerra havia muito retrocesso no campo da educação. Desde o

	fim da guerra aos dias de hoje temos verificado um pequeno crescimento nesta área, assim como na criação de alguns serviços públicos**. (GDA-2:HA)** **Tiuka**: em minha opinião desenvolvimento consiste no seguinte: se um indivíduo adquiriu conhecimento que antes não possuía e com o andar do tempo aplicou esse mesmo conhecimento nos seus afazeres, alcançando resultados satisfatórios, isto traduz algum desenvolvimento; se eu apresentar boas ideias ao meu vizinho e este por sua vez aplicar essas ideias em um trabalho, proporcionando-lhe algum crescimento, isto também é desenvolvimento. Quer dizer, desenvolvimento não é só crescer; crescer ainda não é desenvolvimento, visto que, crescimento e desenvolvimento diferem um do outro. **(GDA-2:HA)** **Bonge:** tudo que a pessoa realiza, se tal lhe proporciona resultados satisfatórios é desenvolvimento. **(GDA-2:HA)** **Tiuka**: Tomemos como exemplo as plantas: as plantas começam a murchar nos primeiros dias, mas com a aplicação de fertilizantes elas começam a crescer e posteriormente a desenvolver-se; este processo ocorre também nas pessoas, isto é, suponhamos que durante muito tempo eu não conseguia comprar uma lapiseira para escrever, uma cadeira para sentar em casa, uma bicicleta para locomover-me rapidamente, mas com o andar do tempo consegui adquirir tudo isto. As pessoas murmuram: "no ponto em que se encontrava ninguém pensava que iria chegar onde chegou" isto quer dizer que eu cresci. São conceitos que se confundem um com outro. **(GDA-2:HA)** **Dona Ngueve:** Se uma pessoa se encontrava num ponto baixo, que não conseguia adquirir coisas que ele necessita, mas agora já consegue, isto quer dizer que ele está a desenvolver-se. **(GDA-2:MA)** **Bonge**: Desenvolvimento é também imitação dos feitos de outras realidades desde que sejam boas; ainda que não imitemos do exterior, aqui mesmo no nosso país há coisas boas que podemos imitar. Todo aquele que não imita as coisas boas dos outros pode estagnar**. (GDA-2:HA)** **Dona Ngueve**: Desenvolvimento é antes de tudo adquirir conhecimentos; se pensarmos somente em bens materiais ainda não se pode falar de desenvolvimento. **(GDA-2:MA)** **Tiuka**: Desenvolver-se é cuidar de toda a criação; queimar

	florestas não é desenvolver-se, visto que, a floresta é habitada por variadíssimos microrganismos que no fundo são eles que mais cuidam de nós do que nós a eles. Por exemplo: a minhoca e o salalé cuidam de nós, visto que, eles fertilizam o solo; o sapo e o camaleão se alimentam de bichinhos que poderiam causar doenças aos seres humanos. **(GDA-2:HA)** **Kalunga**: O desenvolvimento é acima de tudo o crescimento juvenil, a educação e a melhoria das condições sociais. É isto que entendo por desenvolvimento. **(GDJ-1:HJ)** **Kalunga:** por isso, não podemos dizer que pelo facto de haver um pouco mais de casas de adobo com o teto coberto de chapas de zinco a comunidade está a desenvolver-se. Não é a isto que podemos considerar de desenvolvimento. **(GDJ-1:HJ)** **Sapi**: A nossa visão de desenvolvimento é educar as pessoas para sair da situação de pobreza a que se encontram e despertá-las de modo a abrirem outros caminhos de encarar a vida. Esta é a nossa visão de desenvolvimento. **(EAGEXTER-4:HA)** **Sapi**: A nossa organização está implementar projetos na base daquilo que já existe nas comunidades; por exemplo, a educação já existe nas comunidades, mas as pessoas não têm a informação de como levar as crianças nas escolas, qual é a idade, etc.; então, nós como organização estamos a mobilizar as pessoas para levarem as crianças nas escolas. Temos realizado ações de educação para a saúde comunitária no que toca ao saneamento básico, porque as pessoas sabem, que depois de comer precisam de defecar; para isso é preciso cavar uma latrina, mas muitos não têm consciência da importância deste pequeno serviço. Alguns não sabem onde deveriam cavar uma latrina; é preciso mostrar-lhes onde e como fazer isso. Portanto, a nossa visão de desenvolvimento assenta nas realidades locais. **(EAGEXTER-4:HA)** **Soy**: Eu já encontrei ex-alunos meus da 5ª e 6ªclasses a estudarem a 11ª classe na cidade; isto significa que nós também estamos a contribuir ao desenvolvimento desta comunidade. **(EAGEXTER-1:HJ)** **Soyi:** Do meu ponto de vista, o primeiro passo para uma comunidade rural seria o incremento da agropecuária; muitas pessoas pensam que estudar é para conseguir emprego, mas, estudar é para adquirir conhecimentos e isso faz parte do próprio desenvolvimento; além disso, tem que haver a livre circulação de pessoas e bens, visto que, o indivíduo que

	trabalha no campo precisa de levar os seus produtos aos mercados da cidade, onde podem ser vendidos. Para isso, é necessário que haja transportes. A urbanização, a construção de residências e de outras infraestruturas fazem parte do desenvolvimento, etc. **(EAGEXTER-1:HJ)** **Soyi**: Os alunos que frequentam a escola também participam das atividades do campo já com uma outra visão de as realizar; logo, eles ganham experiências na escola e nos trabalhos do campo. Esta dualidade lhes faz crescer ainda mais, de modo que, no futuro possam ter emprego e ainda realizar outras atividades no campo; tenho impressão de que em breve será aberto o IIº ciclo. Os alunos desta comunidade já não irão emigrar para a cidade com o objetivo de prosseguir com os estudos secundários. A educação e as escolas são motores do próprio desenvolvimento, visto que, o analfabetismo é um grande problema e com ele não pode haver desenvolvimento porque as pessoas agarram-se à superstição. **(EAGEXTER-1:HJ)** **Soyi**: Acho que esta atitude dos comunários lhes prejudica, visto que a interação é também um fator de desenvolvimento. **(EAGEXTER-1:HJ)** **Mbaka**: Os sinais de crescimento são: as escolas, o posto de saúde e o Chafariz de água; antes, os comunários acarretavam água lá em baixo num riacho e a mesma não era potável, mas agora eles tiram a água do chafariz e perto das suas residências. Eu estou a ver que a comunidade está crescendo. **(EAGEXTER-2:HA)** **Mbaka:** Eu sou praticamente um dos primeiros trabalhadores que chegaram nesta comunidade e pelo tempo que estou aqui constato um crescimento, porque no início da nossa missão éramos apenas dois trabalhadores: eu próprio mais um colega de nome Kambanji e quando chegamos aqui a única infraestrutura que nos foi cedida para realizarmos o nosso trabalho era uma cabana, que não tinha sequer uma mesa, nem cadeiras para sentar-se; tivemos que arranjar uma caixa para servir de mesa e uns tijolos para servirem de cadeiras. Com o andar do tempo resolvemos extrair adobos para construir uma estrutura de pequena dimensão e solicitamos da Administração Municipal algumas chapas de zinco para cobrí-la; mesmo assim, a mesma era tão pequena que não podia satisfazer as nossas necessidades de trabalho. Depois de alguns anos, apareceu aqui uma ONG denominada AFRICARE que

	construiu esta infraestrutura, onde estamos a trabalhar atualmente; mesmo não sendo maior, pelo menos dispõe de condições mínimas para trabalhar. Constato que, pouco a pouco está haver luz no crescimento de Ekovongo e muitos estão a dizer que esta comunidade está evoluir para a categoria de uma comuna; quando chegamos aqui, não havia escolas e nem circulavam veículos nesta estrada. Por isso, digo mesmo que Ekovongo cresceu. **(EAGEXTER-2:HA)** **Mbaka**: Constato que, pouco a pouco está haver luz no crescimento de Ekovongo e muitos estão a dizer que esta comunidade está evoluir para a categoria de uma comuna; quando chegamos aqui, não havia escolas e nem circulavam veículos nesta estrada. Por isso, digo mesmo que Ekovongo cresceu. **(EAGEXTER-2:HA)** **Sawesi:** Eles consideram a educação como um factor fundamental de desenvolvimento, apesar de que actualmente os níveis de escolaridade são ainda decepcionantes. **(EAGEXTNR-3:HA)** **Rita:** Estamos num modelo de desenvolvimento que podemos considerar de acelerado não é? A nossa tendência é tentar recuperar rapidamente os anos perdidos com a guerra e nota-se que há mesmo programas do governo que exigem um investimento muito grande em termos de infraestruturas, equipamentos, etc, e muito pouco se investe em termos de desenvolver o próprio homem; é isto que constatamos neste modelo de desenvolvimento. É isto que constatamos nos hospitais que são muito bem apetrechados com equipamentos de ponta, mas às vezes, a pessoa que está ali a manejar o equipamento tem poucos conhecimentos, não tem uma formação suficiente e o resultado é... Certas vezes, vamos nesses hospitais para fazer um teste e nunca há coisa de nada e as pessoas continuam a morrer. É mesma coisa! Nós fazemos crescer as cidades muito rapidamente, mas em termos de investimento humano, a sua formação ainda pouco se investe. **(EAGEXTNR-4:MA)** **Rita**: Na semana passada realizamos um workshop em que convidamos o Diretor do Gabinete de Estudos e Planeamento do Governo que de forma muito eloquente descreveu as ações do executivo; nós dissemos na altura que esta porta está muito aberta ao investimento estrangeiro e menos em termos de promover o pessoal local, o empresariado nacional. Ele

	justificou-se dizendo que aqui no país as capacidades são muito baixas, logo esta situação não nos encoraja a promovê-los, visto que estamos numa fase em que precisamos de crescer rapidamente, o país precisa de recuperar o tempo perdido com a guerra e então vimos a necessidade de recorrer às potências estrangeiras; nós abrimos concurso e elas concorrem com mais vantagem em relação os nacionais, então são eles que têm essa possibilidade de pilotar o crescimento que se pretende. **(EAGEXTNR-4:MA)** **Rita:** No entanto, estamos a observar que, por um lado, estão as linhas de crédito, constroem, mas esta grande massa de estrangeiros que estão a entrar no nosso país, muitos deles ligados a determinadas áreas e tiram emprego ao cidadão nacional, porque eles aparecem em vantagem, têm a formação a partir dos seus países, têm o capital financeiro, em fim. Isto nem sequer é desenvolvimento, pois se afigura como um crescimento sem sustentabilidade; mas há que reconhecer que houve um investimento muito grande em termos de extensão do ensino superior. Hoje já se realizam cursos de mestrado em algumas províncias, a construção de institutos politécnicos nas sedes de alguns municípios, então isso vai permitir as pessoas aumentarem o seu nível académico até ao ensino superior, mas depois surge outra preocupação que é o emprego. **(EAGEXTNR-4:MA)** **Rita**: Sim, estão a implementar escolas do campo no domínio da agricultura; é um processo de aprendizagem em que as pessoas têm oportunidade de discutir os problemas nessas escolas e encontrar as soluções e ter acesso aos conhecimentos técnicos modernos através dessas escolas. **(EAGEXTNR-4:MA)** **Rita:** Mas, sem sombra de dúvidas, a sustentabilidade cria-se responsabilizando a própria comunidade dentro do processo e essa relação com o meio envolvente, porque hoje as tecnologias de informação e comunicação, os telemóveis permitem contactos. Todos esses aspetos esses aspetos têm que ser tidos em consideração e nada melhor do que criar mesmo bases na própria comunidade. **(EAGEXTNR-4:MA)** **Sapwile**: Desenvolvimento é tudo isto que tratamos atrás. Para haver desenvolvimento as crianças e jovens devem estudar nas escolas e aprender a trabalhar. A criança, a pessoa só se sentirá livre se estudar, porque tanto pode encontrar emprego ou não, ele tem conhecimentos e pode dominar um ofício: pode tornar-

	se mecânico, pedreiro, marceneiro, professor, enfermeiro, etc. Se não conseguir emprego nestas profissões tem de optar pela agricultura, para cultivar couves, tomate, cebola, milho, feijão, batata, etc., porque não tem alguém que lhe pode puxar para conseguir um emprego; ele arrisca-se a ser marginal; por isso, ele deve auto-educar-se para conseguir aquilo que lhe pode sustentar a vida. **(EC-1:HAC)** **Sapwile**: Desde o passado, que se praticava a produção agrícola; logo, seriamos capazes de desenvolver a nossa comunidade. Agora, já é muito difícil por causa da ambição de alguns. A maioria não domina ofícios. Na floresta existe uma árvore que na língua vernácula chamam de *omya* e nas suas folhas habita uma larva que, habitualmente, escreve com a sua saliva branca a letra "ma" depois acrescenta a letra "ta" e por último a letra "s". É um bicho que escreve para mostrar a sua inteligência aos seres humanos para estudarem e serem eruditos no seu país, visto que, por mais que a pessoa tenha bois e outras riquezas, não consegue realizar grande coisa se não estudar. **(EC-1:HAC)** **Epalanga**: "Em relação as atividades produtivas, posso dizer mesmo que, na verdade, é bom cultivar a terra, porque a produção agrícola evita o roubo, cria o respeito e o bem-estar, visto que, aquele que produz ainda que decidir viver na mata terá o caminho que vai até a sua casa, em virtude da frequência das pessoas que por lá passam procurando por ele". Se essa pessoa for alegre e tiver bom coração – acolherá com agrado o primeiro transeunte que passar por ele; ainda que não tiver encontrado comida pronta, ordena alguém de casa a colocar a frigideira no fogo do *onjango* para torrar milho e dar ao transeunte que, provavelmente esteja esfomeado; risos... Depois de mastigar o torrado de milho e beber água, o transeunte segue o seu caminho mas, sai com boa impressão pela receção que lhe foi blindada, pois, ao chegar ao destino poderá explicar aos demais: "passei por aquele ancião que vive na mata; não encontrei comida habitual mas deu-me torrado e aliviei a fome, senão eu pereceria". Assim, pouco a pouco o caminho vai alargando-se devido a frequência dos transeuntes. Por isso, produzir cria respeito, o trabalho traz prestígio e dignifica a pessoa. Quando alguém diz que fulano é agarrado ou avarento é porque o mesmo é pobre e não tem nada a oferecer; risos… Quem tem algo não deve ser avarento! Hihii… Onde partiria tal espírito com a comida em casa mas o outro ultrapassa, mesmo esfomeado? Esta atitude seria

	compreensível? Claro que não! Logo, falando das atividades produtivas creio que, é nisto que consiste a virtude do trabalho. **(EC-2:HAC)** **Hosi**: O desenvolvimento é o que em *umbundu* denominamos por *etumbuluko*, está relacionado com o ter algo; a pessoa tenta implementar este ou aquele projeto e nada resulta mas, mesmo assim, se for persistente e tiver força de vontade, o indivíduo pode, com ajuda de Deus conseguir aquilo que pretende. As pessoas que acompanham de perto o seu trabalho começam a dizer que o vizinho está a desenvolver-se. **(EGC-4:HAC)** **Livonge**: Desenvolvimento! Risos… Você perguntou acerca do desenvolvimento; desenvolvimento é: suponhamos que não temos nada em casa, mas ao observar o vizinho e todo o trabalho que ele está a fazer aqui, ali e acolá, então paramos para refletir e perguntamo-nos se somos ou não capazes de fazer o mesmo que ele? Passamos então a Acão: hoje cultivamos algo numa pequena parcela, amanhã prosseguimos, no dia a seguir tentamos fazer outra coisa e depois idem. Passado algum período de tempo, verificamos que pouco a pouco estamos a crescer e os vizinhos também começam a murmurar: " o vizinho agora está a crescer "quer dizer *okunonomoha*! É nisto que consiste o desenvolvimento; pode ser também o seguinte: hoje tenho uma bicicleta! Se depois de um mês comprar uma motorizada e posteriormente comprar um carro, os vizinhos começam a dizer que o outro está a desenvolver-se *okutumbuluka.* Se alguém aumenta os seus conhecimentos, começa a manufaturar instrumentos de trabalho como machados, conserta carros, etc., este indivíduo está a desenvolver-se. O desenvolvimento não tem meta pré-determinada; logo, é um processo contínuo. **(EGC-4:HAC)** **Livonge:** O solo desta comunidade dá para cultivar quase tudo; atualmente, cultiva-se milho e feijão menos café e trigo. Alguns têm feito esforços de plantar árvores de frutos como laranjeiras tangerineiras, bananeiras, etc. Quase toda a gente cultiva hortícolas, principalmente alho, cebola, batata, couves, repolho e tomate; estes são os principais produtos que as pessoas cultivam para vender e que têm contribuído ao crescimento das famílias. **(EGC-4:HAC)** **Livonge**: A pessoa pode ter casa, carro, animais, etc.; pode faltar-lhe juízo e respeito e esta pessoa assim é alguém que tem

	um défice. Não há ninguém que é perfeito! **(EGC-4:HAC)** **Kayovo**: Naquela altura verificávamos um certo desenvolvimento aqui na comunidade, visto que, além de hortícolas cultivava-se também o trigo, o café e muitos outros produtos do campo. Os meus pais por exemplo, além de cultivarem o campo possuíam uma manada de bovinos. Mas ainda assim as coisas não corriam bem porque quando vendíamos os nossos produtos na cidade não lucrávamos praticamente nada; os preços dos nossos produtos eram muito baixos. Por exemplo, vinte quilos de milho eram vendidos por apenas 10$00 (dez escudos) e com esse preço ainda que o indivíduo colhesse toneladas de milho não obteria dinheiro para compensar os custos de produção; por isso, era difícil naquela altura as pessoas atingirem um nível de crescimento visível. Inclusive, as pessoas que trabalhavam nas empresas também não ganhavam grande coisa; uns ganhavam 150$00 (cento e cinquenta escudos) por mês, outros recebiam 300$00 (trezentos escudos). Quer dizer, apenas os indivíduos que trabalhavam no estado ganhavam mais ou menos. Esta casa onde estou a residir é antiga porque foi construída em 1962 pelo meu irmão que trabalhava no Instituto dos Cereais de Angola (ICA). Portanto, naquela altura não havia pessoas com muito dinheiro; Os meninos que tinham dez anos de idade não conheciam sequer o dinheiro e dizia-se que se o pequeno conhecesse dinheiro se tornaria um gatuno. As pessoas só começaram a acumular dinheiro a partir do momento em que o país ascendeu à independência em 1975.Foi a partir dessa altura que as pessoas começaram a construir boas casas, a adquirir meios de transportes próprios. **(EC-5:MAC)** **Visupe**: O desenvolvimento começa com o trabalho, pois, é através dele que obtemos os meios de subsistência; tudo parte do pensamento, da capacidade de criar novas ideias. O desenvolvimento é um processo que se prolonga até a velhice e morte do indivíduo. A pessoa que trabalha muito cria condições para ser dono de si mesmo e viver bem. **(EC-6:HAC)** **Visupe**: Isso depende! A pessoa começa com uma pequena atividade no seu campo; depois de um ano, ele diversifica a produção e consequentemente a colheita. Ao vender os seus produtos no mercado, ele compra aqueles bens que necessita; os outros que acompanham as suas atividades começam a dizer que o vizinho está a crescer, *okuyova , okunonomoha*. Se a

	pessoa intensifica o trabalho e chega ao ponto de colher grandes quantidades de produtos que ele vende ao mercado da cidade, cria possibilidades financeiras que lhe permitem adquirir as coisas como bem entender. Aí já se pode dizer que ele está a desenvolver-se, *okutumbuluka, okumbendoka*. **(EC-6:HAC)** **Pesela**: Desenvolvimento é liberdade e autonomia em que cada indivíduo se sente realizado nos seus afazeres, ou seja, a possibilidade de realizar e obter o que queremos; nesta fase, por exemplo, alguns produtores rurais fixaram residência nos seus campos sem grandes receios ou temor pela vida; o único receio é talvez de gatunos que podem aparecer para roubar os produtos. Fala-se de desenvolvimento quando o individuo trabalha com uma certa racionalidade e adquire bons resultado e não ser simplesmente um individualista ambicioso. Antes, se houvesse alguém a passar por dificuldades no seio da família, os parentes se mobilizavam para irem ajudá-lo nos trabalhos do campo para dar-lhe um impulso nos seus esforços de melhorar a produção. O individualismo e a ambição se tornaram moda nos dias de hoje; aquele que tem algo só aceita ajudar o amigo que tem como ele. Agora, o que pode ajudar a ultrapassar esta situação é ir a escola estudar, porque muitos comunários que hoje levam uma vida um pouco acima dos outros são aqueles que antes não sabiam escrever e viviam com muitas dificuldades; ao frequentarem a escola adquiriram conhecimentos que lhes permitem trabalhar mais e organizarem melhor as suas vidas. Em suma, desenvolvimento é um processo em que a pessoa começa a crescer no pensamento, na formação e no trabalho que faz; porque é partir dai que ele consegue realizar-se e obter bons resultados na vida. **(EC-7:HA)** **Pesela**: Sim! O desenvolvimento advém da relação que temos com seres e elementos da natureza tais como, a terra, as florestas, a água, os animais, etc. Certas pessoas derrubam árvores na floresta para utilizar o solo em fins agrícolas, mas depois deixa a mesma parcela desarborizada sem cultivá-la. Desta maneira, o solo empobrece e quem tentar cultivar a mesma parcela não pode esperar bons resultados. Antes quando a chuva era abundante, o solo tinha muita força porque acumulava muitos ingredientes; agora devido a fracas chuvas, as florestas não têm crescido em ritmo desejável e o solo está empobrecendo cada vez mais, o que pressupõe dizer que alguns fenómenos da natureza condicionam o processo de

	desenvolvimento. **(EC-7:HA)** **Pesela**: O bem-estar advém dos aspetos que tratamos atrás; se a pessoa empreende esforços nos vários ângulos da vida e consegue bons resultados ela se sente bem realizado. Mas, se pelo contrário empreende muitos esforços sem grandes resultados a pessoa não cresce e fica desmotivada. **(EC-7:HA)** **Pesela**: Primeiro é vida e boa saúde, porque só quem reúne estes dois requisitos pode pensar em fazer tudo o resto na vida. **(EC-7:HA)** **Pesela**: Em relação às escolas, o que temos constatado é que os próprios alunos não revisam as matérias de estudo. Os alunos de hoje deveriam conhecer melhor a importância de estudar porque acompanham através da Rádio e da Televisão o processo de desenvolvimento do país; se isso não acontece é porque estão distraídos com coisas sem importância na vida. O processo de desenvolvimento não tem metas, logo precisa de novas gerações que criam novas ideias. **(EC-7:HA)** **Pesela:** Eu penso que riqueza é produto do trabalho, desde que o mesmo seja convertido em algo que nos sirva no futuro. (N.B. Ter riqueza é ter a capacidade de gerir o que temos, inovar e renovar). Os sinais de riqueza podem ser uma boa casa, animais, campos cultivados, isto é, tudo que pode gerar dinheiro. **(EC-7:HA)** **Dona Jamba**: Desenvolvimento é progredir nas atividades de produção. Progredir na produção não é o simples facto de ampliar o campo de cultivo; progredir na produção é ser consequente. Quem trabalha bem o próprio Deus já lhe paga e ao fim do ano o indivíduo diz: "este ano, cresci porque a minha produção cresceu e ganhei isto e aquilo". Deste modo, o indivíduo sente-se estimulado e motivado para ampliar um pouco mais no ano seguinte; pouco a pouco, ano após ano o individuo constata que está a desenvolver-se. **(EGC-8:MAC)** **Dona Jambela**: Desenvolver-se consiste no seguinte: antes realizávamos um tipo de atividades – suponhamos cultivo de milho; mas agora, diversificamos a nossa atividade, isto é, cultivamos couves, tomate, cebola, batata, etc. Pode ser que aquele que é carente mantém a sua carência. Mas também pode ser que a pessoa que vivia sozinha agora tem filhos e matriculou-os na escola. As outras pessoas começam a murmurar dizendo que ele está a desenvolver-se graças aos

	filhos que frequentam a escola. **(EGC-8:MAC)** **Dona Nahenda**: Não é a escola! É o trabalho produtivo que faz desenvolver a pessoa. Repare o que passou com o meu filho José. Ele encontrou a esposa que já tinha filhos do primeiro lar e todos eles distribuíram-se em atividades diversificadas; hoje em dia, o José vai duas vezes ao mercado de *tchisindo* na cidade, carregado de mercadorias para vender. Primeiro comprou uma bicicleta e recentemente comprou uma motorizada; tudo isso com empenho dos filhos que lhe apoiam. É disto que se pode dizer que o José está a desenvolver-se. Ele trabalha um vasto campo e diversifica as culturas: semeia couves, cebola, batata, tomate, etc. **(EGC-8:MAC)** **Dona Jamba**: Sim! A pessoa que não trabalha vai desenvolver-se na base de que? **(EGC-8:MAC)** **Dona Nahenda**: Ainda que estudar, se não trabalhar vai desenvolver-se na base de que? Temos o exemplo do Mário, filho da dona Esenje; ele estudou, mas como não trabalha não tem como ganhar dinheiro e está a viver a custa da mãe. **(EGC- 8:MAC)** **Dona Jambela**: Na verdade, é o trabalho a base do desenvolvimento. Se observares que o outro está a empreender esforços na realização das atividades produtivas e os demais também imitam o que ele está fazendo, só assim se pode falar de desenvolvimento. Aqueles indivíduos que só pensam em consumir bebidas alcoólicas dificilmente se desenvolvem. Pelo contrário, observamos que eles se vão degradando e se vão desfigurando gradualmente. **(EGC-8:MAC)** **Dona Nahenda**: Bem! Peguemos por exemplo o seu caso! Você estudou e trabalha; logo, é na base disso que ganha dinheiro. Se tiver juízo, cada vez que receber salário tira a parte que vai para a poupança e o resto para satisfazer as necessidades da vida. Se os seus pais precisarem de alguma ajuda você tem como apoiá-los. Mas, se fosse alcoólatra tal não seria possível. **(EGC-8:MAC)** **Lisoso:** Para mim, desenvolvimento é crescer em todos os aspetos da vida; crescer nos estudos. Por exemplo, se um indivíduo constrói uma casa com o teto coberto de capim e depois constrói outra casa com o teto coberto de chapas de zinco, esse indivíduo cresceu em relação a sua situação habitacional anterior. Na agricultura também há crescimento; se no presente ano o individuo colher 2 sacos de milho e no

	ano seguinte colher 4 sacos, ele cresceu; nos estudos também sucede o mesmo. Conforme já mencionei atrás, no passado aqui estudava-se até a 4ª classe apenas e para continuar com os estudos era preciso emigrar para a cidade, mas agora estuda-se até ao ensino secundário; logo, neste plano também há crescimento. Crescer nos estudos é mais importante, porque, para cultivar é necessário ter conhecimentos de tudo que se pode fazer na vida é necessário ter conhecimentos. **(EC-10:HA)** **Lisoso**: Risos… Não é a mesma coisa! Crescer é transitar da situação anterior para outra relativamente melhor; subir de um degrau a outro. Pode dar-se o caso em que um indivíduo cresceu nos estudos, na aquisição de conhecimentos, assim como na aquisição de bens. Temos um irmão que antes dedicava-se ao consumo de bebidas alcoólicas, não pensava em nada, vestia-se mal e alimentava-se mal; mas a partir do momento em que aderiu à igreja adventista do sétimo dia, ele mudou consideravelmente, visto que, a referida igreja, além de questões da fé educa também os seus fiéis ao trabalho, porque para ter fé em Deus é preciso trabalhar com dedicação; de tal sorte que, começamos a verificar mudanças consideráveis na vida de nosso irmão: ele começou a vestir-se bem e em poucos anos comprou uma motorizada e um gerador de energia elétrica; quer dizer, estamos a verificar que pouco a pouco ele está crescendo. Ele deu um passo em frente, cresceu mas ainda não está desenvolvido; risos… **(EC-10:HA)** **Lisoso**: Risos… Falta muito! É difícil determinar a meta! Para uma possível distinção entre indivíduo crescido e outro desenvolvido tomemos exemplo das terminologias em língua *umbundu*: quando se diz "*uti wakõla, holi walepa"* quer dizer que a planta cresceu; mas, quando se diz "*uti wambendoka*" quer dizer que a planta absorveu vários ingredientes, desde quantidades de água aos fertilizantes melhor elaborados. A planta apresenta folhas verdes com uma boa espessura e brilho, isto é, está melhor nutrida, robusta e frondosa. Uma planta assim podemos dizer que está desenvolvida. **(EC-10:HA)** **Lisoso**: O género humano é complexo. Cada nação, cada grupo humano, cada linhagem tem o seu modo de entender o desenvolvimento; somos todos *ovimbundu*, mas os níveis de desenvolvimento não são iguais. Cada grupo tem a sua visão de desenvolvimento; pode ocorrer que um grupo de pessoas consiga alguns progressos na vida e os outros que

	acompanham esse processo começam a dizer que aquele grupo deu grandes avanços a vida; se formos a fazer comparação poderemos constatar que o segundo grupo está mais avançado em relação o primeiro, o terceiro está acima do segundo e assim sucessivamente. Entre governador e vice-governador há uma pequena diferença. Risos... **(EC-10:HA)** **Lisoso:** Cada individuo tem a sua maneira de perceber o bem-estar; se aquele que vivia numa casa que tinha o teto coberto de capim conseguir dessa vez construir outra com o teto coberto de chapas de cinco, paredes rebocadas e o chão revestido de cimento, pode estar satisfeito e expressar agradecimentos a Deus. Mesmo assim, tal satisfação é relativa e não é absoluta. É praticamente impossível falar-se de satisfação absoluta. Quando progredimos em alguns aspetos da vida surgem outras necessidades e assim em diante. **(EC-10:HA)** **Lisoso**: O indivíduo pode ter uma casa bonita, carros e outros bens materiais mas, se não tiver saúde enfrenta sérios problemas; por vezes, se vê obrigado a vender esses bens para custear o seu tratamento. No entanto, se o indivíduo tiver saúde, casa bonita, etc, pode falar de bem-estar. Se o governo reparar as estradas que ligam a cidade com esta comunidade e decidir instalar aqui a energia elétrica, isso também pode contribuir ao bem-estar. O sentimento de bem-estar não é homogêneo em todas as pessoas; cada indivíduo sente-o à sua maneira. **(EC-10:HA)** **Sapwile:** Para superar esta situação e promover o desenvolvimento é preciso apostar na agricultura, assim como noutros ofícios; nós não temos grémios para armazenar cereais como se fazia no tempo colonial. **(EC-1:HAC)** **Pesela**: O bem-estar advém dos aspetos que tratamos atrás; se a pessoa empreende esforços nos vários ângulos da vida e consegue bons resultados ela se sente bem realizado. Mas, se pelo contrário empreende muitos esforços sem grandes resultados a pessoa não cresce e fica desmotivada. **(EC-7:HA)** **Pesela**: A vida da cidade é aparentemente boa, mas, para mim não é bem assim, porque o bem da cidade depende da riqueza que advém do campo; além disso, os que lá estão vivem apertados e nas suas deslocações se locomovem em multidões, logo, não caberíamos todos na cidade. Pessoalmente, quando desloco-me a cidade do kuito visitar os parentes que lá vivem,

	o meu desejo é chegar a meio da tarde, passar a noite e regressar no dia seguinte, logo pela manhã; só mesmo em casos de festas de casamento e óbito permaneço lá o dia inteiro. Fora disso, não vejo motivos para permanecer mais tempo naquele ambiente agitado da cidade. O bem-estar da comunidade rural depende de nós próprios, senão repare: há pessoas daqui que pegam no seu cabrito ou na sua galinha viva para ir vender no mercado da cidade, e com esse dinheiro comprar um franco que foi morto há bastante tempo para cozinhar, que às vezes, pode causar-lhe uma diarreia; isto é uma contradição, pois o melhor seria matar a sua galinha viva e cozinhar. Tudo isso é pobreza que obriga as pessoas agirem assim; antes da guerra quando meu pai tinha uma manada de bovinos, um número considerável de porcos, galinhas e cabritos, não passávamos uma semana em que não abatêssemos um para comer. Isto para dizer que, cabe a nós próprios criar o bem-estar. Em suma, o bem-estar não é adquirir riquezas e consumir sozinho, mas sim, dividir e consumir em companhia dos outros; estar e agir bem com os outros, ser benevolente e cuidar bem dos outros, pois, mesmo quando o indivíduo morrer será recordado e o seu espírito viverá em paz. **(EC-7:HA)** **Pole:** O desenvolvimento tem duas facetas: o desenvolvimento como racionalidade, isto é, olhar para aquilo que os outros estão fazendo e na base disso refletir: se o outro conseguiu realizar aquela acão, eu também posso realizar outra ação; ou então, se outro está estudar eu também devo fazer o mesmo para amanhã ou depois atingir um nível aceitável. Os outros estão a cultivar eu também devo fazer o mesmo para crescer; se não cultivar vou criar inveja ou mesmo se tornar gatuno que rouba aquilo que os outros conseguiram à custa de muito esforço; a outra faceta do desenvolvimento é o trabalho; quem trabalha liberta-se e de contrário não pode desenvolver-se e viver bem. **(EC-12:HJ)** **Pole**: O indivíduo não se dá conta de que vive bem; são os outros que acompanham de perto a sua vida que dizem: “ele vive bem! Ele vive bem! Não é violento e nunca insultou ninguém”! Para estar bem é preciso ter bom comportamento. Por exemplo, na escola há alunos que entendem bem da matéria mas são mal comportados e falham na linguagem ao se relacionar com os outros; Estar bem é alimentar-se bem. É bom ser rico, mas se for muito ambicioso acaba por escorregar para a feitiçaria; com o trabalho pode-se construir uma boa

	casa, comprar uma bicicleta e uma motorizada. É do esforço próprio que advém o bem-estar de uma pessoa. **(EC-12:HJ)** **Kawisi**: Ainda não estamos desenvolvidos! Não é de um dia para outro que se consegue atingir o desenvolvimento! É um processo lento e contínuo! Estamos a trabalhar para isso; cada dia que passa, estamos a crescer pouco a pouco, com as orientações que nos têm sido dadas pelos pais. Os mais velhos, às vezes perguntam-nos: "vocês já viram alguma vez um bebé nascer hoje, falar, crescer, e se tornar adulto no dia seguinte"? Risos... Se assim acontecesse seria um milagre. Risos... Desenvolvimento é crescimento e vice-versa! O desenvolvimento pode ser pessoal, isto é, o indivíduo a crescer com a sua família de casa. Mas, esse desenvolvimento pessoal não abrange a comunidade no seu todo; Para ser realmente um desenvolvimento é preciso que todas as famílias residentes nesta comunidade trabalhem para crescer. Se eu passar o meu tempo a dormir, sem fazer nada; será que o estado virá dar-me algum apoio? De certeza que o estado não dá apoios à pessoas que nada fazem, visto que, se dormem é porque possuem de tudo que necessitam. A Bíblia diz que Deus abençoa aquele que já tem iniciativas pessoais; ainda que seja nosso próprio filho, se passa o seu tempo a dormir à espera que cresça, nós como pais temos de perguntar-lhe: "mas afinal quando é que pensa sair desta cama? Será que a cama fabrica dinheiro"? **(EGC-13:HJ)** Kawisi: Os aportes externos podem ser úteis e necessários; porém, mais do que isso, somos nós próprios que temos que trabalhar para o nosso próprio desenvolvimento. Pode dar-se o caso de que as técnicas que se utilizam nas comunidades vizinhas de Sakasenye e Tchavaya sejam bem diferentes das que utilizamos aqui; se forem boas podemos aplicá-las. Também pode dar-se o caso de que as técnicas que se utilizam noutros países sejam boas e aplicáveis aqui na nossa realidade; podemos importar essas técnicas para serem ensaiadas nos trabalhos que realizamos aqui na nossa comunidade. Isso tudo é possível. O processo de imitação e aprendizagem consiste no seguinte: eu e o meu companheiro contratamos o mesmo tratorista para arrotear as nossas parcelas de terra, que possuem uma superfície de cinco hectares cada e pagamos o mesmo valor da prestação; o tratorista executa o trabalho da mesma maneira nos dois terrenos e cada um de nós semeia milho na sua parcela. No momento da colheita, o meu companheiro consegue 100 sacos e eu apenas 70 sacos. Neste caso, vou

	consultar o meu companheiro para saber, que tipo de técnica utilizou no cultivo e que permitiu colher mais sacos de milho do que eu? Por sua vez, o meu companheiro explica-me todos os procedimentos técnicos, o tipo de fertilizantes que aplicou, desde a sementeira até à sacha e me orienta a experimentar tudo quanto ele fez; se eu cumprir com as suas orientações e obter uma colheita satisfatória, então ficamos equiparados quanto ao domínio das técnicas e seguimos juntos o rumo do crescimento, fortalecendo cada vez mais a nossa amizade. E se o mesmo exemplo for seguido por outras pessoas; qual será o resultado? Não será um crescimento abrangente? Não seguiremos todos o mesmo rumo de desenvolvimento? **(EGC-13:HJ)** **Sekeseke:** Nós estamos em desenvolvimento. O homem africano está em desenvolvimento. Risos... É! **(EGC-13:HJ)** **Visese:** Para nós os jovens há desenvolvimento! Quando a guerra nos havia dispersado, eu próprio percorri muitas localidades do nosso país, durante o cumprimento do serviço militar obrigatório; depois disso regressei à nossa comunidade de origem e poucos anos depois a guerra terminou e assinou-se a paz. Começamos a crescer pouco a pouco. **(EC-14:HJ)** **Visese**: Quando decidi enveredar pelo comércio, comecei a vender os produtos numa casota de pau-a-pique coberta por apenas 5 chapas de zinco. Um dia, desloquei-me ao bairro de Katemo na cidade do Kuito, em companhia de um irmão chamado Bernardo Mukongo, com o propósito de participar ao óbito que ocorreu numa família amiga; depois de permanecermos algumas horas no aludido óbito, resolvemos ir à uma lanchonete comprar algo para saciar a fome. Ali, observei atentamente o tamanho e a forma das paredes daquele pequeno estabelecimento, bem como o modo de exposição dos produtos no seu interior; fiquei curioso e perguntei ao proprietário: "com que materiais foi construído este pequeno estabelecimento? Com adobos? Ou com blocos de cimento"? O proprietário respondeu-me: "foi construído com adobos"! Parabenizei-lho dizendo que o pequeno estabelecimento estava muito bem construído. Depois de comermos, nos retiramos e eu decidi assumir um compromisso comigo mesmo, dizendo: "logo que entrarmos no período do cacimbo terei que construir um pequeno estabelecimento semelhante àquele"! Como achei bonito o feitio daquele pequeno estabelecimento tive mesmo que realizar o compromisso que assumi, e assim aconteceu;

	imitei tudo que observei naquela pequena lanchonete. A isto poderíamos chamar de crescimento. Alguns meses depois, eu e alguns confrades deslocamo-nos à cidade de Luanda, mais precisamente no bairro do Zango II, onde fôramos convidados por um amigo, para executarmos um trabalho de reboque das paredes da sua lanchonete. Depois de concluirmos o trabalho desloquei-me ao bairro da Estalagem, onde reside a minha irmã de nome Julieta; ali sentei e comecei a observar uma lanchonete bonita situada bem próximo da residência da minha irmã. Falei para mim próprio: "será que não sou capaz de construir uma lanchonete de blocos como esta? Não tenho dinheiro para tal, mas poderia fazê-lo pouco a pouco". De regresso ao Ekovongo comecei a extrair blocos para a construção de uma lanchonete semelhante àquela que observei na estalagem em Luanda; isto assim, mesmo sendo uma imitação não é mera ambição, mas sim, um ato de progresso que denominamos *Enonomoho*. É isto que estou fazendo atualmente com esta obra, que bem podes observar. Quando for concluída será então uma cantina comercial. Para conhecer coisas inovadoras da atualidade é preciso andar muito, viajando pelas diversas partes do país e não ficar confinado num mesmo lugar. **(EC-14:HJ)** **Visese**: o desenvolvimento varia de pessoa a pessoa, de linhagem a linhagem e de nação a nação; ainda que um indivíduo queira alcançar o nível de desenvolvimento alcançado por uma outra pessoa, tal pode não acontecer por não pertencer à mesma linhagem. Diz-se na gíria que há linhagens abençoadas e outras amaldiçoadas! As pessoas pertencentes a linhagens amaldiçoadas, por muito que consagrem esforços, ainda assim, pouco ou nada conseguem realizar; algumas pessoas têm a sorte de obter dinheiro, mas não sabem o que fazer com esse dinheiro. Não é o simples feito de ter comprado um automóvel que podemos dizer que estamos desenvolvidos; é preciso fazer uma análise retrospetiva do trabalho que realizamos e que nos permitiu comprar o automóvel, para na base disso projetarmos outras iniciativas e não deitar-se relaxado no interior do mesmo automóvel, dizendo que agora consegui atingir o nível de desenvolvimento que antes almejava. Esse pensamento pode levar a um retrocesso; poderia dizer o mesmo com relação aos bens materiais que se compram para equipar as residências; por exemplo, quando um indivíduo compra um jogo de panelas deve ter em mente que, com o passar do tempo, as mesmas

	irão sofrer desgaste até se tornarem obsoletas. É preciso pensar nisso e projetar novas aquisições, de tal modo que, ainda que deixar o mundo dos vivos, os bens sejam herdados pelos filhos e netos para lhes servir de fonte de inspiração para no futuro poderem desenvolver outros empreendimentos nas suas vidas. **(EC-14:HJ)** **Visese**: É conforme afirmei atrás! Se não andar, nem conhecer a realidade que se vive noutras localidades, também não terá fonte de inspiração nem matéria de comparação entre coisas boas e coisas maléficas. Podemos aproveitar aquelas coisas boas da sociedade urbana, tais como estradas e casas bem construídas, mas é preciso não perder de vista que somos nós das comunidades rurais, que, com o nosso trabalho providenciamos à cidade tanta coisa que faz dela uma beleza, um espaço elegante para se viver. Tem acontecido, às vezes, que quando alguns moradores da cidade se deslocam para visitar a nossa comunidade e se deparam com alguns campos recheados de couves e de outras hortícolas, ficam impressionados com o nosso trabalho e solicitam-nos que lhes seja cedido parcelas de terra, para que, tal como nós, também eles possam desenvolver atividades agrícolas. Portanto, o desenvolvimento resulta da conciliação de todas essas dimensões; resulta, por um lado, do nosso próprio conhecimento e daquilo que pensamos realizar na base disso. Por outro, daquilo que observamos e aprendemos quando nos deslocamos para outras localidades e nos metemos em contacto com outras pessoas e outras realidades diferentes da nossa. **(EC-14:HJ)** **Visese**: Para haver desenvolvimento, primeiro temos de conhecer o passado e a tradição, visto que, a Bíblia recomenda que: "aquele que desrespeitar seu pai e sua mãe pode morrer"! Se pensarmos que a tradição deve ser abandonada enganamo-nos a nós mesmos. Se tivéssemos que seguir unicamente tudo aquilo que é novo, então, sempre que nascesse um novo bebé não se lhe cortaria o umbigo da mesma maneira que se cortava no passado; logo, para cada recém-nascido teríamos que proceder de modo totalmente novo ao cortar o seu umbigo. Devemos seguir a tradição e ao mesmo tempo abraçar as coisas boas da modernidade. Desenvolvimento não é só adquirir dinheiro e acumular riqueza; é também ter a capacidade de conciliar o passado com a contemporaneidade. Os que estudam nas escolas estão a iluminar os caminhos rumo ao desenvolvimento, mas este não pode ocorrer por si, sem que

	haja atividades produtivas, visto que, para ir à escola o indivíduo precisa de comer e de outras coisas; todas estas dimensões têm de ser consideradas para haver desenvolvimento. **(EC-14:HJ)** **Visese**: O bem-estar não é somente viver numa boa residência; o bem-estar depende do sossego, do coração tranquilo e do equilíbrio emocional, mental e espiritual. Se um indivíduo tiver muitas preocupações arrisca-se a ser arrastado e afogado pela correnteza da água e se estiver despreocupado ou indiferente desemboca numa letargia ou estagnação; é preciso buscar um equilíbrio! É como alguém a dar corrida a um pintinho para agarrá-lo; se o indivíduo correr pouco não consegue agarrá-lo e se correr muito arrisca-se a pisá-lo. Ele tem de correr com cautela, sobretudo equilibrado! Ainda que um indivíduo tiver muito dinheiro, precisa de pensar primeiro antes de agir; se tiver sua esposa tem de perguntar-lhe: "que fazemos com este dinheiro"? Ela pode sugerir alguma prudência. **(EC-14:HJ)** **Mwenyo**: Parto de princípio da área comercial; quando cheguei cá havia pequenos mercados que não vendiam grande coisa. Eu próprio fui o primeiro a instalar uma cantina que apresenta algumas condições de um estabelecimento comercial desta categoria. Mais tarde apareceram umas barracas, etc. Isto tudo representa o desenvolvimento. É... **(EC-15:HAC)** **Mwenyo:** Eu penso que, quem dá um passo em frente está a desenvolver-se porque está a crescer! O bebé para dar os primeiros passos começa por engatinhar e os pais começam a ficar satisfeitos dizendo que o menino já está a engatinhar; mais tarde, ele tenta levantar-se para pôr-se de pé e cai. Porém, se realizar esses atos com frequência o bebé já não cai mais; nessa altura, a nossa ideia já é outra e a nossa alegria também é outra! Não é? Afinal de contas a criança está a desenvolver-se. Eu penso que a população está indo para frente, está a desenvolver-se! Infelizmente, é um processo muito lento porque a população não tem apoios; se houvesse apoios o ritmo seria bem diferente. **(EC-15:HAC)** **Mwenyo**: Sim é mesmo para procurar aproximar um pouco à vida urbana, porque se formos a ver, as raparigas da cidade eram as únicas que frisavam o cabelo, aplicavam postiço, enfim... Mas hoje em dia, aqui também quase todas as raparigas compram o postiço para embelezar a cabeça. **(EC-**

	15:HAC) **Mwenyo**: Sim, efetivamente se considerarmos aquilo que imitamos dos outros! Se formos a colar muito em certos preceitos tradicionais não pode haver desenvolvimento. Mas gostaria voltar ainda à situação das pessoas do sexo feminino; já são poucas as que fazem o uso das transas e dos brincos, ou seja, pouco a pouco estão abandonando o tradicional para aderir aos padrões modernos. Mas, penso que aquilo que é tradicional e carrega consigo valores culturais não devemos esquecer disso. Risos**... (EC-15:HAC)** **Mwenyo**: Eu não entendo que… Sim! Podemos considerar tudo isto, mas o desenvolvimento não se baseia apenas nisso; dantes, eram poucas as pessoas que se interessavam em cultivar-se nos estudos, mas hoje em dia, a maior parte dos comunários começa a reconhecer, que afinal de contas, para ser alguém é preciso estudar. Estudar também é desenvolvimento porque o indivíduo com estudos vê as coisas de uma outra maneira. **(EC-15:HAC)** **…///…** **Dona Ngueve**: No passado, os adultos também consumiam bebidas alcoólicas mas não como atualmente. De tanto beberem, alguns adultos também não realizam atividades para desenvolver as suas vidas e quando veem os outros que trabalham muito para ter algo começam a criar inveja e ódio; no passado as pessoas bebiam, mas não de modo exagerado como hoje, inclusive há pessoas que não fazem mesmo nada e passam todo o seu tempo a consumir bebidas alcoólicas e querem comer bem como os outros. Portanto, em alguns aspetos da vida estamos a desenvolver mas em outros aspetos estamos estagnados. **(GDA-2:MA)** **Dona Ngueve**: Há pessoas que dizem: "eu não invisto na terra para esperar tanto tempo pelos resultados. Invisto naquilo que me dá resultados em pouco tempo"; uma pessoa que pensa assim corre o risco de estagnar-se, visto que, quando se cultiva a mandioqueira por exemplo, ela pode levar um ou dois anos para dar tubérculos. Esta pessoa que não aceita investir na terra, quando vê os outros a colherem grandes quantidades daquilo que investiram há muitos anos trás começa a dizer: "estes não estão a desenvolverem-se por si só, senão por força de algo oculto". Risos... Um indivíduo assim já não pensa que ele também tem a cabeça, as pernas, os braços, coração e olhos

	para ver, pois, está somente a prestar atenção nos outros, que para ele, trabalham com forças ocultas. Uma pessoa que pensa assim encontra-se numa estagnação. Risos... **(GDA-2:MA)** **Dona Ngueve**: Agora que muitos possuem meios de transportes já se faz balanço de muitas mortes, porque alguns têm conhecimentos de como conduzir esses veículos em ruas por onde circulam também peões; mas a maioria não possui tais conhecimentos e provocam muitas mortes nas estradas. O simples facto de termos adquirido bens materiais não quer dizer que já estamos desenvolvidos. **(GDA-2MA)** **Tiuka**: Quando queimamos as florestas estamos a destruir as árvores e outros vegetais e isto empobrece o próprio solo e ainda que semearmos nele não podemos esperar alguma colheita; além disso, estaremos a obstruir o ar puro que advém desses vegetais. A pobreza criada durante o período de guerra obriga algumas pessoas a cavarem areia e pedras junto dos rios para venderem e assegurarem a subsistência, mas essa atividade não deve ser vista como desenvolvimento. **(GDA-2:HA)** **Tiuka**: Quando realizam as feiras agropecuárias a situação é praticamente a mesma de falta de condições de conservação dos produtos perecíveis. **(GDA-2:HA)** **Kalunga:** Em segundo lugar, gostaria de falar sobre o desenvolvimento da nossa comunidade; a nossa comunidade carece de uma liderança competente que possa dirigi-la rumo ao desenvolvimento. São muitas as localidades do país que viveram a mesma situação de guerra, mas como têm boa liderança já restabeleceram-se; nós continuamos a atravessar muitas dificuldades nas nossas vidas. Os jovens querem avançar para frente, praticar o desporto e contribuir ao crescimento da comunidade, mas os invejosos procuram estagnar os jovens; ainda que os jovens queiram avançar há sempre alguém a querer frustrar o sonho dos jovens. Digo isto porque temos aqui jovens talentosos que poderiam integrar os clubes nacionais de futebol ou jogar nos clubes de outros países, mas há sempre pessoas a criar-lhes dificuldades de vária ordem. Se o governo pudesse apoiar-nos daqui sairiam grandes estrelas de futebol; este é o nosso clamor ao governo local. **(GDJ-1:HJ)** **Kalunga**: É conforme me referi atrás! A nossa comunidade está atravessando uma situação de letargia, porque aquele que

	tenta sobressair-se é abafado pelos invejosos; mas desta vez, os invejosos já não irão conseguir abafar os jovens na vertente do desporto. **(GDJ-1:HJ)** **Kalunga**: Este é um problema remoto! É contra isto que temos vindo a batalhar para garantir um futuro melhor aos nossos filhos. Numa sociedade onde predomina a inveja não pode haver desenvolvimento. **(GDJ-1:HJ)** **Kalunga:** É difícil identificar e precisar se são jovens, adultos ou anciãos, visto que, não abafam de forma aberta; eles recorrem à botânica. Em minha opinião, aquelas práticas tradicionais que dificultam o desenvolvimento deveriam ficar para trás; deveríamos conservar apenas aquelas tradições que ajudam ao desenvolvimento. **(GDJ-1:HJ)** **Nelunga:** Nós juventude feminina já tivéramos iniciado com os treinos de basquetebol sob os auspícios da professora Isabel em 2008. Quando ela trouxe o uniforme para as praticantes da modalidade os beneficiários foram os adultos e nós ficamos preteridas; o caricato é que eles e elas que beneficiaram da oferta nunca treinaram e usam o uniforme de maneira inapropriada. Nós tivemos que comprar o uniforme com o nosso próprio dinheiro; já sentíamos algum crescimento porque corríamos e treinávamos. A partir do momento em que a professora deixou de trabalhar aqui nesta comunidade sentimos o endurecimento dos nossos músculos. **(GDJ-1:MJ)** **Kalunga**: Há pessoas que têm a possibilidade de realizarem eles mesmos o seu próprio desenvolvimento, mas há outras pessoas como eu próprio que têm o desejo, as ideias e energia para se desenvolverem e no entanto não têm capital inicial. **(GDJ-1:HJ)** **Mbaka**: No plano da agricultura, os comunários carecem de adubos para melhorarem a produção. **(EAGEXTER-2:HA)** **Mbaka**: Este posto foi criado em Maio de 2003 e tem praticamente 9 anos de funcionamento; as enfermidades mais frequentes têm sido a malária, diarreias agudas, parasitose e a pneumonia**. (EAGEXTER-2:HA)** **Siliveli**: Muito esquecido não está, visto que tem merecido atenção das entidades político-administrativas, mas, reitero aquilo que afirmei atrás; "os próprios comunários não têm sabido corresponder com as boas intenções das entidades governamentais. Se Ekovongo fosse uma comunidade

	esquecida não teria uma esquadra policial, posto de saúde, escolas e residência para funcionários públicos; o problema maior a meu ver é a parte da administração, pois, trata-se de um Centro Administrativo que não tem categoria de uma comuna. As outras situações que fazem com que o quadro seja este não sei, mas ainda assim, sabemos que houve aqui um administrador que era, ao mesmo tempo, coordenador escolar e 1º secretário do partido; Mas, muito antes, já houve um senhor, e depois outro de nome Domingos Ngendevando, que foi posteriormente substituído pelo senhor Domingos Tchingalule e mais tarde veio, o senhor Domingos Tchivangulula, que atualmente passou à reforma. Neste momento estão a estudar quem poderá ser o futuro Administrador do Centro e está-se à espera do resultado; por isso, não podemos dizer que Ekovongo está à margem das atenções de entidades político-administrativas municipais. **(EAGEXTER-3:HA)** **Siliveli:** O tempo em que venho trabalhando no Ekovongo é longo, desde 2003; dizer que não se faz nada seria injusto, mas posso dizer que faz-se muito pouco para esta comunidade desenvolver-se. No plano da agricultura, a produção é muito individualizada e precária; os produtos que colhem não são suficientes para haver desenvolvimento e até a presente data não existe na comunidade um agricultor de referência. Em tempos atrás, criou-se uma associação – uma iniciativa que procurava promover a afirmação dos produtores de Ekovongo; começaram bem, mas, ao cabo de um ano as coisas não funcionaram como seria de esperar. **(EAGEXTER-3:HA)** **Siliveli:** Estão a desenvolver-se individualmente; como se não bastasse, cada um na medida do possível aumenta um pouco do seu campo de cultivo e se ontem produziam o que chegava só para o consumo familiar, hoje já produzem um pouco mais para vender o excedente. Porém, mesmo quando se diz que estão progredindo, ampliando os campos de cultivo é sempre individualmente e dentro de uma lógica de subsistência e não produzir em grande escala para comercializar. Portanto, sem medo de errar diria que quase nada se faz para o desenvolvimento da comunidade de Ekovongo, porque não tenho estado a receber informações, mas sim, vivencio esta realidade; os comunários têm problemas sérios, porque vão esperar que alguém venha nesta comunidade para fazer alguma coisa e entrar em confronto com ele dizendo: "este é meu terreno; daqui até ali é para o meu filho. Como é que este indivíduo quer entrar no nosso espaço"? Como se pode

	compreender nos dias de hoje, que numa comunidade que dista 27 quilómetros da cidade, não se possa levar ali o pão para ser vendido, porque o indivíduo é logo visto como alguém que está querer invadir o mercado e tirar-lhes a oportunidade? **(EAGEXTER-3:HA)** **Siliveli**: O problema é que, o pão caseiro de fabrico local perde valor em presença do pão da cidade; "como é que eu vendo aqui o pão caseiro, há muito tempo, e que está a sustentar os homens que passam na estrada a empurrar bicicletas transportando sacos de carvão vegetal, compram-no, comem-no e sentem-se bem, mas alguém traz ainda o pão da cidade"? O problema aqui é a presença do produto de qualidade que tem maior possibilidade de concorrência no mercado local ([1]). Isto atrasa a comunidade; suponhamos: uma criança comendo aquele pão de fabrico caseiro com abacate. Essa criança não assimila a matéria na escola, porque aquele pão é muito pesado e na sua confeção não se observa a doze de fermento necessária para este tipo de produto; logo, a criança fica constantemente doente, visto que, além dos problemas que já encontra na escola, isto é, ou senta-se mal, ou não tem carteira porque são poucas, e mais aquele pão pesado na barriga, que não pode ser dissolvido pelos líquidos estomacais, enfim, fica lá todo compacto, sabendo-se que a criança não mastiga devidamente os alimentos que consome. Isto é um problema. **(EAGEXTER-3:HA)** **Siliveli:**Em outras áreas não tanto! Não se registou progressos visíveis nos últimos dez anos; mas gostaria de falar um pouco do posto de saúde por estar muito próximo do meu local de trabalho; ali temos constatado uma série de irregularidades. Senão vejamos: as entidades responsáveis pela saúde pública distribuíram uma norma que estabelece que todos os partos devem ser acompanhados por especialistas da saúde enquadrados nos postos e centros de saúde; por isso, o posto de saúde local foi reforçado com mais uma parteira, para além daquelas que ali já trabalham. Mas, ainda assim, verificou-se um caso triste de uma senhora residente nesta comunidade que veio ao posto para dar luz ao seu bebé, e não se sabe lá muito bem se foi mal atendida ou abandonada; o certo é que ela teve o seu bebé vivo mas horas depois o mesmo acabou por falecer devido a falta de assistência. Caso semelhante tivera acontecido com uma senhora que vinha de uma comunidade vizinha. Não sabemos qual foi a medida tomada em relação estes dois acontecimentos, ou se os casos foram ocultados;

	como é outra área, apenas tomamos conhecimento, mas pensamos que tal não pode acontecer por mais vezes, pois, são atitudes que devem ser condenadas e combatidas por todos nós. **(EAGEXTER-3:HA)** **Siliveli**: Quanto a autogestão, a comunidade de Ekovongo ainda está a um nível muito baixo; começando pela área da saúde, de entre os enfermeiros que prestam serviço no posto local, apenas um ou outro que é natural e residente desta comunidade. Os demais são oriundos de outras partes da Província; na área da educação, se tivermos que considerar o total de docentes que prestam serviço nas duas escolas, apenas 30% são locais e os 70% são oriundos de outras partes da Província. Em outras áreas a situação é semelhante; a comunidade não dispõe de mecânicos, técnicos agrícolas, eletricistas, pedreiros e carpinteiros profissionais, enfim... Se a comunidade pretender desenvolver projetos em que precisem dos técnicos que acabei de mencionar, os mesmos teriam que vir de outras localidades. Só daqui a 4 ou 5 anos que esta comunidade poderá contar com técnicos locais de entre aqueles que se encontram a estudar em vários institutos na cidade do Kuito e noutras localidades. **(EAGEXTER-3:HA)** **Siliveli**: Bem! Ainda há comunários que pensam assim, porque há pais que dizem: "se eu retirar o meu filho da escola o docente deixa de ganhar". Mesmo com a implantação de algumas infraestruturas como o Posto de Saúde, as escolas e o chafariz, ainda assim, alguns comunários não mudaram de mentalidade no trato com os trabalhadores externos. (OBS: esta atitude dos comunários advém do fato de os mesmos não considerarem as infraestruturas como suas; os comunários não têm a consciência de que as infraestruturas implantadas na comunidade pertencem a eles, pois, para eles, as mesmas pertencem ao governo.). **(EAGEXTER-3:HA)** **Sapi**: Há comunidades onde temos conseguido bons resultados, porque muitas pessoas têm participado das nossas atividades, mas há outras comunidades onde constatamos uma certa fraqueza; há casos em que a comunidade tem uma população estimada em 500 habitantes, mas, apenas 100 ou 200 comunários participam das nossas atividades. Mas isso depende do período do ano em que nos encontremos; se for na época das chuvas a maioria dos comunários priorizam os seus trabalhos de cultivo dos campos, e se for na época seca, então a maioria participa das nossas atividades. Por exemplo, nas

	comunidades vizinhas de Longulu, Kambweyo-Eyala, Kambweyo-Elunda e noutras aldeias temos sido bem recebidos, inclusive os sobas nos têm acolhido bem. No entanto, tivemos pequenas dificuldades na comunidade de Tchavaya, visto que, quando lá chegamos realizamos bem o nosso trabalho, mas quando passamos para a fase da monitorização obtivemos resultados pouco satisfatórios, devido a falta de dinamismo do próprio soba. **(EAGEXTER-3:HA)** **Soloti**: acredito que esses assuntos todos não foram resolvidos em 10 anos e podemos verificar os aspetos económicos em que a nossa população vive da agricultura rudimentar que os técnicos denominam de agricultura familiar. É uma agricultura de subsistência e está sujeita às intempéries da natureza; os agricultores às vezes, não conseguem fertilizantes, e mesmo quando conseguem não têm ainda uma educação de como explorar os solos e utilizar os fertilizantes naturais. Portanto, isso tudo influencia e por arrasto vai chegar até à criança; por exemplo, há dois anos atrás, creio que foi 2010/2011 houve uma estiagem que teve reflexo negativo nas colheitas das famílias e verificou-se que muitas dessas famílias, por não terem recursos tiveram dificuldades de dar uma alimentação condigna às crianças; surgiram algumas crianças com problemas de má nutrição e este é um dos fatores. **(EAGEXTNR-1_HA)** **Soloti:** Dos estudos que estão sendo feitos fala-se de um tsunami precoce e um dos maiores problemas que podem verificar-se sobre a sociologia da população tem a ver com aquele mito de que, quando a mãe está novamente grávida automaticamente tem de desmamar a criança que estiver ao colo; isto não é verdade e nós temos estado a trabalhar com o sector da saúde no sentido de mobilizar as comunidades e exortar as mamãs de que elas devem continuar a amamentar mesmo quando se encontrem grávidas. Mas, não é isto que acontece na prática, visto que, as mamãs desmamam precocemente a criança e não têm um adicional alimentar para reforçar; logo, acontece que a criança desmamada cai em problemas de má nutrição. Há muitos casos desta natureza e estamos a trabalhar com as comunidades no sentido de combate à má nutrição, que para além da sensibilização, faz-se a triagem de identificação das crianças que apresentam má nutrição e lhes é distribuída uma pequena pasta de amendoim denominada plamude para ajudar a recuperação das mesmas.

	Portanto, este é um dos fatores que verificamos nas comunidades que têm a ver com as condições em que eles desenvolvem a agricultura familiar que origina a pobreza e por arrasto cria problemas de má nutrição. **(EAGEXTNR-1:HA)** **Soloti:** em algumas comunidades, a estiagem veio acentuar cada vez mais a própria pobreza. Não temos dados oficiais, mas parece-me que a própria Província também está por zonas; há zonas em que choveu mais e há outras que tiveram um equilíbrio. Parece-me que, eh... O maior problema, pelo menos do que nós podemos verificar, é que não se trata de falta de alimentos, que, às vezes, quando se fala de má nutrição confunde-se com a falta destes; não há falta de alimentos. Se formos a uma comunidade rural vamos encontrar todos os alimentos, mas, há dois problemas: como houve seca, alguns produtos aumentaram de preço no circuito comercial; **(EAGEXTNR-1:HA)** **Soloti:** Os problemas sociais são vários, mas podemos encontrar esta relação, que quando a situação económica é débil vulnerabiliza os aspetos sociais; e essa vulnerabilidade, no nosso caso, faz com que o pai não consiga enviar o seu filho ou sua filha à escola, porque não consegue ter um rendimento para comprar um caderno e dar à criança. Aliás, há mães que entrevistamos, às vezes são recorrentes, vão três a quatro vezes ao hospital e pergunta-se porquê? Claro! Ela tem alta hoje, volta para a casa, mas amanhã tem que sair às 5h00 da manhã para ir naquilo que os daqui da zona periurbana e da zona rural chamam de caular, risos... Vão caular para ir na zunga [1]; vão ali obter produtos a um preço que acham baixo e vantajoso para os revender. Então, saem cedo e, se por acaso, irmos à rua perguntar a uma delas, para saber de onde vem, dirá que estou a vir do Kunje [2] e lá deixa crianças ao cuidado de outras crianças. Se deixa alimentos, as crianças mais fortes acabam comendo-as e as mais fracas, às vezes, ficam sem nada para comer. A mãe só regressa à casa ao fim do dia e a criança... Então, é necessário fazermos este balanço no aspeto social. **(EAGEXTNR-1:HA)** **Soloti**: Da análise que faço, da convivência que tenho junto da comunidade, acho que existe um ciclo vicioso que não será tão cedo quebrado; o que os comunários fazem? Derrubam uma árvore e não plantam nenhuma, mas têm que derrubar porque precisam do combustível que é a lenha ou carvão vegetal para vender; com isso, os comunários resolvem um problema, mas

	em contrapartida não existe ainda uma cultura de regeneração ou renovação desta flora existente na região. Este é um dos aspetos da má utilização do meio ambiente. Nos últimos dias, tem passado uma publicidade na Televisão que diz: "se usarmos uma botija de gás poupamos muitas árvores"; este é um exemplo para termos uma ideia de quantas árvores são derrubadas para fins de combustível na zona rural e urbana. Por um lado, não existe a cultura de renovar a flora; por outro, não têm recursos e se calhar também a fraca oferta do combustível. E, também a utilização dos solos; acho que os agrónomos poderão explicar melhor como é que as comunidades utilizam os solos, a cultura de tratamento da água, pois, nós instruímos que a população deve ferver a água para beber e para isso precisa de lenha e carvão vegetal porque o gás não chega até lá. Mesmo aqui na cidade, quando o gás chega custa 1000 kz, valor que não é pouco ao bolso do cidadão comum. **(EAGEXTNR-1:HA)** **Soloti**: Acho que este tema ainda é um desafio atual! Vivemos... Reportemo-nos ao fim da guerra que terminou recentemente e existem muitas leis que advogam o desenvolvimento das comunidades; penso que é dos aspetos teóricos que tem a ver com o exercício da Administração Local. Eu tenho conhecimento, por exemplo, de muitos treinamentos que são realizados junto das comunidades, há várias experiências em que se elaboram programas e projetos ao nível das comunidades; mas, pela experiência, pelo conhecimento que tenho da realidade e da análise que se faz, verificamos que, infelizmente, a nossa planificação ainda é centralizada; (OBS: contradição entre o modelo de economia neoliberal de livre mercado e a planificação e as decisões centralizadas) nisso tudo, parece que o único empregador e fonte de recursos, ainda é o estado. Nós verificamos que na prática já há prescrições junto das comunidades; os processos, as políticas em termos teóricos de leis existem. Foram estabelecidos os conselhos de auscultação municipais e comunais onde as comunidades são ouvidas; já existem. Isto é uma realidade! As comunidades são ouvidas, mas o certo é que as informações vão ao Município e depois têm que ir até ao nível central. Mas é aquilo que eu disse; nem todas as preocupações que são apresentadas pelas comunidades encontram respaldo na altura de elaboração dos planos e orçamentos. Então, caímos no orçamento centralizado. Penso que, pelas pesquisas que está realizando, sabe que... Um

	exemplo hipotético: o orçamento que é dado ao Município do Waku Kungu poderá ser o mesmo que é dado ao Município da Nharêa; é um critério tão linear... Há tempos escutei pela rádio que tudo é um processo de aprendizagem; acreditamos que em função dessa evolução, das próprias preocupações das autoridades é possível que haverá uma altura em que, o orçamento será proposto de acordo com a realidade do próprio Município. Se existem escolas, qual é a prioridade? A prioridade é treinar os professores; mas o que se verifica atualmente é que, quando se planifica o Orçamento Geral do Estado, os itens estão já padronizados; naturalmente, isso tem impacto nas comunidades. Quer dizer, não há como enquadrar as necessidades das comunidades nessa planificação padronizada. Significa que nunca estariam lá todas as necessidades das comunidades, mas, pelo menos que algumas aldeias possam ter prioridades que constem do plano; de contrário, planificam-se ações cabimentadas no Orçamento Geral do Estado, mas não constituem prioridades das aldeias. Essa é uma cultura que irá evoluir se calhar pelo próprio exercício do governo nos próximos tempos, isto é, institucionalizar as autarquias, conferir-lhes a devida autonomia e por via disso, elaborarem os planos e orçamentos próprios. **(EAGEXTNR-1:HA)** **Soloti**: Eu tenho estado a escutar ultimamente os noticiários que mencionam os casos do mesmo género nas províncias do Uíge e Kunene, onde já se iniciou a elaboração de perfis provinciais, municipais e acho também comunais. Cientificamente, não podemos iniciar uma ação só porque se trocou o António e em seu lugar veio o João e logo reinicia o processo; infelizmente, tem sido assim, e não há uma sequência lógica, porque não existe um perfil que orienta as ações. Quando se pergunta: qual é a prioridade? É comum ouvir dos administradores: vamos meter ali uma estrada, etc.; quer dizer, ações práticas com base em critérios mais ou menos aleatórios. A partir da altura em que os municípios começarem a ter os seus perfis de desenvolvimento, então, estarão interligados ao modelo de desenvolvimento nacional. Nós UNICEF, por exemplo, em termos de nossas experiências, quando vamos a uma comunidade, começamos por aquilo que considero de basilar, isto é, uma identificação prévia, um levantamento da situação e em função disso, concebemos o projeto e passamos a implementação; no fim fazemos a avaliação e passamos para outra etapa. Agora, como cidadão

	acho que ainda não existe esta cadeia funcional. Podíamos considerar isso como um problema estrutural, porque a própria aprendizagem exige outros conhecimentos científicos até ao nível da comuna. Sabe que muitos quadros não querem sair de Luanda, os que estão cá no Kuito não querem ir ao Município do Kwemba. Risos... Então, isso acaba sendo um processo que... Acredito que isto vai se fazendo, mas de uma forma isolada. Portanto, a partir da altura em que se consolidarem os perfis, as linhas de base, sobre os problemas do Município, teremos um plano exequível que irá desenvolver-se também na mesma cadeia. Enquanto se continuar com a planificação e orçamentação centralizadas, os planos municipais ficam sempre guardados; é uma disfunção que acaba por implicar-se em muitas realizações. Chegará um dia em que o próprio Município terá a sua autonomia de decidir: "vamos tirar dinheiro ali", nessa altura poderão executar as suas metas, de acordo com o orçamento disponível; sabe-se que nem todos os municípios geram receitas locais. Risos... **(EAGEXTNR-1:HA)** **Soloti:** Os perfis são elaborados na base das realidades locais; os indicadores são internacionais, mas que podem ser extrapolados para o nível municipal. Esse exercício como tal ainda não é feito; ainda existem dificuldades de sua operacionalização. Temos uma experiência adquirida na parceria com o sector da saúde, que consiste em saber a taxa de crianças que deviam ser vacinadas, a projeção, etc. Quanto à outros indicadores sociais e económicos, acho que requerem um trabalho mais profundo, mesmo por causa das implicações técnicas na elaboração desse tipo de documentos ao nível do Município. **(EAGEXTNR-1:HA)** **Soloti**: Os orçamentos são iguais para todos os municípios; nos fundos municipalizados todos os municípios recebem 195.000.000 kz (cento e noventa e cinco milhões de kwanzas) por enquanto, apesar de existir por norma Município A, B, C, etc. Neste momento, são 170.000.000 kz (cento e setenta milhões de kwanzas) para o Município do Kuito e 25.300.000 kz (vinte e cinco milhões e trezentos mil kwanzas) para o Município do Kwemba; eu como técnico acho que isto é absurdo, mas também acredito que, quem está na planificação centralizada pensa em não prejudicar aqueles municípios que se calhar teriam dificuldades de elaborar um modelo nesta fase e identificar os seus problemas reais. Nesta fase transitória até vejo esta estratégia como uma forma de abranger aquilo que

	nós denominamos macro- aldeias, isto é, não deixar os municípios... Porque se se optar por legislação que o Município tem receitas de impostos e x porcentos vai para o Orçamento Geral do Estado e x porcentos ficam o desenvolvimento local, naturalmente haveria municípios que não poderiam receber nada. Por isso é que eu dizia sem desprimor que nesta fase a planificação ainda é centralizada em uma economia de mercado; se calhar, é mesmo para socorrer estas limitações de recursos de alguns municípios, porque às vezes, só se reclama do dinheiro, mas para gastar o dinheiro tem que haver conhecimentos, senão o mesmo dinheiro seria devolvido ao estado por não ser utilizado. Agora, quanto ao modelo de desenvolvimento ideal o mesmo existe, conforme afirmei atrás; os aspetos teóricos existem podemos procurar o documento e encontramos, onde se advoga que o Município tem que identificar e aplicar as suas necessidades, orçamentá-las e remetê-las às estruturas de direito para serem cabimentadas, etc. Naturalmente, encontramos essa limitação; ou o Município tem maiores necessidades e isso é sempre assim, os recursos são sempre escassos em relação às necessidades, mas acredito que estamos numa fase transitória. Acho que é uma fase transitória da elaboração da estrutura orçamental, obviamente o orçamento ainda peca pela centralização. **(EAGEXTNR-1:HA)** **Soloti:** No aspeto económico, há que considerar que a maior parte das comunidades *ovimbundu* são agricultores; a questão é: "como tornar o *ovimbundu* rico"? Acho que isso passa por essas políticas de fortalecer a sua capacidade de conhecimento de como aproveitar melhor a terra, a chuva, em termos de pequenas agriculturas familiares, não na dimensão do cooperativismo convencional que conhecemos, mas no sentido de estarem associados.**(EAGEXTNR-1:HA)** **Soloti:** fazer com que a região em si não esteja dependente das chuvas. Como é que os comunários vão ter conhecimento para fazer uma pequena irrigação? Os terrenos da região são férteis de 12/12 meses; como é que o comunário vai poder fazer a sua irrigação? Acho que, a mensagem sobre a boa utilização do solo é mais fácil fazê-la passar, mas o fator chuva: como contornar? Como aproveitar quando a chuva cai mais e quando ela cai menos? Acho que este é um dos maiores problemas no plano económico, visto que, no aspeto da comercialização este povo comercializa muito os seus produtos; e agora, com a reabertura do Caminho de Ferro de Benguela constata-se que o

	povo comercializa muito. No entanto, como se proteger das intempéries das chuvas? Esse é um dos maiores problemas no plano económico; no aspeto social, penso que tudo passa pela educação, visto que, ela se interliga a economia; se pensarmos sempre que a chuva é de Deus e continuarmos com essa mentalidade vai ser difícil ter um desenvolvimento desejado. Teoricamente, é o desenvolvimento do povo *ovimbundu*, mas, na prática estamos a falar do lar, de uma família, de uma aldeia, e, por aí em diante; isso tudo vai ter um reflexo no País todo, visto que, se tivermos muita gente a vender batata, feijão, etc., tudo isso vai refletir-se nos preços que poderão baixar um pouco. **(EAGEXTNR-1:HA)** **Soloti:** Acho que essa interação existe, mas duma forma institucional. No plano pessoal e familiar acho que essa interação é muito forte, visto que, a população intelectual *ovimbundu* respeita muito as suas origens; no entanto, e infelizmente, devido a conjunturas de guerra, ainda persiste um dos aspetos primários que se prende com o lado pessimista dos intelectuais de pensar que nas aldeias residem feiticeiros. Infelizmente, o lado da superstição ainda é muito forte e faz com que, depois de conseguirem um certo bem-estar no meio urbano, muitos intelectuais criam receios de ir à comunidade rural e vice-versa. Acho que há esta fronteira ainda em termos familiares; o outro aspeto é aquele que referi atrás; o administrador pode ser de Ekovongo, mas a planificação é sempre centralizada, então, ele não pode decidir sozinho, nem fazer milagres. Ele não pode decidir em construir uma centralidade tal como está na moda, na sua comunidade. Por exemplo, e para dar azo, a primeira centralidade não foi construída no Sambizanga [3]. Risos... Então, infelizmente, ainda existem esses receios. (OBS: Este é um problema que atravessa a consciência de muitos africanos, de pensar que, quando alguém alcança algum crescimento, os invejosos que não conseguem fazer o mesmo que ele podem derrubá-lo; a raiz deste problema é a pobreza).Por isso é que eu dizia atrás que os aspetos sociais terão que passar pela educação. Enquanto persistir as assimetrias atuais essa consciência vai sempre existir, mas, houver equilíbrio neste plano, essas coisinhas vão desaparecendo. Atualmente, em Luanda, por exemplo, o morador da cidade não quer saber, nem se preocupa se o vizinho comeu o quê... Bebeu o quê... Mas, entre os intelectuais oriundos das comunidades rurais ainda existe esse preconceito de que uma simples dor de barriga, os outros

	dizem: olha! Quem te mandou ir na aldeia? Isso faz com que haja essa marginalização. **(EAGEXTNR-1:HA)** **Kaliva:** No plano económico, trataríamos da questão da agricultura, em que podemos encontrar pessoas lúcidas na execução de atividades agrícolas, mas a maioria dedicam-se mais à agricultura de subsistência, até uns somente cultivam milho e feijão e isto é praticamente um impasse no crescimento de um camponês, pois, se houver alguma falha, ou se a mãe natureza pregar uma partida em uma determinada época, então a vida desses agricultores fica praticamente arrumada. Penso que se houvesse uma diversidade na produção, isto é, milho, feijão, batata rena, batata doce, mandioca, cana de açúcar, etc, etc., criação de gado bovino, caprino, suíno, enfim, inclusive uma aposta na produção de citrinos, seria isso que levaria os agricultores a crescerem; então é preciso trabalhar um pouco mais para elevar o nível cultural dos agricultores rurais. Estamos a notar que, nesta campanha agrícola 2012/2013 não sei se foi por causa dos atrasos no início das atividades, mas também em termos de fertilizantes a coisa não foi tão boa; para este ano houve alguns impasses. Em alguns lugares o saco de adubo atingiu o preço de 5000 kz (cinco mil kwanzas). **(EAGEXTNR-2:HA)** **Kaliva**: Penso que o problema de má nutrição não se coloca tanto assim; nas comunidades por onde temos passado no âmbito da implementação dos nossos programas não temos constatado problemas de má nutrição. Em minha opinião é quase nulo este problema de má nutrição nas comunidades rurais; a má nutrição se constata muito mais aqui nas áreas urbanas. O que preocupa nas comunidades rurais é sobretudo a falta de latrinas e a higiene pessoal; este é um outro aspeto que me preocupa porque as pessoas estão habituadas a defecar ao ar livre e isto tem consequências para a saúde. Se formos a avaliar notaremos que muitos comunários usam as cacimbas para obtenção da água, mas outros vão diretamente ao rio e não buscam uma fonte mais segura para obtenção de água potável; então, isto tem estado a afetar muitas dessas pessoas que depois se veem confrontados com problemas de diarreias, vómitos, cólera, etc. É esse aspeto que mais me preocupam ao nível das comunidades rurais**. (EAGEXTNR-2:HA)** **Kaliva:** realmente! Há pessoas que a dada altura deixaram de praticar a agricultura propriamente dita e passaram ao abate indiscriminado de árvores, assim como à caça furtiva; ao nível

	da Província do Bié esses dois aspetos podem ser considerados de prioritários nos programas de proteção do meio ambiente. Há muitos jovens que ultimamente já não querem pegar na enxada e cultivar; esses querem o lucro fácil e praticam o abate indiscriminado de árvores para a produção de carvão vegetal e que tem sido a sua principal fonte de rendimento. Estão a devastar as florestas e ao comercializar o carvão nos mercados da cidade muitos deles aproveitam as horas mortas para escapar da fiscalização; outros negoceiam com os transportadores para esses irem diretamente ao local de produção a fim de transportarem o carvão. Essa prática tem influenciado negativamente na cobertura vegetal desta região; devo acrescentar que o principal objetivo desses jovens é conseguir dinheiro para comprar uma moto e com ela passar para a atividade de moto-taxi. Portanto, é uma situação muito difícil que nos tem levado a sensibilizar as populações locais, envolvendo as administrações locais, assim como os sobas sobre o perigo que essa agressão representa para o meio ambiente e acima de tudo para a sobrevivência do próprio ser humano. Em algumas áreas estamos a verificar alguma mudança porque aquele que conseguiu a motorizada deixa de praticar o derrube indiscriminado de árvores, mas noutras áreas situação é ainda preocupante e o impacto sobre o ambiente é negativo. Outro aspeto negativo sobre o ambiente são as queimadas; as queimadas não discriminam as árvores, pois arrasam com tudo que a floresta possui. Nós temos alguns programas de combate a essa prática em que temos trabalhado com a polícia, mas lá está, o território é vasto e as queimadas acontecem de modo espontâneo difícil de prever e controlar. A fiscalização não tem sido eficaz e como se não bastasse não tem havido a capacidade de cobertura suficiente ao nível dos municípios. **(EAGEXTNR-2:HA)** **Kaliva**: Na minha análise pessoal, um dos motivos prende-se com a ideia de que com as queimadas podem caçar melhor; por outro lado, as pessoas estão até agora com aqueles efeitos negativos da guerra. Quando a vegetação brota com aquela intensidade eles ficam sempre a desconfiar com qualquer coisa; o fantasma da guerra continua ainda na mente dessas pessoas. De resto, o argumento de que a vegetação atrai os animais selvagens e ferozes não tem razão de ser porque os mesmos aparecem de forma espontânea lá nas áreas de kalusinga e kasumbi no Município do Andulo, onde vamos encontrar animais selvagens; também no Município do

	Kwemba onde existe um vasto território que se estende até as províncias do Moxico, Kwandu-kubangu e atinge a fronteira com a República da Zâmbia. No eixo sul da Província do Bié temos as áreas da Tchikala, Kambândwa e Tchitembo que também se estende até à Província do Kwandu-Kubangu e que são áreas com muita presença de fauna selvagem; além desses, temos também o município do Chinguar que é atravessado pelo rio kutatu, onde abundam hipopótamos. O rio kukema não tem muitos hipopótamos mas tem muitos crocodilos. **(EAGEXTNR-2:HA)** **Kaliva:** Sim. Sim! Ao analisar esses aspetos é necessário ter em conta que preservar é importante, mas as pessoas têm sempre aquela tendência de crescer; uma ou outra tecnologia, empresa ou algo assim vai aparecer para impulsionar o crescimento e nós não podemos dizer que não. E isto certamente que vai afetar o próprio ambiente; o que é mais importante é mitigar os efeitos devastadores para evitar a destruição indiscriminada do meio ambiente, ou produzir impactos negativos nos ecossistemas e descampar para uma situação mais complexa de desequilíbrio ecológico; refiro-me aos aspetos negativos inerentes aos processos de produção industrial, assim como nos meios utilizados na produção de bens ao nível das comunidades rurais. **(EAGEXTNR-2:HA)** **Lupesi:** Durante a semana em que nos encontrávamos em formação fomos realizar aulas práticas numa comunidade chamada Kalila adstrita à Comuna da Chipeta e logo que chegamos encontramos o próprio soba gravemente doente; como não havia transporte os comunários trataram de pegar num cobertor para improvisar uma tipoia e levar o mesmo ao hospital comunal. Em primeira análise, a nossa cultura também influência muito neste tipo de situações; em segundo, o próprio governo também tem culpa nisso, visto que, quando se cria um posto médico junto das comunidades os mesmos servem apenas para consultas, pois, para conseguir medicamentos os comunários se veem obrigados a deslocar-se para os centros urbanos onde podem os adquirir, e na maioria dos casos os populares não possuem poder financeiro para custear a deslocação. **(EAGEXTNR-3:HA)** **Sawesi:** Na vertente económica, primeiro gostaria de dizer que as nossas comunidades dependem praticamente da agricultura e é a base fundamental; esta agricultura, devido ao facto de os solos estarem cada vez mais destruídos e associando-se a isto

	as chuvas que são cada vez mais intensas não têm capacidade para a correção de elevados rudimentos. O que é que acontece? Eles não têm mais aquele potencial; quer dizer, nessa vertente eles não têm mais aquela capacidade que tinham como antigamente. Mesmo o governo deixou de investir nessa vertente para dar por exemplo fertilizantes para que o agricultor se estabilizasse e conseguisse pelo menos comprar uma bicicleta, ter pelo menos uma casa feita de adobos com o teto de chapas de zinco e a situação foi-se tornando cada vez mais difícil. Quanto à saúde, constatamos que temos ainda sérios problemas nas comunidades, porque ainda se utilizam tipoias para transportar doentes em estado grave de saúde da comunidade para a sede comunal ou municipal onde se localiza o centro de saúde; **(EAGEXTNR-3:HA)** **Sawesi**: Só a aquisição do próprio medicamento já tem sido muito difícil, porque o bocado que ele consegue, às vezes, só chega para o autossustento e não consegue mais do que isso para cobrir as outras necessidades. **(EAGEXTNR-3:HA)** **Lupesi:** Daí que, em vez de ir ao posto médico o comunário prefere ir ao quimbanda, porque sabe que, ainda que for ao posto médico ali vão passar a receita mas não há medicamentos e o doente grave poderá sucumbir; logo, é preferível ir ao quimbanda porque ele pode socorrer de imediato. **(EAGEXTNR-3:HA)** **Sawesi**: então, com esta gama de dificuldades, o professor não consegue manter-se ali, muito menos estar concentrado no seu trabalho. Ele só reza para que chegue tão depressa o dia de sexta-feira para sair daí. Isto é o mesmo que se passa connosco; nós trabalhamos no Município de Katabola e de Kamacupa e aquele ambiente é muito monótono para nós, porque não existem coisas que nos animam. O governo nos colocou ali e não nos proporcionou condições, apesar de que é difícil completar a 100% para um técnico ou qualquer pessoa colocada numa localidade distante da sua área de residência, mas pelo menos, algumas condições mínimas; a informação não deve faltar. Ninguém demora ali, fazem crédito de uma motorizada e eles não aparecem às segunda-feira, só conseguem chegar na comunidade às terças-feiras e trabalham até sexta-feira, e, nesta, dispensa os alunos bem cedo e está de regresso porque não há transporte público senão mesmo contar com seu próprio meio. As populações dessas áreas deslocam-se a pé para irem vender e comprar algo que necessitam no seu

	dia-a-dia; às vezes, são os vendedores ambulantes que têm facilitado um pouco esse processo, isto é, eles deslocam-se para as comunidades e os comunários por sua vez, ao invés de percorrerem longas distâncias fazem encontros com os mesmos pelo caminho, onde vendem os seus produtos a preços baixos e com esse dinheiro compram produtos mais caros que os ambulantes trazem; ou, às vezes fazem permutas. Somente uns poucos que constituem a elite minimamente instruída da comunidade, isto é, líderes comunitários, catequistas, etc., possuem capacidade financeira para aluguer de um transporte. **(EAGEXTNR-3:HA)** **Sawesi**: Repare, que temos aquele programa de extensão e desenvolvimento rural para combate à pobreza que está a ser implementado na área de Ringoma e Umpulu que inclui um projeto de construção de uma vila com infraestruturas; construiu-se um posto de saúde muito pequeno e foi preciso construir um outro, assim como duas escolas. Entretanto, os outros projetos que incluíam a construção de residências para técnicos que trabalham naquela área não foram implementados até a presente data; são projetos que eles conceberam a partir do topo, mas os responsáveis pela sua implementação falharam por não conhecerem as condições locais. A área onde se exploram inertes para a construção é de difícil acesso que não permite a circulação de veículos, particularmente no período das chuvas; em consequência os trabalhos paralisaram. Além disso, as vias de acesso às comunidades estão todas degradadas; o governo faz uma terraplanagem paliativa de 10km ou 20km mas as vias têm uma extensão que varia de 50 a 100 km. **(EAGEXTNR-3:HA)** **Lupesi:** No caso dos municípios temos lamentado muito, visto que, tudo é empurrado para o sector da agricultura porque os demais não possuem ali estruturas organizadas. Para todas as questões pontuais recorre-se aos técnicos do Instituto de Desenvolvimento Agrário. **(EAGEXTNR-3:HA)** **Lupesi**: Penso que isto deve ser também um problema cultural, porque um jovem da aldeia, depois de estudar a 9ª classe começa a perceber que o meio já não lhe satisfaz e passa a criar outras ambições; nas comunidades existe aquele mito de perseguições segundo o qual, quem tenta desenvolver-se torna-se alvo a ser derrubado através de meios botânicos, por aqueles parentes que se acham inconformados com isso. Tanto assim é, que notamos que um jovem que nasceu e cresceu na

	comunidade, estudou ali a 4ª classe, mas assim que estudar a 9ª classe, ainda que na aldeia houver um médico, ele começa já a ter duas casas: uma na comunidade, outra na cidade; assim está a procurar maneira de sair da comunidade, porque sabe que há alguém que não está a gostar dos seus avanços no plano académico. Por isso é que estamos a ver que os centros urbanos estão cada vez mais superpovoados; em vez de diminuir pessoas para as aldeias, notamos que estão a vir mais jovens: primeiro são jovens que querem resultados imediatos, não querem trabalhar, preferem biscates para ter rapidamente dinheiro e comprar algo para consumir. **(EAGEXTNR-3:HA)** **Sawesi:** Imaginemos uma comunidade que tem necessidades emergentes que precisam de ser satisfeitas já naquele momento para sair do status quo; essa comunidade, talvez não considera a construção de uma escola como prioridade imediata. O que tem acontecido é que o governo decide por si mesmo a construção de uma escola ou de outra infraestrutura, como se as coisas viessem a acontecer por si; **(EAGEXTNR-3:HA)** **Lupesi:** Outra questão que se perde de vista quando se analisa e se decide para essas localidades é: "empregar na comunidade pessoas estranhas oriundas de outras localidades; um simples enfermeiro às vezes tem de vir de fora e pode acontecer que na comunidade há um doente grave que precisa de primeiros socorros, mas o enfermeiro ainda não chegou no local de serviço porque vive distante da comunidade". Por vezes, até, existem na comunidade pessoas qualificadas e capacitadas na área da enfermagem que poderiam ocupar esse lugar. **(EAGEXTNR-3:HA)** **Sawesi:** Depois de conseguirem emprego na cidade alguns buscam os pais para viverem juntos na cidade e por disso as aldeias ficam despovoadas e por fim afundam-se. Quando as aldeias se afundam criam-se então condições de crise alimentar nas cidades. **(EAGEXTNR-3:HA)** **Rita:** Como sabe, o processo da guerra civil em Angola afetou em grande escala o meio rural; logo, os efeitos, os impactos da guerra resultaram por um lado, no abandono pelas populações das suas áreas de origem, a degradação de todos os seus sistemas produtivos, a destruição de infraestruturas sociais e até a degradação do próprio tecido social que é o homem, em termos de valores, de costumes, etc. Hoje, falar da guerra para muita gente faz parte do passado, mas os efeitos ainda são bastante visíveis, apesar de termos dado já passos

…//… **2.3. Expectativas de desenvolvimento**	significativos em termos de recuperação, restruturação, em fim, mas ainda os efeitos são visíveis. **(EAGEXTNR-4:MA)** **Rita:** Isto para dizer que os problemas essenciais que identificamos são, como já mencionamos atrás, a destruição dos sistemas produtivos; as pessoas no meio rural ficaram carentes quase de tudo, pelo facto de que perderam as casas, os animais, em fim, todos os haveres que tinham e, sem sombra de dúvidas, isso afetou a moral, a psique, em fim, a mente de cada um dos integrantes do meio rural. Nesta senda dos sistemas produtivos, a agricultura familiar era, sem sombra de dúvidas a principal fonte subsistência e até do mercado; com essa destruição, claro, os camponeses perderam as sementes, gado de tração, inclusive as terras e verificou-se uma pressão muito grande sobre os recursos naturais, principalmente a floresta. Quando nós começamos a intervir havia áreas bastante povoadas que hoje são praticamente desertos, porque as pessoas foram cortando as árvores para produzir o carvão, que era a principal fonte de subsistência e hoje a floresta está completamente degradada e com ela estão também degradados os recursos a ela associados; Tudo isso diminuiu a possibilidade de haver animais para a caça, inclusive secaram as nascentes de água, as abelhas e os insetos desapareceram, o que pressupõe que os camponeses já não contam com o mel, nem com as plantas medicinais, em fim, tudo isso em conjunto degradou-se. **(EAGEXTNR-4:MA)** **Rita:** mas a agricultura ainda está a enfrentar sérios problemas: primeiro, o tipo de sementes que se usam já se encontra em fase de degeneração considerável, devido a frequência de sua utilização, ano após ano; com a frequente utilização das mesmas sementes corre-se sempre o risco de perderem o seu potencial, não só germinativo como também produtivo, e aí está claro que as colheitas acabam sendo, ano após ano, cada vez menores. Os adubos são o grande recurso ao qual os camponeses se apegam por causa da degradação das florestas e dos solos; e uma vez descobertos os solos, as grandes cargas pluviométricas que caiem sobre eles arrastam tudo; logo, sem recurso ao adubo o camponês quase que não consegue colher nada. Mas essa utilização dos adubos, às vezes, é feita de forma empírica sem aquela componente de assistência técnica que o Ministério da agricultura deveria garantir através das Estações de Desenvolvimento Agrário (EDA) e então os camponeses vão usando esses fertilizantes apesar de terem algumas limitações também no acesso, visto

	que, produzem pouco e vendem pouco mas os preços dos adubos são elevados e a tendência é subirem cada vez mais; mas mesmo assim, a utilização intensiva dos fertilizantes químicos está a concorrer para a degradação dos solos. Então, a tendência é, por um lado, ou seja, diferente de outras regiões do país onde os agricultores podem fazer rotações de culturas, podem abandonar hoje uma lavra e mudar para outra, deixando aquela em pousio, aqui isto não se verifica e todos os anos cultivam sempre na mesma parcela; produzir como não, infelizmente o camponês não faz contas e eles próprios dizem que "o camponês é um parvo contente" risos... prontos, a tendência é produzir, produzir, mas a colheita é quase nada.**(EAGEXTNR-4:MA)** **Rita**: Mas, outro aspeto comum que hoje afeta muito é a questão do escoamento dos produtos; apesar de eles produzirem pouco têm dificuldade de entender e a alternativa tem sido o recurso aos mercados municipais mais próximos, salvo se as quantidades que produzirem justifiquem e neste caso juntarem-se em grupo e alugar uma carrinha para transportar, por exemplo, do Huambo à Luanda onde possam comercializa-los. Se coincidir com uma época em que o mercado estiver inundado de produtos, eles se veem obrigados a vender os seus à baixos preços, porque o comprador é que dita o preço e então é só vender por vender e regressar e na maioria dos casos os rendimentos não correspondem com os custos de produção. Os agricultores clamam por uma solução deste problema e tem-se realizado estudos; **(EAGEXTNR-4:MA)** **Rita:** pensávamos que estes programas que o governo tem vindo a implementar viriam a resolver a situação, mormente o programa do comércio rural que financiou os pequenos comerciantes a criarem lojas nas áreas rurais, não somente com o propósito de venderem os produtos que não existem lá, mas também comprarem os produtos locais. O problema que se coloca é: o comerciante que compra os produtos locais onde os poderá levar para serem comercializados? Os mercados urbanos já estão quase que preenchidos, os supermercados que eram alternativas quando se falava dos chamados nosso-supers era no sentido de absorverem os produtos locais, mas isso não aconteceu e as dificuldades estão aí, e continuam; **(EAGEXTNR-4:MA)** **Rita:** Mas esbarram mesmo com esta situação porque os

	produtos locais concorrem com os importados e esses aparecem em supermercados de maior visibilidade, parecem ter mais qualidade e são vendidos a preços baixos e claro atraem mais a clientela em relação aos produtos nacionais; aliás, temos visto a Shoprite, etc. Com a produção local, aliás, consegue-se ver perfeitamente qual é a secção onde tem produtos nacionais e a secção onde estão os importados. A gente consegue ver que o repolho acaba desidratado e secando, a batata acaba toda ríspida, porque estão ali expostos dias e dias sem comprador; isto, sem sombra de dúvidas empobrece e precisa de uma intervenção para resolver estas situações, infelizmente ainda estamos a quem das expectativas. **(EAGEXTNR-4:MA)** **Rita:** isto acontece também com os postos de saúde. Os mesmos foram implantados também um pouco por todo o lado, mas há relatos de líderes das comunidades que dizem que os postos ficam encerrados durante o fim de semana, sem médico ou enfermeiro na maioria dos casos; resultados... Quem tiver a pouca sorte de adoecer ao fim de semana, ou encontra alternativa de ser evacuado para a cidade ou morre. Isto tem estado a constituir uma preocupação por parte dos líderes tradicionais que têm colocado agora aos administradores municipais na senda dos espaços de diálogo e concertação e a tendência é ir atenuando estas dificuldades ao longo da trajetória. **(EAGEXTNR-4:MA)** **Rita:** no domínio da saúde vão abrindo alguns postos e há também dificuldades dos técnicos não permanecerem lá toda a semana e isto tem estado a causar alguns constrangimentos. Aqui há também a questão dos medicamentos que às vezes os postos não têm e as pessoas são obrigadas a percorrer quilómetros e quilómetros para irem até às sedes municipais e comprá-los ali; e é aí que o boi, a galinha funcionam como recursos a vender para poderem adquirir dinheiro que depois é usado na compra dos medicamentos. Tudo isto tem estado a atenuar o sofrimento nas comunidades rurais. **(EAGEXTNR-4:MA)** **Rita**: os bancos, as organizações que têm estado a trabalhar nisso se deparam com esse problema em que o retorno é difícil e lento, para as pessoas reembolsarem é preciso um trabalho muito intenso, porque o crédito ainda não é cultura e nem assim há reembolso nos prazos previstos. Anda sempre à volta de 70 a 75% e se conseguir ter essa percentagem já é muito

	bom; eu, pelo facto desse crédito agrícola de campanha muito recente fez-se análise ao nível de todo o país e o nível de reembolso anda a volta de 18%. Acho que os beneficiários acomodaram-se e quando ouvem dizer que é do governo melhor ainda para eles; e isto tem estado a dificultar o planeamento dos programas. O dinheiro saiu dos bancos comerciais que aguardam pelo retorno do capital, apesar de o governo ter-se comprometido a acudir situações de incumprimentos, porque inclusive já foi dada uma taxa de juros de 15% e deste o governo assumiu 10% e o camponês só tem 5% por pagar, mas nem com isso. E então, isto tem estado a dificultar um pouco o bom andamento deste processo de créditos. **(EAGEXTNR-4:MA)** **Rita:** nós vivenciamos um processo bastante interessante. Quando se abriu concurso para administração pública toda a gente foi, as administrações ficaram povoadas de técnicos médios e superiores e aí nós dizíamos que agora é que é vai ser uma administração capaz de responder a demanda; mas quando se abriu o concurso público para a educação, todos aqueles que já estavam na administração pública concorreram outra vez na educação, o nome sai e deixaram o anterior posto da administração pública e esta ficou de novo sem técnicos. Risos... Há que realizar outros concursos outra vez; então, isto acontece com quase todos os ramos da administração pública. A educação é neste momento o sector que está a atrair mais pessoas e está a deixar outras áreas sem técnicos. Mas, também há uma justificação; por exemplo, um técnico da agricultura, depois de concluir a sua licenciatura torna-se um engenheiro agrónomo, vai concorrer no sector da agricultura que dificilmente abre concursos, mas vai para lá encontra um salário de miséria. Um exemplo: um técnico médio na educação ganha a volta dos 65000 kz (sessenta e cinco mil kwanzas) e em alguns casos 70000 kz (setenta mil kwanzas) e um técnico médio no sector da agricultura está a ganhar 35000 kz (trinta e cinco mil kwanzas), sem condições de alojamento nos municípios e isto não estimula. A maior parte de técnicos agrónomos foram para a educação. **(EAGEXTNR-4:MA)** **Rita**: Nós realizamos um encontro em Luanda aonde levamos alguns representantes das autoridades tradicionais (vulgo sobas) desta província que, às vezes, acumulam as funções de líderes comunitários; antes do encontro achou-se por bem dar uma volta pela cidade para a conhecerem um pouco. No dia do evento houve um soba que disse assim: “como é injusto este

	mundo? Enquanto nós na aldeia lutamos, para pelo menos, cada filho ter a sua enxada para irmos todos cultivar e aumentar a produção, aqui cada filho tem o seu carro, na garagem não cabem, em todas as casas há tantos carros". Aqui está o problema da má distribuição da riqueza nacional. Nós temos estado a apoiar, por exemplo, lá onde se instalam infraestruturas, onde se exploram recursos naturais, fique alguma coisa, porque hoje, por exemplo, em termos de acesso à terra há grandes dificuldades de se emitirem títulos de reconhecimento das terras pertencentes às comunidades; mas os fazendeiros... Todos os dias a gente ouve editais na rádio em que fazendeiros X e Y têm 1500 há (mil e quinhentos hectares de terra) e 3000 ha (três mil hectares de terra) e esses obtêm títulos facilmente por ser uma fazenda que paga impostos e tudo perfeitamente bem; mas agora o desgraçado que só precisa daquele título para se defender? A invasão que nós temos estado a observar, o processo de legalização da terra tem que levar uma declaração da autoridade tradicional e a maioria deles quando lá chegam a primeira coisa é presentear o soba para haver melhor simpatia, não é? O soba recebe um fatinho, um garrafão de vinho, etc., sem saber, pois, casos há aqui na Província do Huambo, em que depois da declaração do soba vêm definidos os limites, o senhor fazendeiro cercou até aí, que até as terras do *otchumbo* [4]acabaram sendo engolidas pelas fazendas. Nós vivenciamos um conflito no Município do Bailundo, em que os comunários diziam: "vamos cortar o pescoço do soba, porque quando ele fez a negociação fez sozinho não envolveu ninguém". Quer dizer, há ganância para ele ficar com todos os presentes sozinho. Agora, o resultado é que a cada dia que passa, o fazendeiro está alargando o seu cerco. Isto tem estado a causar alguns litígios entre as comunidades e proprietários das fazendas; algumas vezes os litígios são resolvidos de forma pacífica, mas, às vezes, os processos evoluem mesmo para os tribunais. Nós não percebemos porquê; no nosso trabalho, cerca de 15 comunidades já remeteram processos há mais de 4 anos e não dizem, nem sim, nem não. Fica-se à espera e mais espera... Enquanto isso impera sempre a lei do mais forte. Esta é a triste situação decorrente do modelo de desenvolvimento vigente aqui no nosso país. Risos.. **(EAGEXTNR-4:MA)** **Rita:** As escolas de campo esbarram um pouco quanto à sua sustentabilidade, porque as pessoas não querem se apropriar das coisas como sendo deles, uma coisa que nasce na

	comunidade em função de uma necessidade sentida, mas não; sempre que há um agente externo a intervir no sentido de proporcionar este movimento associativo, de cooperativas, há sempre aquela tendência de pensarem que os agentes vêm trazer mais apoios, de tal forma que, passando um tempo de participação na escola e os apoios esperados não chegam, as pessoas abandonam. **(EAGEXTNR-4:MA)** **Rita**: Eu costumo dizer que começamos com um mau princípio, porque começar emergência com uma comunidade e depois catapultar para o desenvolvimento cria vícios; aquilo que víamos no PAM, uma sexta básica para 30 dias e as pessoas ficavam sem fazer mais nada porque a comida já está ali e no dia 30 do mês vem mais, logo trabalhar para quê? Nessas comunidades onde a gente começou a trabalhar de emergência e depois passou para o desenvolvimento são poucas as associações, os grupos que entenderam essa viragem do processo. Hoje se fala e ainda dizem: "ok nós estamos aqui ajudem-nos a chegar ao banco para pedir o crédito, ajudem-nos a chegar a Estação de Desenvolvimento Agrário (EDA) para vir nos prestar assistência" e contam-se aos dedos os que perceberam a viragem, porque a maioria está à espera do gesto de benevolência; isto não é bom! Acho que o Brasil tem muitas experiências e nós viajamos várias vezes para lá com o intuito de estabelecer o intercâmbio, mas eles não viveram um passado de guerra que nós vivemos aqui. **(EAGEXTNR-4:MA)** **Rita**: Os processos de desenvolvimento são complexos, as pessoas não caminham todas no mesmo ritmo; há comunidades que começamos a trabalhar ao mesmo tempo, umas estão bem avançadas outras menos avançadas. Isto depende muito da característica da própria comunidade, das lideranças, do ambiente externo que também tem influência, porque por exemplo numa comunidade, onde levávamos alguns imputs da Cruz Vermelha e dizíamos: "isto é a crédito" e no dia seguinte vinha o Administrador fazer um comício e dizia: aqueles bens que vieram ontem é graças ao governo, aqui não há crédito! Aqui é mesmo doar! Então, o ambiente externo às vezes mina os resultados. **(EAGEXTNR-4:MA)** **Kesongo**: São vários problemas: a pobreza extrema sobretudo em áreas mais recônditas da Província do Bié, o analfabetismo enquanto fator principal limitante para o desenvolvimento sustentável, as práticas de uma agricultura de subsistência com

	poucas probabilidades de segurança alimentar familiar, as famílias extensas (número exagerado de filhos) com poucos recursos económicos para os sustentar, agregados familiares extensos devido às consequências da guerra. **(EAGEXTNR-4:HAC)** **Ndalu**: Se observares aquela mata que acolhe o cemitério comunitário, toda a periferia da nossa comunidade era mesmo assim, rodeada de uma mata com uma vegetação diversificada. Hoje, porém, já não estamos a colher cogumelos como antes, quando a floresta era quase virgem; tudo isto por causa da guerra que devastou as nossas florestas. Os nossos avôs como viveram e morreram nos tempos em que tudo estava intacto não sofreram tanto como nós. Hoje em dia estamos a observar coisas que antes não observávamos; os fertilizantes modernos como o adubo por exemplo, tenho-lhos aqui em casa. Mas, se os aplicar no solo, uma, duas ou três vezes, o mesmo já não produzirá, mas os fertilizantes naturais tornam o solo produtivo por muitos anos; a produção da cebola, do tomate, do repolho, etc., era feita com a aplicação de fertilizantes naturais principalmente da cinza. Agora que estamos aplicando os fertilizantes modernos o solo está empobrecendo. E onde é que os anciãos tiram dinheiro para comprar o adubo moderno? E onde é que os deficientes físicos tiram dinheiro para comprar adubos e mantimentos para a sua sobrevivência? Suplicamos ao governo para acudir esta situação de carências porque chegamos a este ponto. Aqui nesta comunidade vivemos uma gritante carência de árvores fruteiras como tangerineiras, laranjeiras, abacateiros, limoeiros, etc., porque os seus frutos podem ser exportados para outras regiões do nosso país. Não nos limitemos com a produção do tomate, cebola, repolho, etc., visto que, estes produtos não duram muito tempo, pois, deterioram-se rapidamente e deixam os produtores com prejuízos enormes; o milho, desde sempre teve pouca expressão no mercado, apesar de ter ajudado as pessoas a pagar o dízimo no tempo colonial. **(EGC-11:HAC)** **Katola**: No plano laboral, acima de tudo precisa-se da charrua e de outras máquinas; temos alguns solos difíceis de cultivar manualmente; no entanto, se houvesse apoio em máquina capaz de arrotear uma grande extensão de terra constituiria um grande impulso à produção, porque nós próprios trataríamos de repartir as parcelas arroteadas para cada família residente na nossa comunidade; optaríamos por aquelas culturas de curta duração tais como: batata, cebola, tomate, couve, repolho,

	enfim, todas as sementes que produzem a curto prazo para acudir a situação de carências alimentares que ameaçam a região este ano. De contrário, ou seja, só com a enxada manual para onde vamos? Ambições temos, mas as enfermidades não param de contrariar os nossos planos; do pouco que produzimos, há que vender uma parte para o dinheiro pagar ao enfermeiro pelo serviço prestado e o troco para comprar medicamentos, sal e óleo vegetal para a cozinha. Esta situação é tão preocupante que não pode deixar alguém indiferente ou conformado. A decência e o bem-estar das pessoas dependem muito daquilo que produzem e para haver uma boa produção há que aplicar os fertilizantes, porque o solo está muito cansado. Antigamente, tínhamos grandes extensões de terra com muitas florestas e não havia práticas de derrubar árvores para a produção de carvão vegetal; quem introduziu esta prática de produzir carvão vegetal aqui na região foi o cabo-verdiano de nome Pataco, mas mesmo esse não derrubava árvores de pequeno porte. Uma terra que dispõe de florestas pode ser cultivada durante vários anos não envelhece, porque emprega-se métodos tradicionais de derrube seletivo de árvores, deixando outras que fertilizam o solo com as folhas que vão caindo e apodrecendo paulatinamente; mesmo aquelas árvores que se derrubam são cuidadosamente queimadas aproveitando a cinza para fertilizar o solo. Esses métodos permitem que a medida que os primeiros fertilizantes vão perdendo força o solo seja realimentado com aquelas folhas que caiem das árvores não derrubadas. Hoje em dia, as florestas em formação são precocemente derrubadas e as terras estão se transformando em desertos; onde é que vamos chegar com isto? Antes, cultivava-se inclusive o que denominamos *onaka*, isto é, aqueles solos que fazem a orla das margens do rio, planícies e vales que eram alternativas, na medida em que permitiam aos agricultores deixar um período de pousio àquelas terras que eram intensamente exploradas. Esta modalidade constituía uma importante componente da empresa agrícola, onde se podia cultivar diversos produtos para sustento das famílias. **(EGC-11:HAC)** **Katola:** Retomando ainda este assunto tenho a dizer que o passado foi melhor nesta parte dos alimentos e da saúde, visto que, não se consumia óleo vegetal industrializado; o que havia era o óleo preparado localmente a partir de vegetais tais como gergelim, *apuma*, *nakambyambya*, etc. As pessoas que consumiam o óleo de vegetais que acabei de mencionar eram

	robustas e saudáveis, visto que, o corpo bem nutrido exigia beber muita água, mas hoje as pessoas comem tanto e não bebem água porque o corpo não sente tal necessidade; algumas pessoas passam dias inteiros sem beber água e vemo-las de corpo robusto e brilhante, mas não têm saúde e notamos isso mesmo pela fragilidade ao caminhar e ao posicionar-se de pé. Alguns dizem que o óleo de gergelim provoca diarreia, mas o óleo de girassol também é recente. Repare que hoje as pessoas envelhecem mesmo aos 30 anos de idade porque os alimentos que consomem não têm vitaminas naturais fortificados. O óleo de palma que consumimos atualmente não tem nada de comum com aquele que se consumia algumas décadas atrás; este óleo de palma parece uma tinta qualquer. É nestes aspetos da cultura, das crenças, dos valores, de alimentação e saúde em que podemos dizer que o passado era melhor que o presente. Em outros aspetos da vida há progressos importantes no presente. **(EGC-11:HAC)** **Sapwile:** aquilo que se produz aqui no país está a ser enviado ao exterior; mas, se os mesmos cortarem a importação de produtos ao nosso país, voltaremos à miséria. Os estrangeiros estão entrar aqui em número elevado, mas, mesmo o sal que se produz aqui, nós não temos direito; medicamentos também não temos direito; se não abrirmos os olhos e, se os outros pretenderem a nossa eliminação, o que nos vai dizimar é o óleo vegetal importado que consumimos; a produção de gergelim está paralisada e todos enveredamos pelo consumo do óleo vegetal importado. No passado não conhecíamos doenças como, tensão arterial, estômago, etc.; inclusive, algumas enfermidades de que padecemos atualmente, advêm do consumo de produtos importados e, nós próprios julgamos que estamos a comer bem mas, pelo contrário, não estamos a comer bem; até o nosso sangue está a ressentir-se disso, porque, já não consumimos produtos nacionais que proporcionavam força no organismo; se insistirmos com a importação corremos o risco de sermos envenenados e dizimados. Se hoje não produzimos aquilo que consumimos é porque, não temos alguém que passa a frente para orientar e colocar no lugar-chave o filho da terra; os que estão a orientar todas essas atividades são estrangeiros que vieram de outros países. Superar esta situação é possível e quem deveria colocar estes problemas aos governantes seriam os sobas, que recebem orientações daqueles que são dignos responsáveis e transmitem a comunidade. **(EC-1:HAC)**

	Sapwile: Os representantes junto do governo deveriam ajudar-nos a resolver estes problemas. Temos, por exemplo, casos de crianças órfãos que, em muitos casos, ficaram sob cuidados de seus parentes ou simplesmente de pessoas de boa vontade. Como fica a situação destas crianças? Têm direito de estudar ou não? Quem poderá custear as despesas académicas destas crianças? Temos ainda outro problema de anciãos, que já não têm capacidade física para se deslocarem à distância e realizarem atividades do campo. No entanto, quando semeiam nos arredores da sua residência, os vizinhos soltam cabritos que devoram a sementeira. As duas categorias que acabei de mencionar são as que mais necessitam do apoio de todos, sobretudo do governo. Estas são as dificuldades que vivemos aqui na comunidade. **(EC-1:HAC)** **Sapwile**: Vocês que estão nas cidades, devem ajudar-nos no sentido de fazer chegar os nossos clamores junto das instituições competentes a fim de incentivarem-nos nestas tarefas; "quem sente o cheiro da ferida é aquele que dela padece e aquele que dorme junto dele; mas aquele que dorme junto dele só sente o cheiro, e não a dor; aquele que dorme debaixo da árvore é que ouve o ressonar dos pássaros". Digo isto, porque, se tivéssemos jornalistas que ficam na comunidade para dialogar com as pessoas e auscultar os seus problemas deveriam conhecer as nossas necessidades. Tomemos, como exemplo, o sal de cozinha, que é produzido cá no país, está ser vendido ao preço de 100 kwanzas por cada kilo, mas antes, comprávamos por 10 kwanzas; o litro de óleo vegetal custa 400 kwanzas; com esses preços elevados, onde é que vamos chegar? Este ano, quase todos os agricultores desta comunidade não tiveram uma colheita satisfatória de cereais, particularmente o milho, em razão de elevado preço dos fertilizantes. O adubo que o governo envia aqui na comunidade é vendido e não dado como se fazia em tempos passados; a maioria das pessoas não pode comprar o adubo, por não ter dinheiro. **(EC-1:HAC)** **Sapwile:** Repare! Ekovongo é que deveria ser o centro administrativo da Província do Bié e não o Kuito. O erro cometido aqui foi a expulsão do missionário Sander; os outros da comunidade vizinha de Kamundongo estão representados nos órgãos de decisão ao nível provincial e não só. O problema de Ekovongo foi a acusação de que o soba expulsou o missionário Sander e levou consigo palhaços quando visitou Portugal. Não fosse essa acusação, o centro administrativo e de

	decisão ao nível do Bié seria aqui no Ekovongo; os responsáveis, sobas e regedores do Kuito subordinar-se-iam ao Ekovongo. Mas, hoje, Ekovongo não tem este mérito; mesmo quando é visitado por dirigentes e outras personalidades é, sobretudo, para conhecerem a localidade e saberem da sua história e protagonismo que exerceu no passado, e, não ajudá-lo ao seu desenvolvimento; digo mesmo isto assim, porque os reis do Bailundu, Kwanhama e Mwatchiavwa fizeram alguma coisa durante a guerra civil. Por um lado, morreram pessoas; por outro ajudaram a manter a solidariedade. Mas aqui, os sobas do Bié não se uniram, nem foram solidários. Esta falha continua nos dias de hoje, porque se fossem solidários seriam capazes de acudir os órfãos. **(EC-1:HAC)** **Sapwile:** Mesmo os órfãos dos militares que morreram na guerra vivem situações difíceis; quando chega o momento de tratar documentos que lhes dão direito ao subsídio do estado, trocam os nomes dos verdadeiros órfãos para darem oportunidade aos seus parentes mais próximos. Aqui já não existe aquela solidariedade que havia em tempos passados; se tudo isto está a acontecer agora é, talvez, por estarmos misturados com pessoas que vieram de outras partes; estamos a ser homicidas porque estamos a trair o futuro das nossas crianças e estamos a desmotivar o trabalho dos professores e dos enfermeiros. **(EC-1:HAC)** **Sapwile:** Sobre a sua pergunta, é possível desenvolver a comunidade mas, a possibilidade de desenvolvimento das tecnologias tradicionais e outros ensinamentos importantes é muito pouca, em razão do desaparecimento daqueles que as dominavam. A maioria de idosos que ainda vive não estudou os ensinamentos do *onjango* na sua infância. **(EC-1:HAC)** **Sapwile**: Lembro-me um dia desses em que o engenheiro Elias dizia que, quando a pessoa respira está absorver o oxigénio ou carbono da planta e, a planta, por sua vez, também está absorver o oxigénio da pessoa… É que eu não estudei; logo, não consigo explicar bem em português apropriado; Em terceiro lugar, a comunidade tinha na sua periferia florestas com uma vegetação densa mas, a pobreza causou a sua destruição. Se todas as pessoas tivessem emprego, ou pelo menos fazer como noutros países, onde todo cidadão nacional, empregado ou desempregado tem direito a um subsídio para começar a organizar a vida, ou seja, se o estado garantisse algum subsídio aos cidadãos em situação de pobreza, para

…//… **2.4 Impacto do modelo desenvolvimento**	começarem a vida, tal como se fazem noutros países, as florestas não seriam destruídas. É a pobreza que tem levado as pessoas a cortarem árvores de forma indiscriminada, para produzir carvão vegetal destinado ao comércio no mercado informal da cidade, onde é consumido largamente. As pessoas não têm o mínimo para começar organizar a vida; para ir ao hospital quando o indivíduo cai doente, ele precisa de dinheiro. Para ir ao curandeiro tradicional também precisa de dinheiro, enfim, precisa de dinheiro para ter acesso a qualquer tipo de serviço. Repare, aqui o cidadão não tem acesso a exploração de diamante, de mercúrio, de ouro, de petróleo e de outras riquezas do país**. (EC-1:HAC)** **Epalanga**: Analisando bem, as coisas estão um pouco confusas porque eu, por exemplo, estou velho, mas ainda tenho desejo e vontade de trabalhar; se eu for ao campo não consigo fazer grande coisa, mas desejo trabalhar um pouco porque, mesmo estando velho necessito de dinheiro. O que está a complicar-nos é a falta de fertilizantes; o preço dos fertilizantes está muito alto e eu não tenho dinheiro que chega para comprar, pelo menos, um saco de adubo. Se eu decidir lavrar uma parcela de terra para semear a cebola consigo obter algum rendimento, comer e viver bem; aqui onde chegamos já não voltamos ao passado, logo, só penso trabalhar para comer e vestir, pois, já não sonho mais com a riqueza. **(EC-2:HAC)** **Epalanga**: Pessoalmente, não gostaria que alguém ateasse fogo nas minhas parcelas de terra, porque ao cultivar eu viro esse mesmo capim para o fundo da terra e desta forma fabrico fertilizantes de forma natural. A terra deve ser protegida das queimadas. A prática de fabricar carvão vegetal para o consumo doméstico intensificou-se com a guerra que aglutinou muita gente aqui na nossa área e destruiu as nossas florestas. Nós não podíamos proibir essa gente carente de fabricar carvão para a sua sobrevivência. A verdade é que, com o fim da guerra alguns regressaram as suas comunidades de origem e lá talvez continuam com essa atividade. Infelizmente, constatamos a persistência desta prática ainda nos dias de hoje porque alguns comunários não querem abraçar aquelas atividades normais que habitualmente se realizam para o sustento da vida aqui na comunidade. Com a persistência dessa atividade verificamos que a desertificação está a alastrar-se; as florestas não estão a regenerar-se e, consequentemente, as terras de cultivo não estão a ser alimentadas de fertilizantes naturais. Mesmo quando lavramos a terra e semeamos não é

	com a esperança de colher grande coisa. Alguns têm apelado para pôr fim ao fabrico de carvão vegetal, visto que, tal era permitido devido a carência que se vivia em tempo de guerra; quem quiser continuar com esta atividade que não ultrapasse os limites da sua parcela de terra. É deste modo que estamos a remediar a situação. De resto, são muitas as consequências advindas do derrube das florestas: desapareceram algumas espécies de cogumelos comestíveis; a saúde das pessoas ficou afetada com enfermidades respiratórias porque as florestas que purificavam o ar foram derrubadas. **(EC-2:HAC)** **Kapoko**: Nos dias de hoje é bom, porque a pessoa trabalha e se tudo correr bem espera colher bem; já não é como nos anos da guerra em que trabalhávamos mas não colhíamos. Ainda assim, mesmo nos dias de hoje, os preços de produtos básicos como sal de cozinha, óleo vegetal, etc, estão a subir de modo assustador; há pouco tempo estive com o meu filho que nasceu no dia 08/Março/1988 e disse-me: "oh pai estão a falar de novo sobre aqueles pequenos almofarizes para moer gergelim". Perguntei-lhe por que motivos? Ele respondeu-me dizendo que um litro de óleo vegetal está atualmente a custar 400 kwanzas (USD: 4$00) e o kilo de sal de cozinha está a ser comprado por 200 kwanzas (USD: 2$00). Questiono-me: por que motivos estes produtos estão a subir de preço? Que eu saiba, só o óleo vegetal é que resultados processos de industrialização; o mesmo não acontece com o sal que é areia extraído da terra. Será que isto tem a ver com o custo da transportação? Será que se está perante a eminência da desvalorização da moeda? **(EC-3:HAC)** **Kapoko**: Este ano, por exemplo, não houve uma grande produção de milho, porque no início a chuva caiu com maior intensidade, mas depois seguiu-se um longo período de seca. Aqui não temos tradição de cultivar arroz, o trigo sim. No passado cultivávamos trigo e café e naquela altura eram produtos que tinham mais valor que os outros que eu citei. Aqui não se pratica a pesca porque os nossos rios não têm peixe, assim como a caça porque os animais tornaram-se raros, devido a destruição das florestas. Este conjunto de fatores de pobreza tem levado a população jovem a emigrar para outras localidades, preferencialmente para as cidades. **(EC-3:HAC)** **Kapoko**: Algumas coisas interessantes que acontecem noutras partes do país e no exterior chegam até nós através das imagens transmitidas pela televisão; é ainda através das

	imagens transmitidas pela televisão que nos chegam aquelas coisas banais que se passam noutras partes do mundo. O importante é que as crianças saibam aproveitar as coisas boas e saibam desprezar aquelas banalidades que lhes pode alienar. Quanto aos telefones, eu diria que são daquelas coisas boas que apareceram nos tempos atuais, porque antigamente, para se comunicar com alguém que se encontra distante de nós, era preciso pegar no papel e na lapiseira, se souber escrever e depois deslocar-se aos correios para postar a carta; mesmo assim, para aquelas pessoas desonestas, o telefone tem sido utilizado como instrumento para enganar outras pessoas. Tem havido pessoas que enganam os outros; alguém pode mentir que está localizado na cidade do Huambo [60], ainda que o mesmo se encontre aqui na comunidade de Ekovongo. Para a gente honesta, o telefone é uma invenção que merece os nossos elogios, visto que, se neste preciso momento em que me encontro aqui, houver algum problema na vizinha cidade do Kuito, alguém pode comunicar-me a partir de lá e aqui mesmo eu tomo conhecimento do assunto e decido como proceder. Poderia dizer o mesmo em relação aos transportes pelo facto de que, no passado, se alguém projetasse uma viagem, se via na necessidade de preparar a merenda com produtos diversos para consumir durante o percurso (farinha, sal, etc.), mas agora, ainda que a distância for longa, suponhamos ao Huambo, com uma viatura já lá estaríamos, desde aquela hora de manhã que iniciamos esta conversa. Tudo isto é produto da escola, da formação e das transformações que estão a ocorrer no mundo contemporâneo. **(EC-3:HAC)** **Kapoko**: Os educadores têm falado sobre isso mas, como cada um tem o seu pensamento, existem sempre algumas pessoas que banalizam este tipo de iniciativas. Essas pessoas banalizam porque isso não lhes convém; nos dias que correm, temos constatado tentativas de alguns invejosos que se organizam em pequenos grupos que realizam assaltos e assassinatos na estrada que liga a nossa comunidade com a cidade do kuito. Se estivéssemos unidos não haveria homicídios nem roubo de motociclos neste espaço de estrada que liga Ekovongo com a cidade. Alguns aparentam ser pessoas mas têm coração semelhante a de um animal qualquer. **(EC-3:HAC)** **Kapoko**: As pessoas emigraram principalmente por causa dos ataques que a comunidade sofreu durante a guerra civil; passamos por situações horríveis em que as bombas eram

	lançadas a partir dos arredores da comunidade contra a cidade e de lá também lançavam bombas que caíam aqui. Daí que, mesmo agora aquelas pessoas que têm muito medo continuam a permanecer na cidade, apesar do custo elevado das parcelas de terra para a construção de moradias e da própria vida em si. Receiam que a situação vivida venha a repetir-se. No período da guerra a comunidade internacional uniu-se ao governo, o que tornou possível salvar a agudização da crise que se vivia. Não fosse a Cruz Vermelha Internacional e o Programa Alimentar Mundial (PAM), a situação seria catastrófica, porquanto, aquelas pessoas que escaparam do fogo das armas seriam dizimadas pela fome. Desde 2002 que a guerra terminou, houve algumas ocasiões em que o governo distribuía instrumentos de trabalho, sementes e fertilizantes, o que ajudou em certa medida o reinício do cultivo dos campos e o restabelecimento das pessoas aqui na comunidade. Atualmente, a situação é outra e temos notado que as pessoas realizam trabalhos fora da província e conseguem adquirir meios essenciais para reorganizar a vida. Existem, porém outros fatores que têm motivado a emigração nos dias de hoje; alguns emigram porque durante a sua estadia aqui na comunidade não gozam de boa saúde nos seus lares familiares. Em alguns casos, morrem uma ou duas crianças na família e esta situação cria a frustração, o que leva as pessoas a procurarem outras localidades onde possam viver sem este tipo de perturbações. Alguns enfrentam conflitos familiares, sobretudo quando existe no seu seio alguém com um certo nível de instrução, que trabalha na administração do governo e recebe algum salário. Quando esse indivíduo começa a organizar melhor a sua vida, em alguns casos, são os próprios parentes que lhe acusam de bruxo; tem havido mesmo casos de agressão a paulada e quando isso acontece a alternativa é emigrar. **(EC-3:HAC)** **Kapoko**: Para eles pode ser que haja, mas o que temos constatado é que muitos desses jovens que emigram para a cidade por ilusão são daqueles que não pensam ir a escola, nem aceitam os conselhos nesse sentido, mesmo sabendo que só estudando poderiam ser homens dignos. Existem também outros que emigraram em busca de oportunidades de comércio informal. **(EC-3:HAC)** **Kapoko:** Atualmente, vivemos este tipo de problemas, porque a partir do ano 2000 quando estávamos nos últimos anos da guerra surgiu uma prática dos militares que denominaram

	"batida" e o que vimos quando entrou em vigor, questionamo-nos: "afinal batida é isto"? Tratou-se de colher todos os produtos que se encontravam nos campos de cultivo para enfraquecer a guerrilha. O que vimos foi horrível, porque as pessoas já não tinham de comer, mas os soldados governamentais obrigavam todo o indivíduo a acompanhar-lhes na batida para carregar todo o tipo de produto que eles encontravam nos campos cultivados; podia tratar-se de campos do próprio indivíduo ou de um outro aldeão e caso se recusasse os soldados partiam-lhe as pernas com balas disparadas contra si. Aconteciam casos em que aquele soldado que obrigava o indivíduo a carregar os seus produtos dirigia-se a um pequeno mercado de emergência denominado *Epanguela-tembo* [68], onde comercializava os produtos para ganhar tempo e voltar ao campo sempre acompanhado do seu refém; era como um prisioneiro de guerra e quando reivindicasse repouso de tanto cansaço, era morto para repousar definitivamente. Falamos disso não como denúncia ou reação, mas, porque aconteceu e nós vimos com os nossos próprios olhos. A batida veio provocar uma profunda crise de fome jamais vista na nossa região, mas, como Deus é todo-poderoso deu a inteligência aos humanos. Surgiu então a ideia de que aqueles deslocados de guerra saídos das comunidades rurais para as cidades deviam produzir carvão vegetal e conseguir alguns meios de sobrevivência. Naquela altura, um saco de 50kg de carvão vegetal podia ser trocado por 1kg de farinha de milho. É a partir daqui que começa a destruição das florestas e a degradação do meio ambiente, visto que, num período de apenas 2 anos, todas as grandes florestas que se estendiam daqui até ao rio kukema foram derrubadas. Atualmente, o indivíduo pode percorrer todo este espaço que eram florestas e não vai encontrar nenhuma árvore de grande porte; repare que aqueles pequenos arbustos que estão a preencher aqueles espaços que antes eram florestas, também estão atualmente a ser dizimados pela ação dos carvoeiros que continuam com a sua atividade de produção de carvão para comercializar. Além da ação dos carvoeiros temos ainda o problema das queimadas que constitui outra prática de destruição do meio ambiente; por exemplo, a partir do mês de Agosto a Setembro o capim está completamente seco; logo, uma queimada pode destruir grandes extensões de terra cultivável. **(EC-3:HAC)** **Dona Kayovo**: É bom viver aqui na comunidade porque desde os tempos em que nascemos, ou melhor, desde os tempos em

	que nossos progenitores deram-nos à luz, sempre vivêramos aqui cultivando a terra. As nossas terras eram boas na altura, porque as florestas estavam bem conservadas, não havia queimadas de capim e as árvores não eram derrubadas indiscriminadamente; por isso, trabalhávamos à vontade e os nossos progenitores conseguiam criar riqueza e cuidaram bem de nós. Entre nós filhas e filhos houve aqueles que frequentaram a escola, empenharam-se bem nos estudos e tudo isso contribuiu para o bem-estar. Mas, depois, com o início da guerra a região entrou num processo de destruição; as pessoas começaram a dispersar-se e a economia ficou quase toda destruída. Em virtude da fama que Ekovongo tinha na altura, as pessoas da nossa região que se viram forçadas a abandonar as suas áreas de origem vieram para esta comunidade; quer dizer, com a chegada desses imigrantes aumentou o consumo e a comida começou a escassear. Uma lavra podia ser consumida num único dia; os guerrilheiros da UNITA tinham nas nossas lavras a sua fonte de comida, assim como os militares do MPLA. Chegou-se a um ponto em que a comida acabou toda e as pessoas já não tinham mantimentos para a sua sobrevivência. As pessoas na sua maioria começou a derrubar árvores para produzir carvão vegetal e intercambiar com aqueles que tinham um pouco de comida. As florestas que circundavam a nossa comunidade ficaram todas devastadas e as pessoas começaram a ir mais além em busca de outras florestas com o mesmo propósito. Por causa disso, já não temos cá na região árvores de grande porte e frondosas. As pessoas, sobretudo jovens que nasceram e cresceram nesse período da guerra não conhecem sequer a flora da nossa região e quando um adulto fala dos nomes das árvores, eles ficam sem perceberem de quê se está tratando e perguntam: “que é isso? De que estão falando”? Desde aquele período da guerra aos dias de hoje a flora da nossa região continua sofrendo da agressão dos produtores de carvão vegetal; algumas espécies tentam regenerar-se e crescer, mas os agressores não deixam que as mesmas atinjam aquela altura como antes. A produção de bens alimentares também... Bem! Digamos Graças a Deus que as pessoas estão produzindo um pouco de comida, mas não em grandes quantidades, porque o solo não possui a mesma fertilidade como antes da guerra. Alguns agentes ligados a determinadas instituições têm alertado aos produtores de carvão vegetal dizendo: “isto que fazeis ao produzir o carvão poderá causar o aquecimento da terra. Se a terra aquecer já não será fértil e os cogumelos já não poderão

	germinar". Por isso, aqui na nossa região já não estamos em posse daquilo que antes possuíamos; atualmente, os cogumelos comestíveis estão a vir de outras comunidades da nossa região para serem comercializados aqui no Ekovongo e arredores. Isto para dizer que em outras áreas da nossa região o quadro é bem diferente, visto que, aqui a guerra foi muito intensa e devastadora. **(EC- 5:MAC)** **Visupe:** Devo dizer que agora não somos ricos nem pobres; antes não havia muito vestuário, muitos meios de transportes, em fim, a comunidade está a crescer. A carência já não é tanta como no passado recente e só mesmo aqueles que pensam pouco é que vivem muito carentes. No entanto, no campo da criação de animais domésticos temos um grande retrocesso assim como no campo da saúde das pessoas, porque antes não havia tantas doenças como agora e as mortes não eram frequentes; **(EC-6:HAC)** **Visupe**: Existem várias situações que dificultam o desenvolvimento: primeiro a questão dos preços dos produtos que tem prejudicado os produtores do campo; antes havia muita comida, o dinheiro escasseava, mas tinha muito valor. Agora, os custos de transporte dos produtos são elevados devido a concorrência dos transportadores privados. Não há controlo dos preços e as pessoas estão a dizer, que seria melhor o governo criar uma rede de estabelecimentos comerciais oficializados, porque ali o negócio seria diferente com o uso de balanças para pesar os produtos. As pessoas que não produzem estão a prosperar à custa dessa anarquia. Hoje recebemos o comunicado da morte de um parente que faleceu na comunidade vizinha; se fosse como antes, não seria necessário arranjar dinheiro para pagar a transportação das pessoas que vão participar do óbito, porque bastava esperar na paragem e dizer ao condutor que temos infelicidade, ele não cobrava nada. Ele também solidarizava-se com as pessoas enlutadas; agora, os condutores não aceitam transportar pessoas que se encontram nesta situação. **(EC-6:HAC)** **Dona Jamba**: No passado, algumas pessoas eram mesmo carentes; agora começaram a expropriar terras dos outros e com isso estão a desenvolver-se. Alguns estão a desenvolver-se com o seu próprio esforço; outros estão a desenvolver-se através da bruxaria. **(EGC-8:MAC)** **Dona Nahenda**: No passado, os nossos pais cultivavam muita cebola que denominavam "*onungu*" e era uma espécie de

	tamanho grande; cultivavam também muita batata, mas não havia muito dinheiro e os produtos eram vendidos a preços muito baixos. Era o tempo colonial; atualmente, o dinheiro é abundante e as pessoas estão a vender quantidades de produtos como a mandioca, a batata, a cebola, etc. Antes cultivávamos couves, cebola, tomate, batata ali mesmo nos arredores do Palácio Real e fertilizávamos com a cinza e nem conhecíamos o adubo químico. **(EGC-8:MAC)** **Dona Nahenda**: As moças procuram-se entre si; não se interessam por nós que já somos velhas. Algumas visitam as mães, os pais e prestam-lhes apoios. **(EGC-8:MAC)** **Sapwile**: Muito obrigado, por esta pergunta! Em primeiro lugar, estamos vendendo a terra por causa da pobreza. O dinheiro resultante deste negócio as pessoas estão a comprar motorizadas e outros tipos de veículos. Esses indivíduos, não estão a pensar no futuro das novas gerações. Em segundo lugar, são as queimadas. Se a floresta tiver uma vegetação densa e capim, as pessoas queimam para afugentar os animais ferozes. **(EC-1:HAC)** **Kamela**: Não é desejo deles emigrar para as cidades; primeiro foi a guerra, visto que, quando os militares cá chegavam não procuravam atacar unicamente os seus inimigos que possuíam armas como eles; eles incendiavam as casas da população e as pessoas reconstruíam, mas não com intuito de esperar pelo militar que vem queimar pela segunda vez. Logo, aqueles que tinham possibilidades emigravam para as cidades ou outros lugares que achavam ser mais seguros. Em segundo lugar são os conflitos inter-familiares que obrigaram algumas pessoas emigrar para as cidades; por exemplo, atualmente temos cá na comunidade escolas onde se pode estudar até a 5ª e 6ª classe. Antes não tínhamos esse tipo de escolas e as pessoas tinham que enviar os seus filhos aos parentes que residem na cidade. No entanto, para quem tivesse dois, três, quatro filhos emigrava com toda a sua família para não sobrecarregar o irmão, o tio que reside na cidade. Muita gente emigra para a cidade onde são obrigados a viver em casas de renda. Nem todos emigram para as cidades a procura de emprego e dinheiro; alguns emigram para escapar do controlo da família alargada. Em 2007 muita gente emigrou para as cidades e até a presente data ainda não regressaram; mas não creio que tenham ido a procura de emprego porque a cidade requer elevados níveis de instrução e de formação profissional que

	eles não possuem. Por aquilo que eu constato, mesmo aqui na nossa província o emprego escasseia na medida em que, os únicos que realizam concursos de emprego são os sectores da educação e da saúde. No caso dos enfermeiros o estágio demora dois anos e para alguém que é agricultor, apenas procura outro emprego isso constitui desperdício de tempo; enquanto isso, o seminário para ser professor apenas demora alguns meses. Além disso, não é hábito chegarem aqui solicitar candidatos a enfermeiro ou de outras profissões. Nas forças armadas, por exemplo, mesmo quando anunciam as vagas, antes mesmo de os jovens chegarem lá as mesmas já estão preenchidas por filhos dos próprios chefes. A polícia por exemplo, tornou-se uma grande empresa e o emprego é para toda a vida. Quem sai da comunidade para se candidatar a polícia encontra as vagas já preenchidas. **(EC-9:HA)** **Kamela**: Têm acompanhado, sobretudo aqueles que possuem televisores e rádios. Muitos comunários possuem televisores e rádios nas suas casas; posso mesmo dizer que temos aproximadamente 100 televisores na comunidade; alguns acompanham mais aqueles programas de entretenimento da TV e escutam música através da rádio e do vídeo. As pessoas não prestam atenção as informações sobre acontecimentos que ocorrem na província, no país e no mundo; os jovens por exemplo, preferem mais aqueles filmes de pessoas que lutam com facas, música, etc. Não é frequente as pessoas acompanharem a atualidade da província, do país; saber pelo menos se na região haverá muita chuva ou não**. (EC-9:HA)** **Lisoso**: Os comunários se relacionam constantemente com o meio ambiente de onde retiram bens para a sua sobrevivência. Tem havido apelos das autoridades de modo a que tenhamos atitudes responsáveis com o meio ambiente. Infelizmente, há sempre pessoas que violam esses apelos e protagonizam atos agressivos contra o meio ambiente; uns derrubam árvores a fim de produzir carvão vegetal para comercializar nos mercados da cidade. Outros realizam queimadas para caçar animais de pequeno porte. Atualmente, devido a essa agressão contra as florestas as tempestades intensificaram-se e as chuvas reduziram consideravelmente. **(EC-10:HA)** **Epalanga**: No entanto, não temos fertilizantes; vamos cultivar para esperar o quê? Risos… São estas as dificuldades que atravessamos mas, temos vontade de trabalhar. Há dias, ouvimos por alto, que o kilo de amónio passaria a custar 150

	kwanzas e o kilo de adubo 250 kwanzas. Portanto, são estas as dificuldades que vivemos. **(EC-2:HAC)** **Sapwile:** As lamentações são tantas; todo aquele que cria o órfão é porque também ele tinha sido criado pelo órfão. Digo isto porque deveriam ser os sobas a transmitirem as lamentações e as necessidades da população; os sobas não estão a conseguir exercer este papel, visto que, quando vão ao encontro dos dirigentes dizem que têm dialogado com a população para auscultar as suas necessidades, mas, basta receberem os seus vencimentos, ao regressar à comunidade mudam de atitude, utilizam a linguagem intimidatória para coartar a liberdade de expressão. Quando as pessoas reivindicam a liberdade de opinião, eles ameaçam dizendo: "aquele que insistir com a sua reivindicação poderá desaparecer" e, por vezes, informam às autoridades, acusando as pessoas de agitadores que pretendem realizar a greve. Mas, o governo é o povo ou não? Os sobas é que estão a trair-nos… Se os sobas tivessem a coragem seriam eles os porta-vozes da população; o governo baixa orientações no sentido de auscultar as necessidades da população mas, como os sobas beneficiam de alguma coisa, já não estão a ter a coragem de transmitir as necessidades dos outros. Hoje no país, se determinados programas não se implementam, a culpa é daqueles que estão a frente, porque, depois de ter o seu dinheiro no bolso só dá oportunidades à sua família; **(EC-1:HAC)** **Sapwile**: Muitas pessoas doentes acabam por morrer; algumas mulheres grávidas ao serem operadas fecham-lhes a faculdade de procriarem, mesmo estando em plena idade reprodutiva. Todos estes problemas deveriam ser inventariados e apresentados pelos sobas nas reuniões com o governo; infelizmente, eles não estão a exercer este papel; o indivíduo dirige-se ao posto de saúde local, porque dói-lhe a cabeça ou estômago mas, dão-lhe medicamentos que não correspondem com a doença que tem; aquele indivíduo que tem febres e dores da coluna lombar dão-lhe aquelas vitaminas para mulheres grávidas; afinal essas vitaminas servem para reforçar o desenvolvimento do feto ou são medicamentos para tratar a coluna lombar? **(EC-1:HAC)** **Sapwile:** Bem, não sei se as igrejas estão a contribuir ao desenvolvimento; **(EC-1:HAC)** **Ndalu**: No entanto, há outras modalidades de educar; por exemplo, no plano da educação laboral vivemos hoje em dia

…//… **2.5 Estratégias de Desenvolvimento**	carências alimentares porque desde o tempo dos antepassados que se cultiva esta terra, o que quer dizer que ela está cansada. Este ano corremos o risco de fome porque ainda cultivamos dependendo da chuva; os cereais, assim como o feijão só produzem se chover com regularidade. Aqui como o clima é relativamente temperado a situação não é tão alarmante, mas para aquelas áreas frias que circunscrevem a periferia da cidade, o caso é mais preocupante. Isto acontece devido à falta de fertilizantes. Quando solicitamos apoios ao governo é tão somente para dinamizar a produção e promover o desenvolvimento.**(EGC-8:HAC)** **Pole**: É bom viver numa comunidade rural, mas aqui há muita inveja. Digo isto porque eu era aventureiro e já tinha dado avanços na vida, mas o ano passado escapei morrer. Fui informado que ali mesmo nos escombros do Palácio Real tem diamante e mercúrio no seu subsolo. Confidenciei o assunto a um europeu amigo que não sei lá tão bem em que organização o mesmo pertencia. O amigo veio da cidade com o material e construiu no sítio uma pequena estrutura de betão para servir de sinal. Alguns dias depois, o meu amigo tornou a vir cá acompanhado de um outro elemento e começamos com a escavação no local. Alguém apercebeu-se de que estávamos a realizar um trabalho de escavação no local sagrado e foi denunciar às autoridades costumeiras. No dia seguinte fui convocado e submetido a um interrogatório; confessei os meus propósitos, mas mesmo assim, exigiram-me uma multa de duas cabeças de gado bovino. Como eu não tinha bois nem dinheiro para os comprar, os membros do tribunal costumeiro discutiram o assunto e atenuaram a pena para eu pagar uma cabra, uma galinha e uma embalagem de cerveja. Se não fosse essa denúncia dos invejosos, hoje eu estaria rico. Além disso, as coisas aqui não vão nada bem, porque o administrador cessante apenas arranjava emprego para os seus parentes. Com a indicação do novo administrador as coisas começaram a mudar e eu mais outros elementos fomos selecionados para exercer as funções de promotores de saúde na comunidade; trouxeram-nos documentos para preencher e assinar, mas o pagamento pelo trabalho que fazíamos aqui na comunidade era simplesmente o cartão de recarga para o telefone, algumas gasosas e bolachas. Mas então pergunta-se: "não seria melhor dar-nos dinheiro, ao invés de gasosas e bolachas? Com a família que temos isto resolve alguma coisa? Por isso, praticamente paralisamos com esta atividade. **(EC-12:HJ)**

	Pole: O problema é que não temos pessoas que assumem a liderança da camada juvenil, que pudessem indicar caminhos a seguir para haver desenvolvimento. No período colonial, quando os missionários chegaram aqui com o propósito de estabelecer a missão e criar escolas, os líderes de então não aceitaram e eles seguiram para Kamundongo, onde estabeleceram a missão e criaram escolas para instruir os fieis. Por isso, os outros de Kamundongo beneficiaram da instrução, ao passo que nós ficamos à margem desse processo e continuamos pobres. **(EC-12:HJ)** **Pole**: Seguir a tradição ou a modernidade não é questão! O pior é enveredar por práticas de roubar, consumir drogas, não ir à escola nem trabalhar. Só trabalhando se pode viver bem. **(EC-12:HJ)** **Pole**: As escolas têm contribuído ao crescimento, mas isto para aqueles que têm coragem de avançar nos estudos, uma vez que, na escola aprende-se muita coisa; de contrário não há crescimento. **(EC-12:HJ)** **Pole**: Cultivar as hortas e semear nelas o milho e hortícolas para ficarem pronto no mês de Novembro. Se os líderes da comunidade tivessem coragem suficiente poderiam pressionar as instituições do governo responsáveis pelo desenvolvimento da agricultura, para providenciarem imput´s, principalmente adubos. A entidade provincial da União Nacional dos Camponeses Angolanos (UNACA) tem distribuído aos seus membros adubos à crédito. A educação é outro fator a considerar, mas a pobreza faz com que a maioria não prossiga com os estudos para níveis mais elevados; geralmente, as escolas exigem dos alunos dinheiro para comprar determinados materiais que necessitam para o seu funcionamento e as pessoas não possuem tal dinheiro, visto que, alguns têm 4 a 5 filhos matriculados na escola. **(EC-12:HJ)** **Sekeseke:** Aqui na *Ombala Ekovongo*, bem poderíamos ter pessoas com capacidade de comprar camiões que circulassem até à fronteira e entrar na vizinha República da Namíbia e trazer de lá mercadorias que pudessem impulsionar o desenvolvimento da comunidade; nós todos teríamos a oportunidade de adquirir essas mercadorias a partir dos estabelecimentos comerciais desses indivíduos que possuem tal capacidade. Mas, por causa dos invejosos isso não está a acontecer; por um lado, devido ao temor de que, os indivíduos

	que possuem tal capacidade veriam os seus parentes mais próximos a morrer, um atrás do outro. Por outro, devido ao temor de ser acusado como feiticeiro pelos seus próprios parentes; por exemplo, se morrer alguém na família alargada, haverá sempre alguns elementos da mesma a dizer: "o primo beltrano que comprou o seu camião é mesmo ele que matou o falecido para reforçar a sua fortuna". Haveria um outro parente que diria: "aqui mesmo no Ekovongo, se os meus filhos adoecem ou morrem, o feiticeiro é mesmo o primo beltrano que comprou o seu camião e procura reforçar a sua fortuna" Risos... Viver é lutar pela vida! O indivíduo trabalha e consegue aquilo que necessita com o seu próprio esforço! Por aquilo que contam os nossos pais, para irem à escola quando eram adolescentes, era preciso pagar a propina, mas ainda assim, os avôs tinham que os pressionar para irem estudar. Atualmente, o ensino é gratuito, mas a escola exige 50.00 (cinquenta kwanzas) para pagar a folha de exame. Aquele pai que trabalha na horta e consegue pagar a folha de exame verá seu filho terminar os estudos. Mas aquele pai que diz: "meu filho, hoje vamos ao campo cultivar aquela parcela que resta para concluir com o nosso trabalho". Este aluno, que foi impedido de ir à escola com o argumento de ir terminar o trabalho do campo, de certeza acabará por desistir dos estudos, sem possibilidades de terminar o ensino geral e prosseguir na faculdade. O que poderá esperar no futuro esse pai que impediu o filho de ir à escola? É tudo isto que constitui obstáculos ao desenvolvimento. É preciso encorajar e motivar os nossos filhos para irem estudar na escola e adquirirem conhecimentos para que se reduza o temor ao feitiço! O feitiço só funciona para aquelas pessoas que têm a consciência pouco instruída. São essas pessoas que alimentam a inveja e o ódio e procuram artefactos para destruir a vida daqueles que estudam e trabalham para haver desenvolvimento. Se hoje estamos independentes, é porque houve entre nós, pessoas que estudaram e descobriram vias que levam ao desenvolvimento. Quando eu era menor não sabia como se constrói a parede de uma casa, mas hoje, que estudei um pouco já aprendi construir uma casa moderna como esta onde estamos; o dinheiro que me pagam nos trabalhos que executo não é muito, mas dá para comprar cadernos, lápis, lapiseiras e outros materiais que o meu filho precisa para ir estudar na escola. Pessoalmente, se eu fosse um pouco prudente, nesta altura me encontraria a exercer funções de catequista da Igreja Evangélica Congregacional aqui nesta comunidade. A ambição de um ser carnal desviou-

	me desse caminho. Tive a minha primeira esposa com a qual tenho quatro filhos e todos estão sãos e vivos, pois não morreu nenhum. Nunca tive emprego no estado, mas o trabalho que fiz com as minhas próprias mãos e apoios do estado que me deu alguns sacos de adubos, consegui ter uma colheita que depois de vender tais produtos, permitiu-me comprar a mobília do quarto para os meus filhos e uma motorizada; toda a família de casa ficou satisfeita com o crescimento que estávamos a ter naquele ano. O crescimento tem de partir de nós próprios, para o estado poder apoiar-nos na base daquilo que somos capazes de executar. **(EC-13:HJ)** **Sekeseke**: Para nós, o obstáculo para o desenvolvimento é a estrada que serve de ligação entre a cidade e a nossa comunidade; o estado da nossa estrada é lastimável. Agora, como nos encontramos na estação seca, as pessoas circulam nela, embora com algumas dificuldades, mas quando chegar a estação das chuvas teremos sérias dificuldades de circular nela; se um indivíduo conseguir fertilizantes à crédito, colher o seu repolho e fretar uma viatura para transportar até aos mercados da cidade, talvez a mesma não poderá chegar cá na comunidade devido a degradação da nossa estrada. Este é um dos assuntos que o governo deveria priorizar porque retarda o nosso desenvolvimento; aqui na nossa região, a estação seca inicia logo em Abril e se prolonga durante os meses de Maio, Junho, Julho, Agosto, Setembro até ao mês de Outubro. Por isso temos carências de água para a atividade agrícola; os rios perdem o caudal e não conseguem abastecer os canais de irrigação. São vários artifícios que temos de colocar em ação: desde a procura de água e de fertilizantes até aos custos com a mão de obra. No entanto, no momento de fretar a viatura para transportar os produtos aos mercados da cidade, nos meses de Novembro e Dezembro, a mesma fica soterrada a meio do percurso, devido aos buracos, sobretudo no trecho arenoso da área de Kalwaseko; o tempo que a viatura leva para conseguir sair de um buraco ao outro pode somar três dias de viagem e os produtos do campo como são perecíveis ficam desidratados e com isso perdem o valor de compra. **(EC-13:HJ)** **Mwenho**: Apesar disso, sentimos falta de apoios para incentivar a produção e isto tem retardado o próprio processo de desenvolvimento porque muitos comunários não têm capacidades de produzir grande coisa. **(EC-15:HAC)** **Mwenho**: Sim! Efetivamente! Não devemos destruir as

	florestas, devastar os solos, nem poluir o meio ambiente! Aqui na nossa região têm sido frequentes atos como o derrube indiscriminado das árvores para produzir carvão vegetal assim como as queimadas; na semana passada, o outro lado do rio Ekovongo foi queimado e esta situação abriu portas para os animais domésticos atingirem as áreas cultivadas ao longo do mesmo rio. Esta já é uma grande preocupação para os produtores. **(EC-15:HAC)** **…///…** **Tiuka:** Em outras áreas não há crescimento, muito menos desenvolvimento! Até a data presente não temos sido apoiados o suficiente para haver crescimento e desenvolvimento. Aqui nesta comunidade ninguém foi apoiado para crescer; se alguns comunários conseguiram crescer um pouco é graças ao esforço próprio de cada um e não por terem beneficiado das oportunidades ou dos apoios das autoridades governamentais. Por exemplo, não há desenvolvimento na criação de animais; se a governação pensasse em apoiar-nos com alguns bois e charruas, as pessoas poderiam crescer rapidamente, porque a parcela de terra que o indivíduo trabalha durante um dia com a charrua de tração animal é tão grande, que aquele que trabalha apoiando-se apenas em trabalhadores manuais não conseguiria, mesmo com um número de 20 trabalhadores. **(GDA-2:HA)** **Bonge**: Na área da educação estamos a verificar alguma coisa, embora com algumas insuficiências; na área da agricultura haveria crescimento se houvesse apoios em sementes e fertilizantes, ainda que tivéssemos que comprar com dinheiro, caberia ao governo subvencionar os preços. Se um indivíduo conseguir comprar 20 sacos de adubo e trabalhar com a tração animal, ele cresce rapidamente, e diríamos que isso foi possível graças aos apoios do governo; uma pessoa que cultiva uma grande parcela de terra empregando fertilizantes ele cresce de modo diferente. **(GDA-2:HA)** **Dona Ngueve**: Nós não somos pobres, visto que, temos terras férteis e rios que permitem produzir o essencial para a subsistência. Do meu ponto de vista, somos ricos, desde que apliquemos os conhecimentos de como explorar o potencial que a própria natureza nos proporciona. **(GDA-2:MA)** **Tiuka**: Eu penso que não teremos desenvolvimento aqui no Ekovongo se o governo não nos prestar apoios; se os detentores do poder em Angola soubessem distribuir a riqueza

	a todos estaríamos desenvolvidos. Ainda que tivermos as mínimas possibilidades localmente, se os governantes não nos estenderem a mão nada poderemos fazer, visto que, aqui nesta comunidade carecemos de muita coisa; em primeiro lugar a estrada de acesso à comunidade, ainda que os comunários se mobilizarem para reabilitá-la não se vai conseguir coisa, visto que, não temos máquinas. Em segundo lugar, o posto sanitário que não dispõe de medicamentos para socorrer os doentes, nem dispõe de condições para realizar análises clínicas! **(GDA-2:HA)** **Tiuka:** Além disso, *Ekovongo* é uma *ombala* mas não dispõe de infraestruturas para acomodar as entidades que a visitam. Tudo isso só será possível se houver apoios das estruturas governamentais. **(GDA-2:HA)** **Dona Ngueve**: Quanto a mim, imitar por imitar o que se passa em outras realidades é um grande erro. Aqui mesmo na nossa terra há tanta coisa boa que nos pode catapultar para o desenvolvimento; Deus abençoou todas as nações. **(GDA-2:MA)** **Sayovo**: Eu visitei recentemente a comuna de Kambândwa e constatei lá um crescimento impressionante; ao entrar na comuna nos deparamos com casas bonitas e um campo de futebol. Aqui na nossa comunidade a realidade das casas é bem diferente e as barras do nosso campo de futebol são paus improvisados. Isto não nos dignifica! Gostaríamos de ver melhoria nas condições sociais, particularmente a reabilitação do nosso campo de futebol. Aqui no largo das escolas onde nos encontramos o panorama é agradável porque as infraestruturas são modernas e bonitas, mas o resto da comunidade contrasta com esta realidade. **(GDJ-1:HJ)** **Kalunga**: As regiões do País que estão a desenvolver-se conhecemo-las; eu viajei muito, inclusive estive no norte no Município do Soyo e passei também pela Província de Benguela. O que constatei nessas localidades permitem afirmar que ainda há mesmo atraso nesta comunidade; se o governo não nos estender a mão, o sofrimento não vai acabar nesta comunidade. Tudo depende do governo decidir pela melhoria da nossa comunidade, tal como o faz noutras localidades; nós sozinhos não vamos avançar devido a inveja que já referi atrás. **(GDJ-1:HJ)** **Nepanda**: *Ekovongo* permanece ainda no mesmo nível em que

	se encontrava há alguns anos atrás. **(GDJ-1:MJ)** **Sapalo**: Aqui as pessoas têm motivação para trabalhar, mas devido a fraca capacidade de produzir em grande escala as colheitas não têm sido satisfatórias; se tivéssemos acesso àquelas oportunidades de apoio que o governo tem dado aos produtores noutras localidades teríamos alcançado um crescimento assinalável. **(GDJ-1:HJ)** **Sapalo:** Por um lado, ainda que o governo nos apoiasse com dinheiro para promover o crescimento, o mesmo não seria suficiente para construir as nossas próprias residências. Por outro, é possível crescermos ainda que não possuirmos riqueza, desde que tenhamos um capital inicial; eu preciso de uma motorizada, de um carro, de um avião e o que me falta é mesmo capital inicial. Suponhamos que o governo me dá um carro, uma motorizada à crédito e me diz vá e vire-se eu passo a agir em conformidade. **(GDJ-1:HJ)** **Kalunga:** Não testemunhamos o passado, mas quanto ao presente o único indicador de realce é tranquilidade porque agora dormimos sem tormentos; quando comparei a nossa comunidade com as cidades que visitei é sobretudo por que lá os jovens como nós têm acesso aos créditos e com esse dinheiro constroem as suas casas, compram moto-bombas para irrigar os campos cultivados e o governo lhes conhece. Connosco isto não está a acontecer e vivemos num universo de carências múltiplas. Daí o nosso clamor ao governo no sentido de lembrar-se de nós nas políticas de crédito. **(GDJ-1:HJ)** **Mbaka**: se houvesse apoios em fertilizantes esta população gosta de trabalhar. Portanto, o que eu acho que falta aqui são adubos e apoios técnicos. **(EAGEXTER-2:HA)** **Siliveli**: Se tivermos que falar mais concretamente do estatuto de Ekovongo que é a *Ombala*- Mãe desta região, e olhando para as condições em que a mesma se encontra, com apenas duas escolas e o posto de saúde, e não havendo outras infra-estruturas, diríamos que a situação é lastimável, tendo em conta que a mesma localiza-se há apenas 27 quilómetros da cidade do Kuito – Centro Administrativo da Província do Bié. Não sei até quando, porque da nossa parte temos informado às entidades competentes acerca das preocupações dos comunários e daquilo que é possível realizar, mas ainda não vemos nada. Naturalmente, temos levado em consideração o facto de ser um Centro Administrativo sem verba atribuída,

	mas isso cabe ao executivo municipal fazer também as suas propostas de como desenvolver Ekovongo; senão repare! O Centro Administrativo de Kukema está crescendo aos poucos, e um dia ascenderá à categoria de comuna e pode, mas falando de Ekovongo a ascender a essa categoria, isto no contexto político, é mesmo difícil porque não dispõe de infraestruturas básicas; **(EAGEXTER-3:HA)** **Siliveli**: Mesmo o nosso caso há assuntos que temos informado às direções afins da educação, mas que, poderiam ser informados à Administração Local e essa, por sua vez, os trataria junto daquelas; a nós caberia apenas esperar pelas soluções, visto que, cada problema merece a devida solução; mas, por enquanto, temos que levar para lá e só nos dizem: "tenham calma"; ok! Talvez temos que admitir que a nossa liberdade termina ali onde começa a liberdade dos outros; tal como se diz na gíria "não podemos pular cordas", temos que continuar a informar até onde podemos achar que aí falamos e o resto não é connosco. **(EAGEXTER-3:HA)** **Sawesi**: por outro, o governo também não tem presença efetiva nessas comunidades e quando lá vão é no intuito de buscar informações para ludibriar os relatórios. Mas senão, estar ali presente para ver como se vive, isso tem sido muito difícil, porque apesar de não haver da parte do governo capacidade de criar postos de assistência sanitária em todas as comunidades, lhe caberia incentivar aquelas pessoas que têm possibilidades de construir um posto médico, uma farmácia nessas aldeias. **(EAGEXTNR-3:HA)** **Lupesi**: Entretanto, há um especto que tem constrangido este processo na medida em que, aqueles que desenham os programas não conhecem a realidade do local onde vão ser implementados; são programas concebidos de maneira abstrata sem conhecimento prévio das condições locais. Por norma, o desenho de um programa deve ser precedido de um inquérito junto da comunidade em que o mesmo vai ser implementado; em função dos resultados do inquérito passa-se ao desenho de programas e este procedimento facilita a sua implementação. **(EAGEXTNR-3:HA)** **Lupesi:** O que é necessário aqui é inverter o sistema, isto é, em vez de desenhar programas a partir do topo sem conhecimento prévio da realidade, passar-se a uma estratégia que começa por um levantamento da realidade local; mais do que tudo isto existe uma falta de honestidade por parte das

	entidades do governo em toda a cadeia do topo à base. Se houvesse honestidade por parte das instituições do governo, os projetos já implementados, assim como outros em fase de implementação levariam este país a um nível de crescimento e desenvolvimento dentro de alguns anos. **(EAGEXTNR-3:HA)** **Lupesi**: Nesta vertente, penso que era preciso potenciar mais o meio rural; identificar as atividades específicas do meio rural, que como se sabe é mesmo a agropecuária. Seria preciso capacitar empresários para investirem em atividades agropecuárias que são próprias do meio rural; por exemplo, se numa aldeia existir pelo menos dez fazendeiros que possam empregar as pessoas da comunidade, aí sim, haveria mais impacto da educação. **(EAGEXTNR-3:HA)** **Sawesi**: o normal seria realizar um inquérito com os líderes da comunidade para saber deles o que desejam e não reunir apenas com os sobas, porque esses são figuras simbólicas que não possuem o poder de facto. O soba também é uma cabeça, é líder mas sem poder real; um catequista ou um pastor deveria ser incluído no conselho da comunidade, uma vez que as igrejas já implementam o sistema educativo vigente. Em meu entender, o objetivo imediato do campo é, pelo menos um camponês saber escrever o seu nome, saber apresentar algumas coisas; no entanto, o objetivo principal e à longo prazo, ele tem saber intervir em algo que amanhã lhe vai dar resultados. Em vez de fazer aquelas locomoções de sair da aldeia para ir noutro sítio, porque a vida lhe obriga a uma mudança de ambiente, ao passo que ele deseja manter esse mesmo ambiente; então que se façam inquéritos para se saber o que os comunários gostam ou gostariam de fazer. O que fazer para tirar a comunidade da crise por exemplo; depois do inquérito desenham-se projetos na base desses resultados. O que é necessário na presente etapa é realizar campanhas de sensibilização para que os comunários cheguem a esse nível em que tenham a consciência da importância e da necessidade de uma escola convencional; esse processo de consciencialização tem de ser gradual. As comunidades precisam sim de um posto médico porque a doença não pede licença; precisam também de escolas, mas, primeiro é arranjar as vias de acesso para os comunários poderem escoar os seus produtos. É difícil alguém chegar na comunidade para falar de temas sociais sem incluir temas da agricultura; a agricultura é a base de todo o edifício económico. Quando os agentes do governo vão às comunidades perdem o seu tempo a falarem de

	partidos e da política; mas quando se pergunta aos comunários: quais são os vossos problemas? A resposta é: não temos enxadas, sementes, fertilizantes, etc. **(EAGEXTNR-3:HA)** **Sawesi**: Acho que nesta vertente devemos considerar primeiro os apoios do governo, apesar de as ONGs intervirem nos projetos, mas é sobretudo o governo que deve velar por essas comunidades em primeiro plano. O governo deve priorizar a reabilitação das vias de acesso e investir mais na área da agricultura, da saúde e sobretudo da educação. **(EAGEXTNR-3:HA)** **Rita:** Se as eleições forem locais e elegerem os seus representantes locais, certamente que o processo de participação e de exigências locais... É difícil hoje, as pessoas sabem que a nossa democracia é representativa, sabem que existem deputados lá na Assembleia Nacional; muitos deles não são conhecidos. Os deputados da província são procurados: é aonde? É aonde? Cá no Huambo está aí a sede da Assembleia Nacional... E os deputados? Estão lá em Luanda a gozarem do que é bom. A democracia representativa é uma democracia matreira, de fachada. Risos... Mas, observamos, pelos menos, nestes encontros que realizamos com as comunidades, no ano passado nós tivemos cá o Ministro da Administração do Território e ele elucidou-nos sobre os passos largos que se estão a dar rumos às autarquias, falava-se já da sua possível realização em 2015, mas depois já ouvimos falar que em 2017 estariam criadas as condições para a realização das eleições autárquicas, então vamos ver se isso vai funcionar! Risos... **(EAGEXTNR-4:MA)** **Rita**: Sim, mas também as igrejas, inclusive partidos políticos, todos esses extratos poderiam participar desses processos de diálogo e concertação; então, estariam ali representados todos eles. Ali, eleger-se-iam os seus representantes; nós estamos a trabalhar com algumas associações de camponeses e uniões que acabam tendo uma união de associações, cujo trabalho resultou nesse processo de eleição dos seus membros. Há estes espaços de concertação, mas depois organizamos encontros de apresentação com as administrações e com as instituições e muitas delas hoje são tidas em consideração, recebem convites em cerimónias de municípios, etc., mas é preciso um trabalho muito longo, porque, por exemplo, eu tenho estado a participar nalguns conselhos de diálogo e auscultação, que nós hoje consideramos está ainda ao nível da informação, apesar de

	estarmos todos sentados numa sala cheia, nunca somos convidados para dizer: bom, hoje, durante dois ou três dias vamos elaborar o orçamento do Município, ou vamos elaborar o plano municipal; o que é que vamos fazer? Construir uma escola na *Ombala* A, ou na B; não tem sido assim, geralmente quando somos convidados é para nos dizer que o programa está aqui, já foi elaborado, em termos de infraestruturas temos X, o total X. Depois perguntam-nos: "o que é que acham". Então, as pessoas podem dizer: ah não! Aquela escola de 15 salas não tinha que estar naquela aldeia porque a aldeia Y tem mais gente que precisa de escolas; mas depois essas contribuições pouco ou nada se refletem nesses documentos, por não serem vinculativas. E a gente qual é o nosso espanto? No momento de execução do mesmo plano não vemos nada daquilo que foram as nossas contribuições; chegamos a conclusão de que o outro lado precisa de ser preparado também, visto que, já participei desses encontros em que, apesar de estar lá o plano feito, mas solicitava-se sempre contribuições e a planteia era numerosa. Por um lado, ou não dominam os processos, por outro, ainda se observa aquela cultura do medo que está enraizada nas pessoas. Do lado da população, ela costuma se preparar e participa com intervenções na abordagem dos assuntos, mas quando se trata de comunidades rurais há um défice muito grande de informação, divulgação da lei e sua interpretação para as pessoas poderem apresentar as suas ideias fundamentadas na lei; por outro lado, as administrações precisam de dar mais abertura envolvendo o cidadão ou comunário nos processos de elaboração dos planos. **(EAGEXTNR-4:MA)** **Rita**: Nós quando íamos para essas comunidades diziam-nos: "vocês estão na cidade perto do governo; sejam porta-vozes e digam ao governo que aqui também tem gente". São comunidades rurais desta província do Huambo que distam 150 km da cidade. Hoje, a situação já é diferente porque o governo já lá chegou e aquela comunidade já tem uma escola grande, um posto de saúde; **(EAGEXTNR-4:MA)** **Rita:** Neste domínio da educação o processo mais sustentável seria formar pessoas da comunidade. É o caso de alguns municípios que criam infraestruturas, magistérios primários, treinaram técnicos de saúde para os ter lá nas suas comunidades por serem filhos de lá, criam aquele sentimento patriótico e contribuir para as suas localidades se

	desenvolverem; **(EAGEXTNR-4:MA)** **Ndalu**: naquela altura as pessoas cumpriam na íntegra as obrigações emanadas pelas autoridades coloniais, mas hoje em dia, apesar de estarmos independentes a situação em que vivemos ainda está longe de, mesmo sendo independentes corresponder com as nossas expectativas, mesmo sendo livres. Este é um ponto importantíssimo que eu gostaria de salientar nesta nossa conversa. Quê fazer para mudar a situação e construir um futuro melhor? Será que vamos chamar os mesmos europeus para virem colonizar-nos de novo? Temos observado a chegada de muitos estrangeiros europeus a virem de novo aqui no país; o que dirão eles sobre nós? Hoje nos tornamos livres e assumimos o nosso próprio destino, mas a maneira de olhar aos outros não é habitual; aqueles que têm muito trancam a cara ao olhar para aquele que tem pouco ou quase nada. Alguns dizem: "vale o que tem". Um indivíduo assim pode ajudar o outro? Como ultrapassar esta situação? Será que aqueles que governam não estão a ver isso? Não seria bom que todos os governantes do mundo negro se reunissem para refletir sobre os problemas e juntos acordarem as possíveis soluções?**(EGC-11:HAC)** **Ndalu:** Aquelas motorizadas de três rodas que aparecem frequentemente nas nossas estradas foram fabricadas para facilitar os movimentos de pessoas portadoras de deficiência física, mas vemos pessoas normais a conduzirem essas motorizadas; risos... Tudo isto reflete um quadro de carências, porque aqueles meios de transportes que se destinariam aos deficientes são atribuídos a pessoas normais para mitigar a pobreza. Estamos muito preocupados com esta situação. Repare: vem aí a época chuvosa e a estrada que liga a nossa comunidade com a cidade continua esburacada e quase intransitável. No tempo colonial aplicava-se o burgau e nas depressões como aquela da localidade de tramangolo aplicava-se manilhas; a construção e reparação das estradas era feita com alguma perícia tal, que as mesmas pareciam ter barriga como o ramal do caminho de ferro, para permitir a drenagem das águas da chuva. Além disso, a reparação desta estrada era regular. Temos levado esta preocupação à Administração Municipal mas a resposta ainda não aconteceu e estamos ficando cansados; será que os sectores do poder público podem decidir e executar todo o trabalho sem a nossa participação? Isso é possível? O que se passa é que, quando um indivíduo fala muito e insiste num determinado assunto lhe chamam e

	perguntam: "tu próprio és capaz de executar este trabalho"? Se o indivíduo insistir pode correr o risco de parar na cadeia. Risos.. **(EGC-11:HAC)** **Sapwile**: O estado e o governo apoiam-se nas elites que são: sobas, catequistas, professores, enfermeiros, etc; mas, todos estes não estão a exercer o papel de transmitir as inquietações daqueles que não têm voz aos órgãos competentes do governo. **(EGC-1:HAC)** **Sapwile:** Na verdade, aqueles que frequentam o curso de alfabetização têm conseguido maiores rendimentos na colheita de hortícolas, se comparados com aqueles que não frequentam. Eu próprio que estou a falar não tenho horta; sobrevivo unicamente das colheitas do campo e não tenho excedente para vender. Tenho terra para cultivar mas, não tenho condições para puxar água necessária à irrigação. **(EC-1:HAC)** **Sapwile:** No passado recente, fizeram-se listas para criar cooperativas e as pessoas gastaram dinheiro nisso, mas, depois nada mais aconteceu. Tudo isso, foi apenas exibicionismo para iludir que existe uma boa intenção de apoiar os agricultores. Aqui no Ekovongo, as pessoas têm força e vontade de trabalhar mas, não têm alguém que lhes possa apoiar e mostrar caminhos. **(EC-1:HAC)** **Epalanga:** É por isso que falei da vontade que tenho de trabalhar; se eu semear e aplicar fertilizantes possivelmente o dinheiro virá encontrar-nos aqui mesmo em casa. Se assim acontecer e tiver um filho ajuizado poderá perguntar: - Papá, que fazemos com este dinheiro? Eu como pai responderei! - O que pensa você meu filho? Ele dirá! Fazemos isso e aquilo. **(EC-2:HAC)** **Epalanga**: Hummm! Risos… Não temos como fazer! Só o próprio Deus é que pode resolver estes problemas. De livre arbítrio não podemos resolver todos estes problemas (risos…). Ah! Achas que nós próprios temos esse poder? É possível que haja gente muito inteligente que fala não é? Haverá sempre alguém que vai dizer basta! Isto deve ser assim; aquilo deve ser de outra maneira. No fim de tudo isso, haverá então mudanças aqui e no resto do mundo. **(EC-2:HAC)** **Kapoko**: Nós vivemos uma situação em que as florestas foram

	destruídas durante o longo período de guerra e essa destruição levou ao empobrecimento dos solos. Se os fertilizantes químicos fossem baratos poderíamos cultivar couves, repolho, cebola e tomate principalmente; poderíamos inclusive cultivar milho se houvesse adubos. **(EC-3:HAC)** **Kapoko**: Existe pessoas que aprenderam com eles a técnica de fabricar blocos com material local, mas devido a nossa situação de pobreza asfixiante não há possibilidades de tirar maior benefício daquilo que foi aprendido. Se tivéssemos aquele tipo de máquina e cimento, as pessoas que aprenderam essa técnica poderiam fabricar blocos e com isso teríamos um certo nível de desenvolvimento. **(EC-3:HAC)** **Kapoko**: Nós os mais velhos que possuímos alguma capacidade de pensar o que falta na nossa comunidade, assim como os jovens que estão já a caminhar para a vida adulta temos de encaminhar as nossas preocupações ao governo, visto que, quando um bebé chora é porque quer mamar. O governo como pai de todos é que deve orientar os responsáveis dos diversos sectores para cumprirem com as suas funções; se continuarmos calados, o governo irá deduzir que os comunários não vivem dificuldades. **(EC-3:HAC)** **Livonge**: O governo é que deve ajudar os produtores a resolverem tais dificuldades. Se o governo substituísse os mercados informais por estabelecimentos comerciais, algumas dificuldades estariam ultrapassadas. **(EGC-4:HAC)** **Dona Kayovo**: As autoridades municipais nos tem feito a mesma pergunta e nós temos respondido que precisamos de apoios em sementes, fertilizantes, charruas, gado bovino, tratores, ainda que seja para nos vender, as pessoas iriam contribuir dinheiro. Gostaríamos que esta estrada que serve de ligação entre a nossa comunidade e a cidade do Kuito fosse reabilitada, mas até a presente data ainda nada aconteceu. Portanto, as solicitações que encaminhamos às autoridades municipais são muitas mas ainda não obtivemos respostas satisfatórias.**(EC-5:MAC)** **Visupe**: O bem-estar depende da maneira como a pessoa cria a sua riqueza. Se a riqueza resultar de um trabalho justo, então a sua utilização se traduz no bem-estar. Pelo contrário, se a riqueza resultar de práticas obscuras a pessoa não pode estar bem consigo mesmo; a sua situação se vai degradando pouco a pouco. Para estar bem a pessoa necessita de uma certa

	tranquilidade espiritual e isso ocorre se o indivíduo for justo consigo mesmo e com os outros. **(EC-6:HAC)** **Dona Jamba**: Alguns emigraram para as cidades, outros tornaram-se alcoólatras. Muitos esqueceram-se das mães que deram a luz, que lhes criaram e matricularam na escola. Agora são as esposas que se tornaram as mães; são elas que mandam em casa e os maridos tornaram-se uns tarados que quando conseguem os seus rendimentos só entregam às esposas e esquecem-se das mães que vivem no sofrimento. **(EGC-8:HAC)** **Lisoso**: Se hoje temos uma escola secundária que realiza ensino até à 9ª classe, o nosso desejo é, pelo menos, criar mais condições para que a mesma escola consiga dar ensino médio completo. Se isso acontecesse, estaríamos aliviados das dificuldades de emigrar para a cidade a procura de escolas que proporcionam o ensino médio completo. Se hoje temos estas escolas e este posto de saúde foi graças às reclamações que a população apresentou ao responsável local, exigindo-lhe que fizesse um pedido por escrito às instituições competentes da administração municipal; assim aconteceu e hoje temos esses serviços. No entanto, nem tudo que pedimos nos foi proporcionado; além de escolas e serviços de saúde havíamos solicitado também serviços para fornecimento de energia elétrica à comunidade, reparação da estrada de ligação com a cidade, bem como apoio em material de construção para melhorar as nossas habitações. Tudo isso ainda não nos foi proporcionado; continuamos a aguardar pelas respostas às nossas solicitações. **(EC-10:HA)** **Lisoso**: Isto é um problema, visto que, os comunários não têm sido convidados a participar dos fóruns onde se tomam tais decisões! Se as autoridades convidassem pelo menos um representante desta comunidade para participar do fórum onde se tomam decisões importantes, esse seria o portador das nossas inquietações junto do governo; se assim fizessem, o governo estaria melhor informado dos problemas que afetam a vida das pessoas nesta comunidade. Nem o soba, nem outras individualidades desta comunidade costumam participar dos fóruns, onde as autoridades tomam decisões. **(EC-10:HA)** **Lisoso:** Eu penso que, para haver desenvolvimento nesta comunidade temos de olhar principalmente na estrada de ligação com a cidade. Penso que esta é responsabilidade do governo; para as pessoas e os transportes com mercadorias

	circularem é preciso reparar a estrada. Quando chove, os condutores de veículos evitam circular por esta estrada; logo, se nessa altura houver muitos produtos do campo acabam por apodrecer no local, por não haver transportes para o seu escoamento aos mercados. O tomate por exemplo, é um produto rendável, dada a larga procura pelos consumidores, mas ao mesmo tempo, é um produto que se deteriora em curto espaço de tempo; se os comunários produzirem muito tomate na época chuvosa, arriscam-se a perder toda a produção devido a dificuldades de transportes que levam aos mercados. Além da reparação da estrada precisamos de outros serviços como água, luz, escolas, infraestruturas físicas para a administração local, etc. etc. **(EC-10:HA)** **Epalanga:** Nós temos alguns aqui como o Senhor Silva que estudou na Missão de Kamundongo e depois na Missão do Dondi. Ele tem esse espírito de interajuda e é honesto. Ele tem os seus irmãos que também têm boas intenções de trabalhar mas, os outros que também são filhos desta comunidade, não têm esse espírito; alguns desses que estudaram naquele tempo nas missões trabalham em Luanda. Seriam eles os protagonistas do desenvolvimento desta comunidade mas, infelizmente, nada fazem por ela.**(EC-2:HAC)** **Epalanga:** Mas, ainda assim, temos o caso dos filhos desta comunidade que no passado fundaram aqui uma capela da Igreja Evangélica que, estão decididos a apoiar a construção de um outro templo maior que este que existe atualmente. Mas, se todos eles residissem aqui, esta comunidade estaria num outro nível de desenvolvimento. **(EC-2:HAC)** **Kapoko**: Aqui temos também alguns mecânicos e carpinteiros, o que falta são as escolas para a formação técnico-profissional, condições financeiras e materiais. **(EC-3:HAC)** **Sapwile**: Repare, aqui o cidadão não tem acesso a exploração de diamante, de mercúrio, de ouro, de petróleo e de outras riquezas do país. Tudo isto está na responsabilidade e controlo do governo e seria ele a dizer ao povo o que ele vendeu e o dinheiro que arrecadou. O governo deveria definir formas de como dividir esse dinheiro e perguntar ao povo assim: quem quer adquirir uma charrua, uma junta de bois, um trator, uma moto-bomba, chapas de cinco para construir uma casa, etc. Seriam estas as formas de o governo apoiar as populações das comunidades rurais para dar arranque ao seu desenvolvimento

	mas, até agora nada disso se verifica. **(EC-1:HAC)** **Lisoso**: É bom viver cá na comunidade! Primeiro, porque aqui é possível fazer poupança do dinheiro; aqui só compramos aqueles produtos provenientes da cidade. Os produtos de consumo diário já os temos aqui nos nossos campos; isto ajuda-nos a poupar dinheiro. No passado havia dificuldades de acesso a outros níveis de escolaridade, porque a escola que tivemos apenas dava até a 4ª classe. As pessoas que quisessem que os seus filhos continuassem estudar noutros níveis viam-se obrigadas a emigrar para a cidade. Agora que temos o ensino secundário já não é necessário emigrar para a cidade; **(EC-10:HA)** **Sekeseke:** Vou começar pela tradição! Os que emigraram para a cidade não deixaram a comunidade pelo simples desejo de abandoná-la ou por serem irreverentes; Se partiram para a cidade é porque não havia escolas na comunidade. Seria bom se as pessoas fossem formadas nas suas comunidades de origem, porque ainda que os formadores forem externos e regressarem à procedência, os formados possam aplicar os conhecimentos adquiridos na execução de trabalhos que a comunidade precisa de realizar. Os formados localmente podem transmitir os conhecimentos adquiridos a outras pessoas residentes aqui na comunidade. Não será este o objetivo que leva as pessoas a irem nas escolas para estudarem? Repare o seguinte exemplo: um pai distribui chá com pão ao seu filho para comer e ir à escola estudar. Ao regressar da escola, o filho conta ao pai o seguinte: "papa, na escola o professor explicou-nos que os peixes e os caranguejos também se alimentam e dormem de maneira diferente de nós os seres humanos". Ainda que o pai seja ignorante, ao ouvir do filho a explicação dada pelo professor na escola, ele não aprendeu também? E se aprendeu não cresceu? **(EGC-13:HJ)** **Sekeseke**: O que nós imploramos ao estado são apoios multiformes; **(EGC-13:HJ)** **Visese**: Inclusive, alguns filhos de *Ekovongo* ocupam cargos de destaque na cidade do Kuito, assim como noutras cidades do nosso país, onde tudo fazem para embelezar aquelas localidades, mas continuam indiferentes com a pobreza que assola a sua terra de origem. Por isso, somos pobres e carentes, porque carecemos de muita coisa que existe noutras localidades do nosso país. **(EC-14:HJ)**

	…///… **Tiuka:** estas infraestruturas escolares em que nos encontramos não existiram anteriormente, aliás existiram, mas não em dimensões que as temos atualmente. Se eu considerar o tempo em que iniciei a estudar e o atual em que estão a estudar os meus filhos, diria que não há comparação, porque no meu tempo eu escrevia apoiando-se nos joelhos; mas atualmente a situação da educação melhorou graças à intervenção do governo. **(GDA-2:HA)** **Feka**: Eu cheguei nesta comunidade quando ainda era criança vindo da comunidade da Chicala; na altura em que cheguei aqui as escolas eram todas de adobo, mas agora as escolas são de construção moderna, incluindo esta residência em que nos encontramos. Verifica-se um certo crescimento; no passado os comunários não possuíam motorizadas, mas atualmente uns tantos possuem, graças ao cultivo de hortícolas nas hortas. **(GDJ-1:HJ)** **Kalunga:** As casas de adobo já existiram no passado recente antes da guerra, mas o número de habitantes era pouco numeroso em relação aos dias de hoje, isto é, durante o período da guerra muitos morreram, mas também muitos nasceram e isto ampliou um pouco mais a nossa comunidade. Se compararmos com o período anterior à guerra poderíamos dizer que houve um ligeiro crescimento, senão, muito do que existe atualmente já existira no passado. Eu próprio nasci e cresci numa casa de adobo com o teto coberto de chapas de zinco; **(GDJ-1:HJ)** **Soyi:** Pelo tempo que ocorreu desde que chegamos aqui no mês de Abril do ano 2005 até ao presente ano de 2012 constato uma grande diferênça, isto é, houve um certo progresso, porque na altura que chegamos aqui, nós os professores viajávamos de bicicletas da cidade a esta comunidade; na altura havia algumas camionetas que além de transportarem mercadorias, faziam em simultâneo o serviço de taxi e levavam pessoas que se deslocavam da cidade às comunidades e vice-versa. Naquela altura, a situação dos habitantes desta comunidade era precária, visto que, a população praticava uma agricultura de subsistência muito rudimentar; a maioria dos habitantes se dedicava ao derrube das árvores para produzir carvão vegetal que vendiam para conseguir dinheiro e comprar bens de subsistência. Acontecia que, diariamente, passavam por esta estrada centenas de pessoas empurrando bicicletas em

	que transportavam sacos de carvão vegetal em direção à cidade, onde o mesmo era vendido; hoje em dia, isso já não se verifica. Quanto ao figurino da própria comunidade, grande parte das residências eram construídas com paredes de pau-a-pique e cobertura de capim; hoje, porém, o figurino das residências melhorou consideravelmente. Além disso, no aspeto físico, e sobretudo, as vestimentas que os comunários de Ekovongo usam pouco ou nada diferem daquelas que são usadas pelos habitantes dos bairros periféricos da cidade do Kuito; esta aproximação não é só no plano do vestuário, se considerarmos as condições das famílias e das residências daqueles bairros periféricos da cidade, cuja maioria não possui iluminação da rede elétrica. Se algumas famílias da cidade se servem de geradores para iluminar as suas residências, aqui também já existem famílias que fazem uso dos mesmos aparelhos nas suas residências. O governo também construiu aqui duas escolas e uma residência coletiva para professores; quando chegamos aqui tivemos alugar uma casa onde residíamos porque naquela altura não havia residência para professores oriundos de outras partes da província. A primeira escola primária que havia tinha sido construída com paredes de adobo e cobertura de chapas de zinco; os alunos que frequentavam a escola chegavam aqui vestidos de roupas já em desuso e descalços. Agora, os alunos já apresentam um aspeto físico melhor e com outra visão de higiene pessoal, enfim, mudaram substancialmente o estilo de vida, visto que, no período de férias inter-anuais muitos deles emigram temporariamente para a cidade, onde permanecem cerca de um mês e depois regressam à comunidade com uma outra visão. Esses são os progressos que eu acompanhei durante todo este período que trabalho aqui**. (EAGEXTER-1:HJ)** **Jivala**: Eu cheguei aqui em 2003 e constato um pouco de desenvolvimento no modo de vida da população; naquela altura, as os alunos saíam da comunidade vizinha de Kambweyo de bicicletas para estudarem aqui; as raparigas apareciam com um espírito conservador, isto é, vestidas de panos, etc, mas, com os conselhos dos professores, os programas da televisão particularmente as novelas, com tudo isso, pouco a pouco elas começaram a mudar o modo de vestir-se. **(EAGEXTER-1:HJ)** **Jivala:** Quando chegamos aqui grande parte dos alunos não sabia escrever, mas atualmente, um número significativo de alunos estão já a estudar a 9ª classe nesta escola do Iº ciclo; já

…//… **2.6 Conhecimento ovimbundu p/desenvolvimento sustentável**	temos alunos que discutem com o professor ao realizar exercícios com operações matemáticas. **(EAGEXTER-1:HJ)** **Soyi**: Além disso, a situação das raparigas tem estado a mudar nos últimos anos, visto que, já podemos encontrar algumas com dezoito ou vinte anos ainda solteira e sem bebé ao colo; no passado era frequente encontrar uma rapariga de catorze anos com marido e bebé ao colo. **(EAGEXTER-1:HJ)** **Mbaka:** Bem, eu começaria pelo aspeto das residências; muitas casas mudaram de aspeto, mas outras ainda continuam com o aspeto anterior; por isso temos que continuar mesmo com as palestras. No plano da higiene também notamos melhorias, já não há situações semelhantes das que encontramos quando chegamos em 2003; naquela altura, não encontramos latrinas e as residências estavam rodeadas de capim. A comunidade não tinha aquela característica de uma *Ombala*. Agora está a mudar para o melhor, inclusive algumas famílias já utilizam geradores para iluminar as suas residências. No plano do vestuário, verificamos que alguns comunários se vestem melhor do que alguns moradores da cidade. Quanto à posse de bens por exemplo, quando chegamos havia apenas uns poucos comunários que possuíam bicicletas, mas agora, um número considerável já possui motorizadas; naquela altura, só havia uma cantina, aquela que se situa ao lado da estrada, que pertence ao Senhor Silva, mas agora já existem várias. Aqui as pessoas viajavam a pé quando necessitassem de se deslocarem para outros lugares e saíam muito cedo, às 2:h00 da madrugada; lá iam realizar os seus negócios e regressavam de novo a pé. Quando chegamos aqui, os comunários dificilmente podiam ter dinheiro que chegasse a 2000 kz (dois mil kwanzas); para conseguir um pouco de dinheiro tinham que produzir carvão vegetal e vendê-lo nos mercados da cidade. Essa situação não lhes permitia sequer dedicarem-se aos trabalhos de cultivo dos campos; atualmente, já conseguem adquirir um pouco mais de dinheiro e compram adubos para aumentar a produtividade. **(EAGEXTER-2:HA)** **Siliveli**: Individualmente, cada comunário vive como pode; posso dizer que desde 2003 até mais ou menos 2006 havia ainda muitas casas com o teto coberto de capim. De lá para cá, muitos comunários não queriam comprar motorizadas, alegando que a mesma tira muito dinheiro de casa para fora, mas a bicicleta tira de fora para dentro de casa; preferiam empurrar a bicicleta transportando sacos de carvão vegetal

	para vender nos mercados da cidade, mas agora perceberam que a motorizada é um meio de transporte mais rápido, que não só tira dinheiro de casa para fora, como também traz de fora para dentro de casa. Risos... **(EAGEXTER-3:HA)** **Siliveli**: Em minha opinião, as mudanças progressivas registadas nesta comunidade nos últimos dez anos recaem na melhoria das habitações dos comunários, na ampliação dos espaços de cultivo e no aumento do volume de produtos de onde retiram uma parte para o consumo familiar e o excedente que é comercializado nos mercados informais da cidade. Além destas duas áreas, houve também um ligeiro progresso no comércio local, visto que, quando cá chegamos havia apenas uma cantina comercial oficializada, mas agora a comunidade possui três cantinas oficializadas e algumas barracas que também praticam o comércio de produtos industrializados diversos; **(EAGEXTER-3:HA)** **Kaliva**: Penso que sim, porque se formos a avaliar andando um pouco pelas comunidades rurais encontraremos fenómenos caricatos, visto que, grande parte das aldeias da Província do Bié possui iluminação que não advém da energia produzida por geradores, mas sim, por um sistema que eles próprios criaram talvez com o emprego de pilhas; por outro, notamos nessas comunidades, que quase 60% das pessoas têm ainda dificuldades, mas os 40% são pessoas que já possuem cantinas, barracas, uma motorizada, um certo número de animais domésticos, já participam dos programas de criação de gado, estão já com um espírito empreendedor, enfim, isto demonstra que as pessoas estão a crescer. **(EAGEXTNR-2:HA)** **Sawesi**: Existem comunidades um pouco organizadas com uma certa urbanização rural, com arruamentos etc., isto na área dos tchokwe, mas as habitações são feitas de pau-a-pique com cobertura de capim; as comunidades ovimbundu são um pouco mais desenvolvidas, principalmente aquelas que distam 20 km das principais vias de comunicação. Fora deste perímetro, às vezes, são aqueles atrevidos que conseguem montar uma cantina na aldeia, que à noite já consegue ligar o seu gerador para produzir energia eléctrica e iluminar a sua residência e que às vezes, montam um dispositivo de vídeo para animar as crianças, ou atrair mais clientes ao seu estabelecimento. **(EAGEXTNR-3:HA)** **Lupesi**: Nós temos programas que estão a ser implementados na área da agricultura e os resultados são satisfatórios; a única

	dimensão que tem sido negligenciada é a fiscalização. **(EAGEXTNR-3:HA)** Lupesi: No entanto, aquilo que temos constatado na prática, muitos programas são implementados mas sem impacto visível. **(EAGEXTNR-3:HA)** **Sawesi:** Com a propagação destas experiências, já é difícil encontrar lixo no pátio das residências de uma comunidade. Logo, já não é necessário realizar palestras sobre o saneamento comunitário. Aquilo é bonito: há dinâmica, brincadeiras mas há sobretudo trabalho sério. **(EAGEXTNR-3:HA)** **Lupesi:** Por exemplo, as escolas de campo mais avançadas, que atingiram altos níveis de organização já foram transformadas em cooperativas e atualmente se encontram em fase de sua legalização. **(EAGEXTNR-3:HA)** **Lupesi**: As escolas de campo deram conhecimentos práticos à muitos comunários; antes, pensavam que aquilo era só brincar com eles, mas depois começaram a notar os efeitos dessa formação. Há jovens nas aldeias que não davam importância à agricultura, preferiam ir aos biscates nas empresas chinesas de construção civil; aqueles jovens que permaneceram na comunidade adquiriram conhecimentos técnicos de produção agrícola e depois de dois, três meses conseguiam comprar uma bicicleta, uma motorizada, etc. Hoje em dia, numa parcela de 100 m2 de repolho eles conseguem comprar motorizadas. **(EAGEXTNR-3:HA)** **Sawesi**: A partir daí ele já pensa demarcar uma vasta extensão de terra, porque ele luta mais; primeiro a aquisição da semente e depois 1 ou 2 sacos de fertilizantes, o que para ele já é uma vida realizada. E, para um camponês um saco de sementes de horticultura dá uma produção que pode ser o dobro daquilo que ele investiu; nesta senda e quando se trata da autogestão isso releva para outros patamares. **(EAGEXTNR-3:HA)** **Sawesi:** Há comunidades rurais que têm um senso de organização; algumas já aplicam princípios de urbanização como alargamento das ruas, alguns comunários já separam a cozinha da residência principal, em fim, com as campanhas de sensibilização sobre a higiene comunitária as pessoas já conseguem dar um tratamento adequado ao lixo, etc, etc. **(EAGEXTNR-3:HA)** **Rita**: No entanto, as pessoas que estiveram deslocadas das

	suas áreas de origem regressaram, mal ou bem reabilitaram as suas habitações e hoje já se constata que muitas dessas casas que tinham o teto coberto de capim estão a dar lugar a casas cobertas de chapas de zinco maioritariamente e até com chapas de fibrocimento; **(EAGEXTNR-4:MA)** **Rita**: Em termos de infraestruturas sociais no âmbito de programas municipais integrados de combate à pobreza e desenvolvimento rural e do âmbito da descentralização dos municípios é claro, tem-se vindo a atender a demanda e notamos que as escolas estão a surgir um pouco por todo o lado, umas reabilitadas, outras construídas de raiz; o certo é que em algumas zonas onde não havia escolas hoje elas existem, o número de docentes enquadrados ainda não é suficiente, mas mesmo assim, ano após ano o que temos notado é que há concursos, as pessoas concorrem, os apurados são enquadrados, mas a maioria é sempre com a expectativa de não ir trabalhar muito longe e ficarem mais próximo possível das suas residências habituais. **(EAGEXTNR-4:MA)** **Rita**: No domínio social, as pessoas estavam pobres senão mesmo paupérrimas, mas também já se sente, pessoas, a gente quando íamos para uma reunião com líderes comunitários eram pessoas descalças, calças rotas, etc. Hoje já vem toda a gente com sapatinhos, seja ele mais barato possível, uma calça bem-posta, muitos veem de fato, muitos até vêm de motos e bicicletas, então nota-se que há uma viragem, é gradual é paulatina, mas as coisas estão a acontecer e sem sombra de dúvidas que isso tem estado a contribuir para isso são também as vias de acesso; as estradas estão recuperadas, ainda estamos nas estradas principais e secundárias, as terciárias vêm aí, a recuperação das pontes e pontecos, isto permitiu a livre circulação das pessoas. Então as pessoas deslocam-se um pouco para todos os pontos do país a fazer negócios, buscar alternativas, visto que, a agricultura infelizmente, ainda não resolve os problemas que as famílias enfrentam; **(EAGEXTNR-4:MA)** **Rita**: mas há um outro mal: se por um lado, as vias de acesso facilitaram a isso, por outro lado contribuíram para o êxodo rural maioritariamente jovem. Os jovens começaram a sair das aldeias em busca de alternativas nas grandes cidades, as aldeias ficaram para as mulheres, crianças e velhos; há épocas do ano, mormente no período seco em que não se cultiva e encontramos nas aldeias apenas mulheres, crianças e velhos.

	Os jovens seguem para Luanda, Benguela e para as Lundas, onde ficam a trabalhar naqueles empregos precários, os biscates, empurrar carros de mão, mas o interessante é que ficam lá cerca de 5 a 6 meses e quando regressam trazem recursos para comprar um boi, reabilitar a casa, etc. Então, isto está a contribuir também para a viragem das aldeias; ali encontramos já casas iluminadas por geradores, cantinas a abrirem por todo o lado a vender produtos, em fim, estão a apostar. Aldeias há onde existem muitas motorizadas e fazem serviço de táxi de uma localidade para outra e vão arrecadando alguns recursos;**(EAGEXTNR-4:MA)** **Rita**: Outra questão que também deu impulso é o acesso ao crédito, que apesar de não ser abrangente, mas para aqueles que têm estado a beneficiar desse sistema lhes tem permitido por um lado, implementar as suas iniciativas, e por outro, esbarram na questão do retorno. **(EAGEXTNR-4:MA)** **Rita:** Hoje o que é que as pessoas dizem? No passado recente tentou-se enveredar por um modelo socialista ou comunista, em que tudo era feito de forma gratuita: as pessoas se formavam gratuitamente, tinham as consultas médicas e medicamentos tudo a custo zero; claro, havia algumas limitações, porque mesmo a pessoa tendo dinheiro, às vezes não tinha acesso a determinados bens e serviços. Mas, hoje, neste modelo de economia livre de mercado, por um lado, as pessoas consideram bom porque, cada um pode criar o seu negócio, pode vender e até nós observamos que nos municípios, a pessoa pode não ter alvará, mas se dirigir-se à administração, esta pode passar-lhe um alvará provisório vai pagando um impostozito e vende livremente. Então, isso para as pessoas é bom, porque tem impulsionado o crescimento; agora que a agricultura tem fracassado, as alternativas são mesmo as outras atividades geradoras de rendimentos. Mas, por outro lado, também surgem as dificuldades; o filho quer fazer o ensino superior, às vezes, não há este nível de ensino na localidade, ele tem que deslocar-se para sede municipal e não tendo ali residência, tem que ficar em casa de um parente, onde é preciso ir contribuindo com alguns recursos. Risos... Então, as pessoas dizem que é bom, mas tem este lado que afeta o pobre e tendência é distanciar cada vez mais os dois extremos: o rico cada vez mais rico. O pobre cada vez mais pobre e sem alternativas! **(EAGEXTNR-4:MA)** **Kesongo**: O modelo de desenvolvimento vigente tem

	produzido efeitos positivos, porquanto as crianças que se encontravam fora do sistema normal de ensino atualmente estudam em vários níveis de escolaridade; a situação socioeconómica do país tem crescido com novas infraestruturas sociais, novos hospitais, postos de saúde, estradas, caminhos de ferro, escolas construídas de raiz, lojas comerciais, assistência técnica com fatores de produção agrícola como fertilizantes, imputs e insumos, crédito de campanha agrícola, etc, etc. **(EAGEXTNR-5:HAC)** **Livonge**: Em algumas ocasiões, tanto as escolas públicas como as igrejas apresentam no decurso das suas atividades capítulos que ajudam a superar a pobreza e promovem o desenvolvimento.**(EGC-4:HAC)** **Pesela**: O telefone é um meio de comunicação que funciona como uma ponte de ligação entre as pessoas; se tivermos um problema aqui e precisarmos da presença de alguém que se encontra distante, para nos ajudar a resolve-lo, é só apertar no telefone e logo estamos em comunicação com ele, sem ser necessário enviar alguém, que de certeza precisaria de viajar através de um meio de transporte, o que implicaria perder mais tempo e gastar dinheiro. O telefone é uma invenção extraordinária, mas, é ao mesmo tempo um potencial veículo de mentiras e mensagens enganosas; às vezes, o indivíduo encontra-se perto de nós, mas quando ligamos para ele responde, dizendo que se encontra muito distante. A televisão nos permite assistir uma partida de futebol que tem lugar muito distante de nós. No entanto, a TV tem programas em que apresenta coisas que ocorrem ali e acolá e que chocam com a nossa maneira de ser; algumas novelas e filmes que a TV apresenta, em vez de educar as crianças e jovens, instruem mais para a delinquência, a violência e o despudor, que tem criado situações embaraçosas no convívio familiar, sobretudo, mudanças de atitudes e comportamentos no relacionamento entre as pessoas. Quanto aos transportes, apesar dos custos elevados, têm apoiado bastante na transportação de pessoas que se deslocam por vários motivos e na transportação de bens e produtos do campo para os mercados da cidade e vice-versa. O comboio, por exemplo, além de levar pessoas, transporta grandes quantidades de mercadorias de uma cidade a outra, o que permite reduzir os custos que as mesmas teriam, caso fossem transportados por camiões. No caso concreto do óleo vegetal temos comprado o litro por 400.00 kz, porque os comerciantes alegam custos com o transporte; se for o

	comboio a transportar este produto, o litro poderá baixar para 200.00 kz e isto representa uma redução substancial nas despesas das famílias. Os custos elevados dos produtos têm contribuído ao empobrecimento das famílias. **(EC-7:HA)** **Lisoso**: O governo tem implementado alguns projetos nesta comunidade! Se dizermos que temos sido esquecidos estaríamos a ser ingratos. No campo da educação pública verificamos uma certa evolução. Em relação aos serviços de saúde pública verificamos uma melhoria porque antes havia muitas dificuldades em evacuar doentes da comunidade para o hospital da cidade, que na maioria dos casos eram transportados por tipoias; hoje porém, em casos de doentes graves o posto de saúde local comunica aos serviços de saúde da cidade, que por sua vez enviam uma ambulância para evacuar os mesmos ao hospital provincial onde podem ser melhor assistidos. Quanto à educação, nós principiamos com a construção de escolas de paredes de adobo e as pessoas de boa fé deram apoio em chapas de zinco para a cobertura das mesmas; anos depois o governo construiu duas escolas modernas mas, ainda assim, continuamos a reclamar por mais escolas e melhor apetrechamento das mesmas, visto que, o bebé que não chora não mama.**(EC 10:HA)** **Epalanga**: Quanto as vantagens da modernidade tenho a certeza de que os telefones têm muita utilidade porque se eu tiver um aparelho desse posso comunicar-me com o meu filho que reside na cidade de Luanda; mas, esses outros aparelhos e artefactos tecnológicos são os principais causadores da irracionalidade e da desordem. Repare, um pai pega no seu dinheiro e vai comprar um televisor para a sua casa e põe a funcionar mas, o serviço que presta não tem utilidade, porque aquilo que era tabu é que está a ser visualizado. Isso não era assim; por cima ainda, os mesmos mentores da irracionalidade lamentam e acusam as crianças e jovens de desobediência, irreverência e comportamentos desviados. As crianças e jovens não são culpados porque foi o próprio pai que comprou o aparelho e colocou em casa. Se antes a criança ouvia falar da televisão ou se deslocava a uma distância para assistir os seus programas, hoje já não se desloca porque assiste tudo em casa. Já não é possível repreender as crianças quando se comportam mal porque tudo é aprendido na televisão em casa. A televisão é útil talvez para os seus mentores, pois, o que temos constatado é que ela é causadora de muitos malefícios da atualidade tais como: o ódio, o desrespeito, a arrogância, o

	homicídio, a mentira, a prostituição, a ganância, a delinquência, etc. Nos dias de hoje as pessoas tornaram-se arrogantes, pois, mesmo quando os seus pronunciamentos ofendem alguém, não têm humildade de vir pedir desculpas, antes, pelo contrário, são capazes de protagonizar atos de agressão contra o ofendido. É tudo isto que inflama os nossos corações. Não éramos assim, pois tudo isso veio de fora (risos…). Temos comentado que estas irracionalidades vieram para muito tempo; vamos esperar por outras coisas que vão degenerar o mundo. **(EC-2:HAC)** **Sapwile:** Hoje os sobas estão a lamentar, apelando para o resgate dos valores da nossa cultura, porque no passado, aquele que faltava respeito ao pai ou à mãe arriscava-se a morrer. Esse "não senhor", expressão própria das pessoas escolarizadas, assim como os programas vergonhosos da televisão é que estão a degradar a nossa sociedade; mesmo o modo de vestir, no passado as senhoras vestiam-se decentemente, não deixavam descobertas aquelas partes sensíveis do corpo. É a televisão que está a contribuir à perda de valores na nossa sociedade, porque aquelas coisas vergonhosas, que víamos nos países dos outros agora chegaram também aqui, através de imigrantes, cooperantes, expatriados, etc.. Nós próprios tínhamos o nosso civismo mas agora tudo está parado. **(EC-1:HAC)** **Sapwile:** Nos tempos passados havia a caridade mas agora ela está a desaparecer devido a ruptura que está ocorrendo no seio das famílias; alguns já não querem residir junto de parentes mais próximos. A ruptura começa com a vinda dos europeus que introduziram o individualismo, os seus hábitos e costumes no nosso seio. Senão, repare: antigamente…Desculpe-me falar sobre isso! **(EC-1:HAC)** **Kapoko:** Bem, os nossos filhos dos tempos atuais não dão ouvidos a um ancião que lhes fala da sua experiência de vida; respondem dizendo que "isto passou no vosso tempo. Nós vivemos a atualidade que nos é proporcionada pelos ventos dos tempos novos" e denotam algum receio em frequentar as sessões educativas dos anciãos, porque pensam que ali podem transmitir-lhes ensinamentos de bruxaria. Na realidade, não são os anciãos que estão preocupados em ensinar a bruxaria; é a própria juventude atual que se denota preocupada com o dinheiro, os bens materiais para embelezar a casa, assim como a riqueza, o que lhes leva por vezes, a procurar a bruxaria para

…//… **3.0 Pobreza** **3.1 Conceito de pobreza**	consegui-los o mais depressa possível. São essas coisas aliciantes que têm seduzido e fragilizado a nossa juventude de hoje, chegando mesmo a renunciar a memória do seu passado. É a partir desta realidade que se torna praticamente complicado e difícil transmitir aos jovens de hoje aqueles ensinamentos que podem ser-lhes úteis na vida. Quando alguém propõe-lhes a assistir uma sessão educativa, eles recusam-se e dizem mesmo que preferem gastar esse tempo na discoteca. **(EC-3:HAC)** **Visese**: durante o período da guerra aqui no *Ekovongo* não havia casas com cobertura de chapas de zinco, pois, mesmo aquelas que tinham cobertura de capim tinham sido incendiadas e os haveres saqueados, inclusive bicicletas. Hoje em dia as bicicletas quase já não servem, visto que, a maioria dos comunários já possuem motorizadas; posso mesmo afirmar que, do total de comunários residentes aqui, talvez 25% é que ainda não possui motorizadas. A comunidade está a desenvolver-se devido a competição entre jovens na compra de motorizadas; bastou um comprar, os demais começaram a esforçar-se mais nos trabalhos para poderem comprar também, e até mesmo adultos; os mais velhos dizem: "se os jovens estão a comprar motorizadas, porquê então ficarmos atrás". Na categoria de jovens, eu fui o primeiro a comprar chapas de zinco para cobrir a minha residência em 2002. Antes disso, tive prejuízos; fui à cidade do Kuito de bicicleta para participar do culto religioso alusivo à Páscoa. Como não podia entrar com a bicicleta dentro da Igreja, deixei-a no pátio. Depois de terminado o culto já não encontrei a bicicleta no sítio, pois, os gatunos levaram-na. De regresso à comunidade, os meus confrades disseram-me: "bem-feito que te roubaram a bicicleta", mas eu mantive-me sereno porque fui adorar a Deus, pois Ele poderá abençoar-me nos próximos tempos. Alguns dias depois, comprei uma nova bicicleta e 20 chapas de zinco. Depois de mim, seguiram-se outros comunários que também compraram chapas de zinco para cobrir as suas residências. Dia após dia, começamos a constatar que a comunidade está completamente preenchida de casas com cobertura de chapas de zinco, e na altura, cada chapa custava 90.00 (noventa kwanzas). Se hoje em dia, já é possível verificar algumas casas iluminadas por pequenos geradores de produção de energia elétrica, então é sinal de que a comunidade está a desenvolver-se; o governo ainda não estabeleceu a rede de energia elétrica gratuita à esta

	comunidade, e talvez o fará algum dia. E se existem algumas casas iluminadas nesta comunidade é resultado do esforço próprio de cada um. Desta feita, o desenvolvimento da nossa comunidade resulta do desenvolvimento pessoal de cada comunário. **(EC-14:HJ)** **Mwenho**: naquela altura, *Ekovongo* vivia uma situação completamente desoladora, pois, não havia qualquer sinal de desenvolvimento como verificamos atualmente. Naquela altura, quase todas as casas tinham os tetos cobertos de capim, mas hoje já temos muitas casas com o teto coberto com chapas de zinco; além disso, naquela altura, as pessoas não estavam motivadas a trabalhar no campo e eram praticamente uns poucos indivíduos que o faziam. Hoje em dia, quase toda a gente está motivada a trabalhar e produzir um pouco mais do que anos atrás, de tal sorte que, eu penso que há mesmo desenvolvimento. **(EC-15:HAC)** **Mwenho**: Além disso, não havia transportes e as pessoas para irem à cidade tinham que caminhar à pé; no plano da saúde, os doentes eram evacuados de tipoias, enfim... Mas, hoje em dia existem os ditos táxi de tipo Toyota Hiace que efetivamente têm facultado a deslocação das pessoas; mas também não havia mortes como acontece hoje; tudo isto está a impedir o desenvolvimento das pessoas. Hoje em dia, já está ultrapassada a bicicleta é quase toda a gente está a precisar de motorizada; tenho impressão de que, daqui mais alguns anos são carros que vão aparecer aqui, porque constato que as pessoas estão a trabalhar um pouco mais com novas técnicas para se desenvolverem. As técnicas de cultivar a terra melhoraram, porque as pessoas já não trabalham só para o consumo da própria família mas também para adquirir outras coisas mais. **(EC-15:HAC)**
…//…	**…///…**
3.2.Pobreza como falta de recursos financeiros	**Kalunga**: Os jovens estão determinados a levar o futebol ao mais alto nível para no futuro passar o testemunho às novas gerações aqui no Ekovongo. **(GDJ-1:HJ)** **Sayovo**: O desenvolvimento parte de nós mesmos! Mas, se melhorar o nosso campo de futebol e as pessoas que passam por esta comunidade murmuram acerca da beleza desta infraestrutura, isto animaria a nossa autoestima; a estrada de ligação com a cidade não deve ser negligenciada. Ao sair da cidade do Kuito de motorizada costumo reparar o contraste a

	partir do Nosso-super; naquele trecho asfaltado podemos acelerar sem problemas, mas logo que deixamos aquele trecho e entramos na terra batida o calvário começa mesmo dali até aqui na comunidade. A estrada está péssima e a nossa sugestão é de que a mesma seja asfaltada em toda a sua extensão. **(GDJ-1:HJ)** **Sapalo**: o que falta aqui nesta comunidade é aproveitar as sinergias existentes e para tal seria necessário empregar as pessoas e distribuir-lhes as funções de acordo com as aptidões profissionais de cada um. Aqui temos pedreiros, carpinteiros, em fim, vários ofícios. **(GDJ-1:HJ)** **Kalunga:** Temos de estar mais unidos para em conjunto refletirmos o que fazer daqui em diante? Que ideias existem para desenvolver a nossa comunidade? **(GDJ-1:HJ)** **Siliveli**: Para inverter esta situação é necessário que haja uma administração política que venha a exercer um papel político-administrativo e pedagógico junto dos comunários, e se essa administração priorizar apenas as funções político-administrativas, então não vai haver desenvolvimento nesta comunidade. **(EAGEXTER-3:HA)** **Siliveli**: Seria bom se os membros da associação elegessem uma direção firme e coesa para impulsionar o seu funcionamento, a fim de poder adquirir os imputs, o gado, etc., para poderem crescer, pois, seria desta maneira que os demais sentir-se-iam atraídos a aderirem nela e motivados a trabalhar; isto é que está difícil a acontecer. Se tivermos que falar de outras áreas, essas aqui não existem, pois, o que se pratica mais é a agropecuária. Estas duas áreas é que deveriam servir de base para o desenvolvimento de outras atividades e, consequentemente, da própria comunidade. **(EAGEXTER-3:HA)** **Siliveli**: Os comunários não têm participado dos projetos implementados aqui, senão os próprios alunos que participam das atividades de limpeza do pátio das escolas, dos espaços de receção de visitas e de outras atividades promovidas pela coordenação escolar. Estas atividades todas não deveria ser vistas como sendo unicamente da escola com seus docentes e alunos; os comunários também deveriam participar delas, uma vez que, as próprias escolas e os espaços de acolhimento constituem o postal de visita da própria comunidade. O único projeto em que a comunidade participou em massa foi a
…//… **3.3. Pobreza como falta de bens materiais**	

…//… **3.4.Pobreza como falta de instrução (conhecimentos técnico-científicos)**	construção das primeiras escolas, cujas estruturas foram de adobo; assim aconteceu porque os alunos não podiam participar dos trabalhos de extração, transladação e aplicação dos adobos para levantar as paredes, muito menos na aplicação do teto. Sempre que a escola se propõe a desenhar os dois projetos, o ideal e o real, os comunários são informados sobre o que existe e o que pretendemos realizar, mas eles não reagem, talvez porque acham que não têm ideias para dar o seu contributo nas nossas propostas. Tempos atrás, precisávamos de plantas para embelezar o pátio das escolas e as mesmas tinham que ser transportadas da localidade de Selunga para Ekovongo; informamos aos comunários da necessidade de participarem do projeto, mas como essa operação envolveria dinheiro não obtivemos reações da parte deles. Por isso, os nossos projetos nem sempre são executados, pois, para tal tinha que haver sobretudo condições humanas e financeiras. **(EAGEXTER-3:HA)** **Sapi**: A nossa instituição não dispõe de fundos suficientes para implementar projetos nesta área em toda a Província; de momento estamos a implementar um projeto na área da agricultura no Município do Kwemba, onde estamos a treinar as pessoas a identificar os solos, em que período se pode semear neles, criamos clubes e formamos ativistas sociais que vão realizar campanhas de mobilização da população para o cultivo da terra. Além disso, estamos a oferecer créditos em materiais e sementes aos pequenos produtores agrícolas, que depois de efetuarem as suas colheitas devolvem alguns quilos à nossa instituição para serem entregues em forma de crédito a outros pequenos produtores. No Ekovongo, apenas estamos a implementar o projeto de saneamento liderado pela comunidade. **(EAGEXTER-4:HA)** **Sapi**: Sim! A PEOPLE IN NEED tem realizado inquéritos; no ano passado, antes de iniciarmos com a implementação dos projetos nesta região, primeiro contactamos com o Administrador de Ekovongo, que, por sua vez, levou-nos para as comunidades vizinhas, onde realizamos inquéritos para obter dados sobre o modo de vida das populações, o saneamento básico, a água que consomem porque tínhamos um produto químico para testar se a mesma era potável ou não, etc., etc. Neste projeto de saneamento básico liderado pela comunidade estabelecemos algumas metas; depois da monitorização, se obtivermos resultados positivos no saneamento, a PEOPLE IN NEED outorga: uma manivela de

…//… **3.5. Pobreza como falta de infraestruturas e serviços**	extração de água àquela comunidade que se destacar em primeiro lugar; um kit de plataformas sanitárias, para aquela comunidade que se destacar em segundo lugar e quatro barras de sabão à comunidade que ocupar o terceiro lugar. **(EAGEXTER-4:HA)** **Soloti:** Estes aspetos de saneamento básico e uso do meio ambiente são desafios, tanto é que nós UNICEF estamos a trabalhar em parceria com o governo local e a PEOPLE IN NEED no seguinte: temos um programa, um projeto denominado saneamento liderado pela comunidade. Desde o ano passado até a presente altura o projeto está a ser implementado nos municípios de Kuito, Andulo e Kamacupa; este ano, mesmo os meus colegas que estão chegando agora vêm neste âmbito, pois, vamos estendê-lo para Nharêa Chitembo e Katabola. A mensagem chave deste projeto é acabar com a defecação ao ar livre; é um projeto que teve início como experiência piloto na Província da Huila, é coordenado pelo Ministério do Ambiente e nós participamos como parceiros. São projetos coordenados pelo governo em que nós temos uma parceria fundamental. Nesta altura, nós temos estado a sensibilizar as comunidades em um processo de treinamento dos sobas, líderes religiosos, professores nas escolas, para passarem a mensagem de que não se pode defecar ao ar livre. É um processo muito bonito em que a comunidade apropria-se da mensagem; porque os exemplos e conforme conduzimos o treinamento eles apropriam-se da mensagem. Nesta altura, já tivemos bons resultados nesses três municípios que referi atrás e em função desses resultados foi requerido pelo governo provincial, junto das autoridades centrais a extensão para mais outros três municípios em que as comunidades são treinadas de como fazer a gestão deste problema de saneamento do meio ambiente, porque há muitos problemas ligados a saúde da criança, sobretudo, por ser a mais vulnerável. Quando se faz a defecação ao ar livre, infelizmente, as nossas fontes de água não são protegidas, e mesmo assim, a água para beber não é fervida nem tratada e isto depois origina diarreias nas comunidades; então, este programa divulga mensagens para educar as comunidades. Portanto, este é um programa que nós também estamos apoiar seriamente e associado a este temos outro trabalho que está em curso junto das comunidades que é muito forte; trabalhamos em parceria com o Ministério da Família e Promoção da Mulher que é sobre o desenvolvimento de competências

…//… **3.6. Pobreza como descuido na produção económica**	familiares. Tudo que acontece é provocado pela própria comunidade, mas ela o faz duma forma involuntária por ignorância; então estamos a transmitir essas ferramentas através dos ativistas que lidam com as comunidades para sensibilizarem. Este livro tem muitas mensagens sobre as competências familiares: vem a higiene, que é esta parte que falamos sobre o saneamento básico, a vacinação, em que a família tem de levar o seu filho para ser vacinado antes de atingir um ano de idade, o uso do mosquiteiro, o registo gratuito, pois, os comunários às vezes não sabem que existe essa lei que obriga o registo das crianças e onde se dirigir. Então, trabalha-se sempre com as autoridades locais e entidades religiosas na sensibilização da população. Este é um dos contributos que temos vindo a fazer, que influenciam muito as atividades de desenvolvimento das comunidades. E graças a isso que a nível da Província, em qualquer parte onde encontrássemos um soba possivelmente saiba o que são as competências familiares. **(EAGEXTNR-1:HA)** **Soloti**: Os critérios têm sido: o índice de casos e de gravidade numa determinada comunidade e por indicação das autoridades locais; nós não podemos ir a uma comunidade sem que seja pela administração local, desde os departamentos provinciais, administrações municipais e comunais. Portanto, trabalhamos em parceria com o governo, apoiamos as ações do governo. Como estão planificadas as nossas ações? As nossas ações são planificadas em função do acordo que temos com o governo e o mesmo acordo tem um pilar: os 11 compromissos do governo para com a criança e que tem como fundamento a Convenção de Direitos da Criança; quer dizer, a nível (macro) ou internacional temos essa Convenção, depois ainda a Convenção de Direitos da Criança Africana e baixamos ao nível do País tínhamos que contar com alguma ferramenta. Essa ferramenta que já é de lei são os 11 compromissos para com a criança. Em função desses 11 compromissos no ano passado trabalhamos com o governo na avaliação, mas é sempre o governo que põe recursos porque ninguém supera os recursos do governo; nós estamos aqui apenas para apoiar, talvez, partilhar as ideias e os programas que são feitos nesta base. Temos duas estratégias; como os recursos são escassos, então optamos pelos projetos pilotos, que nós chamamos de zonas demonstrativas. Realizamos o projeto de revitalização que iniciou em 2007 aqui na Província, que tinha como objetivo oferecer serviços de saúde junto das comunidades,

…//… **3.7. Pobreza como herança**	que na altura era feito, mas de uma forma incipiente. Em parceria com o governo identificamos três municípios: Andulo, Kamacupa e Kuito. Na altura colocamos todos os recursos à disposição da Direção Provincial da Saúde para treinar o seu pessoal; é um programa largo, a partir do planeamento até à implementação; isso foi feito em quase todos os municípios e a ideia primária é: mesmo em todos os municípios também não trabalhamos com todas as unidades sanitárias, mas sim, com algumas apenas, que depois foram estendendo-se. Em relação à segunda estratégia, identificamos em função das estatísticas disponíveis, aqueles municípios que estão mais fracos na cobertura da vacinação, por exemplo, e fizemos ações pilotos; em função das ações pilotos, o objetivo primário é demonstrar que isto é funcional, mesmo com poucos recursos e depois, de 2007 a 2010 o governo passou a introduzir recursos nos municípios. O que se faz neste momento? Os municípios já têm experiência no trabalho de retroação e fazem uma simbiose, vão trabalhando já com os recursos disponibilizados pelo estado para a generalização. A ideia primária era realizar o projeto piloto e depois generalizar. É como disse atrás; a disponibilidade de recursos municipalizados ocorreu apenas há 2 anos e ainda não preenchem a totalidade das necessidades. Precisamos sempre de aprimorar as ferramentas, as estratégias para que os serviços cheguem às comunidades e à criança; há um princípio que orienta a nossa ação que é: atuar ao nível do Município, ao nível local, na comuna e na aldeia, pois, é ali onde está a criança. Essas experiências que tivemos na nossa organização é mais ou menos isso da municipalização dos serviços. Em outros sectores, bem... Falei da má nutrição; apesar de ser um problema que está a preocupar-nos à todos, neste momento estamos a trabalhar em parceria com o sector da saúde, com a PEOPLE IN NEED em 5 municípios dos 9 que integram a Província, mas com a tendência de alargarmos esta gestão comunitária aos restantes 4 municípios, com os recursos do governo ou eventualmente com os recursos dos outros parceiros; a estratégia é: a fraqueza, um dos indicadores, sobretudo no caso do UNICEF que trabalha com a criança, que influi nela, pois, nós somos advogados da criança, então, logo que nos apercebemos que há algum problema fazemos a advocacia e trabalhamos em parceria nesse sentido. **(EAGEXTNR-1:HA)** **Soloti:** Já há um exercício que foi feito pelas autoridades e que resultou naquilo que eles chamam de perfis; alguns municípios

	também foram escolhidos como pilotos em desenvolver alguns perfis. Nesse programa, as autoridades municipais trabalham com as comunidades, identificam os problemas, as necessidades, etc., naquilo que seria uma forma de efetivar o diálogo, e, em função disso, conceberem um modelo de desenvolvimento para o Município. **(EAGEXTNR-1:HA)** **Soloti**: Todos os nossos programas são realizados com as comunidades; é quase impossível realizar atividades que não enquadram as comunidades. Conforme afirmei atrás, temos sensibilizado as comunidades para procederem ao registo gratuito das crianças, a vacinação, a situação da má nutrição que está focalizada na educação nutricional das comunidades; se as próprias comunidades não estiverem integradas é quase impossível desenvolver este trabalho. Conforme afirmei no princípio, nós não somos executores diretos, porque não temos recursos, nem humanos, nem materiais para irmos em todas comunidades. Então, temos que trabalhar em parceria com as ONGs e essas também não têm recursos, de tal sorte que, mesmo eles têm de trabalhar com as comunidades, porque pelas lições que temos, quando as comunidades não são integradas surge aqueles aspetos de que me referi atrás da apropriação; se eu for à uma aldeia hoje e construir escolas do alicerce até à cobertura, apetrecho com mobiliário (carteiras, quadro e outros materiais) e a comunidade em nenhum momento aparecer lá para levantar um blocozito, eles nunca vão considerar essa escola, porque sentem-se excluídos. Mesmo naqueles casos em que às vezes, pensamos realizar concursos públicos, há uma coparticipação das comunidades; alguma coisa eles têm que fazer para se sentirem incluídos e apropriarem. É quase impossível conceber uma ação de desenvolvimento junto da comunidade sem a participação dos comunários. Eu, por exemplo, e esta é minha opinião pessoal, a integração nas comunidades rurais não deve ser vista num sentido rigorosamente científico, tal como acontece nas zonas urbanas; nas zonas urbanas a integração é um pouco mais diferenciada, pois, requer que os agentes de integração tenham mais capacidades de comunicação - uma abertura quase total, isto é, comunicar, aceitar os pontos de vista de outrem, enfim, o diálogo, a negociação. Portanto, a maior parte das atividades que nós desenvolvemos é mesmo neste espírito de integração. **(EAGEXTNR-1:HA)** **Kaliva:** Penso que tem produzido efeitos positivos; há programas que estão a ser realizados pelo sector da agricultura

…//… **3.8. Pobreza como subvenção económica das cidades pelas comunidades rurais**	com a parceria do PNUD, temos agora o MESAK, um outro programa de agricultura que entrou agora em execução em quatro ou cinco municípios da Província do Bié, cuja missão é prestar apoio técnico aos agricultores das comunidades e, portanto, tem efeitos positivos sobre o crescimento das comunidades rurais; temos ainda o Programa de Saneamento Liderado pela Comunidade que visa potenciar os próprios comunários de conhecimentos de modo a que eles próprios dominem formas de como melhorar a qualidade de vida, identifiquem os problemas e procurem soluções localmente. Portanto, o objetivo maior desses programas é dotar os comunários de conhecimentos e por via disso capacitar as comunidades para autogestão. **(EAGEXTNR-2:HA)** **Kaliva**: Há estratégia de integração porque eles estão ocupar aquelas áreas que o governo ainda não abrangiu em seus programas; eles preenchem essas áreas precisamente para não haver discriminação. Penso que isto constitui uma mais valia para aquilo que se pretende; por exemplo, em 2010 começamos com o Programa de Saneamento Liderado pela Comunidade, cujo coordenador provincial sou eu próprio, e selecionou-se algumas comunidades nos municípios de Andulo, Kuito e Kamacupa; nesta altura já temos comunidades onde já não se defeca ao ar livre e a questão de saneamento tem conhecido alguns avanços. Agora, este programa vai alargar-se aos municípios de Katabola, Nharêa e Tchitembo, a partir do mês de Março/2013. Temos selecionado aquelas áreas onde não há programas sobre esta matéria; acho que, mesmo para a questão da agricultura, os programas são executados desta maneira para não se discriminar ninguém e constato que toda a gente se enquadra. Mesmo na questão do gado o procedimento tem sido o mesmo. O objetivo é mesmo a integração. **(EAGEXTNR-2:HA)** **Kaliva:** No projeto de água e saneamento temos a Cruz Vermelha de Angola em parceria com o governo, a Cruz Vermelha Espanhola e a OXFAM que trabalham na implantação de manivelas para obtenção de água a partir do subsolo, assim como na construção de latrinas nas comunidades. Penso que também estão a contribuir neste processo. Quanto às igrejas poderíamos falar dos programas da Igreja Evangélica Congregacional de Angola (IECA), nos programas da Igreja dos Irmãos que está muito empenhada na construção de escolas e postos médicos em quase todos os

	municípios. **(EAGEXTNR-2:HA)** **Sawesi**: O PESA é um programa de formação e pesquisa ao mesmo tempo; primeiro pesquisamos e depois de identificar as zonas cinzentas passa-se para a formação para capacitar as pessoas a lidar com esses problemas e uma vez superados dá-se seguimento. Os resultados de todo esse trabalho não são para ninguém senão para a própria comunidade. Se a comunidade criar um fundo da escola de campo, é na base deste que serão atraídos outros apoios. **(EAGEXTNR-3:HA)** **Sawesi**: Ok! As escolas de campo são uma experiência trazida pela FAO; ela trouxe essas tecnologias para combate à fome e à pobreza e estão inseridas neste programa. A FAO trouxe este programa e as primeiras províncias de sua aplicação são as do Bié e Huambo. Agora, há um plano de alargar este programa de escolas de campo para outras províncias do país, mas os formadores partirão do Bié e Huambo para aquelas províncias, a fim de capacitarem pessoas naquelas jurisdições territoriais. **(EAGEXTNR-3:HA)** **Lupesi**: É melhorar o nível de organização da comunidade como primeiro passo para criar uma associação ou uma cooperativa, visto que, segundo o modelo de desenvolvimento vigente, os países mais desenvolvidos são aqueles que estão estruturados em cooperativas; as cooperativas é que estão a assegurar o país em termos de produção e não a produção individual. Por outro, é também objetivo das escolas de campo melhorar o nível de conhecimentos técnicos, visto que, o mundo está em desenvolvimento e com as mudanças climáticas tem que haver também mudanças da nossa parte em matéria de produção agrícola no campo; além disso, neste modelo de desenvolvimento vigente, as pessoas não devem esperar que seja o governo a resolver todos os seus problemas, senão elas próprias a criarem estratégias de enfrentá-los. **(EAGEXTNR-3:HA)** **Sawesi**: Ok! Isso depende dos próprios membros, da sua capacidade de compreensão, de apreensão das informações que lhes forem transmitidas e da capacidade de aplicar na prática os conhecimentos adquiridos, dando respostas adequadas aos problemas que forem surgindo nas suas atividades diárias. A escola de campo que alcançar este patamar já é capaz de ser autónoma. O tempo de formação varia entre três e quatro anos; por vezes aproveitamos os facilitadores para divulgarem as técnicas de trabalho às outras comunidades e aí o Ministério da

	Agricultura dá um subsídio para o efeito. **(EAGEXTNR-3:HA)** **Lupesi**: São os mais carentes. Aqueles que estão na idade de constituir a sua própria família. **(EAGEXTNR-3:HA)** **Sawesi**: Sim! Foi feita uma experiência de articulação em 2010 em que foi criado um programa conjunto onde foram integrados todos os sectores. Trata-se de um programa inserido nos objetivos do milénio, no âmbito do qual estão sendo implementadas as escolas de campo para as comunidades mais carentes; o lançamento foi feito no Município de Kamacupa na comunidade de katenga pertencente à comuna de Ringoma. Um dos objetivos é mitigar a importação da merenda escolar pelas comunidades; ali onde o pão, o fiambre e a bolacha se tornam produtos de difícil aquisição as crianças recorrem à mandioca, à batata doce, etc. Os programas de nutrição também intervêm neste âmbito do grande programa conjunto, onde a Agricultura intervém com as escolas de campo, a criação de hortas escolares, onde os alunos poderiam observar como se trabalha, as técnicas de cultivo e depois falar sobre a importância nutricional dos produtos cultivados na horta. Portanto, trata-se de hortas criadas junto das escolas formais, mas monitoradas pelos técnicos da agricultura. O sector da saúde por exemplo, intervém nesse programa integrado com a distribuição de mosquiteiros e execução de ações de combate à malária ; o sector do registo civil também faz parte do grupo e procede ao registo de todas as crianças menores de cinco anos, assim como o sector das águas, bem como outros que também fazem parte desse conjunto. **(EAGEXTNR-3:HA)** **Sawesi:** As escolas de campo estão sendo implementadas em todos os municípios da Província do Bié, exceto as hortas escolares que somente foram implementadas na área de Kamacupa. **(EAGEXTNR-3:HA)** **Sawesi**: Sim! Eles têm o mínimo nesta vertente; é por isso, que foram criadas associações e por via delas cria-se um comité de gestão para controlar e gerir todos os fundos arrecadados, com vista a sua aplicação no desenvolvimento da própria comunidade. **(EAGEXTNR-3:HA)** **Lupesi:** A autogestão não é possível se não houver alguma organização na comunidade; para uma comunidade rural, a única organização só pode ser associação, cooperativa e escola de campo. Os membros associados não vivem separados dos

…//… **3.9.Pobreza como marginalização das comunidades rurais pela sociedade moderna**	demais membros da comunidade, mas eles têm o dever de pilotar o desenvolvimento da própria comunidade. **(EAGEXTNR-3:HA)** **Lupesi**: O nosso trabalho não se restringe às técnicas de cultivo, mas também em questões de gestão; quer dizer, orientamos os comunários a produzirem na hora certa em que há procura no mercado para vender mais e conseguir mais dinheiro e comprar aqueles bens de que a família necessita. Orientamos inclusive diversificar a produção priorizando aquilo que dá mais rendimento e não limitar-se ao cultivo do milho que tem um preço mais baixo no mercado. **(EAGEXTNR-3:HA)** **Sawesi:** Os próprios comunários fazem a pesquisa do mercado e já sabem porque quando vão ali comprar a semente já se apercebem da carência de alguns produtos. **(EAGEXTNR-3:HA)** **Sawesi**: Sim, não existe! São os próprios comunários que têm que estar em contacto com o mercado e fazerem todas as manobras possíveis; normalmente, os produtores do campo já conhecem os produtos que dão maior rendimento nos mercados e conhecem inclusive os períodos de maior procura. Eles conservam a semente desses produtos de mais valia para os cultivar no período de muita escassez; isto para conseguir a sua gestão, manter o seu bolso, a sua alimentação, a dieta normal em casa. **(EAGEXTNR-3:HA)** **Sawesi:** Exatamente! Nós sensibilizamos e incentivamos essas comunidades, fornecemos sementes de hortícolas naquelas áreas onde não se praticava esse tipo de cultivo, mas com o trabalho por nós realizado já adquiriram o hábito e já procuram ampliar a produção. A implementação do PESA traduz a concretização da estratégia de integração das comunidades rurais nos processos de desenvolvimento). **(EAGEXTNR-3:HA)** **Sawesi:** As ONGs entram neste processo como provedores, sensibilizadores, como formadores e capacitam para os comunários alcançarem um nível mais elevado de produção, para a autogestão. Já existem aquelas ONGs que também dão alfabetização aos idosos, para pelo menos saberem ler e poderem identificar por exemplo, o nome do medicamento que o médico receitou-lhe. Na sua intervenção, as ONGs estão atingir aquelas comunidades longínquas em que não havia

…//… **3.10. Pobreza como frequência de calamidades naturais**	acesso anteriormente. As igrejas também fazem praticamente o mesmo. **(EAGEXTNR-3:HA)** **Lupesi**: Por mim, o mais importante ainda é potenciar as comunidades rurais com infraestruturas para prestarem serviços mais diversificados. Fazer com que o comunário que queira um emprego de pedreiro possa fazê-lo localmente ou na comuna mais próxima, sem contudo ver-se obrigado a emigrar para a cidade. Isto pode inibir o despovoamento das comunidades rurais. **(EAGEXTNR-3:HA)** **Sawesi:** Primeiro é necessário diversificar as técnicas de produção agrícola; em segundo lugar, melhorar as vias de acesso e de comunicação intercomunitária para haver a circulação de pessoas e bens, assim como o intercâmbio comercial. **(EAGEXTNR-3:HA)** **Rita**: Nós na qualidade de uma organização comprometida com o meio rural, claro que fazemos com frequência alguns diagnósticos dos quais retiramos a informação que serve de fundamento para o desenho de projetos de intervenção que executamos. **(EAGEXTNR-4:MA)** **Rita:** Com a intervenção de ONGs e outras organizações ligadas ao processo de apoio às comunidades rurais, algum gado se vai introduzindo, maioritariamente bovino devido à tração animal e algum gado caprino; eles próprios, por si só, conseguiram fazer o repovoamento com aves, nomeadamente galinhas e hoje podemos encontrar um número considerável de animais nas comunidades rurais, mas como sempre, os animais nessas comunidades são considerados como poupanças. Adquirem o animal, está ali e em casos em que tenha alguma aflição é o recurso de que eles se socorrem, vendem-no e conseguem algum dinheiro; então, dificilmente usam para a alimentação. Os bois para a charrua, as galinhas e os cabritos estão ali como reserva monetária para poderem utilizar em situações de emergência. Risos... **(EAGEXTNR-4:MA)** **Rita**: nós agora estamos a trabalhar mais numa perspetiva de cooperativismo, as pessoas se congregam em cooperativas, para prestarem serviços aos sócios que possam comprar os produtos que elas produzem e encontrar mercados para os comercializar. **(EAGEXTNR-4:MA)** **Rita**: Nota-se o incentivo ao associativismo e ao cooperativismo um pouco por todo o lado, a tendência é as pessoas associarem-se, organizarem-se por ser a forma de

	conseguir ter apoios, mediante cooperativas e associações e isto tem estado a dar um outro movimento às comunidades rurais e também uma forma de resolução dos vários problemas que enfrentam. **(EAGEXTNR-4:MA)** Rita: no entanto, a tendência é que esta seja também uma organização que participa nos espaços de diálogo e concertação com o governo, uma vez que o próprio governo está implementar a metodologia das Zonas de Influência Pedagógica (ZIPs) e isto tem estado a facilitar o intercâmbio, uma conjugação de esforços entre as escolas no âmbito do apoio que é prestado para a recuperação dos danos anteriores. Em suma, a presença dos bancos nos municípios, por um lado, é uma forma de resolver problemas ligados aos trabalhadores que habitam o meio rural para que tenham os seus salários mais próximo, mas também, a maior parte desses bancos concedem créditos e a tendência é as pessoas organizarem as suas cooperativas, as suas associações e em conjunto dar passos largos para ter acesso aos créditos. As iniciativas de repovoamento florestal, apesar de haver muitas áreas degradadas são muito poucas, visto que, as populações o que eles querem é: chegou o fim do mês, recebeu o seu salário, foi comprar o seu saco de arroz e pronto, vai caminhando devagarinho. Isto é um processo. **(EAGEXTNR-4:MA)** **Rita:** O que temos observado é que de forma individual as pessoas não vão conseguir resolver os seus problemas; então, apenas tem sido eles organizarem-se em grupos, cooperativas e uma vez que está aberta essa possibilidade de participar nos conselhos de auscultação e concertação e eleger os seus representantes legítimos junto desses conselhos; mas antes tem que haver fóruns de aldeia, da comuna que são também espaços de concertação comunitária. Daí saem então as opiniões, as reclamações, as propostas que são levadas para os seus representantes aos conselhos de auscultação já atrás referenciados. Constatamos que há passos significativos com vista aos processos das autarquias; hoje tem-se estado a promover um pouco, grupos relativamente controlados, levar ao conhecimento deles os próximos passos a dar e penso que aí já estão salvaguardados alguns aspetos. **(EAGEXTNR-4:MA)** **Rita**: Sim! Tem havido intervenção do governo em algumas comunidades, mas existem áreas que nem sequer lá chegaram; as próprias comunidades buscam alternativas. Em casos de saúde, por exemplo, o enfermeiro está lá, atende casos, quem

	tem dinheiro paga, aquele que não tem fia para pagar depois, às vezes, paga com uma galinha, às vezes vai trabalhar na lavra do enfermeiro e tudo isso são mecanismos que as próprias comunidades criam para poderem resolver os seus problemas. Eu trabalhei durante algum tempo numa comunidade, onde um único professor lecionava na 1ª, 2ª,3ª e 4ª classes; era o único que sabia ler e escrever naquela área e nem sequer estava cadastrado no Ministério da Educação; risos... Era praticamente um alfabetizador. Como é que fazia? Agrupava as turmas de iniciação e 1ª classe, 2ª e 3ª classes, e a 4ª classe em separado; ele ficava alguns minutos numa turma e depois desdobrava-se noutra turma onde realizava alguns exercícios e por aí em diante. Depois voltava para a turma onde havia iniciado e aquilo era impressionante! E estavam lá as criancinhas sentadinhas, claro, pode não terem aprendido com muita qualidade, mas aprenderam qualquer coisa; são essas práticas solidárias que acontecem nas comunidades rurais para contrapor os problemas que eles próprios vivem enquanto aguardam que o governo chegue. **(EAGEXTNR-4:MA)** **Rita**: não há bancos mas há pessoas na comunidade que emprestam dinheiro, aplicam taxas de juro, aquilo que no Brasil chamam de agiotas, isto é, alguém tem dinheiro e empresta aos outros que necessitam. Lá no Brasil, aquilo aplicam taxas bem altas, mas as pessoas aderem e vão resolvendo os seus problemas. Voltando à comunidade em abordagem, diria que pouco a pouco os serviços foram chegando paulatinamente, como por exemplo, o serviço de moto-táxi ou *kupapatas* . **(EAGEXTNR-4:MA)** **Rita**: Nós defendemos sempre que as comunidades devem ser parte integrantes ou os principais atores dos processos de desenvolvimento; enquanto eles esperam que alguém venha fazer por eles, se nós estimularmos o processo e o mesmo nascer da comunidade certamente que eles vão dizer que isto é nosso; nós temos que tocar isso para frente, porque senão vai nos afetar. Nós estamos a viver algumas experiências das escolas de campo da FAO em que havia tudo: sementes, fertilizantes, inclusive ajudavam a transportar o repolho para irem vender nos mercados da cidade; no entanto, por falta de um simples tubo para conduzir a água até a uma determinada parcela de terreno, as pessoas estavam de braços cruzados à espera que alguém venha comprar. Eu estive recentemente no Bié a realizar algumas ações de formação, onde me disseram

	que a Cruz Vermelha Espanhol veio trabalhar connosco, mas o líder da organização disse que não pagaria a passagem para aqueles que iriam participar do seminário; quem está ávido dos conhecimentos que venha por meios próprios. Então, aí está o tal paternalismo que às vezes estraga os processos. **(EAGEXTNR-4:MA)** **Rita:** Então, é preciso envolver as comunidades em todas as etapas do processo, desde a identificação das necessidades à elaboração e implementação de projetos; ora, mesmo na implementação de projetos, a nossa experiência permite concluir que as comunidades não são meras recetoras. Elas têm também responsabilidades que nós partilhamos; isto sim, cria a sustentabilidade. **(EAGEXTNR-4:MA)** **Rita**: Nós já vimos que o crédito nos bancos deu errado, o nível de reembolso não foi tão bom, mas a comunidade ganhou experiências e hoje chegamos lá e dizemos assim: como com o banco falhou, com a ADRA falhou, com a Visão Mundial falhou, nós agora vamos vos ajudar a constituir uma caixa vossa e gerida por vocês; nós vamos apenas negociar fundos nos bancos para pôr aqui, mas o processo de empréstimos criem uma comissão de gestão. Vocês mesmo sabem a quem estão a emprestar e vão atrás de quem não estiver a reembolsar a prazo, pra ver se o processo não vai andar, e está a andar, apropriaram-se. Porque eles sabem e não há dinheiro parado, porque se receberam crédito de 20000 kz (vinte mil kwanzas), quando vierem a fazer o reembolso estarão mais 20000 kz (vinte mil kwanzas) à espera; dinheiro entra e sai automaticamente e não há hipótese de alguém meter a mão na massa para desencaminhar. Risos. **(EAGEXTNR-4:MA)** **Kesongo**: Existem boas perspetivas para o mesmo sentido; o processo vai bem, mas as estratégias de integração encontram ainda dificuldades na sua concretização devido a vários fatores limitantes no seio das comunidades rurais. É necessário um reforço da capacidade institucional para uma maior abrangência das intervenções que têm sido feitas até agora. **(EAGEXTNR-5:HAC)** **Sapwile**: Para haver desenvolvimento no país é preciso que haja produtividade; e para haver produtividade, caberá ao governo decidir; se o governo entrar em consenso com as populações e começar a subvencionar os fertilizantes, aí sim, seria possível; temos o caso de algumas senhoras que pertencem a AGROPEC, instituição que tem a vocação de

	promover a agropecuária, mas, quando aparecem aqui, convocam as pessoas a fim de receberem fertilizantes a crédito; por vezes, acontecem situações que comprometem uma boa colheita mas, ao fim do ano agrícola elas tornam a aparecer para cobrar; e o indivíduo se vê obrigado a pedir empréstimos a terceiros para pagar a dívida de fertilizantes. Onde é que vamos chegar afinal, se tudo tem de ser comprado? Aqui temos alguns ribeiros, cujo caudal de água não é suficiente para abastecer as valas ou canais artificiais de irrigação e a maioria de agricultores não tem dinheiro para comprar motobombas e seus acessórios. O governo deveria ajudar-nos a criar associações de produtores e perguntar-nos: "quem pretende adquirir motobombas e acessórios"? As outras nações, depois de se tornarem independentes, conseguiram superar este tipo de problemas, porque os seus governos apoiavam a produção agrícola, mas não cobravam nada. Se num determinado país, o governo não apoia a produção agrícola, a fome é inevitável e com ela surgem outros fenómenos negativos como o roubo, a prostituição, a delinquência, o homicídio, a bruxaria, etc. Esta situação de subdesenvolvimento estaria superada se houvesse conferências envolvendo as comunidades, para debater todos estes problemas. **(EC-1:HAC)** **Sapwile**: Se estivéssemos unidos, deveríamos propor aos órgãos de decisão uma estratégia e regras para o desenvolvimento da nossa comunidade. Uma vez analisada, discutida e consensualizada ao nível da província, a mesma seria encaminhada aos órgãos centrais de decisão. **(EC-1:HAC)** **Hosi**: Em casos de estiagem, os agricultores têm encontrado alternativas cultivando hortícolas como cebola, couves, repolho, tomate, batata, etc, naquelas parcelas de terra que se situam próximo dos rios, onde o solo mantém reservas de água – nas *olonaka* ; mas, devido a estiagem, o volume de água nos rios também está a diminuir-se, principalmente nos meses de Agosto e Setembro. **(EGC-4:HAC)** **Dona Kayovo**: Houve muita emigração! Aqui passou um genocídio horrível em que muitas pessoas foram assassinadas à machadada em 1985. Em razão de tais acontecimentos os homens, entre adultos e jovens sobreviventes emigraram para outras partes do País. Alguns emigraram à procura de emprego nas cidades; outros emigraram por outros motivos. **(EC-**

	5:MAC) **Pesela:** Penso que deve haver sensibilidade e diálogo da parte dos políticos e governantes para se encontrar consensos e soluções duradouras, porque as divergências políticas repercutem-se na atitude e comportamento das populações e promovem a desunião no seu seio. Ao nosso nível, deve haver diálogo e entendimento a partir do lar familiar e estender-se aos demais membros da nossa comunidade; debater com a nossa companheira de casa o tipo de atividades que temos de realizar, decidir por onde começar e dividir as tarefas a serem executadas por cada um de nós. Se juntarmos o bocadinho que eu conseguir com o bocadinho da companheira teremos um pequeno fundo familiar, na base do qual iremos programar outras ações posteriores. O crescimento de uma família e de uma comunidade não pode partir do nada, senão daquilo que as pessoas aprenderam a fazer; por isso, é necessário reabilitar o *onjango* e outras instituições educativas que pararam durante a guerra, para reforçar o trabalho das escolas do estado e das igrejas; alguns aspetos da educação do *onjango* se assemelham ao trabalho das escolas. Os provérbios da nossa ancestralidade são quase os mesmos que encontramos na Bíblia e nos livros escolares; isto quer dizer, que algumas normas do passado podem atuar em conjunto com as normas atuais, pois, sem isso não pode haver desenvolvimento. **(EC-7:HA)** **Sapwile**: A maior parte dos que emigraram para as cidades são jovens e esta categoria está bastante reduzida aqui na comunidade. Alguns saíram devido as dificuldades que já mencionei atrás; outros jovens emigraram para a cidade de Luanda e lá se tornaram delinquentes, mas, há ainda tantos outros que emigraram para as cidades a procura de trabalho e melhoria das condições de vida, visto que, aqui os rendimentos da produção agrícola são muito baixos. Na cidade, muitos deles não passaram por uma formação profissional e não dominam ofícios; deparam-se com uma série de dificuldades e, por fim, começam a roubar. Aqueles que emigraram para a cidade por motivos de trabalho, visitam regularmente a comunidade e, paralelamente ao exercício de funções nos departamentos administrativos desenvolvem atividades de produção agrícola; participam dos óbitos e de outros eventos que acontecem aqui na comunidade; aqueles que não dispõem de tempo suficiente para desenvolver atividades de produção agrícola, enviam dinheiro aos parentes para esses garantirem a execução de tais atividades localmente. Nem todos os que

	estão na cidade vivem unicamente dos rendimentos salariais. **(EC-1:HAC)** **Lisoso**: No entanto, há uma grande distância no plano das relações de trabalho e desenvolvimento. Um pouco para lá da vizinha comunidade de Kambweyo localiza-se uma pequena comunidade batizada com o nome de Sipiti; os residentes daquela pequena comunidade procuram sempre imitar as iniciativas de crescimento que ocorrem aqui no Ekovongo. Eles também produzem tomate, cebola, couves, repolho, alho, etc., além de outros produtos agrícolas; do mesmo modo, criam bovinos, caprinos, suínos, etc. Assim, encontramos naquela pequena comunidade quase de tudo que temos cá no Ekovongo: bicicletas, motorizadas, geradores de energia, e isto já é muito bom. As outras comunidades vizinhas também tentam imitar as iniciativas de Ekovongo, mas sem grandes sucessos; eles cultivam bem as lavras durante a época chuvosa, mas quando chega a época de cultivar as hortícolas eles relaxam. Por exemplo, esta é a época de cultivar hortícolas, mas os residentes de Kambweyo e de outras comunidades vizinhas estão engajados na produção de carvão vegetal e prestação de serviço de táxi que é feito com motorizadas. Hoje em dia, a produção de milho, feijão, mandioca, não é suficiente para os agricultores crescerem; é preciso diversificar a própria produção. Daí que, o crescimento económico nessas comunidades não se iguala ao de Ekovongo. Para as comunidades e os produtores rurais de hoje são as hortícolas que estão a impulsionar o seu crescimento económico e um certo bem-estar. **(EC-10:HA)** **Lisoso**: As pessoas emigram principalmente por causa da pobreza; as pessoas pensam que o simples facto de residir na cidade diminui a pobreza, mas, pelo contrário, ela aumenta substancialmente. Risos… **(EC-10:HA)** **Lisoso**: Todos falam da necessidade de união entre nós e da necessidade de motivar aqueles comunários que negligenciam os trabalhos de campo. Se cada um de nós tiver o seu campo cultivado ninguém cria inveja para com os outros, e ninguém rouba aquilo que os outros trabalharam com muito sacrifício; a fama da nossa comunidade ultrapassou as fronteiras da nossa província; se viajares para a cidade de Menongue que é centro administrativo da vizinha província do Kuando-Kubango ou mesmo à província vizinha do Moxico, as pessoas falam de Ekovongo. Tudo porque daqui saem grandes quantidades de

	produtos diversos como tomate, cebola, repolho, mandioca, etc. Isso obriga motivar todos os comunários a trabalharem muito, principalmente aqueles que não gostam de trabalhar para amanhã não se tornarem gatunos que prejudicam os outros que trabalham. Esses que eu considero de preguiçosos precisam de apoios em iniciativas, ideias e sobretudo em conhecimentos sobre as épocas do ano e o tipo de sementeiras apropriadas para cada época. Anos atrás, havia seminários que eram realizados pelas entidades municipais que atendem o sector agropecuário; depois passamos alguns anos em que as ações de formação paralisaram porque o técnico do sector que realizava tais seminários foi transferido desta comunidade para outra área e em sua substituição enviaram outra pessoa. Atualmente, há sinais de retomada das ações formativas que a meu ver levarão a uma dinâmica diferente da que temos hoje. Com a chegada da União Nacional das Associações de Camponeses de Angola – UNACA nesta comunidade e o reinicio da circulação do comboio que vai transportar grandes quantidades de fertilizantes, creio que isso poderá diminuir o preço elevado a que os mesmos estão sendo comercializados nos dias de hoje. **(EC-10:HA)** **Epalanga**: Quanto aos ofícios, alguns aprenderam a trabalhar o ferro; o trabalho do ferreiro distrai e é tão atraente, que se o indivíduo que estiver a assisti-lo não se acautelar, arrisca-se a perder todo o seu tempo ali, enquanto o próprio está lucrando risos…; cada cliente que aparece compra-lhe algum artigo e ele põe o seu dinheiro no bolso, enquanto o assistente fica a perder o seu tempo em conversas risos…. Quanto ao trabalho de carpintaria – meu filho, não te vou mentir; eu construí casas de alguns europeus que viveram aqui em Angola mas… Agora já não consigo porque estou mesmo velho; se um dos meus filhos quisesse optar por um ofício eu aconselharia aprender a carpintaria, visto que, mesmo agora que estou velho, se decidir sentar-me numa cadeira com uma plaina na mão, consigo talhar e confecionar artigos que posso vender e ganhar dinheiro; ao passo que, a construção é boa, mas quando chegar a velhice já não será possível prosseguir com esse trabalho. A construção é importante e posso mesmo dizer que atualmente a gente jovem está ganhar dinheiro com essa atividade; o problema é quando chegar a velhice. Portanto, relativamente aos ofícios é preferível escolher aquele que é menos pesado, para que mesmo na velhice ainda possamos exerce-la. **(EC-2:HAC)**

	Epalanga: Atualmente, quase todos aqueles que têm níveis de instrução emigraram para as cidades. Uma boa parte deles estão mesmo ali perto na cidade do Kuito e só aparecem aqui na época de cultivo para orientarem as atividades produtivas nos seus próprios campos. **(EC-2:HAC)** **Epalanga:** Alguns saíram daqui para as cidades para viver mesmo ali. Cada um deles lá onde encontrou emprego para a sua sustentação ali se fixou. **(EC-2:HAC)** **Sapwile**: Portanto, voltando a questão de como superar esta situação, precisamos de desenvolver a agricultura e diversificar a produção; aqui no centro, na Província do Bié, não temos grémios; nos países vizinhos ali mesmo próximo na África do Sul, os outros têm grémios construídos em 1901 e 1910, onde armazenam produtos. Se esses países cortarem a exportação de produtos ao nosso país, iremos morrer a fome porque não temos stoks, porquanto, as nossas riquezas estão a ser exportadas ao exterior. **(EC-1:HAC)** **Visupe:** Alguns visitam regularmente a comunidade; outros enviam dinheiro de apoio aos pais e esses por sua vez enviam produtos do campo que necessitam lá na cidade, mas isso depende da racionalidade que reina em cada família. Alguns pais quando recebem dinheiro que os filhos enviam não fazem poupança, senão comprar bebidas alcoólicas. Risos… **(EC-6:HAC)** **Pesela:** As comunidades vizinhas têm estado a imitar Ekovongo nesse aspeto da melhoria das suas residências. Além disso, temos constatado uma tendência de competição da parte das comunidades vizinhas que reclamam para si infraestruturas como escolas, postos de saúde e outros serviços que Ekovongo possui. **(EC-7:HA)** **Katola:** No plano económico também existem relações, embora não com a mesma intensidade como no passado. Eu que sou residente de Ekovongo posso entregar os meus porcos, cabritos ou mesmo bois ao cuidado e responsabilidade de um amigo residente na comunidade de kalufele ou mesmo a um amigo residente na comunidade de Nguengu. Ali os animais reproduzem-se e multiplica-se o número; em cada ano posso realizar uma visita aos meus amigos para obter dados ou informações sobre a situação dos mesmos. Às vezes são os próprios amigos que se deslocam para cá visitar-me e informar como os animais estão se reproduzindo; depois de alguns anos,

	e tendo em conta o aumento do número de animais, eu próprio tomo a iniciativa de visitar os amigos e gratificar-lhes pelo bom trabalho que têm realizado, isto é, dividir os animais de modo que eles também se sintam satisfeitos com os resultados do seu trabalho. Os meus amigos também podem proceder da mesma maneira; entregar aos seus amigos aqueles animais que receberam de mim para esses os criarem. Desta maneira, a riqueza que era de uma pessoa acaba por se expandir e beneficiar muita gente. Com a expansão da riqueza, também se expande a amizade entre as várias comunidades. É esta interajuda que impulsionava o desenvolvimento nas comunidades e reduzia em certa medida a inveja e o ódio entre pessoas da mesma comunidade e entre pessoas de comunidades vizinhas; havia portanto uma solidariedade enraizada e as coisas eram praticamente abundantes. As relações não estavam tão mercantilizadas como temos assistido atualmente; praticamente era uma ofensa e até uma vergonha irreparável, se um indivíduo se dirigisse à um parente ou à um grande amigo com dinheiro para comprar algo para comer, visto que, este comportamento é interpretado como uma acusação injusta contra alguém de bom senso, que neste caso é tido como avarento. No plano do cultivo de terras, da caça e da produção de mel, as comunidades estão devidamente delimitadas. Quando a gente recebe alguém que veio cá na comunidade com o objetivo de fixar residência permanente, como ele tem barriga e trás consigo a sua família, o primeiro passo é ir com ele ao campo para mostrar-lhe o terreno onde pode desenvolver atividades de produção a fim de poder sustentar-se; mas deve ser um terreno vasto, visto que, atrás dele poderão seguir outras pessoas com as quais tem afinidades. Ele deve trabalhar sem receios e se a produção dele for de pequena dimensão, aquele que cedeu o terreno pode ir ao encontro dele para incentivar-lhe a produzir um pouco mais. Posso mesmo dizer que a prática de vender terras não faz parte da nossa cultura, visto que, ao nascer nós encontramos a terra e isto quer dizer que ela é para todos, e quando morremos a deixamos e não acaba. Portanto, não havia prática de vender terrenos ainda que seja para a construção de residência e são estes valores que estão na base do nosso clamor veemente porque o mundo moderno quer enterrar tudo. **(EGC-11:HAC)** **Pole**: Uma parte pouco numerosa emigrou para as cidades e outras paragens, devido principalmente a questões de doenças; tem acontecido que o indivíduo emigra e na nova localidade de

	residência a sua saúde se restabelece. Há outros que emigram para as cidades à procura de trabalho para melhorar as suas condições de vida. **(EC-12:HJ)** **Sekeseke**: Podemos considerar duas perspetivas ou duas opções; se tornar rico ou se tornar pobre? Tudo depende das opções que o indivíduo procura realizar na sua vida. Este tipo de desafio atravessa também a consciência dos produtores do campo nas comunidades rurais. Se os meus primos e vizinhos produziram, comercializaram e compraram coisas boas e eu também solicitar alguns sacos de adubo ao estado, então poderei conseguir aquilo que os outros compraram. É esta orientação que devemos seguir na vida. Suponhamos que o outro adquiriu um determinado bem, um automóvel, por exemplo, e eu fico com os braços cruzados pensando que ele comprou por ser rico, mas eu sou pobre e não posso imaginar essa possibilidade; logo, acabo por ter inveja e criar o ódio para com os outros. A ser assim, estaríamos a destruir o espírito comunitário e a criar dificuldades ao desenvolvimento; nenhuma comunidade pode desenvolver-se com pessoas assim. É este o desafio que temos nos dias de hoje. Podemos solicitar apoios ao estado, mas, isso só poderá funcionar se estudarmos e tivermos vocação para fazer as coisas a acontecer; se assim acontecer, teremos garantia de que aquele indivíduo será um engenheiro dos petróleos, o outro será um engenheiro de minas ou enfermeiro. Isto é que é mais importante. **(EGC-13:HJ)** **Kawisi:** Os alunos que estudam na escola de manhã, à tarde executam tarefas de casa, tais como extrair adobos ou blocos para apoiar a construção da residência familiar; deste modo, aprendem na escola, mas também aprendem em casa; além disso, há que aprender também os trabalhos agrícolas. **(EGC-13:HJ)** **Sekeseke:** o indivíduo pode ser trabalhador do estado, mas, ao mesmo tempo agricultor que produz repolho, couves, tomate, cebola, etc.; e todos esses produtos podem ser pesados para saber quantos quilos são e conservados em grades próprias. Não foi por isso que as pessoas estudaram? Será que, para fazer isto, é preciso chamar europeus e outros estrangeiros? Será que os *ovimbundu* não cresceram ao ponto de executar este tipo de ações? Nós crescemos! Os *ovimbundu* cresceram mesmo! Ou não é isso? Risos... **(EGC-13:HJ)** **Sekeseke:** Cabe a nós próprios rebuscar as experiências de trabalhar a terra favoráveis ao desenvolvimento, que foram

	adquiridas desde então; o estado pode corresponder e vir ao encontro das boas iniciativas. É! Se nós próprios acharmos que não devemos nos limitar ao negócio que fazemos e pretendermos ir para além disso, o próprio estado dirá: "eu é que tenho fornecido adubos e sei que naquela comunidade falta isto e aquilo"! Se as pessoas produzirem em grandes quantidades e fornecerem ao estado à crédito, elas não estarão satisfeitas por creditarem ao estado? Será que é proibido o estado receber produtos dos agricultores à crédito? Risos... **(EGC-13:HJ)** **Visese**: As pessoas que nasceram e cresceram nesta comunidade, emigraram para as cidades, onde, depois de estudarem continuam a trabalhar lá engrandecendo-as; e isto está a contribuir muito para a nossa pobreza; praticamente, viraram as costas ao berço de onde partiram. **(EC-14:HJ)** **Mwenho**: Eu penso que o lema é trabalhar mais para atingir níveis mais elevados. **(EC-15:HAC)** **…///…** **Soloti:** Pela experiência de trabalho que realizamos com a FAO, pôde perceber que as comunidades *ovimbundu* apreendem facilmente a mensagem do associativismo familiar. **(EAGEXTNR-1:HA)** **Soloti:** Temos este desafio da área social que precisa de ser fortalecida através da educação, apesar de que, historicamente sabe-se que o povo *ovimbundu* é e foi sempre estudioso, aliás depois da Província de Luanda, em segundo lugar está a Província do Huambo, mas, ainda assim, é necessário ir até às aldeias e oferecer serviços educacionais de qualidade; isso poderá fortalecer a população socialmente naquelas variáveis em que já possuem algumas bases. Nos aspetos culturais, constato haver ainda pouca divulgação da cultura escrita sobre as experiências; eu citaria por exemplo, *Akokoto* e outros valores culturais que têm ainda pouca divulgação junto da comunidade estudantil e é um património cultural que arrisca-se de passar por esquecida à medida que passam as gerações. **(EAGEXTNR-1:HA)** **Kaliva:** Penso que um dos aspetos-chave a considerar é a gestão; em alguns aspetos eles estão a ser apoiados nisso ou naquilo, mas em termos de gestão, de empreendedorismo essas comunidades estão relativamente avançadas em algumas áreas,

	mas ainda assim, há outros que precisam um pouco mais de seminários e de orientação para que todos percebam qual é a melhor forma de singrar na vida. **(EAGEXTNR-2:HA)** **Sawesi:** Bem, a partir deles próprios há que considerar o domínio das técnicas elementares de produção agrícola e criação de animais. **(EAGEXTNR-3:HA)** **Lupesi**: além do domínio das técnicas agrícolas, há que considerar também a habilidade de realizar o comércio; para isso é preciso criar corredores de comércio que se alarguem até às comunidades rurais. **(EAGEXTNR-3:HA)** **Sawesi**: Eles têm uma base desta que já não podem realizar queimadas para conservar o meio ambiente, em alguns casos fazem o repovoamento de plantas. Por outro, eles têm um grande domínio da ervanária, conhecem as plantas medicinais e a utilidade de cada planta**. (EAGEXTNR-3:HA)** **Kesongo**: É um povo que ama a sua pátria e trabalha para manter e salvaguardar a sua identidade e integridade territorial, a julgar pela sua entrega total ao trabalho sobretudo do campo; os *ovimbundu* são trabalhadores incansáveis que pelejam em cada dia que passa na busca de soluções viáveis para autoconsumo alimentar familiar, mas também para ter excedentes que lhes permita comercializar e conseguir dinheiro para adquirir coisas de que necessitam. As comunidades *ovimbundu* são hospedeiras, sensíveis do ponto de vista do amor ao próximo. E para haver um desenvolvimento sustentável nestas comunidades existem muitas variáveis que devem ser aprimoradas, como por exemplo: as associações de camponeses/as, as cooperativas agropecuárias, industrias moageiras, pesca artesanal, apicultura e horticultura escalonada. Considerar também a educação dos jovens (noivo e noiva) para casamento, sobretudo a preparação da base económica futura. **(EAGEXTNR-5:HAC)** **Ndalu**: Portanto, no passado não havia tantas mortes, pois, havia respeito aos costumes ancestrais. Os funerais eram raros e no caminho que liga a comunidade àquele lugar sagrado crescia capim; era necessário mobilizar as pessoas para capinarem o caminho e o próprio cemitério. Não havia tantos hospitais onde as pessoas pudessem ser tratadas, mas as pessoas curavam-se com medicamentos naturais locais, retirados de plantas, tais como *otchinjole*, *olumbala*, *eyumbi*, *kakapa*, *ondembi*, *ehulu*, etc.; logo que chegássemos ao mês de

	junho recolhiam-se as folhas dessas plantas e eram fervidas numa panela. Depois da fervura, as folhas e o caldo eram postas numa bacia para nela banharem-se todas as crianças, uma terapia que na língua local denominamos *okuyota*. Os portugueses dizem: "come sujo, guarda a vida"! Risos... Atualmente, muitas pessoas já não realizam essas terapias e perdem muito dinheiro com a compra de medicamentos nas farmácias porque desconhecem o poder que essas plantas possuem na cura de doenças. **(EGC-11:HAC)** **Katola**: Nós começamos as atividades de produção com o cultivo da *onaka* e quando essa termina prosseguimos para *ongundu* [104], mas neste só com a chuva porque o solo é seco, por isso denominamos *onapalwa* [105]; uma vez terminado o trabalho nesses terrenos, passamos então para *otchipela* que é praticamente uma pequena lavra onde se pode cultivar milho ou batata doce. Depois de tudo isso é quando entramos em atividades propriamente da *épya* [106]; aqui o trabalho começa com ações de preparação da *osenda* [107], e se não tiver essa, então passa para *omundi* [108] e termina na *osangulula* [109]. Como são terrenos vastos, o trabalho se prolonga até Dezembro e por vezes até Janeiro. O milho que é cultivado logo de início em Setembro, dificilmente fica afetado pela praga. Atualmente, esses terrenos já não produzem muito porque o solo está muito cansado e sobretudo devido o derrube indiscriminado das florestas pelos produtores do carvão vegetal. Nesses terrenos, agora só cresce capim, mas mesmo esse não seca nem apodrece ali devido às queimadas que são levadas a cabo por pequenos caçadores. Se o capim apodrecesse nesses solos, as águas da chuva espalhariam todo esse estrume para fertilizar os terrenos; nos últimos anos, a chuva não tem caído com aquela intensidade ao ponto de encher os rios; os rios que no passado eram grandes agora se tornaram pequenos. A redução da intensidade das chuvas tem contribuído bastante para a atual situação de baixa produção agrícola; repare que, no passado, saiamos das casas para as lavras sem comer nada, porque lá havia batata doce, inhame, rabanetes, etc, para cozinhar ou assar mesmo ali. A única coisa que tínhamos que levar de casa para o consumo eram as cabaças com água para beber. Depois de algumas horas de intenso trabalho, afluíamos à sombra da árvore para o lanche feito na base dos produtos que acabei de citar e eram nutritivos. De regresso à casa, ninguém tinha mais desejo de comer porque a fome foi completamente saciada mesmo na

	lavra. **(EGC-11:HAC)** **Sapwile**: No passado, as pessoas não sabiam escrever e aqueles que criavam bois tinham um método de contagem para o controlo da reprodução; cada vez que a vaca paria introduziam um grão de milho na cabaça; outros utilizavam o método de contagem através de sinais que eram traçados num pau de bambu. Era um sistema arcaico de contagem mas era eficiente e não falhavam. **(EC-1:HAC)** **Sapwile**: Os seres humanos se relacionam principalmente com as plantas: são elas que purificam o ar que respiramos; as pessoas e as plantas se relacionam mutuamente: as pessoas possuem sangue no corpo e as plantas possuem a seiva bruta; ambas coisas são semelhantes. Por isso é que, sempre que a pessoa adoece se socorre das plantas para curar a enfermidade; também são as plantas que emitem o vapor para formar a chuva. Todos estes seres do universo e todo o conhecimento que as pessoas têm sobre os mesmos advêm da criação divina. Alguns conhecimentos que as pessoas possuem, advêm da vontade divina; mas as pessoas têm outros conhecimentos que advêm da imitação. **(EC-1:HAC)** **Sapwile**: A víbora também é uma cobra que não pode ser encontrada em movimento e se assim acontecer é sinal de que algum problema se passa no conjunto da família, ou algo irá acontecer. Em contrapartida, a banha que se extrai da víbora é um grande medicamento que cura várias enfermidades, inclusive feridas crónicas. **(EC-1:HAC)** **Sapwile**: Os antepassados fabricavam *kañyangulu* [16] e a pólvora era fabricada a partir de caules da bananeira, da mandioca seca e de outros tubérculos; se os europeus não interrompessem essa atividade teríamos evoluído para técnicas mais avançadas de fabrico de armas. Fabricava-se a borracha a partir de uma planta chamada *kambungo*; cortavam-se os ramos dessa planta e formavam-se feixes que eram enterrados no solo e queimados à maneira de extrair carvão vegetal; no dia seguinte, desenterrava-se, e tudo estava transformado em massa elástica com a qual se confecionava a borracha. A borracha era depois vendida aos europeus que a utilizavam para confecionar pneus. **(EC-1:HAC)** **Kapoko**: A arte de adivinhar compreende três modalidades: a primeira que consiste em adivinhar através de *ongombo* ou cesto de adivinhação; a segunda, denominada *okasenje* – que

	consiste em friccionar dois pauzinhos; se a hipótese do adivinho merecer a afirmativa, os dois pauzinhos deslizam de modo flexível. Se a hipótese do adivinho for falsa, os dois pauzinhos endurecem e não deslizam; a terceira, que é um pouco mais profunda e complexa. Se numa dada família ocorre muitas mortes incompreensíveis, o funeral do próximo cadáver seguir-se-á de uma técnica de adivinhação denominada *okawe k'ombumba*, que deve realizar-se logo na manhã do dia posterior ao funeral; consiste em colher do corpo do defunto elementos que devem ser embrulhados em um pequeno pedaço de tecido e amarrado sobre um pequeno pau em forma de tipoia. Neste caso, logo na manhã do dia posterior ao funeral, os familiares diretos e demais participantes se reúnem ao local do óbito para testemunharem a vinda da alma do defunto, que vem denunciar aquele que lhe tirou a vida. A chegada da alma do defunto é anunciada pelo exagerado peso que a pequena tipoia adquire e a direção que a mesma sugere aos seus portadores; a partir dessa altura o seu peso passa a ser o de uma tipoia convencional, mas com a particularidade de ela mesma sugerir a direção a seguir; via de regra, o primeiro itinerário que a tipoia sugere é a ida ao cemitério onde foi sepultado, realizando uma série de voltas ao mesmo. De regresso ao local do óbito, onde se encontram reunidas as pessoas, a tipoia empate-se contra o suposto indivíduo que tirou a vida do defunto denunciando-o. Geralmente o empate é tão forte que deixa cair por terra o suposto autor da sua morte. Eu próprio presenciei um acontecimento desse tipo em 1979, quando soldados governamentais provenientes do município de Chitembo, que haviam organizado um cerco defensivo sobre a nossa comunidade para contrapor o ataque prometido pela guerrilha. Houve, nessa altura, uma morte em que a família resolveu apurar a sua causa por via dessa técnica de adivinhação, ou seja, *okawe k'ombumba*. Mas, dessa vez, o bruxo apercebeu-se e fugiu para a cidade do kuito, mas *okawek'ombumba* dirigiu os seus portadores, passando por todos os locais, onde ele escalou, quer para urinar, quer para tratar de outros assuntos de seu interesse, até que o mesmo foi localizado e denunciado. Mesmo nos dias de hoje, ainda temos aqui na comunidade indivíduos que dominam essa técnica de adivinhação. Outra festa é denominada de *eyele*; é uma festa que só pode ser convocada pelo Rei, pois é ele que determina o mês e o dia de sua realização em homenagem a uma destacada personalidade local. Para essa festa convocam-se geralmente todas as comunidades que se encontram sob jurisdição deste

	reino; participam desta festa representantes de Chiyuka, Kanjungu, Katabola e de outras comunidades. Os representantes que acabei de citar, por serem daquelas comunidades que, desde sempre, respeitaram os ritos, os usos e costumes do reino, se deslocavam acompanhados de batuques de tipo *olondingu*, assim como de instrumentos musicais como *olumbendo* [65]. Havia mestres que sabiam tocar esses instrumentos. Quando chegassem na periferia desta comunidade, organizavam-se como mandam as normas costumeiras e entravam tocando os seus instrumentos até ao Palácio do Rei. A comunidade preparava *otchimbombo* [66] e o Rei ordenava abater um boi para a respetiva festa. Eu vi com os meus olhos, porque desde 1943 que o Rei Meskita subiu ao trono, no mês de Junho; durante o seu reinado tivemos um número considerável de nascimentos. Se fosse nos dias de hoje, ele deveria ser avaliado através de um referendo para se apurar quantas crianças nasceram e cresceram saudáveis durante o seu reinado; por isso ordenou abater um boi e convocou todos os pais e as mães para trazerem as suas crianças junto dele. Cada pai e cada mãe deveriam trazer consigo pequenos ramos de uma árvore qualquer para depositar junto do Rei. Todo aquele que depositava os seus ramos recebia um naco de carne. No fim, eram contados todos os ramos para o rei certificar-se do número de crianças que nasceram durante o seu reinado. Eu vi isso com os meus olhos. Ele era um Rei que respeitava as normas, os ritos, usos e costumes da nossa região e não tinha aderido a práticas de bruxaria, inclusive conhecia os problemas que preocupavam as famílias de cada uma das seis zonas que compõem a comunidade de Ekovongo. Aquelas zonas onde as pessoas circulavam com receios de encontrarem-se com alguns vultos, ele convocava todos os moradores para denunciar as práticas de bruxaria que aterrorizavam a gente da área e advertir-lhes que não iria permitir a continuidade das mesmas. Ele dizia "quando me deito a noite, descansando em minha casa, que as crianças brinquem; que não haja receios de que aqueles que passeiam a noite se deparem com vultos, nem mesmo as crianças que brincam a noite". Ele tinha cumprido o serviço militar obrigatório e era um Rei inteligente, que respeitava as normas e cuidava bem a população. Cuidou-nos muito bem, e, se não fosse a guerra civil, estaria connosco até os dias de hoje, visto que, no plano económico, ele se tinha preparado muito bem; possuía uma viatura, uma motorizada, um estabelecimento comercial, uma manada de bois e carneiros. O

	eclodir da guerra e a destruição da sua economia causou-lhe a morte prematura em 1979, o mesmo ano que morreu o Presidente António Agostinho Neto. Nesse ano, sobrevoaram aquelas aves denominadas de *humbi-humbi*, que na nossa tradição anunciam a morte de eminentes personalidades. Outra manifestação que durava o dia inteiro era o encerramento da *evamba* – escola iniciática masculina e nesse dia de encerramento ninguém ia ao trabalho; mas, naquele tempo, ainda que a *evamba* fosse inaugurada no mês de Maio ou Junho, o seu encerramento ocorria no mês de Setembro, e nesse mesmo dia chovia impreterivelmente. A chuva simbolizava o apagar das peugadas dos neófitos; eu não entendo francamente, porque razão chovia em plena época de cacimbo. **(EC-3:HAC)** **Visupe** Agora já não existem pessoas que dominam a técnica de transformar *otchikonle* [77] em metal; antigamente, eram os povos *tchokwe* que mais se destacavam na técnica de transformação da massa argilosa em ferro, através de um processo de fundição que consistia em ferver a massa numa panela, cuja fogueira era acesa num poço cavado no solo que consumia como lenha troncos da mandioqueira que existiu antigamente. A fogueira era acesa nas cabanas que funcionavam como oficinas e eram construídas à beira de um rio ou de um ribeiro. O produto resultante da fervura da massa era o metal e os seus resíduos denominam-se *ovaña*. O metal resultante desse processo de fundição é que era matéria-prima que os avôs utilizavam para o fabrico artesanal de *kanyangulu* [78], instrumentos diversos, e utensílios de uso doméstico. Atualmente, já existem máquinas que trituram pedras negras para a fundição do ferro. No entanto, na fogueira da *otchilenga* [79]tem medicamentos, o fole e aquele instrumento ali, é onde o ferreiro poisa o metal que sai da fornalha, denominado *olukata*; neste último, ninguém, nem mesmo você, pode sentar-se nele, porque senão, arrisca-se a contrair uma tormenta dor da coluna lombar que só poderá curar se beber o medicamento que utilizamos na própria *otchilenga*. Os estilhaços que saltam do metal quando o ferreiro bate sobre ele com auxílio do martelo são autênticos medicamentos, o carvão da fogueira e os resíduos ou simplesmente *ovaña* também são medicamentos. Ora bem! Há pessoas que são enfeitiçadas com este tipo de medicamento; se o mesmo medicamento figurar dentre os componentes do cesto de adivinhação, o adivinho pode recomendar ao enfermo no sentido de procurar esse

	medicamento e pronunciar preces aos antepassados, apoiando-se nele. Porém, se o enfermo recorrer a oficina do ferreiro e roubar esse medicamento, ao invés de pedir, ele não poderá curar. Além disso, dentro desta oficina *otchilenga* há tabus, e sendo assim, mesmo as minhas filhas estão proibidas de entrar nela, porque se pegarem na fogueira, numa altura em que estiverem em pleno ciclo menstrual, a mesma já não passará se não forem tratadas por mim próprio. E, mais, na oficina do ferreiro não deve faltar uma flecha e uma planta chamada *elembwui*; risos… Os resíduos ou simplesmente *ovaña* são ainda medicamentos para tratar a dor de cabeça, fervendo a água com a própria pedra, depois beber o próprio caldo. Risos… **(EC-6:HAC)** **Dona Jambela**: No passado, a floresta era densa e havia árvores de grande porte. Ao regressarem do campo para a comunidade, os homens levavam consigo troncos de árvores que serviam de lenha, mas ao mesmo tempo serviam para produzir cinza em quantidade; o lixo caseiro como é o caso da casca do feijoeiro, etc. Tudo dependia da vontade e motivação das pessoas; durante a época das chuvas as pessoas cavavam buracos grandes nos arredores da residência, onde deitavam o lixo caseiro. Sempre que iam as hortas, as pessoas levavam bacias carregadas de estrume produzido através do aproveitamento do lixo caseiro. Quando a administração colonial criou a junta para promover a produção agrícola e distribuiu a semente de trigo, foi então que apareceu pela primeira vez o adubo químico. **(EGC-8:MAC)** **Dona Nahenda**: Mesmo com o aparecimento do adubo químico, nós fertilizávamos os campos cultivados com a cinza; a cinza era o principal fertilizante e colhíamos grandes quantidades de produtos. **(EGC-8:MAC)** **Dona Nahenda**: Há doenças como a epilepsia que se cura com o sacrifício do porco e não da porca. **(EGC-8:MAC)** **Sapwile**: Existem ainda formigas eleitoras que habitam em buracos na mata; se por exemplo, numa determinada família existem elementos que, por motivos vários emigram para localidades longínquas e não existe comunicação com aqueles que ficaram na comunidade de origem. Não se sabe se vivem ou morreram. Nestes casos, pode-se recorrer às formigas eleitoras fazendo o seguinte: escrever os seus nomes em pequenos papéis separados, dobrar bem, ir até à mata e introduzir no buraco onde habitam essas formigas; passados

	alguns dias realiza-se uma visita ao buraco. Se entre os parentes emigrados houver elementos ainda em vida, as formigas eleitoras trazem para fora do buraco os papéis em que estão escritos os seus nomes; se houver no seio deles indivíduos que padecem de enfermidades, as formigas eleitoras trazem para fora do buraco os papéis em que estão escritos os seus nomes mas, ruídos ou furados. Se houver no seio desses emigrados indivíduos falecidos, as formigas eleitoras trazem para fora do buraco os papéis em que estão escritos os nomes daqueles que ainda vivem; aqueles indivíduos, cujos papéis com seus nomes, as formigas se recusam trazer para fora do buraco, são dados como falecidos. As formigas eleitoras dormem de dia e só saem do buraco ao fim da tarde e passam a noite a trabalhar. Ali no buraco onde habitam convivem com uma cobra e quando essa cobra se movimenta para sair do buraco as formigas eleitoras seguem atrás dela como se fosse seu líder. Eu próprio quando tinha 14 anos duvidava; mas, um dia resolvi ir mesmo a mata procurar o buraco onde habitam as formigas eleitoras e assim que encontrei comecei a cavar e à dada altura vi a cobra a sair devagarinho. É uma cobra rara. Mas eu também tenho uma dúvida. Afinal a planta respira através de que? **(EC-1:HAC)** **Epalanga**: Existem duas modalidades de formar uma opinião, um juízo; uma através da alocução, outra através da argumentação; tudo isso era aprendido no *onjango*. **(EC-2:HAC)** **Visupe:** Quando o arco-íris surge num rio, há uma luta entre *tchanjangombe* e *epólwa* e durante a disputa os dois animais deixam cair escamas que os curandeiros aproveitam como medicamentos para curar certas enfermidades. O que passa é que, há indivíduos com capacidade de manipular o arco-íris assim como a chuva. **(EC-6:HAC)** **Visupe:** Tudo isso funciona, mesmo nos dias de hoje, por exemplo, quando a família vai a lavra, levando consigo crianças ou mesmo bebé e depois aparece a águia a sobrevoar o espaço aéreo, os pais tiram areia do solo e põem nas cabeças das crianças assim como do bebé, pois, segundo a nossa tradição, essa ave é causadora de enfermidades como a *úmba* ou malária cerebral nas crianças. Entretanto, as penas, assim como o ovo da águia são medicamentos usados por curandeiros para tratar doentes de malária e outras enfermidades. **(EC-6:HAC)**

	…///… **Bonge**: Sim, somos pobres, porque temos muitos comunários que ainda vivem em habitações cobertas de capim. **(GDA-2:HA)** **Kalunga**: Aqui no Ekovongo não somos nem ricos nem pobres, mas somos carentes, visto que, produzimos a nossa própria alimentação, temos vestuário, alguns tantos possuem bicicletas e motorizadas por meio das quais se locomovem quando vão ao campo cultivar. Não devemos confundir o pobre com o carente; o pobre é alguém que vive uma situação de penúria, é pior que uma pessoa carente. O carente é alguém que não é pobre, mas também não atingiu o nível do indivíduo rico. O rico se distingue em primeira mão pela qualidade da sua residência seguindo-se uma diversidade de coisas em sua posse e dinheiro. **(GDJ-1:HJ)** **Sapi**: cada comunidade tem a sua realidade e tem muita gente que depois de colher os produtos cultivados retiram uma parte para vender e com esse dinheiro compram motorizadas, geradores de produção de energia elétrica, etc., mas há outras pessoas que não conseguem adquirir esses bens. No geral, os comunários vivem uma situação que não é de pobreza, mas também não é de bem-estar. Há um certo crescimento; risos... Agora, com a implantação de escolas nessas comunidades as pessoas estão a estudar e estão aprender muitas coisas; por isso, eu digo que a situação dos comunários é mediana, porque não estão a regressar atrás, mas estão a tentar ir à frente e ainda não chegaram. Eles estão meio-a-meio! Risos... Por exemplo, nas comunidades vizinhas de Ekovongo, 85% das residências são feitas com paredes de adobo e o teto de capim, 15% têm a parede de adobo e o teto de chapas de cinco, e 30% têm a parede de pau-a-pique e o teto de capim. (EAGEXTER-3:HA) **Hosi:** Pobreza é quando a pessoa não tem; é isto mesmo que você está a ver entre nós. Isto mesmo é pobreza! **(EGC-4:HAC)** Livonge: Haaa... Sim, porque aqui mesmo o cunhado só tem lavras, mas não tem carro, lavadeira, água, cozinheiro, enfim; este é um pobre! **(EGC-4:HAC)** **Visupe**: A pobreza é a falta de tudo que a pessoa necessita. A pobreza surge quando a pessoa não trabalha e não dá ouvido aos conselhos dos outros. Certas pessoas trabalham e adquirem

	dinheiro, mas não sabem gerir o que tem; gastam dinheiro em despesas desnecessárias como bebidas e quando assustam já não têm dinheiro. A pobreza advém da fraca racionalidade que se manifesta, sobretudo quando a pessoa não tem conhecimentos e não pensa realizar nada na sua vida. No entanto, temos que considerar também aquela situação de pobreza herdada. **(EC-6:HAC)** **Pesela:** Risos… De princípio, a pobreza advém da incapacidade de trabalhar e de assimilar a educação dada pelos pais, assim como a falta de instrução escolar. **(EC-7:HA)** **Dona Jambela**: A pobreza está relacionada com o trabalho; o trabalho pode ser do campo, pode ser de enfermeiro ou professor. O pior é: não ter estudos e não saber trabalhar no campo. Um indivíduo assim torna-se ladrão ou delinquente. A solução-chave para o problema da pobreza é o trabalho. **(EGC-8:MAC)** **Lisoso**: Esta é uma questão difícil! Não somos tão pobres assim; a nossa pobreza não é tão acentuada, visto que, possuímos lavras e hortas onde cultivamos e os produtos vendemos nos mercados da cidade. Com o dinheiro dessas vendas compramos aqueles bens que necessitamos. No entanto, somos carentes porque merecemos viver em casas com iluminação elétrica e gostaríamos de ver esta estrada asfaltada; quer dizer, gostaríamos de viver em condições em que vivem os outros que residem na cidade. Há uma diferença entre o indivíduo pobre o outro carente; o pobre é aquele que não tem mesmo nada inclusive para comer e sobrevive da caridade dos outros. Portanto, nós carecemos de muita coisa, mas não somos tão pobres assim. **(EC-10:HA)** **Visese**: Somos pobres! Temos orgulho de viver bem, mas, falta-nos alguém que nos possa dar uma boa orientação e nos proporcionar meios para criarmos boas condições de vida. **(EC-14:HJ)** **…///…** **Soyi:** aqui há muitos comunários carentes que precisam de dinheiro, sobretudo raparigas e rapazes; algumas raparigas pensam que uma possível amizade com um professor pode lhe valer alguns trocos. **(EAGEXTER-1:HJ)** **Sapwile**: É a pobreza que tem levado as pessoas a cortarem árvores de forma indiscriminada, para produzir carvão vegetal

	destinado ao comércio no mercado informal da cidade, onde é consumido largamente. As pessoas não têm o mínimo para começar organizar a vida; para ir ao hospital quando o indivíduo cai doente, ele precisa de dinheiro. Para ir ao curandeiro tradicional também precisa de dinheiro, enfim, precisa de dinheiro para ter acesso a qualquer tipo de serviço. **(EC-1:HAC)** **Hosi:** Risos… Esta ainda não é uma verdadeira casa; casa é aquela que o indivíduo que passa na estrada pára para observar. Por causa da pobreza não tenho conseguido embelezar esta casa nos moldes em que eu gostaria que fosse, ou pelo menos, como aquela do professor Kanganjo que aparece ali em cima. Como sou pobre não consigo fazer isso; repare como estão as paredes! Nem sequer estão rebocadas e quando caem chuvas, a corrente de água circula junto das paredes e lá dentro o adobe fica húmido e maleável. Se eu tivesse possibilidades financeiras aproveitaria a época de cacimbo para reparar esta casa; construiria uma moldura de betão com pedras em seu redor. **(EGC-4:HAC)** **Sapwile**: Ora, quando dizem, que para estudar é preciso ter o bilhete de identidade, a certidão de nascimento ou mesmo a cédula pessoal; tudo isto, é, para nós um grande problema, senão vejamos: para tratar a cédula pessoal cobram sete mil kwanzas e o pai da criança é pobre; em alguns casos, é deficiente físico; não tem onde buscar este valor; isto para não falar daqueles pais que têm muitos filhos! O que fazer? Às vezes, a criança cai doente, vai ao hospital e ali é preciso dinheiro; depois da consulta, como o próprio hospital não dispõe de medicamentos, o doente é aconselhado dirigir-se à farmácia da clínica privada; isto nos complica bastante! Será que só o proprietário da clínica privada conhece a fonte para aquisição de medicamentos lá no estrangeiro, e, o governo não conhece essa fonte? Afinal quem está a nos governar? O privado ou o governo? **(EC-1:HAC)** **Pole**: somos pobres, porque o custo de imput's como adubos é bastante elevado; se tivéssemos dinheiro para comprar pelo menos cinco sacos de adubo de uma só vez, teríamos capacidade para erradicar a pobreza. **(EC-12:HJ)**

	…///… **Dona Ngueve**: A pobreza advém da carência de conhecimentos, assim como de instrumentos de produção; se a pessoa trabalha utilizando instrumentos de tração animal ela pode produzir um pouco mais. E se utilizar máquinas como tratores a produção pode ser muito mais, visto que, aquilo que o trator trabalha em um dia, as pessoas que trabalham com instrumentos rudimentares levariam um mês para consegui-lo; no entanto, o emprego de máquinas requer conhecimentos técnicos que muita gente não domina. **(GDA-2:MA)** **Pole**: A pobreza também tem duas facetas, isto é, podemos considerar aquele indivíduo que tem algo, mas ainda assim é pobre; ou então, quando não atingimos o nível do indivíduo que é rico. **(EC-12:HJ)** …///… **Rita:** Por exemplo, nós tivemos um projeto de capacitação e as pessoas diziam: ah! Todos os dias seminários e seminários e não enchem a barriga"; mas quando vem o crédito agrícola de campanha e se solicitam associações para se cadastrarem, tinham que ter capacidades pelo menos de gestão, é aí que aqueles conhecimentos que nós transmitimos serviram. Nós refletíamos com eles alertando: estão a ver? Vocês diziam que os seminários não enchem a barriga e agora estão a ver os benefícios? Quando nós começamos a trabalhar crédito toda a gente nos condenou dizendo: "as pessoas estão pobres e vocês vêm com o crédito e não há capacidade de reembolso"; nós respondíamos que estávamos a trabalhar com o crédito educativo para as pessoas irem se apropriando dos conhecimentos, porque amanhã as doações vão parar e teremos que contar com as próprias forças e de facto eles hoje reconhecem isto. **(EAGEXTNR-4:MA)** **Livonge:** A pobreza advém da falta da capacidade de imitar, isto é, se o indivíduo não consegue imitar o que fazem os outros, isso pode gerar a pobreza. **(EGC-4:HAC)** **Visese**: Se no passado recente os nossos avôs tivessem a oportunidade de estudar, nós que somos a nova geração teríamos encontrado doutores, inclusive teríamos capacidade de fabricar medicamentos para nós próprios e até teríamos professores de alto nível; tal não aconteceu, porque durante o período colonial as pessoas eram obrigadas a paralisar nos

	estudos assim que concluíssem a 4ª classe. É esta situação que está na origem da nossa pobreza. **(EC-14:HJ)** **Visese**: Tudo isto nos remete de novo à questão que eu referi atrás da educação havida no período colonial que era limitada a 4ª classe; se naquela altura, os nossos avôs tivessem a oportunidade de avançar com os estudos e adquirissem conhecimentos profundos da ciência, a situação de hoje seria diferente. Repare que o nosso subsolo possui diamantes e outros minerais, mas naquele período, os europeus não queriam que os nossos avôs e os nossos pais tivessem conhecimentos científicos profundos; apenas eram utilizados nos trabalhos de escavação, mas nos processos de seleção das pedras preciosas, os nossos pais eram excluídos dessa atividade. Os europeus não permitiam que os nossos pais adquirissem conhecimentos científicos porque senão iriam igualar-se a eles. Se os europeus permitissem aos nossos avôs e aos nossos pais estudarem até aos níveis mais elevados, hoje em dia teríamos a tecnologia de fundir o ferro, de fabricar as nossas próprias máquinas e ferramentas, em fim, teríamos a capacidade de lidar com outros desafios tecnológicos. **(EC-14:HJ)** **Mwenho**: Risos... A pobreza não é só ausência de bens materiais; é verdade que a pobreza que aparece à primeira vista e de que todo o mundo fala é a falta de meios monetários e bens materiais. Quando a maioria das pessoas falam da pobreza, estão naturalmente a referir-se da falta de dinheiro e de bens materiais. Muita gente não presta atenção na falta de educação, instrução e de conhecimentos, mas esta é uma grande pobreza. **(EC-15:HAC)** **…///…** **Sapalo**: Para ser sincero, aqui no Ekovongo somos pobres! Tem havido projetos de construção de infraestruturas que o governo tem implementado nesta região; essas infraestruturas poderiam ser construídas aqui no Ekovongo, mas, infelizmente nos ultrapassam e seguem para a comuna da Chicala. As únicas infraestruturas que foram construídas aqui no Ekovongo são as duas escolas, o posto de saúde e esta residência dos funcionários onde nos encontramos e nada mais. Os outros da Chicala estão a beneficiar de muita coisa em relação à nós e quando visitamos a sede daquela comuna sentimos que se trata de uma localidade que inspira respeito. **(GDJ-1:HJ)**

	Mbaka: Aqui precisa-se mesmo de um Centro de Saúde porque há muitos doentes sobretudo na área da maternidade, onde temos deficiências na realização de partos; aqui há muito trabalho a realizar, mas o número de trabalhadores não é suficiente para o volume de tarefas a executar. **(EAGEXTER-2:HA)** **Sawesi**: acho que isto tem a ver também com o acesso, visto que, nem todas as comunidades possuem vias de comunicação viáveis. As únicas vias de comunicação que essas comunidades possuem são caminhos, onde inclusive a motorizada circula com muita dificuldade. **(EAGEXTNR-3:HA)** **Lupesi**: Quanto à educação, esta é um problema, porque de facto, a nossa população tem feito muito; como o governo não consegue tudo, eles também têm coparticipado, isto é, em aldeias muito longínquas onde o acesso é difícil, a comunidade se responsabiliza pela construção da escola com material local. Às vezes, as administrações se comprometem a fornecer chapas de zinco e outros materiais para a cobertura do teto, mas, infelizmente, nem sempre isto é cumprido. O que acontece é que os alunos dessas comunidades recorrem às igrejas para assistirem as aulas, às vezes, fazem-no por baixo de uma árvore e quando cai chuva todos se retiram para as casas. **(EAGEXTNR-3:HA)** **…///…** **Tiuka**: A pobreza advém da preguiça e da fraca capacidade de discernimento; a pobreza não pode ser uma herança. O que se pode herdar é a riqueza e não a pobreza! Deixem-me argumentar um pouco. Suponhamos eu próprio: assisto o nascer e o pôr do sol, sem fazer nada; não gosto de cultivar a terra e ficar cansado, não gosto de falar muito, porque na comunicação também há riqueza. Fico sempre solitário! O que se pode esperar de mim? A pobreza não se herda. Nós somos grandes ricos! Pelo facto de Deus nos ter dado tudo, Ele nos deu toda a riqueza. A pobreza surge quando a doença não nos larga e fica connosco 1 ou 2 anos. Neste caso não somos nós que procuramos a pobreza. Fora disso, enquanto estivermos de saúde não deveria haver pobres. **(GDA-2:HA)** **Siliveli**: se os comunários continuarem com a prática de uma agricultura de subsistência, precária e individual, não vão a

	lado nenhum. **(EAGEXTER-3:HA)** **Soloti:** eu sempre levei um exemplo do município de Kamacupa onde já cheguei de comprar o quilo de feijão a 90 kzs (noventa kwanzas) em 2011, mas, até meados de 2012 já se podia comprar a 200kzs (duzentos kwanzas) ou 300 kzs (trezentos kwanzas), ao passo que, a nível da Província do Bié nunca comprei feijão a 400 kzs o quilo. Mas agora já se verifica isso; quer dizer que o produto existe, mas, escasseou a oferta em relação à procura; e então, o que é que acontece? A população tem que vender mais quantidade de um determinado produto para comprar outro mais caro de que necessite. Este fator influencia nos índices de pobreza. Portanto, são vários fatores; não se diz pobreza em que as pessoas caiem em rota... Não! Mas, há esta cadeia que realmente, com a estiagem ficou mais afetada. Este é o meu ponto de vista. **(EAGEXTNR-1:HA)** **Hosi**: Hoje é domingo e amanhã será segunda-feira! As pessoas traçam programas de ir ao campo e realizar várias atividades mas, há indivíduos que não fazem isso, passam o seu tempo passeando pela estrada ou vão à cantina endividar-se, mesmo sabendo que nada possuem para depois saldar a respetiva dívida. Dessa maneira, não é possível esses indivíduos superarem o seu estado de pobreza. Há aquela pobreza que é herdada, mas há também casos em que a pobreza advém da própria vontade do indivíduo, isto é, da sua própria negligência. **(EGC-4:HAC)** **Hosi**: Isto é frequente! Se a sementeira não for bem-feita, o crescimento estará comprometido; não vamos longe! Vem aí a época chuvosa e se formos passando de lavra a lavra iremos verificar que aqueles produtores que têm conhecimentos e experiência de cultivar o milho em sulcos de tamanho maior, o seu milheiro tem um crescimento diferente daqueles que semeiam em sulcos de tamanho menor, porque as raízes atingem rapidamente a camada do solo mais endurecido e isto compromete o seu crescimento normal. Na minha lavra, os filhos propõem preparar o solo com trator ou charrua, mas eu tenho preferido arrotear a terra com a enxada e com a ajuda de trabalhadores eventuais; os outros que preparam o solo com a charrua, o milheiro apenas se desenvolve com a aplicação de adubos, pois de contrário o mesmo não cresce devidamente, porque as raízes se afundam num solo endurecido. Por outro, se a chuva cai com muita intensidade ou então, se ocorre a

	estiagem, ambos fatores influenciam negativamente no crescimento do milheiro e de outras espécies. **(EGC-4:HAC)** **Visupe**: Sim! Além disso, o que passa é que muitos insistem em cultivar em terrenos sem pousio. Gastam muito dinheiro com a compra de sementes e fertilizantes mas a colheita é sempre insignificante. É frequente os agricultores misturarem no mesmo terreno o cultivo de milheiro e mandioqueira; o que se constata é que a mandioca empobrece o solo. A mandioqueira não permite cultivar quatro ou cinco anos seguidos no mesmo terreno. Se a pessoa insistir em cultivar num terreno assim não pode esperar resultados satisfatórios. **(EC-6:HAC)** **Pesela**: Isto parte da falta de conhecimentos sobre o tipo de trabalho que as pessoas se propõem a realizar; o individualismo na criação de ideias (N.B. défice de diálogo) faz com que certas pessoas não consigam imitar aquilo que os outros fazem com algum conhecimento. Trabalham isoladamente e não conseguem grandes resultados; esta parte também traz pobreza. **(EC-7:HA)** **Pole**: A pobreza advém da preguiça, porque o indivíduo que não trabalha não pode livrar-se dela e viver bem; para livrar-se da pobreza é preciso esforçar-se no trabalho e pôr de lado a ilusão. **(EC-12:HJ)** **…///…** **Bonge:** A pobreza não é uma herança; somos nós próprios que criamos a pobreza, porque a pessoa pode não herdar nada e superar a pobreza pelo próprio trabalho. Se eu pegar a minha enxada para trabalhar a terra, depois de poucos anos poderei comprar uma motorizada e se produzir mais poderei comprar um carro. **(GDA-2:HA)** **Kalunga:** Se hoje ingressamos à categoria de pobres foi principalmente devido a guerra; não fosse a guerra, tudo aquilo que os pais possuíam antes da guerra seria nossa herança. Alguns de nós teriam fazendas, outros teriam carros, tratores, etc. Eu próprio nasci no período da guerra e pela idade que tenho pode-se fazer as contas, isto é, se não fosse a guerra durante esses anos todos teríamos acumulado alguma coisa e não seríamos tão carentes como estamos hoje. Quero com isto

	dizer que a pobreza não se herda. **(GDJ-1:HJ)** **Sapalo**: Suponhamos que eu sou adulto e estou a procriar, mas não sei o destino dos filhos o que caberá a cada filho; é verdade que, se eu como pai sou pobre os filhos também serão pobres. O meu pai é pobre e a sua maior preocupação é procurar a fábrica de aguardente local para comprar a bebida; se ele estudasse tal como os outros, hoje estaria a gerir alguma riqueza e incentivar-nos-ia a seguir o mesmo caminho. O analfabetismo do meu pai acabou por afetar-nos a nós também como filhos. **(GDJ-1:HJ)** **Hosi:** Bem! Em alguns casos, a pobreza advém do modo de ser de algumas famílias; às vezes, não existe nessas famílias a cultura de criar riquezas, isto é, não existe no seio deles grandes produtores com elevado grau de racionalidade. Logo, os seus descendentes poderão herdar essa pobreza. **(EGC 4:HAC)** **Dona Nahenda**: A pobreza também é coisa de famílias**.** **(EGC-8:MAC)** **Lisoso**: Há aspetos da pobreza que podemos superar nós próprios. Há outros aspetos que só o governo pode superar; aspetos como a construção de escolas, estradas e pontes são da responsabilidade do governo. Da nossa parte a vontade não nos falta e o que falta são as possibilidades financeiras. Voltando a sua pergunta! Há indivíduos que se tornaram pobres devido a guerra que causou-lhes alguma deficiência física. Há indivíduos que são pobres porque me parece que assim desejam. No entanto, se alguém nasce de uma família pobre que não está habituada a trabalhar e não tem condições para patrocinar a sua formação, então esse indivíduo acaba sendo herdeiro dessa pobreza que vai alastrar-se ao longo de toda a sua vida. **(EC-10:HA)** **Visese:** Os nossos antepassados não deixaram a pobreza como herança. A falha que cometeram é não terem escrito os conhecimentos que possuíam para servirem de base que sustentasse a educação e o desenvolvimento das novas gerações. **(EC-14:HJ)** **Mwenho**: Não! Eu penso que, por um lado, pode ser uma herança em termos de bens materiais; muitas pessoas atingem um nível de vida favorável porque os seus antepassados já os tiveram. Neste caso, é uma herança da família que vem do passado; por outro lado, em termos de cultura e da educação,

	também isto pode ser herdado do passado, sobretudo para aquelas famílias que tiveram sempre uma boa educação, isto é, que tiveram oportunidade de estudar, de beneficiar de uma boa instrução, enfim, para estes, a riqueza provém já das próprias famílias; logo, aquelas famílias que não tiveram sequer alguém instruído no seu seio não têm mesmo por onde começar. Essas famílias são cada vez mais pobres. A educação até pode-se adquirir na Igreja e noutras comunidades**. (EC-15:HAC)** **…///…** **Tiuka**: A subvenção que fazemos à cidade não deveria causar-nos a pobreza, porque a mesma não é linear e não a fazemos como tal a fundo perdido. **(GDA-2:HA)** **Sayovo:** Há períodos em que se vende melhor os produtos do campo, mas tem havido momentos em que uma bacia de couves ou de tomate é vendida apenas por 200.00 kz (duzentos kwanzas); se confrontarmos este valor com o custo de produção chegaremos à conclusão de que há uma perda considerável. Neste intercâmbio comercial com a cidade, nós os produtores do campo saímos sempre em desvantagem porque somos nós que nos deslocamos com os produtos para a cidade e estamos sujeitos a satisfazer os desejos do cliente de lá, ainda que isto nos cause prejuízo; a verdade é que perdemos muito mais se voltarmos com o produto para a casa. Por isso, a pobreza advém também deste comércio desequilibrado. **(GDJ-1:HJ)** **Hosi:** Em alguns casos sim, porque se não levarmos os nossos produtos para os vender na cidade eles não comem, mas este processo funciona como intercâmbio, em que nós vendemos produtos do campo e eles nos vendem os seus produtos que necessitamos aqui. De qualquer modo, há uma espécie de especulação neste intercâmbio, visto que eles nos vendem os seus produtos a preços mais elevados. Por exemplo, um indivíduo que cultiva couves tem elevados custos de produção, a julgar pela maçada de preparar o solo, o custo da mão-de-obra, dos fertilizantes que são comprados a preços elevados nos armazéns da cidade, transporte, etc.; mas quando chega ao momento de vender as mesmas couves nos mercados da cidade, o que se ganha nem chega ao custo dos fertilizantes. Atualmente, estamos vendendo sacos de cebola e sacos de batata na base do custo estimativo; antes da independência, os

	colonos usavam balanças para pesar os produtos mas, mesmo assim, eles especulavam os produtores das comunidades rurais. No entanto, hoje em dia, a situação piorou com a prática de cálculo estimativo. Se um saco com a capacidade de 150 kilos estiver cheio de batata pode pesar cerca de 200 kilos, mas no mercado é vendido a 10.000 (dez mil kwanzas) que é preço calculado estimativamente; esse dinheiro só chega para comprar sabão, óleo vegetal, sal e coisinhas de menor custo. O mesmo acontece quando vendemos os animais; vendemos a galinha viva para comprar um franco morto há muito tempo, para a cozinha e que pode complicar a nossa saúde. O comerciante da cidade vangloria-se por ter lucrado nas trocas comerciais com os produtores das comunidades rurais porque os seus produtos são pesados na balança mas, em contrapartida, o produtor rural fica injustiçado, triste e desmotivado nas suas atividades produtivas. Antes dizíamos que os colonos especulavam-nos mas, naquela altura, os produtos da cidade eram vendidos a preços acessíveis e o dinheiro tinha poder de compra. **(EGC-4:HAC)** **Livonge**: De facto, naquela altura as mercadorias eram vendidas a preços acessíveis; comprávamos uma calça por 20$00 (vinte escudos) e uma bicicleta por 900$00 (novecentos escudos), mas hoje estamos a comprar uma bicicleta por 24.000 (vinte e quatro mil kwanzas). Quando éramos governados por estrangeiros europeus o dinheiro tinha mais poder de compra; mas agora que o pais é governado pelos próprios angolanos o dinheiro não tem poder de compra. Até adolescentes e jovens possuem elevadas somas de dinheiro; quem era, naquela altura o adolescente que se dava ao luxo de ter 100$00 (cem escudos) no bolso se um cabrito custava apenas 30$00 (trinta escudos) e o porco apenas 60$00 (sessenta escudos)? O que se passa com o governo afinal? **(EGC-4:HAC)** **Visupe:** Sim! Porque é exatamente das comunidades rurais onde saem produtos diversos que sustentam a cidade; não fossem as comunidades rurais, as pessoas que residem nas cidades passariam por situações difíceis, sobretudo no plano alimentar, porque lá não existem estabelecimentos comerciais do governo a não ser privados. As pessoas nas cidades possuem quantidades de dinheiro mas, vêem-se obrigados a comprar produtos do campo nos mercados informais. Quando os produtores do campo vendem os seus produtos nesses mercados, os preços são calculados na base de estimativas,

	porque não há balanças para pesar e saber as reais quantidades que estão a ser comercializadas; os produtores gastam muito dinheiro com a aquisição de sementes, mão-de-obra e fertilizantes na produção de batata, cebola, repolho, etc, mas, ao vender nos mercados informais onde não há controlo de preços, o negócio é feito em profunda desigualdade em que o produtor do campo se vê obrigado a baixar os preços para vender depressa e evitar que os produtos se deteriorem. O dinheiro que sai desse negócio desigual é pouco e acaba na compra de produtos essenciais como sal, sabão, óleo vegetal e por vezes vestuário. Por exemplo, anos atrás, passamos por uma triste situação em que a cebola acabou por deteriorar-se aqui na comunidade, devido a fraca presença de clientes nos mercados informais e houve muitos prejuízos; depois dessa triste situação os produtores ficaram desmotivados e ninguém mais queria cultivar cebola. Desde o ano passado à presente data, a situação melhorou muito, porque os produtores de cebola estão a viajar para mercados distanciados, onde têm conseguido vender o seu produto; nesta altura, alguns já estão a colher a sua cebola e outros estão a semear. Antes, cultivávamos cebola uma vez por ano no mês de Outubro em que a chuva é abundante, mas agora estamos a cultivá-la três vezes ao ano. O negócio da cebola melhorou muito. **(EC-6:HAC)** **Pesela**: Se as estruturas do poder nos abandonam isso também traz pobreza, porque o que produzimos aqui depende muito de fertilizantes. Além disso, as pessoas podem trabalhar muito nos campos e colher boas quantidades de produtos mas, ao vender nos mercados informais o dinheiro que recebemos não chega às vezes, aos custos dos fertilizantes. Os compradores dos mercados informais querem adquirir os produtos do campo a baixos preços; em contrapartida vendem-nos produtos industrializados como sal, sabão, óleo, etc, a preços elevados. Os custos de produção são elevados e os rendimentos são muito baixos; esta situação traz pobreza aos produtores e desmotiva as pessoas a empreender esforços posteriores. A mandioca, por exemplo, é largamente consumida aqui na nossa região, mas não tem expressão no mercado. **(EC-7:HA)** **Lisoso**: Não há justiça nas trocas comerciais entre o campo e a cidade; muitas vezes levamos quantidades de produtos do campo para comercializar nos mercados da cidade, mas o dinheiro que recebemos talvez dá para comprar alguns litros de óleo vegetal, sal e sabão e mais nada. Risos… Há quem

	consegue reservar alguns trocos para pagar o transporte de regresso à comunidade, outros não lhes resta trocos nenhuns e regressam à comunidade a pé. Isto para dizer que nas relações comerciais que temos com a cidade somos nós do campo que saímos sempre a perder. Tomemos exemplo de quem produz milho; no mercado da cidade, o kilo de milho custa 50 kwanzas; quantas toneladas o produtor de milho terá que vender para comprar um gerador de energia elétrica que custa 25.000 kwanzas? Risos… **(EC-10:HA)** **Pole:** Quando levamos os nossos produtos para serem vendidos nos mercados da cidade saímos sempre a perder; nós que produzimos saímos a perder, enquanto aqueles que não produzem por estarem na cidade saem a ganhar. Estamos a trabalhar para um bolso furado. O problema é que nós produzimos apenas produtos alimentares e não industriais; é através da venda desses produtos alimentares que conseguimos um pouco de dinheiro para comprar roupa, sabão, óleo vegetal, etc.. Se não houver cliente nem intercâmbio comercial, o país não pode avançar**. (EC-12:HJ)** **Visese**: Isto acontece da seguinte maneira: o indivíduo começa pela produção em que tem necessariamente que comprar adubos que custam 5.000 kz (cinco mil kwanzas) cada saco para ter uma boa colheita; ao levar os produtos para o mercado da cidade, o sucesso do negócio depende muito da época, isto é, se calhar numa altura de maior concentração de produtos, o indivíduo se vê obrigado a vender os mesmos à preços muito baixos em relação aos custos de produção. Tudo isto empobrece o produtor do campo. Aqui não temos muitas debilidades técnicas com relação aos trabalhos agrícolas; temos sim, muitas dificuldades de adquirir sementes e fertilizantes, devido aos preços elevados a que os mesmos são vendidos, tanto no mercado oficial, como no mercado informal. **(EC-14:HJ)** **Mwenho:** Eu penso que a pobreza pode advir das trocas comerciais desiguais entre os produtores do campo e seus parceiros da cidade, visto que, se houvesse condições de transformar os produtos do campo no próprio local teriam mais valor comercial; mas como não existem tais condições os produtores rurais vêem-se obrigados a vender os seus produtos a preços muitas vezes inferiores aos custos da produção. Às vezes, o indivíduo quer adquirir um produto industrializado, logo, ele tem de empreender mais esforços no sentido de

	produzir grandes quantidades tais, que uma vez vendidas, o dinheiro pode chegar para comprar aquilo que ele deseja adquirir. Posso dar um exemplo simples do açúcar: se vendermos nos mercados da cidade produtos do campo em menores quantidades, o dinheiro pode não chegar para comprar alguns kilos de açúcar. Esse intercâmbio desigual também influi na pobreza dos produtores do campo. **(EC-15:HAC)** **…///…** **Tiuka**: Mas quando se trata de um evento inter-regional ou nacional em que o bolo orçamental é maior, os responsáveis municipais e provinciais nem sequer convidam os representantes das comunidades, porque eles próprios acabam por ficar com aquela parte que caberia aos comunários; Apenas tomamos conhecimento sobre a realização de tais eventos através dos noticiários da Radio Nacional ou regional. **(GDA-2:HA)** **Sapalo**: A pobreza advém da marginalização da sociedade rural pela sociedade moderna dado que, se o meu pai fosse um sábio e dominasse um ofício seria capaz de mostrar-me onde trabalhar como filho que sou; como não temos um nível razoável de instrução, aqueles que avançaram nos estudos olham para nós como inaptos ou como gente sem valor. **(GDJ-1:HJ)** **Visupe:** Sim porque antes não havia tanta bebida como nos dias de hoje. Mesmo vivendo nas cidades, algumas pessoas passam a vida a passear e não pensam realizar algum negócio para a sua subsistência. No entanto, há pessoas que mesmo vivendo na cidade desenvolvem trabalhos nos seus campos que se encontram aqui nas áreas rurais. Vemos constantemente, pessoas com seus carros a virem da cidade a comunidade rural e depois regressam a cidade carregados de produtos provenientes da própria lavra. Anos atrás, atravessamos uma situação de crise generalizada, que só foi superada graças aos apoios do estado e das organizações filantrópicas, que distribuíam feijão a todos, que serviu, por um lado, de alimentação e por outro de semente para reiniciar as atividades de cultivo dos campos que passaram algum tempo paralisados. A cidade ajudou-nos a ultrapassar a crise. **(EC-6:HAC)** **Pole:** Sim! A marginalização causa pobreza porque sofremos uma depreciação como gente inútil e não aceitam empregar-

	nos. Por isso, é que temos que trabalhar por conta própria! Quem sabe? Poderá ser que amanhã sejamos capazes de superar a pobreza! **(EC-12:HJ)** **Mwenho**: Penso que sim! A partir do momento em que a cidade desvaloriza os produtos do campo, por aí começa a marginalização. Risos... **(EC-15:HAC)** **…///…** **Visupe:**Se as calamidades naturais forem frequentes podem aprofundar a pobreza. Este ano, por exemplo, a estiagem prolongou-se de tal maneira que causou muitos prejuízos aos produtores. A chuva terminou logo nos primeiros meses e o milheiro ficou tão afetado que nem brotou a bandeira. Imagine que um indivíduo semeou uma grande extensão de terra, utilizando a mão-de-obra remunerada e ao fim ao cabo não colhe nada; por gastar muitos recursos sem retorno ele pode cair numa situação de pobreza. **(EC-6:HAC)** **Pesela:** Este ano, por exemplo, aqueles que semearam em Novembro poderão colher alguma coisa; a maioria que semeou depois de Novembro não espera mesmo nada, porque a chuva cessou logo em meados de Dezembro. **(EC-7:HA)** **Visese**: Quando não chove estamos diante da pobreza primária; este ano por exemplo, choveu muito pouco e espera-se uma produção muito baixa, pois, com esta situação, os canais para a irrigação das hortas também estão com muito pouco caudal de água. Além disso, a comunidade enfrenta uma carência de água para consumo doméstico; tudo isto agudiza ainda mais a pobreza dos comunários, visto que, a chuva é um dos maiores provedores do bem-estar das pessoas. **(EC-14:HJ)**

Fonte: Elaboração própria, ano 2019